

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS GOIABEIRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

JOYCE ZANINHO

O LUGAR DO FUTEBOL COMO ELEMENTO MEDIADOR DO PROJETO LOCAL:
REFLEXÕES A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA FERROVIÁRIA
VALE DO RIO DOCE

VITÓRIA
2025

JOYCE ZANINHO

**O LUGAR DO FUTEBOL COMO ELEMENTO MEDIADOR DO PROJETO LOCAL:
REFLEXÕES A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA FERROVIÁRIA
VALE DO RIO DOCE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAU/UFES), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Hermann de Almeida

VITÓRIA

2025

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

Z31l Zaninho, Joyce, 1995-
O lugar do futebol como elemento mediador do projeto local
: reflexões a partir da Associação Desportiva Ferroviária Vale do
Rio Doce / Joyce Zaninho. - 2025.
219 f. : il.

Orientadora: Renata Hermannny Almeida.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Futebol - Aspectos sociais. 2. Territorialidade humana. 3.
Espaços públicos. 4. Identidade social. 5. Memória coletiva. I.
Almeida, Renata Hermannny. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 72

JOYCE ZANINHO

**“O LUGAR DO FUTEBOL COMO ELEMENTO MEDIADOR DO
PROJETO LOCAL: REFLEXÕES A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO
DESPORTIVA FERROVIÁRIA VALE DO RIO DOCE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 02 de abril de 2025.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Renata Hermann de Almeida
(Orientadora – PPGAU/UFES)

Prof. Dr. Roberto Garcia Simões
(Membro interno – PPGAU/UFES)

Prof. Dr. Irlan Simões da Cruz Santos Brasil
(Membro externo – UERJ)

Prof. Dr. Fernando da Costa Ferreira
(Membro externo – Instituto Benjamin Constant)

Documento assinado digitalmente
 IRLAN SIMOES DA CRUZ SANTOS
Data: 03/04/2025 15:49:51-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 FERNANDO DA COSTA FERREIRA
Data: 03/04/2025 17:23:54-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
RENATA HERMANNY DE ALMEIDA - SIAPE 1172746
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU/CAR
Em 02/04/2025 às 16:58

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api-lepisma.prod.uks.ufes.br/arquivos-assinados/1108120?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ROBERTO GARCIA SIMOES - SIAPE 294929
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU/CAR
Em 03/04/2025 às 08:58

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api-lepisma.prod.uks.ufes.br/arquivos-assinados/1108328?tipoArquivo=O>

Dedico este trabalho àqueles que entregam a
vida à construção do lugar do futebol e à luta
por um futebol mais justo, igualitário e popular.
Sem perder a ludicidade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho encerra um ciclo marcado por uma construção coletiva, sustentada pela generosidade e contribuição de diversas pessoas que muito estimo e a quem guardo profunda gratidão.

Aos meus pais, Marlene e Tino, por todo amor e carinho, alicerces fundamentais à construção da nossa família, com dedicação e cuidado integral ao longo da vida. Por todo apoio incondicional, pelo reconhecimento e pela sabedoria compartilhada ao longo deste ciclo que se encerra. Vocês têm a minha profunda admiração e gratidão. Estou aqui por vocês e com vocês, no que der e vier.

À minha orientadora, professora Renata Hermann de Almeida, por toda paciência, conhecimento e confiança dedicados ao longo de anos. Gratidão inestimável por toda a sua contribuição ao longo da minha formação como pesquisadora e pessoa. Por demonstrar que é possível fazer ciência com rigor sem perder a ternura.

Ao Bruno, por todo companheirismo e afeto, sempre presente e disposto a compartilhar suas palavras, pensamentos e generosidade. Pelo seu entusiasmo e incentivo à pesquisa desde o projeto embrionário. Gratidão pelas nossas eternas conversas sobre futebol, sobre as nossas visões de mundo e pelos momentos de leveza e carinho, indispensáveis ao longo dessa trajetória.

Aos amigos de arquibancada e alambrado, que compartilham a vivência no estádio e na mesa do bar, entre risos e lágrimas, demonstrando na prática cotidiana que o futebol é muito mais que um jogo.

Aos amigos e companheiros do Laboratório Patrimônio & Desenvolvimento, que com muita generosidade compartilharam essa trajetória, pensamentos e reflexões na construção de uma ciência coletiva, que estimula novas formas de pensar a arquitetura e o seu papel na sociedade, essenciais no percurso do mestrado. Amizades que levo para a vida.

Aos participantes da pesquisa, que gentilmente cederam seu tempo, palavras e vivências em nome do amor e dedicação à Desportiva Ferroviária. Através de vocês o lugar do futebol vive e é vivido.

Aos amigos, pelo afeto e companheirismo fundamentais ao longo do percurso da pesquisa, de forma direta ou indireta, contribuindo com reflexões e palavras de carinho e alento, trazendo leveza em meio às preocupações.

À Universidade Federal do Espírito Santo pela oportunidade oferecida através do ensino público, gratuito e de qualidade ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, com a contribuição e amparo de seus trabalhadores. Ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo por acreditar nesta pesquisa e viabilizar a sua concretização. À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo, pela bolsa de pesquisa concedida, essencial à finalização desse trabalho.

E, por fim, aos integrantes da banca, Irlan Simões, Fernando da Costa Ferreira e Roberto Garcia Simões, que desde o exame de qualificação, e muito além dele, contribuem de forma generosa através do conhecimento e discussões compartilhados, essenciais à construção dessa pesquisa.

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como o menino que brinca com o balão de gás e como o gato brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e o novelo que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz. O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia. Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o adversário do time inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade.

Eduardo Galeano em *Futebol ao Sol e à Sombra* (2019, p. 10).

RESUMO

O lugar do futebol, composto por um amplo sistema de práticas e representações sociais, é tido como produto de uma expressão coletiva e individual no espaço que reverbera na totalidade da vida urbana e no domínio do cotidiano. No contexto brasileiro, desde a assimilação do futebol, este lugar passa por diversas transformações. Na contemporaneidade, a ascensão do caráter mercantilizado e espetacularizado do futebol provoca consequências não apenas ao esporte em si, mas sobretudo ao meio social ligado ao jogo. O lugar do futebol constitui relevante contexto de fortalecimento de uma identidade coletiva profundamente associada ao território, tendo o estádio como símbolo arquitetônico desta expressão. Esta centralidade integra um território essencialmente urbano em disputa constante, seja de ordem socioeconômica, política, material ou cultural. O futebol, enquanto produto global, estabelece padrões promotores de descaracterização da identidade do lugar em nome da espetacularização, a partir da transformação do futebol em mercadoria e torcedores em consumidores. Esse fenômeno provoca desequilíbrio na relação clube-comunidade-lugar em uma perspectiva multiescalar. O impacto do futebol no lugar se mostra como um campo relevante de investigação em estudos geográficos, urbanísticos ou arquitetônicos, condição justificadora e orientadora da realização de registros históricos e científicos, com objetivo de descrever e elaborar reflexões e proposições voltadas ao lugar do futebol. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo demonstrar a relevância do lugar do futebol como elemento estruturante da identidade local e da paisagem urbana a partir do clube capixaba Associação Atlética Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce. Para tal, elabora-se discussão acerca do processo de metropolização do futebol brasileiro e as perdas decorrentes para o futebol da Região Metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo, e reflete-se acerca de possíveis práticas voltadas ao lugar do futebol com objetivo de promover um processo de reterritorialização por meio da construção da autonomia da comunidade no lugar do futebol. Para tanto, procede-se a uma investigação com base em metodologia qualitativa de caráter descritivo-analítico direcionada à apreensão do objeto de estudo em sua completude, a partir dos seguintes passos metodológicos: conceituação do lugar do futebol, a partir de bibliografia multidisciplinar; elaboração de representação do lugar do futebol na Região Metropolitana da Grande Vitória; elaboração de representação do recorte aproximado da Desportiva Ferroviária, com base em observação participante e entrevistas com objetivo de caracterizar práticas e delimitar a abrangência do lugar do futebol no domínio do cotidiano; pesquisa documental para catalogação de documentação existente e elaboração de representação do objeto-concreto. Como resultado, objetiva-se a elaboração de representação do lugar do futebol, caracterizando o estádio do futebol como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano, bem como sua abrangência para além do estádio, demonstrando sua relevância à construção do lugar e à paisagem urbana; além da elaboração de ensaios propositivos em torno do lugar do futebol, compreendendo sua potencialidade enquanto elemento mediador do desenvolvimento de um projeto local através de práticas que direcionem à resistência do lugar e a autonomia da comunidade frente às forças centralizadoras e globalizadas exercidas sobre o lugar.

Palavras-chave: Lugar; Futebol; Desterritorialização; Desportiva Ferroviária; Projeto local.

ABSTRACT

The Place of Football, composed of a broad system of practices and social representations, is considered a product of both collective and individual expression in space, reverberating throughout urban life and the domain of everyday existence. In the Brazilian context, since the assimilation of football, this place has undergone several transformations. In contemporary times, the rise of football's commodified and spectacularized nature has consequences not only for the sport itself but, above all, for the social environment connected to the game. The place of football constitutes a significant context for strengthening a collective identity deeply associated with the territory, with the stadium serving as the architectural symbol of this expression. This centrality integrates an essentially urban territory in constant dispute, whether of a socioeconomic, political, material, or cultural nature. Football, as a global product, establishes patterns that promote the loss of place identity in the name of spectacle, driven by the transformation of football into a commodity and fans into consumers. This phenomenon disrupts the club-community-place relationship from a multiscale perspective. The impact of football on place emerges as a relevant field of investigation within geographical, urban, and architectural studies, justifying and guiding the production of historical and scientific records aimed at describing, reflecting upon, and proposing actions concerning the place of football. In this regard, this research aims to demonstrate the relevance of the place of football as a structuring element of local identity and urban landscape, using the capixaba club Associação Atlética Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce as a case study. To achieve this, the study discusses the process of football's metropolitanization in Brazil and the resulting losses for football in the Metropolitan Region of Grande Vitória, Espírito Santo. Furthermore, it reflects on possible practices oriented towards the place of football to promote a process of reterritorialization through the construction of community autonomy in this space. To this end, the research follows a qualitative, descriptive-analytical methodology aimed at capturing the object of study in its entirety, through the following methodological steps: conceptualization of the place of football based on multidisciplinary literature; development of a representation of the place of football in the Metropolitan Region of Grande Vitória; construction of a closer representation of Desportiva Ferroviária, based on participant observation and interviews, to characterize practices and delimit the scope of the place of football within everyday life; documentary research for cataloging existing documentation and developing a representation of the concrete object. As a result, the study aims to construct a representation of the place of football, characterizing the football stadium as both a physical and symbolic centrality within urban space, while also demonstrating its significance beyond the stadium itself in shaping place and urban landscape. Additionally, the research seeks to develop propositional essays concerning the place of football, recognizing its potential as a mediating element for the development of a local project through practices that foster the resistance of place and the autonomy of the community against centralizing and globalized forces exerted upon it.

Keywords: Place; Association football; Deterritorialization; Desportiva Ferroviária; Local project.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Foto do antigo <i>Estádio de Zinco</i> durante desfile escolar. 1932.....	66
Figura 2. Sondagem realizada para construção do estádio do Victoria F. C. 1933.	66
Figura 3. Vista de Jucutuquara, com destaque para as Casas dos Funcionários e, à direita, o estádio Governador Bley em construção, com uma placa indicando os responsáveis pela obra. 1936.....	68
Figura 4. Operários trabalhando na construção do estádio Governador Bley, em Jucutuquara. 1936.....	68
Figura 5. Estádio Governador Bley. Ao fundo, o ‘morro do Rio Branco’, onde as pessoas se reuniam para assistir partidas no estádio. Final da década de 1930.	69
Figura 6. Acima, fachada principal do estádio Governador Bley; abaixo, melhorias urbanas realizadas na avenida Adalberto Torres. Final da década de 1930.....	70
Figura 7. Estádio Governador Bley. Ao fundo, manguezal onde posteriormente seria implantado o bairro Bento Ferreira. Começo da década de 1940.	71
Figura 8. Ampliações na arquibancada realizadas no estádio Governador Bley na década de 1960. Taça da Cidade, 1972.	72
Figura 9. Um dos últimos registros do estádio Governador Bley em atividade, na ocasião da Taça da Cidade. 1972.....	73
Figura 10. Estádio Salvador Venâncio da Costa em obra	75
Figura 11. Materiais de divulgação da campanha de financiamento do novo estádio do Rio Branco em Campo Grande, Cariacica. Década de 1970.	76
Figura 12. Estádio Kleber Andrade antes da inauguração parcial. 1983.....	78
Figura 13. Estádio Kleber Andrade três anos após a inauguração. Destaca-se o barranco ao redor da arquibancada, ainda inacabada. 1986.	78
Figura 14. O Estádio Kleber Andrade durante um jogo. 1995. Além das arquibancadas e a geral, chama a atenção a presença da torcida ocupando os barrancos ao redor do estádio. Nesse período, com o avanço das obras, a construção da arquibancada consolida o clássico formato de ferradura, característico do estádio e previsto no projeto original.	80

Figura 15. Estádio Kleber Andrade em processo de arruinamento após três anos de abandono até o início das obras do novo complexo esportivo. 2010.	81
Figura 16. Em primeiro plano, vista panorâmica do rio Marinho e a Ponte do Camelo. Ao fundo, à esquerda, situa-se o campo do Ferroviário Sport Club e o Morro da Companhia, em abril de 1956.....	88
Figura 17. Projeto elaborado pelo Ferroviário Sport Club para a sua sede social e estádio de futebol.....	91
Figura 18. Foto oficial da equipe bicampeã da Taça da Cidade de Vitória (1964-1965), primeiras competições conquistadas pela Desportiva Ferroviária. Ao fundo, vista parcial das arquibancadas e cabine de rádio.....	93
Figura 19. Desenho em perspectiva do projeto elaborado para o estádio Engenheiro Alencar de Araripe.....	94
Figura 20. Estádio Engenheiro Araripe e parte da estrutura do clube social em 1983. Sob a arquibancada à direita está situado o colégio Eliezer Batista.....	96
Figura 21. Imagem da sede social da Desportiva Ferroviária em processo de arruinamento. Em primeiro plano, a bandeira da Desportiva Capixaba S/A hasteada.	101
Figura 22. Mutirão de reforma e manutenção do estádio Engenheiro Araripe, com ato simbólico de remoção do escudo da Desportiva Capixaba S/A.	103
Figura 23. Festa no estádio Engenheiro Araripe realizada pela torcida na primeira partida da Desportiva Ferroviária após anos de inatividade.....	104
Figura 24. Marcha em Defesa do Estádio Engenheiro Araripe realizada em 2012, após a primeira tentativa de venda do estádio em leilão judicial.	105
Figura 25. Bandeira da torcida Grenamor em homenagem a Adjalmo Francisco Teixeira, Seu Adjalma, o Guardião do Jardim.	128
Figura 26. Nelson Mandela no estádio Engenheiro Araripe, em 1991.	133
Figura 27. Panfletos de divulgação da campanha de votação ao conselho local.	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados do Cadastro Nacional de Estádios de Futebol.	21
Tabela 2. Dados gerais dos estádios de futebol da Região Metropolitana da Grande Vitória inseridos no recorte de estudo.	24

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1. Modelo evolutivo do estádio de futebol, modificado e ampliado. Baseado em 5 eras de desenvolvimento, em uma transformação que parte de jogos tradicionais sem sistematização até a racionalização arquitetônica completa refletindo tendências sociais, econômicas e políticas.....	33
Diagrama 2. Amplitude das relações do estádio de futebol.....	43
Diagrama 3. Relações multiescalares dos estádios de futebol, estruturadas em cinco eixos: político-econômico, urbano-arquitetônico, experiencial, simbólico-identitário e <i>genius loci</i>	44
Diagrama 4. Representação processual-relacional dos elementos em articulação para a construção da autonomia no lugar do futebol.	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADFVRD	Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
Cofavi	Companhia Ferro e Aço de Vitória
CVRD	Companhia Vale do Rio Doce S/A
FDES	Federação Desportiva Espírito-Santense
FES	Federação de Futebol do Estado do Espírito Santo
FIFA	Federação Internacional de Futebol
LSES	Liga Sportiva Espírito Santense
SAF	Sociedade Anônima do Futebol
SESEF	Serviço Social das Estradas de Ferro
SindFer	Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários ES/MG

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	O LUGAR CONCRETO E SIMBÓLICO DO FUTEBOL	30
2.1	JOGO, LAZER E SOCIABILIDADE: O LUGAR DO FUTEBOL COMO ELEMENTO DA VIDA URBANA	31
2.1.1	O confinamento do futebol	32
2.1.2	Síntese: as transformações no campo de jogo	36
2.2	HORIZONTE TEÓRICO PARA UMA COMPREENSÃO DE LUGAR E TERRITÓRIO A PARTIR DO FUTEBOL	37
2.2.1	A condição geográfica do homem e a conceituação de lugar	37
2.2.2	A construção conceitual de território	39
2.2.3	A multiterritorialidade do lugar do futebol	41
2.3	O LUGAR DO FUTEBOL A PARTIR DOS ESTÁDIOS NO CONTEXTO BRASILEIRO	45
2.3.1	O processo de transformação do lugar do futebol: entre a difusão e a massificação	46
2.3.2	A metropolização do futebol brasileiro e o declínio da dimensão local	50
2.3.3	Mercantilização e espetacularização do lugar do futebol: (re)elitização e desterritorialização	51
3	O LUGAR DO FUTEBOL NA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA E A ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA FERROVIÁRIA VALE DO RIO DOCE	59
3.1	O LUGAR DO FUTEBOL NA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA: COMO AS CANCHAS CONTAM UMA HISTÓRIA URBANA	62
3.2	O BAIRRO, A FERROVIA E O CLUBE: SURGIMENTO E TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA FERROVIÁRIA VALE DO RIO DOCE	84
3.2.1	Condicionantes locais no contexto de formação do clube (1943-1963)	85
3.2.2	Surgimento da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce e o processo de consolidação da base social do clube (1963-1990)	91
3.2.3	Declínio da Desportiva Ferroviária em meio às políticas neoliberais (1990-2010)	96
3.2.4	Resistência grená frente à iminente perda do clube e o processo de reconstrução da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce	103
3.3	POR UMA REPRESENTAÇÃO DO LUGAR DO FUTEBOL A PARTIR DA COMUNIDADE GRENÁ	106
3.3.1	Trabalho de campo e apontamentos metodológicos	108
3.3.2	Constituição da comunidade grená	116
3.3.3	Construção do lugar do futebol no contexto da Desportiva Ferroviária	122
3.3.4	Reverberações materiais e simbólicas do declínio do clube associativo	128
3.3.5	Papel do clube na vida pública e o potencial associativo da comunidade	132

4	REFLEXÕES SOBRE A AUTONOMIA DO LUGAR ATRAVÉS DO FUTEBOL.....	138
4.1	ELEMENTOS ALIENANTES E DESAFIOS À CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO LUGAR DO FUTEBOL.....	138
4.1.1	Processo de metropolização do futebol no Brasil e o futebol capixaba	139
4.1.2	Restrição à participação da comunidade e a ascensão do modelo empresarial no clube.....	140
4.1.3	Atomização, desmobilização, desterritorialização e despolitização da comunidade	143
4.2	ELEMENTOS CATALISADORES E POTENCIALIDADES À CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO LUGAR DO FUTEBOL	144
4.2.1	Potencial de autodeterminação da comunidade.....	145
4.2.2	Integração do clube com o bairro e o território	146
4.2.3	Surgimento de organizações associativas voluntárias e independentes na comunidade	147
4.2.4	Movimento e articulação da comunidade em momentos de crise	148
4.3	ENSAIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO LUGAR DO FUTEBOL: UTOPIA CONCRETA E CENÁRIOS ESTRATÉGICOS	149
4.3.1	Contestando a forma-metrópole: a demanda por mudanças estruturais no futebol.....	151
4.3.2	Por uma perspectiva ao lugar do futebol sob a ótica do desenvolvimento local autodeterminado	153
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
6	REFERÊNCIAS	167
	APÊNDICE A: MAPA DE SITUAÇÃO	174
	APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	176
	APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO E ROTEIRO DE ENTREVISTA	181
	APÊNDICE D: QUADROS DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	185

1 INTRODUÇÃO

[...] nos menores sinais de aglomeração humana, mesmo nas mais remotas regiões, notar-se-á que dois objetos na paisagem caracterizam o essencial do nosso ecúmeno: um pequeno templo católico e um campinho de futebol. Costuma-se dizer que a capela pode eventualmente faltar, pois haverá sempre aquela outra do povoado mais próximo. Mas não o campinho, lugar de animado encontro regular domingueiro, centralidade que comparece como unidade básica referencial na vida de relações. (MASCARENHAS, 2014, p. 30)

O fenômeno do futebol se trata de uma forma simbólica dotada de expressões identitárias e produtora de paisagens. Mascarenhas (2012b, p. 69) aponta o processo de popularização do futebol como elemento importante na formação da paisagem urbana brasileira, especialmente a partir da presença maciça de campos de futebol de várzea e estádios de futebol no tecido urbano. A formação do futebol é marcada pela forte influência local e pela base geográfica, condicionando o contexto de formação de identidades em torno dos clubes. “Constitui o futebol um amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados, com densa impregnação na paisagem urbana” (MASCARENHAS, 2012b, p. 71). O estádio de futebol é definido por Mascarenhas como um edifício de “acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano-metropolitano” (2014, p. 161). Lugar de experiência coletiva e individual, alimenta o sentido de pertencimento e, através da sua apropriação, transforma-se em elemento singular de reprodução social na cidade (MASCARENHAS, 2012a, p. 161). Trata-se de “um dos raros espaços onde [...] uma sociedade apresenta uma imagem sensível de si mesma, ciente da sua unidade, mas também dos contrastes que a moldam” (BROMBERGER, 2019, p. 23).

Apesar de ter o estádio como seu principal marco geográfico, o lugar do futebol deve ser entendido de forma mais ampla. Trata-se de uma prática coletiva e individual que envolve as arquibancadas, o transporte público, bares, ruas, redes, entre outros (SIMÕES, 2023, p. 364), funcionando como uma centralidade periódica capaz de mobilizar grande fluxo de pessoas em dias de jogos, provocando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (MASCARENHAS, 2014, p. 161). Este lugar, quando apropriado pelos usuários, alimenta o sentimento de pertencimento e fabrica identidades coletivas, onde há participação ativa na festa e da vida cotidiana (BROMBERGER, 2019; MASCARENHAS, 2014) por meio de rituais construídos a partir da constituição de memórias coletivas e simbolismos com forte base territorial forjados ao longo de décadas.

De acordo com dados de levantamento da Confederação Brasileira de Futebol, o Brasil possui 789 estádios de futebol catalogados (CBF, 2016). Trata-se de “um universo dotado de imensa heterogeneidade, nos mais variados aspectos: arquitetônico – porte físico, formato e capacidade de público –, locacional, econômico, funcional e simbólico” (MASCARENHAS, 2012a, p. 147). As características formais e de implantação são reflexos diretos das dinâmicas presentes na produção social do espaço no contexto brasileiro, demonstrando concretamente fatores econômicos, políticos, históricos e sociais reprodutores da lógica de transformação das cidades no espaço-tempo. De acordo com os dados de catalogação, mais da metade dos estádios brasileiros são considerados de pequeno porte, com capacidade de público de até 5 mil pessoas.

Tabela 1. Dados do Cadastro Nacional de Estádios de Futebol.

TIPO DE GESTÃO	PARTICULAR	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	
	272	4	47	466	
	34%	1%	6%	59%	
REGIÃO	NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
	60	241	85	259	144
	8%	31%	11%	33%	18%
CAPACIDADE DE PÚBLICO	< 5 mil	≥ 5 mil < 10 mil	≥ 10 mil < 20 mil	≥ 20 mil < 40 mil	> 40 mil
	420	190	121	34	24
	53%	24%	15%	4%	3%

Fonte: CBF, 2016.

Ao analisar a distribuição destes equipamentos no território brasileiro é possível demonstrar a capilaridade do futebol no Brasil e a representação da concentração de poder político e econômico ocorrida ao longo do tempo até o cenário atual, onde o ritmo do processo de industrialização e seu caráter geograficamente concentrado evidenciam as desigualdades a partir da ocupação do território (MASCARENHAS, 2014, p. 139). A distribuição do futebol nacional é marcada por uma elite com grande presença em algumas capitais da região Sul-Sudeste e o futebol local da grande maioria

dos estados passa por um processo histórico de enfraquecimento amplamente difundido no território nacional.

Vários indícios sugerem que já estava em curso nos anos 1960 um processo de crise nos chamados “clubes pequenos”. [...] Economicamente desfavorecidos, os clubes pequenos foram se conformando com o papel de bacia coletora ou fornecedor de talentos para os grandes, que recrutavam os melhores atletas logo após seu aparecimento no cenário local. O exame dos campeonatos estaduais demonstra que os clubes pequenos foram paulatinamente perdendo força entre as décadas de 1950 e 1970, tornando tais certames um verdadeiro “monopólio” de uma elite local de clubes (MASCARENHAS, 2014, p. 156).

Desde a década de 1970, as diversas modalidades de organização dos campeonatos nacionais têm contribuído para aprofundar as desigualdades entre os clubes de futebol no Brasil, favorecendo os grandes clubes da elite em detrimento dos demais. Essa disparidade se manifesta por meio de tentativas insustentáveis de integrar o futebol nacional via campeonatos, o que acaba por enfraquecer sucessivamente os campeonatos estaduais. “Esse encurtamento dos campeonatos estaduais, conjugado ao processo de metropolização do futebol, contribui para dificultar a sobrevivência dos pequenos clubes” (MASCARENHAS, 2014, p. 158). O processo de metropolização e periferação do futebol, onde alguns centros urbanos são privilegiados como nós de força com expressivo poder de influência em relação a outros, afeta de forma significativa a base territorial futebolística produzida no Brasil ao longo da primeira metade do século XX (MASCARENHAS, 2014, p. 177). Trata-se de um processo de dominação concreto e simbólico, onde a “adesão a clubes metropolitanos por parte de habitantes de centros urbanos de médio e pequeno porte são facetas e indícios desse processo” (MASCARENHAS, 2014, p. 178).

PROCESSO-MEIO INVESTIGADO

Certos fenômenos sociais têm o poder de abranger de forma ontológica todo aspecto de um dado sistema social concreto. Neste sentido, o futebol pode ser compreendido como um **fato social total**, como proposto por Mauss (2003, p. 187), onde são expressas as mais diversas instituições, bem como fenômenos estéticos e morfológicos resultantes destes fatos. Da prática lúdica despretensiosa, do futebol aristocrático ao futebol mercadoria-espetáculo, diversas perspectivas e programas são contemplados em projetos de estádios de futebol construídos no Brasil ao longo dos mais de 100 anos da prática do esporte mais popular do país. Estes edifícios são considerados elementos relevantes na constituição do território, extrapolando a prática do jogo e envolvendo a

produção social do espaço de forma mais ampla. A formação do futebol é fortemente marcada pela influência local e pela base geográfica. “Constitui o futebol um amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados, com densa impregnação na paisagem urbana” (MASCARENHAS, 2012b, p. 71);

Neste sentido, este trabalho se propõe a investigar o processo de transformação que ocorre no lugar do futebol, abrangendo o edifício estádio e o seu entorno urbano. O objeto-concreto é particularizado pela arquitetura de estádios produzida no Espírito Santo. Esta, em uma perspectiva ampliada, apresenta-se desconhecida, configurando condição prejudicial ao entendimento de sua relevância e forma de inserção em contexto capixaba e nacional.

Para este estudo, o **processo-meio** delimitado para elaboração da pesquisa consiste no futebol profissional de clubes praticado por homens da Região Metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo. Inicialmente, o recorte da pesquisa é composto pelos estádios associados aos clubes de maior expressão na região que permanecem em atividade, são eles: Vitória Futebol Clube, Rio Branco Atlético Clube e Desportiva Ferroviária – identificados na tabela a seguir. Com o andamento das investigações, sobretudo a partir das aproximações realizadas no campo de estudo através da observação participante em dias de jogos nos estádios e seus arredores, opta-se por fragmentar o recorte de estudo em duas escalas: em um primeiro momento, mantém-se abordagem ampliada acerca do lugar do futebol na Região Metropolitana da Grande Vitória, apresentando a constituição histórica e geográfica destes clubes na região; na sequência, delimita-se recorte aproximado a partir do estudo de caso do clube Associação Atlética Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce e o estádio Engenheiro Araripe, tido como símbolo da expressão do clube e sua comunidade no território, com objetivo de ampliar discussões acerca do desenvolvimento local no lugar do futebol a partir de um caso concreto delimitado.

Tabela 2. Dados gerais dos estádios de futebol da Região Metropolitana da Grande Vitória inseridos no recorte de estudo.

ESTÁDIO	CLUBE	CIDADE	PROPRIEDADE	PERÍODO DE ATIVIDADE
Governador Bley	Rio Branco A. C.	Vitória - ES	Particular/federal ¹	1936-1970
Engenheiro Alencar de Araripe	Desportiva Ferroviária	Cariacica - ES	Particular	1966-presente
Salvador Venâncio da Costa	Vitória F.C.	Vitória - ES	Particular	1967-presente
Kleber José de Andrade	Rio Branco A. C.	Cariacica - ES	Particular ²	1983-2008
Novo Kleber José de Andrade ³	Rio Branco A. C.	Cariacica - ES	Estadual	2014-presente

Fonte: CBF, 2016; MORAES *et al.*, 2014.

PROBLEMA

O surgimento e a expansão dos estádios refletem o interesse público na prática do futebol (MASCARENHAS, 2014, p. 87). O edifício estádio de futebol e seu entorno consistem em um lugar de expressão cultural, social e política, dotado de potencial realizador da esfera da vida pública no domínio do cotidiano. Desde a origem, esta tipologia vem se transformando e se adaptando a novos usos.

A ascensão do caráter globalizado e mercantilizado do futebol provoca consequências não apenas ao esporte em si, mas especialmente no meio social envolvido no jogo. A partir da década de 1990, com a ascensão das políticas neoliberais em todo o mundo (HARVEY, 2014, p. 46), a relação estabelecida entre o edifício estádio de futebol e o território no qual está inserido vem sendo objeto de profunda transformação. Como consequência, verifica-se um processo contínuo de elitização e desterritorialização nos estádios de futebol.

Este processo de elitização em curso provoca uma ruptura entre o estádio de futebol e base social territorializada associada ao esporte. O futebol enquanto produto globalizado estabelece padrões promotores de descaracterização da identidade coletiva em nome da comercialização de um evento internacionalizado. A expressão disso é

¹ Por motivo de endividamento, o Rio Branco A. C. vende as instalações do estádio Governador Bley para a Escola Técnica e compra novo terreno para construção de estádio em Cariacica (atual bairro Rio Branco).

² Por causa de dívidas, o Rio Branco A.C. vende as instalações do estádio para o Governo do Estado.

³ O antigo Estádio Kleber Andrade é demolido e no local é implantado outro estádio de mesmo nome, projetado e executado conforme os padrões impostos pela FIFA.

evidenciada na implementação de mecanismos que resultam na supressão e substituição de tradições locais, proibição de manifestações políticas e culturais, além de controle dos corpos, seja pela vigilância ou pela exclusão de camadas populares, em suma, higienização e mercantilização da cultura de estádio (FERREIRA, 2020, p. 508). Neste sentido, é necessário compreender a dinâmica da relação estabelecida entre edifício estádio e o território no qual ele se insere, identificar as transformações ocorridas ao longo do tempo, em especial o cenário verificado na contemporaneidade.

A arquitetura de estádios produzida na contemporaneidade é utilizada como instrumento de controle e uniformização de manifestações espontâneas, anulando a criatividade e limitando expressões individuais e coletivas associadas ao fenômeno de carnavalização existente nos estádios e seus arredores. Verifica-se, então, um processo de desterritorialização da identidade coletiva associada ao estádio de futebol e ao território que precisa ser compreendido, dada a necessidade de salvaguarda de sua expressão na esfera da vida pública e da perda paulatina de sua dimensão local que vem se perdendo paulatinamente.

JUSTIFICATIVA

Desde os primórdios da prática do futebol enquanto esporte sistematizado, há um amplo interesse das multidões em sua prática (FRANCO JR, 2007, p. 167). Com isso, o lugar do futebol constitui relevante contexto mobilizador, com potencial de constituição de uma identidade coletiva fortemente enraizada no território. Neste processo, a prática lúdica inicialmente sem limites se transforma em esporte, agora com definições físicas, temporais e conceituais estritamente definidas para a sua prática (FRANCO JR, 2007; BALE, 2001 [1993]). Surge então o edifício estádio, tido hoje como representação arquitetônica da centralidade do futebol na vida urbana em sua completude (MASCARENHAS, 2014), alvo disputa e tensões constantes, seja de ordem socioeconômica, política, material ou cultural.

Com o reconhecimento do papel central e do poder de influência histórico do futebol na sociedade, no Brasil e no mundo, emerge então um relevante campo de estudo. De seu impacto no território decorrem investigações em estudos geográficos (MASCARENHAS, 2012a, p. 69), urbanísticos ou arquitetônicos. Nas últimas décadas, no Brasil, o tema têm sido cada vez mais abordado nas disciplinas das Ciências Sociais,

no entanto, ainda existem relevantes lacunas a serem preenchidas, sobretudo em contextos considerados periféricos, não integrados no grande palco nacional da disputa em torno do futebol metropolizado (MASCARENHAS, 2014). Esta condição, portanto, justifica e orienta a realização de registros históricos e científicos com objetivo de descrever e elaborar reflexões e proposições voltadas ao lugar do futebol. Ademais, ressalta-se a importância da elaboração e sistematização de base conceitual para análise crítica das transformações territoriais e arquitetônicas relacionadas ao lugar do futebol, passadas e presentes, e, sobretudo, transformações futuras, para que estas não sejam elaboradas sem discussão ou procedimentos adequados ao lugar do futebol e aos que o compõem, sobretudo à comunidade detentora de identidade e pertencimento local.

É necessário compreender as formas de atuação das forças e dos agentes sobre o lugar do futebol, com papel de influência na arquitetura de estádios e na cidade amplamente, a fim de pensar uma *práxis* orientada à resistência da comunidade local e à identidade coletiva do lugar frente à voracidade do capital e suas diversas formas de exploração e espoliação submetidas à ideologia do futebol enquanto mercadoria globalizada.

Neste sentido, reforça-se a importância do aprofundamento acerca das reflexões em torno do lugar do futebol para além do eixo econômico hegemônico representados nos campeonatos nacionais e internacionais de maior visibilidade. O processo de nacionalização e concentração de renda no futebol, bem como a ascensão das transmissões televisivas e declínio do público nos estádios, contribui para o enfraquecimento da expressão local do futebol ao longo dos anos em todo território brasileiro (MASCARENHAS, 2014, p. 188). É necessário compreender como esta dinâmica ocorre ao longo do tempo e quais são suas consequências para o território, em especial para a perda da identidade local, se isso resulta em um processo contínuo de desterritorialização e se reforça um processo de metropolização.

OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Este trabalho tem como **objetivo geral** demonstrar a relevância do "lugar do futebol" como elemento estruturante da identidade local e da paisagem urbana. Busca-se discutir os processos de transformação em curso e as perdas deles decorrentes, além de fomentar reflexões sobre práticas voltadas a esse espaço, orientadas à promoção de

um processo de reterritorialização fundamentado na autonomia da comunidade no lugar do futebol. Para tanto, propõe-se os seguintes **objetivos específicos**:

- i. Compreender a dinâmica socioespacial do "lugar do futebol" enquanto produtor e produto da cidade, em suas diversas escalas e modalidades de existência, delineando o papel dos atores e agentes envolvidos, as disputas de poder que permeiam o território e as tensões decorrentes da resistência de expressões culturais e lúdicas frente à condição do futebol como espetáculo-mercadoria.
- ii. Caracterizar as transformações em curso e os conflitos presentes no "lugar do futebol", com ênfase no processo de desterritorialização e mercantilização na contemporaneidade, descrevendo como esses processos, em escala nacional ou global, impactam a esfera local no contexto capixaba.
- iii. Evidenciar o papel do "lugar do futebol" como elemento estruturante da identidade da comunidade, destacando sua função mediadora no projeto local por meio do fortalecimento da autonomia e da autodeterminação comunidade.
- iv. Discutir mecanismos de fortalecimento do "lugar do futebol" frente ao processo de (re)elitização e metropolização em curso, baseando a análise em exemplos que reivindiquem e estimulem o protagonismo da comunidade nesse contexto.

QUADRO METODOLÓGICO

Um dos principais referenciais metodológicos adotados é Serra (2006), que afirma que “o método implica, antes de tudo, atividades ordenadas, tarefas colocadas sequencialmente e a partir de um plano de ação racional” (SERRA, 2006, p. 95). Este trabalho se desenvolve a partir de uma metodologia com abordagem qualitativa com base em estudo de caso, com o objetivo de apreender o objeto de estudo em sua completude (SERRA, 2006, p. 81) a partir dos passos metodológicos descritos adiante.

Em fase primeira, de conceituação, é proposta revisão bibliográfica multidisciplinar com objetivo de apreender e definir o que se entende como lugar do futebol. Para isso, elabora-se base conceitual envolvendo leituras acerca de estádios de futebol, desenvolve-se a noção adotada de lugar e território, bem como descreve-se trajetória acerca da transformação do lugar do futebol em contexto brasileiro, passando pela sua difusão, amadurecimento, influências e condicionantes.

Em uma inserção local, propõe-se estudos acerca do lugar do futebol em uma perspectiva interdisciplinar, técnica, histórica e social da Região Metropolitana da Grande Vitória com ênfase no território aproximado onde estão inseridos os objetos-concretos de interesse da pesquisa, com base em discussões teóricas acerca de processos e recursos territoriais apreendidos em fase anterior. Busca-se situar a produção do lugar do futebol no contexto capixaba em contexto teórico e histórico nacional. Na sequência, desenvolve-se abordagem aprofundada no caso da Desportiva Ferroviária.

A partir do objeto-concreto, realiza-se coleta de informações diretamente do real (SERRA, 2006, p. 184). A conformação de uma base empírica para conclusões é parte central e relevante da investigação, pois, nesta etapa, o conhecimento novo é produzido. Neste procedimento, a visita de inspeção, através da observação e da elaboração de levantamentos, é fundamental pela possibilidade de produção de material a ser tratado e analisado. Como produto desta etapa, elabora-se relatórios, levantamentos fotográficos, fotogramétricos e cartográficos com base em levantamento de campo e pesquisa documental.

Em complemento, realiza-se pesquisa documental⁴ junto a acervos públicos e instituições responsáveis pelos estádios inseridos no recorte de estudo, com objetivo de catalogar a documentação existente acerca dos objetos-concretos. Com isso, é possível elaborar a descrição do objeto, com o objetivo de conhecê-lo profundamente. Serra (SERRA, 2006, p. 82) ressalta a importância de esgotar o conhecimento sobre certo exemplar, escolhido por critérios claramente explicitados. São, assim, feitos estudos em profundidade, procurando mostrar como o exemplar se forma, evolui; analisa seu desempenho e outras informações selecionadas segundo seus objetivos. Ainda, realiza-se procedimentos de entrevista e observação participante no contexto da Desportiva Ferroviária, a serem detalhados no capítulo 3.

Com a base conceitual e empírica consolidadas, realiza-se etapa de análise acerca dos elementos catalisadores e alienantes à construção da autonomia no lugar do futebol identificados no contexto da Desportiva Ferroviária, com objetivo de elencar

⁴ Alguns acervos de fontes documentais consultados são: Arquivo Público do Espírito Santo, Acervo de Coleções Especiais da Universidade Federal do Espírito Santo, Instituto Jones dos Santos Neves, cadastros e acervos junto às prefeituras.

possibilidades de transformação ao lugar por meio da autodeterminação da comunidade local.

O percurso descrito possibilita a produção de conjunto de informações aprofundadas e ilustrativas dos objetos de estudo, por meio da compreensão e explicação do objeto-concreto abordado e posterior análise com base em referencial teórico construído em etapa anterior. Com base no andamento dos processos inerentes à pesquisa, pretende-se alcançar resultados e metas que compõem o objetivo geral da pesquisa através dos objetivos específicos.

2 O LUGAR CONCRETO E SIMBÓLICO DO FUTEBOL

“O futebol se apresenta como um campo privilegiado para a afirmação de identidades coletivas e de antagonismo locais, regionais ou nacionais” (BROMBERGER, 2019, p. 72). É provavelmente nessa capacidade mobilizadora e demonstrativa de pertencimentos que reside uma das principais razões da sua popularidade. Neste sentido, cada partida entre cidades ou comunidades rivais ganha traços de uma guerra ritualizada com apelo à mobilização comunitária (BROMBERGER, 2019, p. 72). Esta rivalidade não se expressa apenas nos estádios, mas também na cultura urbana que se revela na cidade.

Apesar de ter o estádio como seu principal marco geográfico, o lugar do futebol deve ser entendido de forma mais ampla. Trata-se de uma prática coletiva (e individual) que envolve as arquibancadas, o transporte público, bares, ruas, redes, entre outros (SIMÕES, 2023, p. 364), funcionando como uma centralidade periódica capaz de mobilizar grande fluxo de pessoas em dias de jogos, provocando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (MASCARENHAS, 2014, p. 161). Trata-se de um espaço apropriado pelos usuários que alimenta o sentimento de pertencimento e fabrica identidades coletivas, onde há participação ativa na festa e da vida pública (BROMBERGER, 2019; MASCARENHAS, 2014) por meio de rituais construídos a partir da constituição de memórias coletivas e simbolismos.

O surgimento e a expansão dos estádios são um reflexo do interesse público na prática do futebol (MASCARENHAS, 2014, p. 87). O edifício estádio de futebol e seu entorno consistem em um lugar de expressão cultural, social e política, dotado de potencial realizador da esfera da vida pública no cotidiano. Desde a origem, esta tipologia vem se transformando e se adaptando a novos usos.

Neste sentido, o primeiro capítulo deste trabalho tem como objetivo construir as bases teóricas e conceituais a serem utilizadas neste trabalho. Em etapa inicial, é necessário caracterizar o que se entende como ***lugar do futebol***. Esta denominação é proposta neste trabalho com base no entendimento de que a prática do futebol tem representada no estádio a sua centralidade física, mas, no entanto, não se restringe a ele. Trata-se de fenômeno mobilizador da vida urbana em sua completude, em diversas escalas e formas de realização. Para tal, é realizada também descrição das diversas formas de realização do fenômeno futebol e além de descrição e representação com base no esquema proposto por John Bale, que identifica o processo de transformação tanto do

futebol quanto dos locais de sua prática até a contemporaneidade, sobretudo o edifício estádio. Como síntese, propõe-se uma leitura que relaciona as diversas escalas de realização na vida urbana com o processo de profissionalização e mercantilização dos estádios ao longo do tempo. A partir da construção desta premissa, delimitamos o recorte a ser utilizado na pesquisa, que envolve uma forma específica de prática de futebol associada a um lugar: o estádio de futebol e suas territorialidades, que compõem o ***lugar do futebol***.

No campo da Geografia, duas categorias nos interessam enquanto base para análise do lugar do futebol: **lugar** e **território**. Nosso entendimento se baseia no diagrama elaborado por Christopher Gaffney (2008), que reforça o caráter multiescalar do lugar do futebol, suas interações com a comunidade, esferas de poder e o contexto global.

Por fim, a partir dos elementos apresentados ao longo do capítulo, é realizada aproximação do processo de transformação do lugar do futebol mantendo como referencial principal os estádios e seu caráter centralizador. Aqui é apresentado panorama ampliado do contexto brasileiro com objetivo de verificar as categorias de análise apresentadas anteriormente e identificar as particularidades e temporalidades expressas no Brasil. A partir deste desenvolvimento, é elaborada reflexão acerca do atual estágio do lugar do futebol, em especial como produto de um processo de mercantilização e espetacularização.

2.1 JOGO, LAZER E SOCIABILIDADE: O LUGAR DO FUTEBOL COMO ELEMENTO DA VIDA URBANA

O processo de difusão do futebol está intrinsecamente conectado com o processo de urbanização das cidades, constituindo historicamente um importante campo de sociabilidade que permanece até os dias de hoje, nas suas mais variadas escalas de manifestação e abrangência. Do campinho informal cotidiano ao futebol-espetáculo, a cidade pulsa em torno desta prática. Trata-se de um fenômeno que abarca e influencia mesmo aqueles que se dizem alheios ao futebol. Embora em um primeiro momento se desvele como uma manifestação genuinamente urbana, é possível compreender que o jogo – que aqui tratamos na imagem do futebol – trata-se de um elemento relevante ao fundamento da cultura humana e seu processo de sociabilidade desde que se há registros, conforme aponta Huizinga (2019 [1938]). O jogo, instintivo e primitivo na

melhor acepção do termo, é tido como elemento de sentido completo, que pode assumir várias formas concretas, onde podemos identificar a expressão de uma estrutura social ou de uma época (FRANCO JR, 2007).

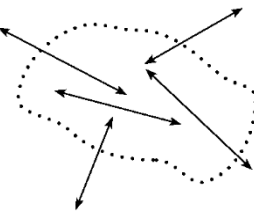
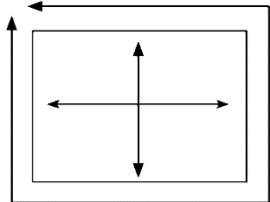
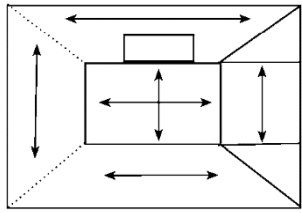
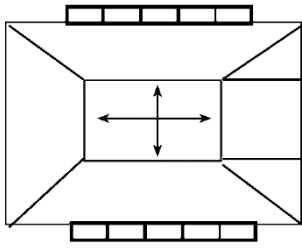
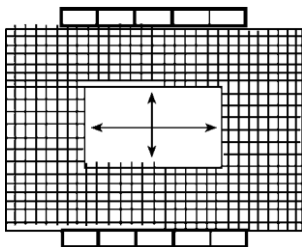
No percurso deste trabalho optamos por desenvolver as reflexões e análises em torno da tríade que envolve o clube de futebol profissional, a comunidade e o território ao qual ele pertence. Este recorte se dá a partir dos estudos de caso que se pretende analisar, mas ressaltamos a relevância da elaboração de mais estudos aprofundados sobre práticas no lugar do futebol mesmo em contextos de total ou parcial informalidade, que desvelam questões relevantes sobre as práticas sociais reproduzidas nestes meios.

2.1.1 O confinamento do futebol

Em sua obra *Sport, Space and the City* (2001 [1993]), o geógrafo John Bale oferece relevante descrição acerca de diversos elementos que compõem a *geograficidade* (DARDEL, 2011 [1952]) do futebol no contexto europeu. Ao falar sobre os estádios de futebol, o autor demonstra que as transformações ocorridas nesta tipologia arquitetônica se relacionam de forma explícita com aspectos mais amplos da sociedade e suas mudanças. A partir do confinamento do futebol e do surgimento de um equipamento urbano em torno do campo de jogo, gradativamente são ampliados os mecanismos de controle e disciplina, bem como as exigências de conforto e maior inserção da esfera do consumo e das representações de camadas sociais dentro do estádio.

Como representação deste raciocínio, o autor propõe um diagrama em quatro estágios para o lugar de prática do futebol, onde busca explicitar as principais transformações identificadas em cada um dos estágios representados. Este modelo é atualizado e ampliado por Gaffney (2008, p. 15), que adota a seguinte classificação para as eras de transformação dos estádios de futebol: era pré-moderna; princípio da era moderna; era moderna; era pós-moderna; era contemporânea. A principal contribuição de Gaffney à proposição inicial de Bale se dá no avanço temporal em relação ao modelo de estádio contemporâneo e a representação e descrição de um novo modelo hegemônico na contemporaneidade.

Diagrama 1. Modelo evolutivo do estádio de futebol, modificado e ampliado. Baseado em 5 eras de desenvolvimento, em uma transformação que parte de jogos tradicionais sem sistematização até a racionalização arquitetônica completa refletindo tendências sociais, econômicas e políticas

ERA PRÉ-MODERNA	 Prática do jogo com limites permeáveis Sem limites espaciais e formais; Interação entre espectadores e participantes; Uso diverso do terreno; Prática de jogos tradicionais.
PRINCÍPIO DA ERA MODERNA	 Confinamento do jogo Delimitação do campo; Segregação entre espectadores e participantes; Terreno <i>cru</i> apropriado pelo jogo; Livre circulação de espectadores fora dos limites do jogo; Público local.
ERA MODERNA	 Segregação socioespacial da audiência Espectadores segregados por classe social ou grau de filiação; Surgimento da arquitetura de estádios; Uso especializado da terra; Investimento privado; Aumento do controle e disciplina; Ampliação de escala do público (nacional e regional).
ERA PÓS-MODERNA	 Ampliação de escala do modelo moderno Investimento estatal; Racionalidade econômica; Panóptico; Ampliação de escala do público (global); Fabricação de identidade.
ERA CONTEMPORÂNEA	 Maximização de mecanismos de vigilância e consumo Fragmentação e atomização total dos espectadores; Limites intransponíveis; Saturação de mídia (publicidade); Ampliação e recrudescimento de regras de exclusão; Associação a nomes corporativos e surgimento de setores de luxo; Exploração da renda da forma arquitetônica (ARANTES, 2010a).

Fonte: BALE, 2001; GAFFNEY, 2008. Tradução e complementação nossa.

A prática representada no estágio inicial do modelo, identificada como **era pré-moderna**, está ligada aos jogos tradicionais (*folk-football*) tidos como origem do futebol em fase anterior à sistematização de regras. Neste período, não há um local delimitado para a prática do jogo, seja em relação à extensão ou características formais do terreno, nem qualquer forma de distinção entre os participantes e espectadores, incorporando a interação entre ambos. Aqui o jogo assume um caráter ritualístico

ligado a eventos festivos entre comunidades ou cidades (BROMBERGER, 2019), com maior protagonismo de uma prática lúdica e ritualística, ainda sem o desenvolvimento da noção de competição esportiva. Dada à ausência de limites e regras, a prática era moldada a partir de seus praticantes e respectivos grupos sociais, podendo variar de forma significativa de um lugar para o outro, muitas vezes condicionados pela configuração territorial disponível.

O confinamento do jogo marca o **princípio da era moderna**, este movimento ocorre de forma concomitante ao questionamento público do *folk-football*, que, apesar da ligação com eventos lúdicos e festivos, por vezes desencadeava em episódios de violência, resultando em agressões físicas ou morte (BROMBERGER, 2019). O confinamento reflete também as novas formas de apropriação do espaço livre público da Inglaterra no final do século XVIII, onde a prática comercial nas ruas e praças das cidades passam a restringir a prática do *futebol primitivo*. Com isso, a partir da delimitação do campo e das regras de jogo, ocorre também a segregação entre os espectadores e participantes. Este fenômeno também é marcado pela expressão dos ideais da revolução industrial inglesa também na codificação do futebol, que refletem as regras sociais vigentes no período. Há aqui o surgimento de uma clara fragmentação entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer, além do reflexo da elaboração de regras sociais para controlar interesses individuais em nome do bem comum (FRANCO JR, 2007, p. 28), ou facilitar o controle das massas por parte da classe patronal (FERREIRA, 2017, p. 60). A restrição da prática e o forte fluxo migratório para as cidades contribuiu para o surgimento de uma nova forma de distração da classe trabalhadora em momentos de lazer, resultando na popularização do futebol enquanto evento a ser assistido e acompanhado pelas massas espectadoras (BALE, 2001 [1993]).

A partir da evolução da organização do esporte e das competições, verifica-se um aumento da imposição do controle sobre o espaço ligado ao futebol, marcando o início da **era moderna** no final do século XIX. Aqui surge o estádio como tipologia arquitetônica exclusiva para a prática do futebol, onde as dimensões da prática – espaciais e temporais – são padronizadas, há uma limitação de público e restrição de acesso associada à capacidade do edifício e mediante pagamento de ingresso. O estádio, o jogo e o interesse das massas pela partida agora são condicionados aos interesses daqueles que promovem o evento esportivo (GAFFNEY, 2008, p. 14). A liberdade característica de períodos anteriores, associadas à atividade lúdica e ritual,

são cada vez mais moldadas pelos mecanismos de controle que surgem e são reforçados pelo edifício estádio.

Isso não impede que ocorra a popularização do esporte, que deixa de ter uma dimensão local para abranger maior escala de público, que passa a ser elemento integrante e essencial à atividade do futebol, mesmo sem participação direta nas ações do jogo (BALE, 2001 [1993], p. 17). Na **era pós-moderna** estes mecanismos de controle do esporte e das massas são sofisticados e o futebol passa a atender interesses mais amplos, resultando em edifícios em maior escala e maior influência de interesses econômicos e políticos de apropriando da popularidade do esporte. No contexto brasileiro, podemos relacionar este período à captura da popularidade do esporte como elemento de integração nacional e ganho de força política e econômica (MASCARENHAS, 2014).

A era seguinte, caracterizada pela maximização de mecanismos de controle e consumo, representa uma ruptura significativa com as fases descritas anteriormente. Em fases anteriores, mesmo em contextos de segregação completa, há ainda a representação de um senso de coletividade na massa expectadora em conexão com o jogo. Na **era contemporânea** ocorre um processo de individualização da massa, em que a participação no estádio não é mais compreendida como uma ação coletiva. Este modelo é marcado pelos limites impermeáveis, onde há um aumento significativo nos mecanismos de vigilância e da afirmação do estádio como espaço de consumo em duas dimensões: o consumo associado à experiência do espetáculo *in loco* e o uso do evento como espaço publicitário para a audiência remota, seja através da televisão ou internet. Com isso, ampliam-se os mecanismos de exclusão da massa a ser controlada, cada vez mais apartada do estádio de futebol devido à exclusão socioeconômica, reduzidas à condição de consumidores daqueles que possuem este privilégio.

O afastamento do público de massa dos estádios de futebol é reforçado também a partir do surgimento de setores de luxo que refletem o interesse de grandes patrocinadoras dos eventos globais que agora moldam os estádios. A própria arquitetura passa por um processo de transformação no seu grau de sofisticação, onde a renda da forma arquitetônica (ARANTES, 2010a) se torna mais um mecanismo de exploração nos estádios de futebol, em especial no contexto das cidades empresariais (VAINER, 2000). O estádio, antes caracterizado como equipamento de múltiplos usos com a dominância do futebol, passa a englobar outros programas que priorizam as relações

de consumo em detrimento das relações de apropriação, como hotelaria, *shoppings*, espaço de escritório, lojas, entre outras formas de uso (GAFFNEY, 2008, p. 17). Este processo, amplamente difundido na atualidade sobretudo a partir dos megaeventos esportivos, tem sido designado como **arenização**.

2.1.2 Síntese: as transformações no campo de jogo

A partir dos modelos apresentados acima é possível identificar uma trajetória na transformação e sofisticação da arquitetura de estádios desde o princípio da sistematização do esporte até a contemporaneidade. Percebe-se um contínuo aumento do interesse público na prática do futebol, aspecto que reflete o aumento exponencial da escala da abrangência das audiências e do interesse da exploração política e comercial no evento. De forma inversamente proporcional, verifica-se uma redução significativa na dimensão lúdica associada à prática do jogo enquanto atividade de lazer, que agora é entendido como esporte profissionalizado. Esta dimensão não é expressa em sua completude, mas também passa por um processo de adaptação às novas formas de se relacionar com o futebol e seu lugar de prática.

Apesar do percurso anterior indicar uma trajetória linear, a realidade é muito mais heterogênea. Embora seja possível identificar padrões hegemônicos ao longo de períodos delimitados, é possível afirmar que não se configura uma transformação e mercantilização completa do edifício estádio de futebol de forma homogênea em todos os lugares. Isso se deve à multiplicidade de cenários em que o futebol se desenvolve desde o seu surgimento até a atualidade ao redor do mundo (FRANCO JR, 2007). Neste sentido, é possível identificar elementos de leitura e análise sobretudo ligados à dimensão territorial do futebol, que se manifestam de forma e intensidade distintas, compondo uma rica teia de relações em torno do futebol, desde a prática informal local às formas mais sofisticadas de exploração da mercadoria global. O modelo apresentado é um bom pontapé inicial, no entanto, para análises mais aprofundadas é necessário se debruçar acerca do contexto de interesse, compreendendo as condicionantes que influenciam o processo de difusão e transformação que ocorre no lugar do futebol.

2.2 HORIZONTE TEÓRICO PARA UMA COMPREENSÃO DE LUGAR E TERRITÓRIO A PARTIR DO FUTEBOL

Ao confrontar os interesses da Geografia Humana com os fenômenos relacionados ao futebol que reverberam no lugar é possível identificar este campo como relevante microcosmo para análise de relações que se estabelecem e constituem o território, esta constatação é considerada premissa fundamental para pesquisadores ocupados em pensar o futebol para além do jogo-evento. A investigação a partir do lugar possibilita integrar ampla gama de informações sobre ele como objetivo de descrever e analisar os múltiplos processos sociais que ocorrem de forma simultânea neste recorte, possibilitando estabelecer correlações ou divergências entre fenômenos diversos e identificando forças conceituais através de ferramentas de diversas disciplinas. Através das relações constituídas no lugar do futebol se tem clara evidência de seu caráter multiterritorial, multiescalar e de grande complexidade. Em uma proposta de leitura, opta-se por dividi-las a partir de duas instâncias, sempre reconhecendo seu caráter indissociável, tidas como categorias basilares na geografia: **lugar** e **território**, exploradas a seguir. Estas duas noções-chaves remetem a experiências geográficas que ora se distinguem, ora se aproximam (SERPA, 2023, p. 68). Estabelecer premissas teóricas, metodológicas e conceituais para análise destas categorias é ferramenta intelectual indispensável para compreender o mundo em que se vive, bem como o nosso objeto de estudo.

2.2.1 A condição geográfica do homem e a conceituação de lugar

O lugar deve ser entendido para além do sentido locacional, relativo ou absoluto. Aqui, s refere-se ao lugar como *uma porção de superfície territorial caracterizada a partir dos elementos que lhe conferem unicidade*, seja uma paisagem, aspectos naturais, forma construída, formas de apropriação, em suma, um sentido atribuído por quem compõe ou reconhece o lugar. Trata-se de uma construção perene, produto de sedimentos de apropriação de longa duração, que expressa a condição ontológica do ser humano de se relacionar com o espaço, antes mesmo de qualquer elaboração conceitual – denominada como *geograficidade* por Eric Dardel (2011 [1952], p. 2).

Cada lugar possui um conteúdo locacional, obviamente, também porque nem todos os lugares são imediatamente reconhecidos como tais. No entanto, se um lugar é sempre uma localização, o contrário não é verdadeiro: nem todas

as localizações são lugares, ou pelo menos nem todas as localizações conseguem se tornar lugar, (TURCO, 2014, p. 152)

John Agnew (1987) aponta três características fundamentais para a existência de um lugar dotado de sentido e significado: a *localização*, possibilidade de situar o lugar em relação a outros referenciais – distância, direção, aqui, acolá; a *localidade*, condições formais ou informais sob as quais se estabelecem as interações sociais do lugar; e, por fim, o *sentido de lugar*, que expressa os significados subjetivos associados a uma localidade específica e suas características materiais, simbólicas e organizacionais, capazes de evocar sensações diversas a partir de significados atribuídos a uma localidade específica.

Também compõem o lugar alguns *nós* sobre os quais se realizam as atividades humanas de sociabilidade e produção de significado, como a casa, a escola, o estádio, a rua, entre outros. Estas sensações resultam em uma experiência individual ou coletiva associada ao lugar com capacidade de gerar um elo subjetivo ou emocional. O lugar extrapola sua existência física e material, trata-se de elemento produtor e produto de relações sociais estabelecidas em uma localidade, resultando em um processo de identificação, geográfica ou social, na reprodução da vida cotidiana (SERPA, 2023, p. 80).

É a partir de um lugar que se age no mundo. Cresswell (2008) evidencia o papel do lugar enquanto elemento mediador da experiência, com capacidade de delimitar uma forma de ver, conhecer ou compreender o mundo de forma mais ampla. “Quando enxergamos o mundo como um mundo de lugares somos capazes de ver coisas diferentes. Identificamos elos e conexões entre pessoas e lugares. Vemos mundos de significados e experiências” (CRESSWELL, 2008, p. 11). Trata-se de uma leitura que apreende a subjetividade do mundo para além de uma noção de localização no espaço abstrato. Isso explica a constituição de identidades e alteridades (SAQUET, 2019, p. 30) no lugar, a capacidade de se reconhecer e reconhecer o outro no meio. A identidade do lugar está associada à identificação de continuidades, mesmo em meio a transformações. Neste sentido, rupturas bruscas geram estranhamento. Isso não significa que a apreensão do lugar é homogênea, pois diferentes gerações têm formas diferentes de experienciar e perceber o lugar (RELPH, 2014, p. 28).

O lugar é movimento, em construção e transformação contínua, um produto da experiência humana inserida no espaço-tempo, isto é, tempo lugarizado (OLIVEIRA,

2014, p. 3). Compreender o lugar é essencial para se pensar o mundo vivido, a condição humana pressupõe este conjunto de relações e trocas no espaço (SERPA, 2023, p. 82), que, por sua vez deixa, de ser espaço abstrato e se transforma em lugar. Em maior ou menor escala, se há interação humana o lugar se realiza, nunca é completamente apagado e o não-lugar nunca se realiza em sua completude (AUGÉ, 1994).

Além de caracterizar o nosso entendimento de lugar, algo importante para este trabalho é evidenciar o caráter coletivo da produção do lugar, sobretudo a partir das ideias de lugar como bem comum (TURCO, 2014), a ser aprofundada em etapa posterior.

2.2.2 A construção conceitual de território

Haesbaert aponta a coexistência de ideias que compõem uma “constelação” de conceitos norteadores do pensamento geográfico (HAESBAERT, 2010a, p. 157), logo, para pensar a dinâmica relacional da ação antrópica no lugar, é importante elaborar conceitualmente o que se entende por território. Não se trata de um esforço para esgotar a discussão em torno da noção (HAESBAERT, 2004, p. 36), mas sim estabelecer as premissas consideradas para o desenvolvimento deste trabalho.

Por remeterem às experiências geográficas, eventualmente as noções de lugar e território se aproximam (SERPA, 2023, p. 68). Nesse sentido, retoma-se uma das três características fundamentais do lugar que mais se relaciona com a noção de território: a **localidade**, definida como as condições formais ou informais sob as quais se estabelecem as interações sociais do lugar (AGNEW, 1987). Os geógrafos convencionaram que “lugar é espaço vivido e que território é espaço de poder” (SERPA, 2023, p. 69), condição que pode ser considerada um ponto de partida, mas, ainda se trata de uma definição insuficiente para apreender o território em sua completude. O esforço de conceituação é relevante para se discutir as transformações que acontecem no território, entre elas os processos de desterritorialização e reterritorialização amplamente abordados por Haesbaert. Ademais, esta noção constitui ferramenta conceitual que possibilita “explicar a dominação social, a constituição e a expansão do poderio do Estado-Nação, a geopolítica, a reprodução do capital e a problemática do desenvolvimento desigual” (SAQUET, 2010, p. 53).

Raffestin aponta o território como produto de relações sociais constituídas a partir do espaço. O sistema territorial é composto por relações hierárquicas, produto das territorialidades constituídas pelo ser humano na tríade sociedade-espço-tempo, manifestado através das relações de poder, “que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável, mas que constituem invariáveis na qualidade de categorias obrigatórias” (RAFFESTIN, 1993, p. 8). Haesbaert (2004, p. 40) propõe uma síntese a partir de várias concepções de território agrupando quatro vertentes básicas:

- *Jurídico-política*, referida às relações de poder constituídas no espaço, incluindo as relações institucionalizadas, nas quais o território é tido como ferramenta de delimitação e controle sobre a qual se exerce um poder. O principal símbolo desta vertente se dá a partir do poder político exercido pelo Estado, mas não se limita a ele.
- *Simbólico-cultural*, onde a dimensão simbólica e subjetiva do território é tida como resultado da apropriação e da valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido, relacionando-se com a noção de lugar abordada anteriormente.
- *Econômica (ou economicista)*, enfatizadora da dimensão espacial das forças econômicas incidendo sobre o território. Nela, o território é tido como fonte de recurso e está inserido no embate de classes sociais, sobretudo a partir da relação capital-trabalho. Nessa concepção predomina um olhar utilitarista e de caráter abstrato sobre o que é considerado recurso para o crescimento econômico, assume-se um direito à exploração da natureza por parte da sociedade.
- A vertente *natural(ista)* procura o resgate de uma noção de relação entre sociedade e natureza por muito tempo ausente nas discussões acerca do território. Essa vertente contrapõe o olhar abstrato economicista do território enquanto recurso e busca reestabelecer o sentido de uma ligação fundamental do ser humano com a natureza, em busca do equilíbrio de um entendimento do território enquanto recurso e meio.

Haesbaert (HAESBAERT, 2003) ressalta a importância de se tratar as vertentes do território de forma indissociável, mesmo que com forças distintas, compreendendo o território como produto contínuo da interação e das relações estabelecidas entre as vertentes identificadas, em que essa multiplicidade de poderes age em forma de dominação ou apropriação por meio dos múltiplos agentes/sujeitos envolvidos. O autor identifica a relação de dominação a partir do aparato econômico-estatal, enquanto a vertente simbólico-cultural é fruto de uma relação de apropriação (HAESBAERT, 2010b). Essas relações de controle social estabelecidas no território variam conforme a sociedade ou cultura, no grupo ou até no próprio indivíduo.

Portanto, todo território é, simultaneamente e em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (como é o caso do petróleo no atual modelo energético capitalista) (HAESBAERT, 2010b).

2.2.3 A multiterritorialidade do lugar do futebol

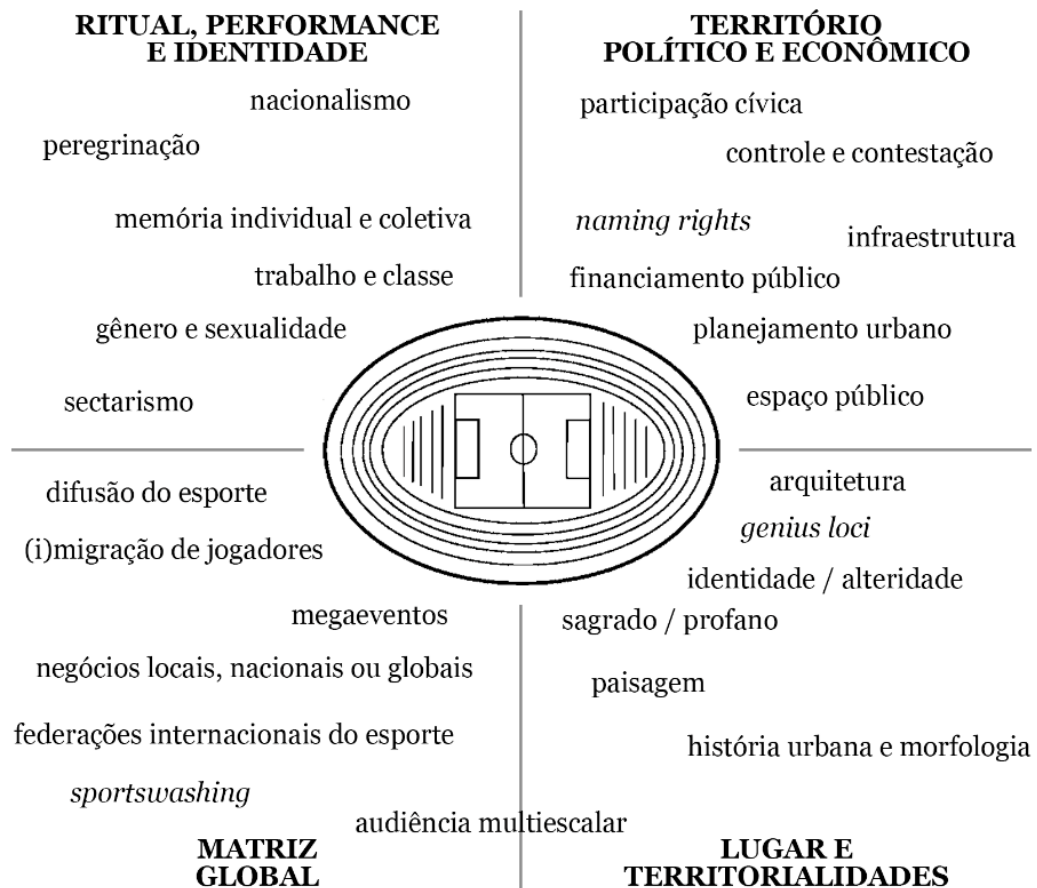
O lugar do futebol se constitui a partir da tríade relação clube-comunidade-lugar, elemento comum a qualquer caso que se pretenda analisar; condição que não significa uma relação equivalente de forças. Parte-se da premissa de não se tratar de um campo homogêneo, onde certas equivalências são verificáveis, cada caso é dotado de singularidade. No entanto, isso não impede elaborar reflexões de escala ampliada, que busquem abranger conceitualmente os fenômenos componentes do lugar do futebol. Neste sentido, busca-se identificar processos comuns que envolvem o lugar do futebol na tentativa de elaborar uma noção capaz de demonstrar as correspondências e particularidades de cada objeto alvo da reflexão pretendida.

Como pontapé inicial para esta análise ampliada, adota-se o diagrama proposto por Christopher Gaffney (2008, p. 19), que identifica relações constituintes do lugar estabelecidas por intermédio do estádio de futebol e toda prática envolvida neste meio. A elaboração conceitual do autor assume o estádio de futebol como elemento central das relações explicitadas. Relações estas distribuídas entre quatro categorias demonstradas no diagrama a seguir (Diagrama 2). A multiplicidade de relações, em característica e escala, evidencia a heterogeneidade do lugar do futebol afirmada anteriormente. Porém, segue-se o esforço de explicitar a matriz capaz de constituir um

referencial de análise capaz de abarcar os mais diversos contextos, sobretudo com o objetivo de demonstrar a interação entre as dimensões do lugar e do domínio político e econômico territorial. Embora haja uma clara divisão entre os quatro eixos principais, deve-se reforçar o caráter indissociável das relações, onde o lugar do futebol constitui uma expressão da totalidade a partir das particularidades de cada contexto.

Além dos elementos explicitados, pode-se elaborar outras inferências sobre o lugar do futebol ancoradas no Diagrama 1. Uma delas é a relação mais evidente entre os campos Ritual, performance e identidade/Lugar e territorialidades, estabelecidas no lugar a partir de **relações de apropriação**, marcada por maior caráter simbólico e subjetivo. Por outro lado, o eixo Matriz global/Território apresenta relações diretamente conectadas ao ordenamento político e econômico incidente sobre o lugar do futebol em sua concretude a partir de diversas escalas, sobretudo nacional e global, compreendidos nas **relações de dominação**. Distinguir essas duas categorias mais amplas é relevante quando se pensa o lugar do futebol enquanto resultado de relações sociais produtoras e produto de identidade coletiva que também responde a interesses econômicos incidentes sobre a esfera do lugar e sua subjetividade.

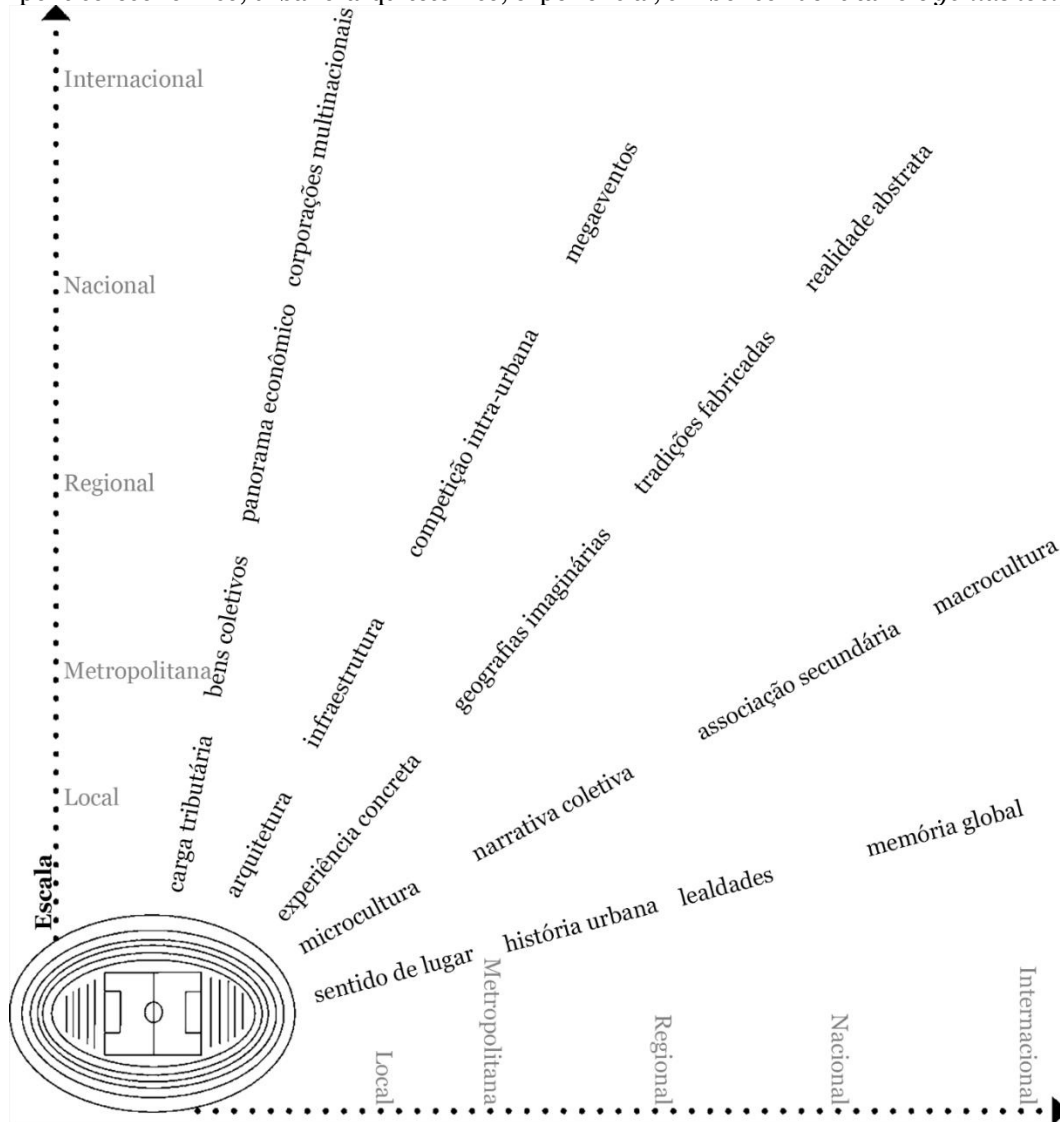
Diagrama 2. Amplitude das relações do estádio de futebol



Fonte: GAFFNEY, 2008, p. 19. Tradução e ampliação nossa.

Estabelecendo um diálogo com essas premissas a partir do lugar do futebol, Gaffney (2008, p. 25) elabora representação demonstradora da multiplicidade de escalas que se relacionam e podem ser observadas ou vivenciadas a partir do estádio – demonstrados no Diagrama 3. Cada contexto particular exprime uma relação de forças distinta, onde a autonomia do lugar é mais ou menos suscetível a pressões hierárquicas oriundas de outras escalas de poder, sobretudo nacional e global. A identificação das relações a partir das escalas é elemento chave para a compreensão dos mais diversos contextos de realização do lugar do futebol. Essa ferramenta analítica também possibilita identificar contextos onde a esfera local desempenha um poder de resistência frente ao processo de concentração de poder e influência a partir de outras esferas.

Diagrama 3. Relações multiescalares dos estádios de futebol, estruturadas em cinco eixos: político-econômico, urbano-arquitetônico, experiencial, simbólico-identitário e *genius loci*



Fonte: GAFFNEY, 2008, p. 25. Tradução nossa.

No diagrama, o autor apresenta cinco eixos contendo elementos relacionados ao estádio de futebol. Dentro desses, os elementos mantêm relação entre si e as distinções representadas se dão especialmente devido ao fator de escala da estrutura relacional. No primeiro eixo, identifica-se um caráter político-econômico, representando forças incidentes sobre o território. A partir da escala local para a escala global, pode-se inferir que em contexto onde dimensão local é fortalecida, o impacto da política no território é mais evidente, enquanto cenários onde há forte influência global, os interesses econômicos se sobressaem. No segundo eixo, identifica-se que a influência da dimensão urbano-arquitetônica é mais evidente em contextos onde a força local predomina, a partir da ampliação da escala relacional, e onde o domínio por parte das competições passa a ser mais evidente, chegando ao ápice no contexto dos

megaeventos, onde a dimensão local é praticamente suprimida em nome dos interesses globais. Os três eixos seguintes se constituem a partir de uma relação cultural e identitária estabelecidas a partir da experiência. Neste sentido, infere-se que em contextos onde a dimensão local é dominante a força se constitui em relações concretas estabelecidas no lugar, a partir da formação de uma identidade coletiva e individual que compõe o sentido do lugar. No entanto, em contextos onde escalas ampliadas são dominantes, percebe-se o enfraquecimento ou a sobreposição da dimensão local em detrimento da produção de um discurso abstrato evocador do lugar enquanto representação e não como experiência vivida no cotidiano.

Esta delimitação de relações entre elementos componentes do lugar do futebol em diversas escalas constitui importante ferramenta para elaboração de análises de contextos variados, com objetivo de identificar as forças predominantes em cada lugar e, com isso, pensar alternativas ao fortalecimento da dimensão local frente ao cenário identificado.

2.3 O LUGAR DO FUTEBOL A PARTIR DOS ESTÁDIOS NO CONTEXTO BRASILEIRO

Estádios são arenas de conflito. As batalhas ritualizadas dentro de campo se refletem nas arquibancadas, nas diretorias dos clubes, nos campos simbólicos, nos processos de construção, demolição e reconstrução e nas disputas políticas dentro e fora do mundo de futebol. [...] Desde os primeiros anos de futebol no Brasil até os dias de hoje, o estádio de futebol carregava ideologias e mensagens de poder ao mesmo tempo em que serviu como um palco esportivo. (GAFFNEY, 2015, p. 185).

Existe no imaginário nacional a ideia de que o futebol aportou no Brasil dentro da bagagem de Charles Miller, recém-chegado em São Paulo vindo da Inglaterra – duas bolas usadas, um par de chuteiras, um livro com as regras do futebol, uma bomba de encher bolas e uniformes usados. Mascarenhas (2014) brilhantemente confronta essa história com uma questão importante: como é possível em um país de dimensões continentais como o Brasil o contato com o esporte bretão ter se estabelecido por apenas uma via? E como esta via solitária teria força a ponto de o transformar anos mais tarde no esporte de devoção do país? Quando se pensa nas circunstâncias e na trajetória do processo de ocupação do Brasil essa ideia parece ainda mais incompleta. Não há aqui um interesse em diminuir o feito de Miller, que teve importância amplamente documentada na difusão do esporte na região de maior poder econômico

do Brasil e onde se concentram grande parte dos clubes mais tradicionais do país. Mas cabe acrescentar uma pergunta: quantos *Charles Miller* existiram no Brasil?

Miller representa uma das vias de inserção da prática do futebol no Brasil, a dos trabalhadores oriundos da Inglaterra com o objetivo de implantar ferrovias, fábricas, minas, entre outros (MASCARENHAS, 2014). Além dos trabalhadores, era comum que jovens brasileiros pertencentes à classe da elite local tivessem contato com o futebol através de viagens à Europa, trazendo o esporte na bagagem com um novo símbolo da modernidade europeia, e que seria utilizado como símbolo de distinção social (MASCARENHAS, 2014, p. 71). Ainda, pode-se citar uma espécie de contato de segundo grau, por meio do qual jovens pertencentes à elite de províncias menores tiveram contato com o futebol através de viagens ao Rio de Janeiro ou São Paulo (MORAES, ALMEIDA, *et al.*, 2014). Cita-se também o papel de missionários na difusão do futebol enquanto uma “atividade saudável e capaz de aprimorar a inteligência, o caráter e outros atributos morais (MASCARENHAS, 2014, p. 79).

Além da forma de chegada ao Brasil, as circunstâncias de cada lugar têm papel importante no processo de difusão do futebol, passando pela presença ou não dos agentes mencionados, o nível de inserção de cada localidade nas redes nacionais ou internacionais, assim como a reação dos habitantes ao processo de assimilação do futebol. A partir da complexidade deste processo, pode-se tirar algumas lições: o processo de difusão futebol, além de outros esportes de origem inglesa, foi uma ferramenta cultural relevante de demonstração de força do Império Britânico; a adesão ou não do esporte está condicionada tanto a eventos externos quanto acontecimentos locais no processo de assimilação, sobretudo em um país com as características do Brasil – vasto território com uma rede de comunicação e transporte ainda incipiente, dificultando qualquer esforço de integração.

A seguir, discute-se o processo de assimilação e transformação do futebol no Brasil a partir de sua dimensão urbana e arquitetônica por meio do lugar do futebol.

2.3.1 O processo de transformação do lugar do futebol: entre a difusão e a massificação

No Brasil, os primeiros estádios a serem construídos são um reflexo direto do principal modelo de difusão do esporte. O futebol é valorizado como modismo europeu pela

classe dominante. Com traços higienistas, moralistas e cosmopolitas, sua prática era considerada uma forma de distinção social (MASCARENHAS, 2012b) – um verdadeiro campo de exibição de poder econômico e político. Com isso, os primeiros estádios construídos são voltados exclusivamente às elites, tratando-se de equipamentos privados de pequeno porte com arquitetura assemelhada a um teatro a céu aberto, localizados em regiões consideradas nobres.

Nesse período, a prática esportiva é restrita a homens egressos de camadas sociais privilegiadas, assim como o público, restrito aos amigos e familiares dos jogadores. Um modelo denominado *estádio aristocrático* (MASCARENHAS, 2012a, p. 151), difundido nas principais cidades do Brasil no começo do século XX, que “carregava fortes indicadores simbólicos de exclusão social e as relações conflituosas embutidas na sociedade brasileira reproduziram-se no clube, nas arquibancadas e no campo de futebol” (GAFFNEY, 2015, p. 185).

Situados em zonas nobres da cidade, de alto valor imobiliário, poucos desses estádios resistem até a atualidade. Muitos foram demolidos para a construção de empreendimentos imobiliários no processo de verticalização e transformação das cidades (MASCARENHAS, 2014, p. 110). Um exemplo marcante é o Estádio Manoel Schwartz – popularmente conhecido como Estádio das Laranjeiras –, do Fluminense Football Club, no Rio de Janeiro. Situado no bairro de Laranjeiras, ao lado do Palácio da Guanabara. Inaugurado em 1919, o estádio foi patrocinado pela família Guinle, uma das mais ricas e influentes do país no período. Nem mesmo o Estádio das Laranjeiras esteve completamente imune ao processo de transformação da cidade. Na década de 1960, parte da arquibancada foi demolida para a ampliação da Rua Pinheiro Machado. Apenas na década de 1980 o estádio é tombado nas instâncias Municipal, Estadual e Federal.

No entanto, em poucos anos este modelo de estádio se torna obsoleto ao serem avaliados por diversos fatores como a incompatibilidade da reduzida capacidade de público com o aumento do afluxo de pessoas interessadas em assistir os jogos; por estarem implantados em regiões consolidadas e de densa ocupação da cidade, a ampliação dos estádios envolvia obstáculos físicos; o alto preço da terra, por exemplo, para aquisição de terreno para expansão; a mudança do perfil dos espectadores (além o surgimento da figura do torcedor) com a popularização do esporte, conforme o futebol deixava de ser um esporte exclusivamente aristocrático, e a presença destas

pessoas no bairro passou a ser motivo de incômodo para a classe dominante (MASCARENHAS, 2014, p. 112).

Neste sentido, uma nova espacialidade é demandada para o lugar do futebol a partir do crescimento do interesse pelo esporte e sua popularização nas décadas de 1920 e 1930, sobretudo a partir do surgimento de interesses comerciais envolvendo a nova e promissora vertente da indústria do entretenimento urbano (MASCARENHAS, 2014, p. 114). Um marco do processo é a inauguração do estádio São Januário, no Rio de Janeiro, pelo Clube de Regatas Vasca da Gama, em 1927, com capacidade para 50 mil pessoas. Localizado no bairro de São Cristóvão, situado em zona industrial e de média-baixa renda. Com isso, é estabelecida uma ruptura com o padrão locacional vigente até então para os estádios brasileiros (MASCARENHAS, 2014, p. 118). Além do futebol, o estádio também se tornou palco relevante para manifestações cívicas de diversos políticos, como Getúlio Vargas.

Além do progressivo interesse popular pelo futebol, a modernização se torna a palavra de ordem, “embutida nas perspectivas de industrialização do país e consolidação da unidade nacional” (FRANCO JR, 2007, p. 77). Logo o futebol passa a ser reconhecido “pelos novos governantes como eficiente meio de mobilização das massas, e a seleção, como ingrediente fundamental da representação da nacionalidade” (FRANCO JR, 2007, p. 78). A nova demanda pelo futebol reforça a necessidade de espaços adequados para a sua prática com maior capacidade de público do que os equipamentos até então existentes. Além da significativa expansão dos centros urbanos, no mesmo período o futebol passa a ser difundido Brasil através das transmissões de rádio, estimulando o surgimento de equipes de futebol em cidades antes “isoladas” não influenciadas por vias diretas a partir das cidades de maior expressão. Com isso, a partir da década de 1940 o futebol se torna realidade concreta nas mais remotas aglomerações urbanas do Brasil (MASCARENHAS, 2014, p. 123).

Um marco do período é o Estádio Municipal do Pacaembu, primeiro estádio de futebol estatal do Brasil, inaugurado em 1940. Com capacidade para 70 mil pessoas, sua estética representa a superação da arquitetura ornamentada antes presente nas construções oficiais e nos estádios aristocráticos do período pregresso. Além do espaço voltado ao futebol, o complexo englobava outras modalidades esportivas, refletindo o ideal propagado na época em relação à valorização da atividade física, defendendo seu potencial educativo e disciplinador. Embora as motivações sejam completamente

distintas, o Pacaembu reproduz a tendência locacional comum à geração de estádios aristocráticos. Em se tratando de um monumento cívico, há a exigência de na localização exprimir sua importância e centralidade na vida social e cultural da cidade (MASCARENHAS, 2014, p. 123).

Em 1950, dez anos após o Pacaembu, é inaugurado o Maracanã, no Rio de Janeiro, por ocasião da Copa do Mundo realizada no Brasil em 1950 – primeiro estádio do mundo com capacidade superior a 150 mil espectadores. Também fruto de iniciativa municipal, o Maracanã é tido como símbolo da grandeza nacional, de um Brasil desenvolvimentista e industrializado, reflexo do ideal de grandeza e capacidade técnica. Grandioso em sua concepção, foi considerado o maior estádio do mundo durante muito tempo, um dos marcos iniciais da construção de estádios voltados às massas, com o ideal de ser um estádio que representa a nação brasileira em todas as suas classes.

(...) Cada um como entrando em sua casa. Depois de visto e revisto o Estádio, todos os cantos esmiuçados, o homem do povo, o operário, o estudante, o grã-fino — enfim, todos os setores da vida social de uma grande metrópole — demonstravam que tudo estava perfeito. (Jornal dos Sports, edição de 18/06/1950 in SIMAS, 2021).

Mascarenhas (2014) aponta o futebol como um fenômeno capaz de atravessar as diferentes camadas sociais, inserindo-se nos mais variados contextos de transformação. Com isso, a origem elitista da assimilação do futebol no Brasil é “superada”⁵, com os estádios cada vez mais frequentados por trabalhadores de fábricas, da construção civil e do mercado informal das cidades em franca expansão (MASCARENHAS, 2014, p. 131). A Copa do Mundo de 1950 representa um marco neste processo de “consolidação do futebol como instituição onipresente no território e como incontestável paixão nacional” (MASCARENHAS, 2014, p. 132) e de uma política voltada para a construção de estádios de massa. Mascarenhas afirma haver nesse momento uma nova espacialidade futebolística, agora marcada pela monumentalidade dos estádios e sucessivos esforços de expansão territorial. “De alguma forma, o Maracanã sinalizava o nascimento de uma era de estádios gigantes” (MASCARENHAS, 2014, p. 134).

⁵ Apesar da popularização do futebol, os clubes brasileiros perpetuam a tendência elitista dentro do quadro social dos clubes. A participação social da massa torcedora nas decisões dos clubes brasileiros segue incipiente até a atualidade.

2.3.2 A metropolização do futebol brasileiro e o declínio da dimensão local

Apesar do processo de ocupação e integração do território nacional ainda incipiente, o futebol foi capaz de atingir os mais remotos povoados.

Nesse processo de povoamento, estando já o futebol na condição de principal modalidade esportiva nacional, a cada nova aglomeração humana, teremos o ‘campinho’ figurando imediatamente entre outros equipamentos básicos de uso coletivo. Mas a relativa incipiência desse mesmo processo de ocupação, somada à debilidade da rede de comunicações, revela um território ainda em estágio inicial do processo de integração. (MASCARENHAS, 2014, p. 136).

Ao longo de sua explanação Mascarenhas (2014, p. 142) expõe fatores contribuintes para o atraso no processo de integração nacional. Cita-se alguns: a histórica forma de ocupação concentrada em algumas cidades pontuais; o fato do Brasil ser um país de dimensões continentais ainda sem uma malha de transportes bem estruturada; a ausência de uma rede de comunicação bem estabelecida entre cidades; o alto custo demandado para realização de viagens em equipe para competições, entre outros. Com isso, apesar da tendência expressa pelos estádios de massa, durante muito tempo o futebol brasileiro foi praticado ainda em um arranjo multipolarizado e de forte base local, com influência nas variações na forma de jogar futebol ou no nível de popularidade do esporte no contexto local.

Em 1959 surge, enfim, a Taça Brasil – primeira competição abrangência nacional (MASCARENHAS, 2014, p. 150), substituída em 1971 quando, com amplo apoio e financiamento da ditadura militar, um campeonato efetivamente nacionalizado é viabilizado. O torneio iniciou com a participação de 20 clubes, no entanto, a partir do uso político do futebol pelo regime militar, com o passar dos anos, o número de clubes participantes foi sendo ampliado de forma constante, resultando na célebre frase *“Onde a Arena vai mal, mais um time no Nacional”* e um recorde de 94 equipes participantes no ano de 1979. “Por meio de manobras político-partidárias, facilitadas pelo regime de exceção, muitas cidades e clubes de menor expressão ingressaram na competição sem qualquer mérito técnico” (MASCARENHAS, 2014, p. 155).

Neste contexto ocorre a ampla difusão dos estádios de massa, com capacidade superior a 50 mil pessoas (MASCARENHAS, 2012a), sobretudo entre os anos 1968 e 1978. Este processo de formação do campeonato e implantação de estádios foi marcado por uma forte natureza autoritária característica ao regime. A política de integração se deu na tentativa de inflar um sentimento patriótico por meio do futebol apesar da configuração territorial e econômica pouco favoráveis a este processo

(MASCARENHAS, 2014, p. 156). Com isso, a crise já em curso nos clubes de menor poder político e econômico se agravou.

Os grandes estádios, nova fonte de receitas, iam promovendo a concentração de renda em favor de poucos clubes de maior torcida e gerando um “abismo” entre estes e os demais. Economicamente desfavorecidos, os clubes pequenos foram se conformando com o papel de bacia coletora ou fornecedor de talentos para os grandes, que recrutavam os melhores atletas logo após seu aparecimento no cenário local. O exame dos campeonatos estaduais demonstra que os clubes pequenos foram paulatinamente perdendo força entre as décadas de 1950 e 1970, tornando tais certames um verdadeiro “monopólio” de uma elite local de clubes (MASCARENHAS, 2014, p. 156).

O fracasso do regime também reverbera no futebol brasileiro de forma mais ampla. O baixo nível técnico do campeonato inflado, a perda de jogadores para times estrangeiros, dentre outros fatores, provocou uma redução significativa na média de público dos “gigantes de concreto” espalhados pelo país. Mesmo os clubes se encontraram em situação limite, sofrendo pressão de dirigentes e governantes (FRANCO JR, 2007, p. 151). “O futebol não conseguia mais servir de reforço ao poder militar. Ao contrário, ele antecipava as fissuras que se abriam na ditadura” (FRANCO JR, 2007, p. 151).

2.3.3 Mercantilização e espetacularização do lugar do futebol: (re)elitização e desterritorialização

Ao fim da década de 1980 mudanças significativas no futebol impactam diretamente a arquitetura de estádios. Com a predominância da renda de patrocínios e a difusão da transmissão de televisão, a renda proveniente do público dos estádios deixa de ter um peso tão significativo nas finanças dos clubes. Em simultâneo, uma série de tragédias na Europa envolvendo superlotação e violência nos estádios⁶ coloca em xeque o modelo de arquitetura de estádios voltado para as massas. Os torcedores numerosos e

⁶ Um marco destes eventos ocorre na Inglaterra, em 15 de abril de 1989, numa partida válida pela semifinal da Taça da Inglaterra entre Liverpool e Nottingham Forest, no estádio de Hillsborough. A entrada de uma imensa quantidade de torcedores provocou o esmagamento e a morte de um total de 96 pessoas (em 2021, a contagem é atualizada para 97 após a morte de um torcedor que sobreviveu em estado vegetativo em consequência desta tragédia-crime), com mais de 766 feridos, num dos maiores desastres do futebol mundial (SIMÕES, 2017, p. 118). Esta tragédia resultou em uma investigação que aponta a culpa para os torcedores do Liverpool e culmina na produção do Relatório Taylor, que sugere uma série de mudanças nos estádios de futebol ingleses. 23 anos mais tarde, este relatório é revisto e é constatada a culpa da polícia na ocasião, que responsabiliza os torcedores para encobrir as próprias falhas no processo ao se omitir na organização da entrada dos torcedores no estádio, permitindo a superlotação, e, posteriormente, não enviando ambulâncias ao local da tragédia. Em 2012, o primeiro ministro do Reino Unido, David Cameron, emite um comunicado oficial com pedido de desculpa aos torcedores e vítimas da tragédia que foram indiciados pela polícia (WILLIAMS, 2014).

ruidosos, antes eram responsáveis pela renda dos clubes, passam a ser considerados um problema pela nova lógica neoliberal higienista que almeja transformar torcedores em consumidores passivos de um futebol pensado como um produto televisivo, espetacularizado. Com isso, há uma transformação significativa na arquitetura dos estádios decorrente de demandas geradas pela estrutura necessária para a transmissão televisiva. Além disso, normas mais rígidas de segurança e a implantação de equipamentos limitadores da festa e da manifestação das torcidas impactam a capacidade dos estádios, reduzindo o público de forma significativa.

Este processo ocorre de forma paulatina ao longo de várias décadas até a atualidade. Uma síntese aparece no documento da FIFA (Federação Internacional de Futebol) que estipula regras e padrões para que a arquitetura de estádios seja considerada adequada para a realização de eventos esportivos organizados pela entidade (FIFA, 2011). O resultado é uma clara mudança formal nos estádios, o que provoca também uma alteração significativa no público alvo preferencial dos organizadores do futebol. Esta alteração no modelo dos estádios que passam ser mercantilizados e espetacularizados colocam o futebol em segundo plano (SIMÕES, 2023; FERREIRA, 2020). Como consequência, ocorre um aumento significativo no valor dos ingressos e a inserção de diversos elementos voltados ao consumo e ao conforto dos expectadores, o que provoca a elitização do público dos estádios e a expulsão de torcedores tradicionais de menor poder aquisitivo.

A Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, entre outros megaeventos esportivos, serviu como fenômeno acelerador de tendências neoliberais já em curso no Brasil (MASCARENHAS, 2014, p. 210), quando diversos estádios brasileiros foram submetidos a reformas que transformaram radicalmente a paisagem e as formas de apropriação do espaço. Com a onda de modernização ocorrida a partir da década de 1990 com base nas recomendações da FIFA, percebe-se a intenção de substituir a figura do torcedor frequentador de estádios por um novo público consumidor (MASCARENHAS, 2012a). Do exposto, é possível identificar um duplo caráter no processo de espoliação ocorrido a partir das transformações urbanas e arquitetônicas associadas aos estádios de futebol.

O primeiro se dá a partir da mercantilização do solo urbano amplamente difundida pelos incorporadores imobiliários e agentes do Estado e associados processos de transformação do espaço urbano e segregação socioespacial de estratos sociais

inferiorizados (SANTOS e TAVARES, 2011). A alteração na forma de ocupação urbana provoca a expulsão de camadas populares a partir da implantação de determinados tipos de empreendimentos – condomínios residenciais e comerciais, *shopping centers*, entre outros –, estimulada pela presença do estádio e melhorias urbanas a ele associadas, em regiões detentoras de configuração espacial particular. O Estado tem papel protagonista ao atuar na regulação da reprodução espacial por meio dos mecanismos de definição de uso e ocupação do território, muitas vezes defendendo renovações urbanas privilegiadoras da ação empresarial apropriadora da renda da terra – promotores imobiliários, concessionárias e prestadores de serviço, além de empreiteiras de obras públicas no contexto brasileiro (OLIVEIRA, 2015, p. 150).

Com o grande aporte de investimento em obras de urbanização e infraestrutura associado aos eventos esportivos, ocorre o aumento do preço da terra e do custo de vida nas regiões transformadas, inviabilizando a permanência da população de menor poder aquisitivo, seja para moradia ou seja para atividades de comércio e serviços. Operações urbanas oriundas da junção de interesses de agentes privados e de representantes do poder público se intensificam a partir da ascensão do empreendedorismo urbano descrito por David Harvey (2005) e associada mudança de paradigma no ponto de vista da gestão urbana.

A segunda forma de espoliação se dá no processo de desterritorialização promovido no lugar do futebol. Com a transformação dos estádios de futebol em arena multiuso⁷, verifica-se paulatinamente um processo de exclusão daqueles que antes frequentavam a arquibancada, os responsáveis por compor a festa coletiva do futebol que se dá nos estádios e seu entorno, em especial nos dias de jogos.

O movimento, originalmente popular, passa a ser substituído, ainda que de forma incompleta, por uma apropriação pautada por ideais do futebol enquanto mercadoria globalizada (SIMÕES, 2017); uma transformação ocorrida no edifício estádio e sobre o controle do território do entorno, provocando um reordenamento temporário, em especial durante eventos esportivos (MASCARENHAS, 2014). A influência dos mecanismos de controle territorial impostos aos estádios se estende à regulação e

⁷ São denominados arena multiuso os estádios construídos ou reformados que se inserem na lógica construtiva incentivada pela FIFA, que transforma o estádio de futebol em um complexo que engloba atividades de turismo, entretenimento e comércio não necessariamente vinculadas à prática do esporte. No Brasil, a atual Ligga Arena, também conhecida como Arena da Baixada, inaugurada em 1999 em Curitiba – PR, é considerada pioneira deste modelo de edificação no Brasil.

limitação do comércio popular de rua e à livre circulação. Em resumo, emerge uma nova territorialidade nos estádios caracterizada por diversas formas de limitação de acesso e de expressão popular, individual ou coletiva, “pelas restrições de portabilidade de inúmeros objetos e adereços, incluindo faixas e cartazes com conteúdo ‘político’” (GAFFNEY e MASCARENHAS, 2005), bem como a precificação dos ingressos, a implementação de tecnologias de biometria e reconhecimento facial, e mecanismos de vigilância dentro e fora das dependências do estádio. Mesmo a festa característica dos estádios de massa é prejudicada pelas limitações severas de comportamento dentro do estádio, com normas restritivas, vigilância onipresente e imposição da disciplinarização dos corpos. A partir da utilização de dispositivos de controle, a forma arquitetônica dos estádios de futebol desempenha papel relevante tanto na exploração da renda de monopólio quanto na implementação de ferramentas de controle.

Embora sejam amplamente difundidos na paisagem urbana, os estádios de futebol não estão inseridos no campo comum da produção social do espaço, por se tratar de exceção promotora de um tipo de valorização distinta da praticada pelo mercado imobiliário (ARANTES, 2010a), dirigida à produção residencial e comercial amplamente difundida e composta em sua maioria por edifícios residenciais ou comerciais. Trata-se de um objeto construído resultante e promotor de crescimento urbano ao desempenhar papel relevante na indução desse processo. Em geral, as obras não estão à disposição do mercado imobiliário, mas são utilizadas como estratégia de valorização de marcas e discursos e os estádios são reconhecidos como monumentos e atratores de uma renda distinta da renda fundiária, “uma renda monopolística intrínseca à sua forma arquitetônica única e espetacular” (ARANTES, 2010a, p. 2), na qual os edifícios são desenhados para circular como produtos publicitários, ou *logotectures*, como propõe Sydney Pollack⁸.

A forma arquitetônica não mais se limita à sua materialidade, é pensada para ser reproduzida enquanto imagem, discurso, ideologia, a expressão de um poder simbólico que a patrocina, onde a reprodutibilidade imaterial do objeto arquitetônico regressa à condição física de objeto construído (ARANTES, 2010a, p. 261). Este movimento constitui um ciclo com capacidade de gerar renda monopolista associada à forma arquitetônica a partir de seu caráter único e espetacular, cuja resultante é uma espiral de atração de pessoas, riquezas e negócios. É estabelecida então uma relação entre a

⁸ Termo introduzido no documentário *Esboços de Frank Gehry*, 2005 (ARANTES, 2010a).

obra original e a sua reprodução imaterial, potencializando a renda da forma, através da publicidade, da indústria do turismo, entre outros (ARANTES, 2010a, p. 261).

A sofisticação técnica ostensiva, a diferenciação das superfícies e a exuberância formal passaram a ser requisitos para constituir imagens arquitetônicas exclusivas, capazes de valorizar os investimentos e, consequentemente, as cidades que os disputam (ARANTES, 2010b, p. 86).

Além do caráter associado à competitividade econômica das cidades em um contexto global (VAINER, 2000, p. 78), esta “forma fetiche apaga as contradições das relações de produção inscritas na temporalidade do trabalho na espacialidade imóvel das formas plásticas” (FERRO, 2006, p. 302). No contexto dos estádios, o que antes era uma arquitetura marcada pela verdade dos materiais e racionalidade estrutural, condição substituída pela prevalência das superfícies, da leveza, ocultando as estruturas e, em última instância, o trabalho. Arantes (ARANTES, 2010b, p. 100) argumenta, essa nova arquitetura, constituída no aparato tecnológico, transforma o canteiro de obras em uma produção mecanizada, em que, de forma contraditória, as montagens ainda se baseiam em um processo artesanal, mas em que os operários não têm qualquer liberdade própria ao artesanato. Trata-se de uma produção não mais determinada a partir de soluções propostas para serem replicadas em grande escala, mas sim da exploração potencial da renda monopolista da mercadoria, com claro objetivo da produção da exclusividade, “de séries restritas e mesmo obras únicas, associadas às grifes dos projetistas e seus patrocinadores” (ARANTES, 2010b, p. 92).

Os megaeventos representam um marco no processo de modernização dos estádios brasileiros, no entanto, a difusão das arenas multiuso não se restringe a este contexto. Trata-se de um evento impulsionador de um modelo que segue vigente mesmo após a sua realização. O termo arena multiuso vem sendo utilizado como denominação para os novos estádios modernizados, construídos ou reformados e inseridos na lógica construtiva incentivada pela FIFA, que transforma o estádio de futebol em um complexo de atividades de turismo, entretenimento e comércio não necessariamente vinculadas à prática do esporte. No Brasil, a atual Ligga Arena, também conhecida como Arena da Baixada, inaugurada em 1999 em Curitiba – PR, é considerada pioneira deste modelo de edificação no Brasil.

Um exemplo marcante do processo de reforma e elitização é o estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã. Este passou por diversas reformas sob pretexto de adequações aos megaeventos esportivos que ocorreram no Brasil, como os Jogos Pan-Americanos

(2007), a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016). Antes do Pan ocorre uma primeira reforma eliminando a Geral, setor popular do estádio, constituída por uma pista em concreto sem assentos, que passa a dar lugar para ampliação de arquibancada com cadeiras. Mas a maior descaracterização, irreversível, é feita na reforma para a Copa do Mundo: a demolição da antiga marquise em concreto armado, apesar da suposta proteção por tombamento do IPHAN. Como o Maracanã, existem diversos outros exemplos no Brasil e no mundo de estádios descaracterizados por meio de reformas ancoradas no novo modelo de estádio imposto pela FIFA.

Gilmar Mascarenhas propõe uma síntese da intencionalidade subjacente ao modelo arena multiuso que vem dominando a lógica construtiva dos estádios na atualidade:

No plano arquitetônico, a tônica dominante é a ostentação monumental destes novos objetos icônicos. No aspecto funcional, prevalecem promessas de segurança, tecnologia e comodidade ao público assistente. No âmbito social, o novo conceito de estádio tende ao elitismo explícito. Na dimensão cultural, o banimento ou repressão ao amplo repertório de práticas coletivas, expresso em cantos e coreografias (MASCARENHAS, 2015).

As transformações na forma arquitetônica incidem diretamente sobre as formas de apropriação do espaço, em especial a partir das formas de espoliação que esta nova produção de arquitetura evidencia, como foi descrito anteriormente. A partir da argumentação de que as mudanças têm por objetivo oferecer mais conforto e segurança aos antigos frequentadores, o que se verifica na realidade é a transformação do perfil do público frequentador de estádio (CASTRO, 2016, p. 121). O estádio, outrora compreendido como lugar de realização de parcela da vida urbana (MASCARENHAS, 2015), da expressão popular, é transformado em palco de um espetáculo globalizado e higienizado, ancorado nas atividades de consumo e turismo em um espaço privatizado, elitizado e controlado.

Uma das primeiras formas de restrição estimulada pela produção de arenas multiuso se dá a partir da esfera econômica. Sob justificativa do alto custo de sua manutenção, ocorre o aumento do valor do ingresso e correspondente expulsão de torcedores com menor poder aquisitivo e tradicionalmente ocupantes das arquibancadas, até mesmo com a supressão de setores populares, de ingresso de menor custo em relação a outros setores dentro do estádio⁹. Paulatinamente, é perceptível a mudança no público nos

⁹ As reformas de diversos estádios brasileiros a partir do começo do século XX representaram o fim do setor popular que oferecia acesso ao estádio a preços muito inferiores ao que era praticado no restante dos setores dos estádios. Temos diversos exemplos como a Coréia do estádio Beira-Rio (2004, RS), a

estádios brasileiros que passam por transformações do tipo, afastando o público tradicional da classe popular e privilegiando uma classe média consumidora (SIMÕES, 2017), emergindo daí uma nova forma de ocupar os estádios a partir da espoliação da classe popular.

Ainda, o caso do Allianz Parque conta com a extração de renda a partir da comercialização dos *naming rights*¹⁰. Trata-se de uma prática completamente inserida na lógica da arquitetura como estratégia de valorização de marca (ARANTES, 2010a) das citadas *logotectures*. Ocorre aqui uma sobreposição da dimensão local do estádio até mesmo em seu nome tradicional para a utilização do nome de uma marca global¹¹.

A circulação e exposição como imagem no contexto do futebol globalizado justifica o uso destes edifícios monumentais enquanto vitrine, podendo servir ao interesse de corporações privadas, ou integrar uma estratégia de *citymarketing* (MASCARENHAS, 2014b, p. 32). Ainda, a reprodutibilidade imaterial da forma arquitetônica e das marcas regressa ao edifício em forma de “peregrinação de turistas” (ARANTES, 2010b, p. 87) para o reconhecimento do original e a participação no espetáculo do futebol, onde o consumidor, “solitário ou imerso em seu pequeno e ‘fechado’ grupo, contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário. Uma experiência [...] altamente lucrativa para os donos do espetáculo” (MASCARENHAS, 2014b, p. 32). O estádio, antes tido como local de pertencimento e expressão coletiva enraizado na cultura urbana, é inserido numa lógica que prioriza a experiência individual associada ao consumo.

É necessário discutir as intervenções e propor outras práticas para projetos de arquitetura em pré-existência de estádio. Não se trata da romantização ou do saudosismo da arquitetura de estádios considerados ultrapassados ou precários, que por muito tempo foram espaços restritivos à presença de mulheres, crianças, idosos e pessoas LGBTQIAP+, mas sim se opor ao modelo hiper-mercantilizado e com ideias restritas à venda do futebol como espetáculo para o cidadão consumidor (FERREIRA,

Geral do estádio Maracanã (2005, RJ) e do estádio Mineirão (2010, MG) e o Tobogã, no Estádio do Pacaembu (2019, SP).

¹⁰ Trata-se de um modelo de extração de renda em que os responsáveis pela venda oferecem a concessão para exploração da imagem da edificação a partir da sobreposição de seu nome com o nome associado a alguma marca, geralmente a partir de um contrato de exploração por período determinado. Trata-se de um modelo comum aplicado em arenas multiuso em todo o mundo.

¹¹ A mesma empresa se apropriou do nome de outro estádio, a Allianz Arena, situada em Munique, na Alemanha.

2020, p. 517), reprimindo a dimensão cultural e social associada ao esporte e privilegiando os aspectos ligados ao consumo e à ocupação passiva do espaço.

3 O LUGAR DO FUTEBOL NA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA E A ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA FERROVIÁRIA VALE DO RIO DOCE

Neste capítulo, pretende-se aprofundar as reflexões em torno do conceito-chave ‘lugar do futebol’ a partir de aplicação a um objeto empírico no contexto da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo. Inicialmente, a pesquisa desenvolvida pretendia englobar no recorte de estudo os principais clubes em atividade no contexto da Grande Vitória: Vitória Futebol Clube, Rio Branco Atlético Clube e Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce. Neste contexto, em janeiro de 2024 é iniciado o trabalho de campo em três estádios de futebol da Grande Vitória no contexto do Campeonato Capixaba de 2024: estádio Salvador Venâncio da Costa (Vitória F. C.), estádio Kleber Andrade (Rio Branco A. C.) e estádio Engenheiro Alencar de Araripe (Desportiva Ferroviária). Nesta primeira etapa, de reconhecimento do gramado, é utilizada a técnica de observação participante nos estádios em dias de jogo. Paralelamente, é realizada pesquisa bibliográfica e documental acerca do futebol profissional praticado na Grande Vitória, com foco na evolução urbana e constituição e trajetória de quatro estádios de futebol, os três citados acima e o pioneiro estádio Governador Bley¹².

Como previsto em um processo de investigação, a partir do avanço da pesquisa bibliográfica e documental, conversas informais e aproximação aos objetos de estudo no trabalho de campo, o fenômeno de interesse passa a ser confrontado. Neste contexto, a arquitetura de estádios – objeto de origem da discussão da dissertação – entra em segundo plano e adota-se uma nova categoria norteadora das observações e discussões: o lugar do futebol. Entende-se que a arquitetura faz parte do lugar, mas que o lugar não se resume a ela. Com isso, emerge a necessidade de ampliar a abrangência da análise para compreender o que compõe o lugar do futebol para além do edifício estádio, das transformações urbanas diretamente ligadas a ele e do jogo

¹² Profundamente associado à história do Rio Branco e do futebol capixaba, é considerado o primeiro estádio do Espírito Santo. Embora atualmente desativado, foi incluído na análise devido ao seu peso histórico. Sua relevância transcende a prática esportiva, representando um marco na consolidação do futebol no estado e no processo de configuração dos espaços urbanos ligados a essa atividade. A escolha se fundamenta em sua importância enquanto testemunho das transformações territoriais e culturais associadas ao esporte.

enquanto evento mobilizador. Em suma, o foco do sítio construído se desloca para as relações de apropriação e dominação presentes no lugar do futebol.

A partir da nova abordagem proposta, duas linhas de investigação se anunciam. A primeira, baseada no recorte original da pesquisa, objetiva a identificação das relações presentes no lugar do futebol no contexto do Espírito Santo a partir da articulação entre os clubes com base em sua inserção territorial através dos estádios de futebol. A segunda, baseada na restrição do recorte de investigação à Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, busca aplicar em um objeto concreto a noção de lugar do futebol aqui desenvolvida. A escolha do clube se justifica pelo cenário identificado a partir da pesquisa bibliográfica e documental, que evidencia processos pelos quais o clube passou desde a origem e que explicitam a complexidade do lugar do futebol, com acontecimentos passados e presentes que refletem transformações ocorridas no lugar do futebol no contexto brasileiro de forma ampliada, com destaque às relações do mundo do trabalho com o futebol e as discussões em torno de diversos modelos de organização de associações civis no contexto dos clubes de futebol.

Com isso, opta-se pela adoção de uma abordagem abrangente acerca do futebol na Grande Vitória, com objetivo de apresentar um contexto do futebol local e a história da cidade contada sob a ótica de quatro canchas¹³. Em seguida, adota-se abordagem aprofundada acerca da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, desde a formação do clube à contemporaneidade, com objetivo de apreender as transformações do modelo associativo e do lugar do futebol na longa duração, identificando as continuidades e as perdas.

O conteúdo do capítulo é organizado em quatro itens norteadores. O primeiro, **“O lugar do futebol na Região Metropolitana da Grande Vitória: como as canchas contam uma história da cidade”**, busca compreender as transformações territoriais sob a ótica do papel do futebol na produção social do espaço. Esse item elabora uma contextualização relevante para entender a reprodução espacial do futebol capixaba e o meio no qual a Desportiva Ferroviária está inserida.

¹³ O termo *cancha* é utilizado para designar um espaço destinado à prática de esportes, incluindo o futebol. A escolha desse termo se justifica pela compreensão de que os locais descritos e analisados na dissertação extrapolam a definição convencional de estádio de futebol. Trata-se de um conceito mais abrangente, capaz de englobar sítios físicos cuja relevância já estava estabelecida mesmo antes da adoção de uma tipologia arquitetônica específica.

O segundo item, **“O bairro, a ferrovia e o clube: surgimento e trajetória da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce”**, é um produto descritivo que narra a trajetória do clube. Baseando-se na pesquisa realizada, o item enriquece os dados bibliográficos e documentais com relatos de pessoas envolvidas com a história do clube, compondo uma visão mais ampla e detalhada.

Para facilitar a identificação das localidades mencionadas ao longo do texto, recomenda-se a consulta ao mapa disponível no Apêndice A. As imagens apresentadas no texto são identificadas por números ou letras correspondentes, que correspondem à legenda do mapa referido, permitindo a associação direta entre as localizações geográficas e as imagens exibidas. O mapa de situação tem como objetivo contribuir para a compreensão do lugar do futebol na Região Metropolitana da Grande Vitória, destacando as transformações ocorridas no sítio físico, as perdas e as resistências observadas na longa duração.

O terceiro item, **“Trabalho de campo e apontamentos metodológicos”**, apresenta as ferramentas metodológicas utilizadas para a aproximação e aprofundamento da história e memória da Desportiva Ferroviária. São descritas as etapas de pesquisa de trabalho de campo e entrevistas, além de relatos que registram escolhas feitas ao longo da pesquisa com base nas experiências do campo.

Por fim, o quarto item, **“Por uma representação do lugar do futebol a partir comunidade grená”**, apresenta um produto descritivo-analítico. Nele, são descritos aspectos e eventos relevantes da trajetória da comunidade grená com base em relatos orais, evidenciando as relações de apropriação e dominação do lugar do futebol sob a perspectiva da comunidade.

Em conjunto, os segmentos descritos permitem uma compreensão profundada do estágio atual da Desportiva Ferroviária, tanto em sua inserção no cenário local quanto nacional, constituindo um elemento essencial para as proposições a serem desenvolvidas no Capítulo 4.

3.1 O LUGAR DO FUTEBOL NA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA: COMO AS CANCHAS CONTAM UMA HISTÓRIA URBANA

Ao narrar a história do futebol, é possível captar diversas facetas das configurações e dinâmicas territoriais. Contudo, esse aspecto frequentemente recebe pouca atenção na historiografia, permanecendo em segundo plano diante de outras abordagens mais corriqueiras. No entanto, é impossível dissociar o processo de difusão global do futebol das lógicas presentes no território, sobretudo na rede urbana, conforme aponta Mascarenhas (p. 179). O reconhecimento deste fato evidencia um campo de investigação amplo e diverso, em constante transformação. Para compreender o lugar do futebol na contemporaneidade, é necessário remontar as suas origens no território.

No início do século XX, um dos caminhos de chegada do futebol ao Brasil se dá por meio do contato direto de jovens da elite local com o esporte durante viagens à Europa. Como consequência, durante um período, sua prática é quase exclusiva das camadas mais altas da sociedade. Nesse contexto, o futebol no Brasil se estabelece como uma ferramenta de distinção de classe, especialmente nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, a influência das elites brasileiras na disseminação do futebol não se limita às grandes capitais. Ela também alcança centralidades menores, onde dita os rumos culturais e esportivos das elites locais, como é o caso de Vitória, capital do Espírito Santo. O primeiro registro de sua inserção na região se dá por meio do contato indireto, através de jovens da elite capixaba que estudavam no Rio de Janeiro e retornavam à cidade com materiais e conhecimentos relacionados à nova prática esportiva que cada vez mais conquistava adeptos.

Concomitantemente, a infraestrutura urbana de Vitória passa por significativa transformação, abandonando traços da antiga cidade colonial em nome de um novo projeto de modernidade, com a implementação de melhoramentos urbanos até então inexistentes, como água encanada, redes de esgoto, energia elétrica, bondes elétricos, entre outros (VASCONCELLOS, 1993). Ainda, são intensificadas iniciativas dos governos locais no sentido de criar espaços públicos com o intuito de construir um novo cotidiano aos habitantes, pautados pelos ideais modernizadores em voga. A transformação do estilo de vida sedentário, algo marcante no período colonial, para um maior apreço por atividades atléticas e um estilo de vida mais ativo, exerce grande influência na difusão de diversas modalidades esportivas no Brasil (MASCARENHAS, 2014).

Neste contexto, o futebol é introduzido no Espírito Santo, exercendo importante influência na ocupação urbana da capital em franco processo de transformação e superação do traçado colonial. Ainda na década de 1910, tem-se o registro de fundação de dois tradicionais clubes de futebol na cidade que seguem em atividade¹⁴: *Football Club Vitória* (1912), *Juventude e Vigor/Rio Branco Football Club*¹⁵ (1913). Além da prática entre jovens da elite, o futebol começa a se popularizar nas escolas e entre jovens de outras camadas sociais, com a prática improvisada, utilizando bolas de meia ou de bexigas de boi (GOMES FILHO, 2002, p. 10). Mesmo antes do surgimento de clubes oficiais, o futebol se torna uma febre e é responsável pelo surgimento de times como o XV de Novembro e Sul América, oriundos do *Gymnasio Espírito-santense*, escola secundarista da capital (MARQUES, 2012). O surgimento de clubes oficiais em Vitória está relacionado profundamente à prática do futebol nas escolas, que foram responsáveis pela difusão do esporte para além dos limites das instituições. Existem registros oficiais que apontam a prática do esporte desde 1908, além de vestígios anteriores, datados de 1906 (SILVA, 1998). A prática nas escolas, considerada amadora e muitas vezes sem o conhecimento das regras do esporte, não impede o surgimento de uma profusão de campos de futebol nos vazios urbanos da cidade, em áreas abertas e planas, delimitados por fios de arame corrido e com áreas improvisadas aos espectadores, sem outros limites externos, ligados aos diversos times que surgiam na cidade (Moscoso, Barroso, Campos Sales, entre outros). Em pouco tempo, a participação no futebol local constitui uma rede de sociabilidade essencial na cidade, compondo uma complexa trama de relações e significados que seria ampliada ao longo do tempo.

Neste contexto incipiente se identifica uma das principais características do lugar do futebol: a vinculação territorial dos times com um local e a constituição de rivalidades e alteridades. Na época, cada time de várzea tinha sua cancha, que dificilmente era compartilhada com outros e, por vezes, se transformava em objeto de conflito. Dessas

¹⁴ Além do Rio Branco, outros clubes marcaram presença no cenário esportivo capixaba, como o Clube de Regatas Saldanha da Gama e o Clube de Regatas Álvares Cabral. Um exemplo curioso foi o Rui Barbosa, um time de futebol de vida efêmera, formado por jovens que haviam sido excluídos do Vitória (GOMES F., 2002, p. 10, 13). Diferentemente do Rio de Janeiro, onde muitos clubes de remo incorporaram o futebol em suas atividades, no Espírito Santo esses esportes seguiram trajetórias distintas. Havia uma forte rivalidade entre o futebol e o remo, sendo este último mais popular na época, contando inclusive com maior cobertura da imprensa.

¹⁵ O clube foi originalmente fundado com o nome Juventude e Vigor. Somente em 1914 adotou o nome Rio Branco, uma homenagem ao chanceler José Maria da Silva Paranhos Júnior.

áreas, destaca-se o campo das *salinas*, em Jucutuquara, onde posteriormente seria implantado o estádio Governador Puñaro Bley (1936).

O *Foot-Ball Club Victoria* é considerado o clube mais antigo do Espírito Santo, fundado em 1912 por alunos do *Gymnasio Espírito-santense*, local pioneiro na prática do futebol no Espírito Santo. Ainda, atribui-se a Nelson Monteiro, um dos fundadores do *Victoria*, a chegada de uma das primeiras bolas vistas no Espírito Santo, oriunda do Rio de Janeiro. Além do interesse pelo futebol, parte dos fundadores do clube eram integrantes de outras agremiações esportivas, os clubes de regatas Saldanha da Gama e Álvares Cabral, rivais e responsáveis por popularizar as disputas de remo na capital capixaba. Considerado o time da elite local, para se associar e jogar no *Victoria* era necessário ter o nome aprovado pelos membros da equipe, que restringiam seus participantes a pessoas brancas e ricas. Essa restrição e caráter elitista do clube pioneiro resulta no surgimento de outros times na capital, com destaque ao *Juventude e Vigor* (1913), uma das agremiações de maior longevidade entre os diversos clubes fundados no começo do século XX.

A primeira cancha do *Victoria Foot-ball Club* é conhecida como *Campo do Stand*. Apesar dos registros oficiais que atestam a sua existência, não há qualquer documentação que indique a localização precisa do campo. Segundo Marques (MARQUES, 2012), o campo é situado em região próxima ao atual Bairro de Lourdes, em área destinada à prática de tiro, inserida nos limites da fazenda Fazenda Maruípe, então propriedade de herdeiros do Barão Monjardim. Ainda, outro campo é utilizado pelo *Victoria* no começo do século XX. Este, localizado no bairro de Santa Lúcia¹⁶, até 1918 é considerado o principal da cidade, cercado de zinco, com uma arquibancada composta por degraus de madeira cobertos (SILVA, 2010, p. 162).

Considerado o segundo clube mais antigo do Espírito Santo, o *Rio Branco Foot-ball Club* é fundado com o objetivo de praticar o futebol "oficial", diferenciando-se das populares "peladas". Sua formação reúne jovens estudantes e trabalhadores, majoritariamente de origem proletária e provenientes dos subúrbios, que estavam excluídos tanto do *Victoria Foot-ball Club*, tradicional equipe da elite local, quanto dos times escolares, como o XV de Novembro e o Sul América (GOMES FILHO, 2002, p.

¹⁶ Após a saída do Vitória F. C., o campo é assumido pelo Santa Cruz Futebol Clube, um tradicional time amador da capital (SILVA, 2010). A situação perdura até 2014, quando o terreno é desapropriado pela União em razão das dívidas acumuladas pelo clube.

13). O clube é fundado em 1913 com o nome *Juventude e Vigor*, no entanto, no ano seguinte o nome da agremiação é alterado para *Rio Branco Foot-ball Club*.

Inicialmente, o clube utiliza campos dispersos, localizados em vazios urbanos¹⁷, até ocupar a área conhecida como "salina" em 1916, situada em Jucutuquara¹⁸. "Ali na salina, que ainda hoje é escola de bons jogadores, armavam-se de cada lado dois bambús, fincados no sólo e faziam uma linha por cima com fieira" (O INÍCIO [...], 1926). À época, a região era parcialmente coberta por mangue, o que exigiu aterros para torná-la adequada à prática do futebol. Ainda, apesar da ocupação, a área não era de propriedade do clube, o que anos mais tarde provocaria tensões entre os rivais *Victoria* e *Rio Branco*, em disputa pelo uso e propriedade do campo.

Relatos da época evidenciam as condições improvisadas sob as quais o futebol era praticado no início do século nos primórdios da oficialização do esporte. Somente em 1917 é fundada a primeira liga local, a *Liga Sportiva Espírito Santense*¹⁹ (LSES), a partir de um acordo firmado entre os clubes *Vitória Foot-ball Club*, *Rio Branco Foot-ball Club*, *América Foot-ball Club*, *Moscoso Foot-ball Club* e *Barroso Foot-ball Club*.

Em 1919, o Rio Branco inaugura no campo da "salina" o seu *Estádio de Zinco*, que passa a ser considerado a principal praça esportiva na cidade, recebendo também partidas de outras equipes²⁰, além de outros eventos cívicos e de lazer da cidade. A cancha contava com arquibancada, camarote, geral, vestiários para os jogadores e um elogiado gramado, com nivelamento e dreno adequados à instalação de um campo de futebol (O INÍCIO [...], 1926). Apesar da sua relevância à vida pública da cidade, somente um registro fotográfico do local resistiu ao tempo (Figura 1).

¹⁷ Antes da ocupação do terreno da antiga "salina", o Rio Branco passa um período de peregrinação até se assentar no Campo Salles, em Bom Retiro, Vila Velha. Na época, este distanciamento de Vitória é apontado como um problema: "O Rio Branco [...] ia perdendo nos ensaios o seu característico entusiasmo, devido ao grande afastamento deste campo" (Periódico O Curioso *apud* GOMES FILHO, 2002).

¹⁸ O surgimento da cancha antecede à formação do bairro homônimo, que se acentua em 1924 com a construção de uma vila operária na região.

¹⁹ A LSES permanece sob esta alcunha até 1938, quando o nome é alterado para Federação Desportiva Espírito-Santense. Em 1984 ocorre mais uma alteração e esta passa a ser chamada Federação de Futebol do Estado do Espírito Santo, nome adotado até hoje.

²⁰ Apesar do pertencimento territorial característicos da relação entre os clubes/times amadores e suas canchas, a infraestrutura oferecida pelo Estádio de Zinco era considerada um atrativo ao local, ocasionando na utilização deste equipamento por outras equipes em jogos de maior apelo popular.

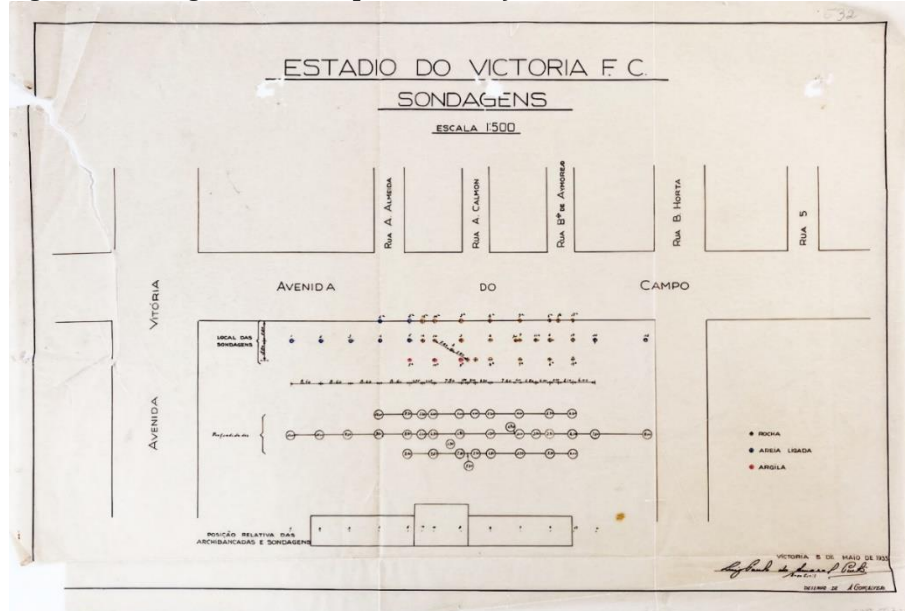
Figura 1. Foto do antigo *Estádio de Zinco* durante desfile escolar. 1932.



Fonte: (SILVA, 2010, p. 182)

Em 1930, é noticiada a existência de planos em estágio avançado da prefeitura para a construção de um estádio para o *Victoria Foot-ball Club* no local do Estádio de Zinco, incluídos projetos já desenvolvidos²¹.

Figura 2. Sondagem realizada para construção do estádio do Victoria F. C. 1933.



Fonte: Acervo do Arquivo Geral Municipal de Vitória.

O Estádio de Zinco era o mais estruturado do Espírito Santo, no entanto, havia o reconhecimento de que este estava aquém do potencial do futebol local e da relevância

²¹ Em uma edição do periódico *Diário da Manhã*, publicado em 1930, tem-se menção do projeto de um estádio entre as atividades desenvolvidas pela Comissão de Melhoramentos da Victoria (COMISSÃO..., 1930, p. 13).

atribuída ao lugar, com duras críticas veiculadas na imprensa, considerando-o pequeno e obsoleto.

A grande falta de que nos ressentíamos vai ser sanada. Não há justificativa para o fato de terem governos anteriores se descurado da construção de um campo para esportes. O Estado tinha magnífica receita, todas as possibilidades econômicas estavam em condições folgadíssimas.

O estímulo governamental só consistia, apenas, no oferecimento de alguns troféus. Não seriam mil e poucos contos gastos num "stadium" moderno, que levariam o Estado a um desequilíbrio financeiro [...].

Corávamos de vergonha quando recebíamos uma embaixada de fora e que lhe mostrávamos o nosso "stadium". Para distrair o fiasco, dizemos aos visitantes que aquilo era provisório, que já o governo estava agindo para fazer uma obra suntuosa... Já tínhamos vergonha de mentir... por necessidade. Agora poderemos afirmar que iremos ter um campo de esportes digno do Espírito Santo.

Não mais teremos vexames de receber embaixadas, com aquele galinheiro de Jucutuquara (ATÉ..., Diário da Manhã, 1930)²².

Os planos de posse do terreno identificado com o Rio Branco, formulados pela prefeitura municipal em benefício de seu maior rival, não foram bem recebidos pelo clube. No entanto, dirigentes do Rio Branco conseguem reverter a situação, evitando a saída do clube de sua casa (SILVA, 2010). Apesar da ocupação antiga, somente em 1934 o terreno do Estádio de Zinco é doado ao Rio Branco (Decreto Estadual Nº 4.969/34), a partir da mobilização contra a possível retirada do clube do bairro de Jucutuquara (SILVA, 2010, p. 172). Neste contexto, em 1935, o engenheiro Álvaro Sarlo projeta e calcula um novo estádio para o *Rio Branco Foot-ball Club*, construído por Camilo Giarnordoli, construtor licenciado responsável por muitas obras em Vitória. A construção ocorre a partir da contribuição financeira, de materiais e de mão-de-obra de apoiadores do projeto do estádio, além da participação do Estado e da Prefeitura Municipal de Vitória, sobretudo no fornecimento de materiais como ferro, cimento, tijolo, entre outros.

²² O artigo transcrito faz referência à construção do estádio do *Victoria Foot-ball Club* em Jucutuquara, o que mobilizou os esforços da diretoria do Rio Branco pela manutenção do terreno.

Figura 3. Vista de Jucutuquara, com destaque para as Casas dos Funcionários e, à direita, o estádio Governador Bley em construção, com uma placa indicando os responsáveis pela obra. 1936.



Fonte: Acervo do Arquivo Geral Municipal de Vitória.

Figura 4. Operários trabalhando na construção do estádio Governador Bley, em Jucutuquara. 1936.



Fonte: Acervo do Arquivo Geral Municipal de Vitória.

O estádio conta com uma arquibancada em concreto armado, sem colunas, um marco tecnológico à época (SILVA, 2010, p. 171). Além dos avanços tecnológicos ligados à obra, o estádio é tido como pioneiro na capital de uma tendência que seria difundida nacionalmente.

Apesar do apoio recebido, o Rio Branco não consegue evitar o endividamento decorrente do alto custo do empreendimento, sendo necessário recorrer a dois empréstimos para viabilizar a conclusão da obra do estádio. No dia 30 de maio de 1936 é inaugurado em Jucutuquara, no mesmo local do Estádio de Zinco, o estádio Governador Bley.

É quase inacreditável que estejamos apenas por poucas horas para vermos realizado o maior sonho do mundo esportivo capixaba! Dentro de 24 horas, Victoria possuirá um estádio! E esse estádio será o 3º do Brasil em sumptuosidade. Só dois o superam. E esses dois estão no Rio de Janeiro. O do Vasco e do Fluminense (DIÁRIO DA MANHÃ, 1936).

Até 1938, quando ocorre a inauguração do estádio Pacaembu²³ em São Paulo, é considerado o terceiro maior estádio do Brasil, depois de o estádio de São Januário (Rio de Janeiro) e do estádio das Laranjeiras (Rio de Janeiro). Além de jogos de futebol, o estádio Governador Bley é importante palco de eventos cívicos e atividades de lazer (SILVA, 2010, p. 167).

Figura 5. Estádio Governador Bley. Ao fundo, o ‘morro do Rio Branco’, onde as pessoas se reuniam para assistir partidas no estádio. Final da década de 1930.



Fonte: Acervo do Arquivo Geral Municipal de Vitória.

Além dos custos remanescentes da construção do estádio, as dificuldades financeiras do clube são agravadas com a ascensão do profissionalismo no futebol (SILVA, 2010, p. 176) e pelos custos de manutenção do novo estádio (GOMES FILHO, 2002, p. 68),

²³ O estádio Pacaembu é tido como a primeira iniciativa estatal na construção de estádios no contexto brasileiro. Mascarenhas atribui a estes esforços um papel de regulação social e controle de massas (MASCARENHAS, 2014, p. 165).

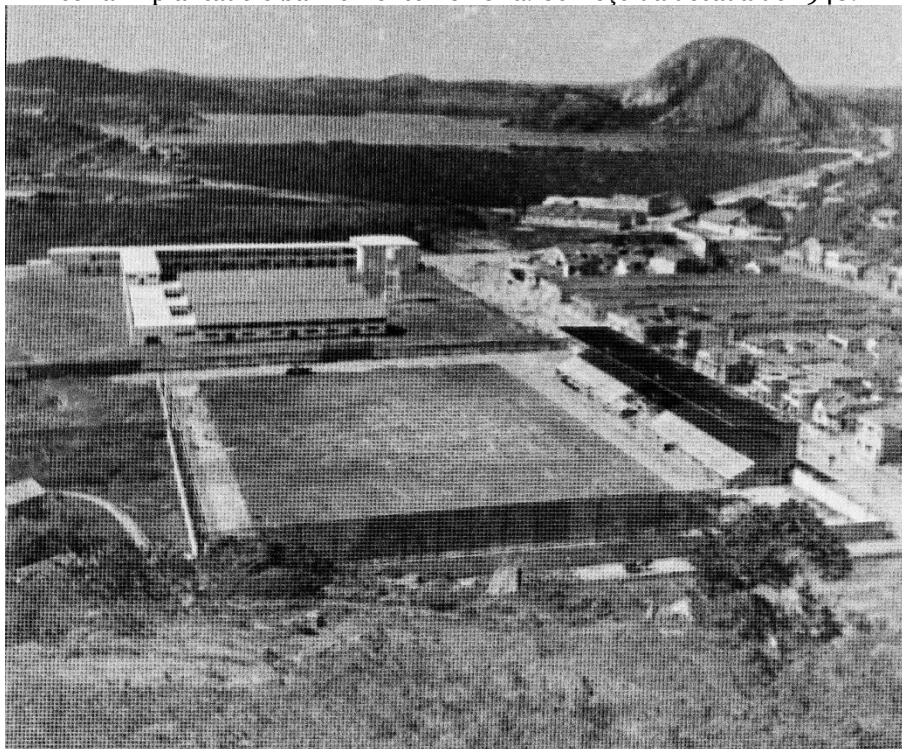
resultando na perda do estádio no ano de 1939, quando passa a ser administrado pela Federação de Desportos Espírito-santense (FDE) e transformado em sede da Escola de Educação Física, servindo como palco para jogos de futebol de todas as agremiações capixabas, incluindo o Rio Branco.

Figura 6. Acima, fachada principal do estádio Governador Bley; abaixo, melhorias urbanas realizadas na avenida Adalberto Torres. Final da década de 1930.



Fonte: Acervo do Arquivo Geral Municipal de Vitória.

Figura 7. Estádio Governador Bley. Ao fundo, manguezal onde posteriormente seria implantado o bairro Bento Ferreira. Começo da década de 1940.



Fonte: Acervo do Arquivo Geral Municipal de Vitória.

Mesmo com a profunda ligação histórica entre o estádio Governador Bley e o Rio Branco, o estádio se consolida como a casa do futebol capixaba. Assim, ele mantém seu papel protagonista no cenário urbano de Vitória, recebendo tanto partidas de futebol quanto eventos cívicos, embora a relação com o Rio Branco e sua comunidade sofra transformações significativas.

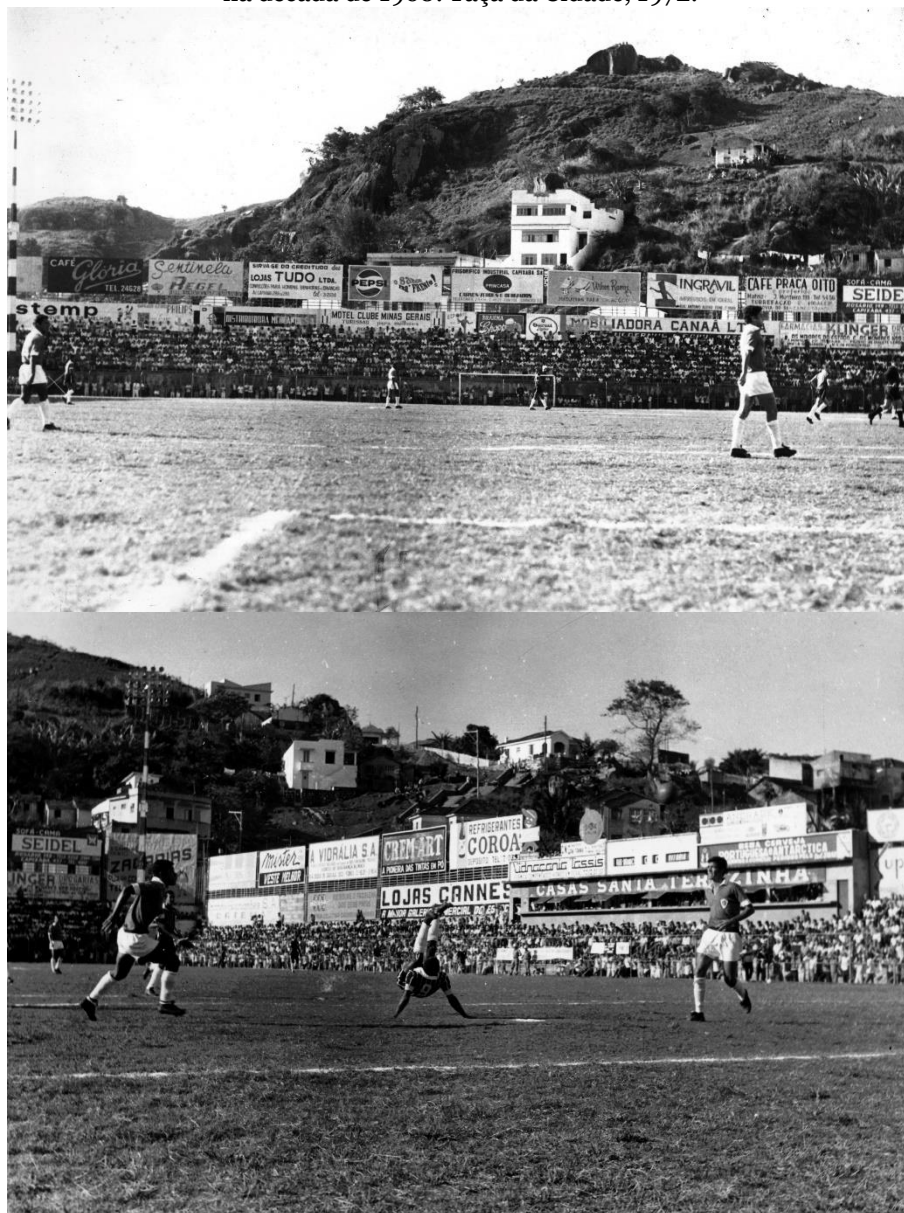
Anos mais tarde, em 1958, o clube recupera a cancha por meio de um acordo que envolvia o compromisso de quitar suas dívidas com o Estado (SILVA, 2010, p. 179). Como parte do pagamento, o Rio Branco cede ao governo o terreno da Bomba²⁴, onde haviam planos para a construção de um novo estádio (GOMES FILHO, 2002). Em 1961, a transição é consolidada e, com o estádio plenamente sob seu domínio, o clube inicia uma série de reformas e ampliações nas instalações.

As melhorias incluíram a recuperação completa do gramado, a manutenção das estruturas existentes, a instalação de um novo sistema de drenagem, além da modernização dos sistemas de água e esgoto. Também foram construídos um novo vestiário para a arbitragem, com passagem subterrânea, seis cabines para a imprensa,

²⁴ Trata-se do terreno onde atualmente está localizada a Rádio Espírito Santo. Ver mapa de situação do Apêndice A, item 8 da legenda.

um lance de arquibancada sob as cabines, dois bares na geral e dois banheiros nas arquibancadas. Além disso, o estádio ganhou uma tribuna para autoridades e uma tribuna de honra. Nas instalações originais do estádio Governador Bley, foram realizadas a limpeza e a impermeabilização da marquise de concreto armado (GOMES FILHO, 2002).

Figura 8. Ampliações na arquibancada realizadas no estádio Governador Bley na década de 1960. Taça da Cidade, 1972.



Fonte: Acervo do Arquivo Geral Municipal de Vitória.

Apesar da grandiosidade da reconquista do estádio, o retorno à casa não perdura durante muito tempo. Em meados da década de 1960, o interesse da então Escola Técnica Federal do Espírito Santo na incorporação da área do estádio ao campus provoca a desapropriação do estádio Governador Bley, consolidada em 1973 (SILVA,

2010; GOMES FILHO, 2002, p. 71). Durante o prazo para deixar o local, o clube compra área em Campo Grande, Cariacica, onde inicia a construção do estádio Kleber Andrade, em homenagem ao presidente responsável pela compra do terreno.

Figura 9. Um dos últimos registros do estádio Governador Bley em atividade, na ocasião da Taça da Cidade. 1972.



Fonte: Acervo do Arquivo Geral Municipal de Vitória.

Este desfecho, entretanto, gera insatisfação entre a comunidade capa-preta²⁵, que se vê forçada a renunciar ao estádio Governador Bley, um espaço que simboliza parte importante da memória e conquistas do clube. Diferentemente de situações anteriores, em que o clube segue utilizando o estádio, a incorporação do estádio pela Escola Técnica não apenas o retira do uso do clube, mas também encerra sua ligação com o futebol capixaba de clubes, deixando um vazio simbólico em um espaço que outrora fora pulsante de significado e identidade. Em suma, resta o lugar do futebol alijado da sua razão de ser, da comunidade e do jogo. Vale aqui a reflexão de Eduardo Galeano em seu livro *Futebol ao Sol e à Sombra*: “Você já entrou, alguma vez em um estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém” (GALEANO, 2019, p. 26). O relato de Ivan Borgo em seu livro *Recordações do futebol de Vitória* dá conta da angústia da perda do estádio àquele momento:

Alguns anos depois, a transferência do Rio Branco para Campo Grande. Nada contra aquele bairro simpático do município de Cariacica. Mas ocorre que ele nada tem a ver com o Rio Branco. Tentaram fazer com nosso time uma operação impossível: o transplante de alma. Venderam o Estádio para a Escola Técnica e compraram um terreno nos ermos de Campo Grande. [...] Passaram o

²⁵ Apelido atribuído aos torcedores do Rio Branco.

bisturi na alma do Rio Branco, que sempre habitou o bairro de Jucutuquara, e a levaram para longe. O Rio Branco feneceu como uma flor arrancada. Não conheço esse novo Rio Branco e até hoje não fui ao seu novo campo. Não por birra, mas por falta de interesse. É até possível que esse neo-Rio Branco chegue a ser campeão Brasileiro, mas trata-se de outro time cujo original vaga em espírito nas tardes quietas, tristes e vazias do Estádio Governador Bley (BORGO, 2015, p. 37-38).

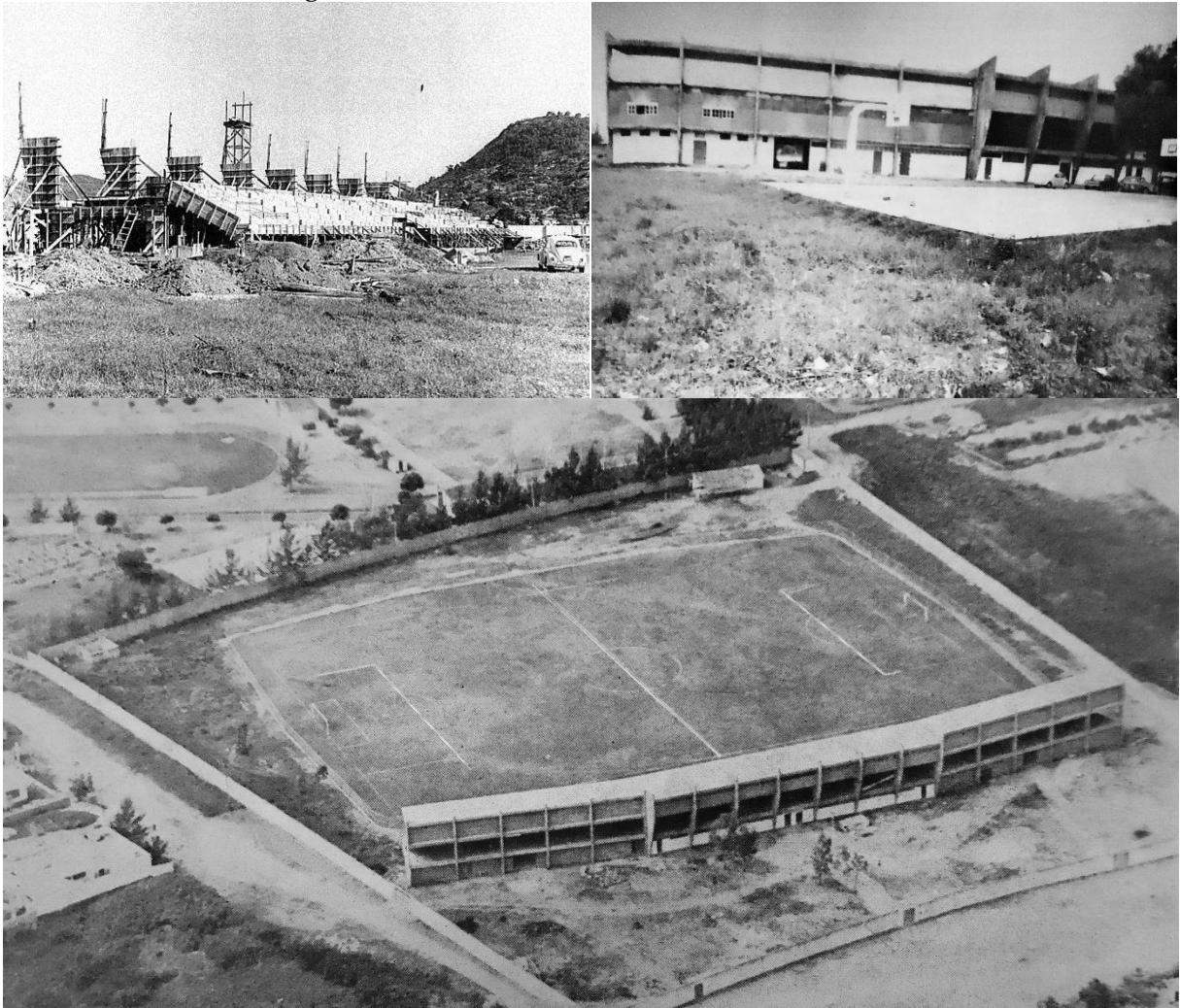
A década de 1960 é um período de significativas transformações no cenário capixaba em relação às canchas esportivas. Enquanto o Rio Branco enfrenta o risco de mais uma perda do estádio Governador Bley, o Vitória conquista o terreno e inicia a construção do estádio Salvador Venâncio da Costa, no bairro Bento Ferreira. Paralelamente, em Cariacica, é erguido o estádio Engenheiro Alencar de Araripe²⁶, que seria, por muitos anos, a principal praça esportiva e o maior espaço para eventos cívicos da Região Metropolitana da Grande Vitória.

A construção do estádio do Vitória ocorre após o clube receber do Governo um terreno no bairro Bento Ferreira, como compensação pela desapropriação de uma área anteriormente adquirida. O bairro em questão surge a partir do Plano Agache, elaborado na década de 1940, que propõe uma porção de aterros na ilha, onde um dos objetivos consistia em expandir a área urbanizada de Vitória. Até meados da década de 1950, a região era coberta por manguezal, apenas no governo Jones dos Santos Neves (1951-1954) é iniciado o processo de drenagem, aterro e urbanização, com previsão de ocupação por instituições do governo e propriedades privadas (SILVA, 2016) voltadas a um público de renda média-alta (ABE, 1999, p. 527). No período de construção do estádio, a ocupação do bairro Bento Ferreira ainda era incipiente. A consolidação do bairro ocorreria nos anos seguintes, marcada pela predominância de edifícios institucionais e residências unifamiliares.

Com isso, entre 1962 e 1967, é construído um estádio de dimensões modestas, com arquibancada longitudinal que domina todo o volume da edificação, com estrutura e cobertura em concreto armado que conferem unidade à edificação. O financiamento da obra é realizado a partir da emissão de carnês, rifas e vendas de títulos. No entanto, mesmo com esses esforços, os recursos arrecadados são insuficientes. Com isso, ao término da construção, o clube enfrenta um grave abalo financeiro (SILVA, 1998).

²⁶ A Desportiva Ferroviária e o estádio Engenheiro Araripe, embora sejam figuras centrais no contexto do futebol capixaba, não serão abordados neste tópico. Sua relevância justifica um tratamento mais aprofundado em item próprio, dada sua importância central para o desenvolvimento e as reflexões desta dissertação.

Figura 10. Estádio Salvador Venâncio da Costa em obra



Fonte: revista Vida Capixaba, 1967.

Na década de 1970, o Rio Branco se mobiliza para a construção de seu terceiro estádio, desta vez no terreno localizado em Campo Grande, Cariacica. Inspirado pelo contexto da época, o clube propõe um projeto ambicioso: a criação do primeiro estádio de massas do Espírito Santo. Entre as décadas de 1950 e 1980, consolida-se no Brasil uma tendência à construção de grandes estádios, marcada pelo protagonismo do governo em idealizar esses empreendimentos. Esse movimento teve como marco inicial o icônico Maracanã, no Rio de Janeiro e resultou em uma rede de estádios com capacidade superior a 50 mil pessoas, difundida por todo o território nacional (MASCARENHAS, 2014, p. 165).

Com isso, o Rio Branco desenvolve uma proposta ambiciosa: a construção de um estádio com capacidade para quase 80 mil pessoas, que o posicionaria como o terceiro maior estádio particular do país. O projeto previa uma praça esportiva olímpica, integrando não apenas o campo de futebol, mas também uma pista de atletismo,

alojamento com capacidade para 128 atletas e diversas salas especializadas, como as destinadas a cirurgia, raio X, sauna, fisioterapia, massagens e oxigênio central. Para o público, o plano incluía arquibancadas, cadeiras cobertas e cativas, setor geral, tribuna de honra, além de bares e um espaço multifuncional para eventos, como jogos, festas e grandes reuniões. Paralelamente, a campanha de arrecadação também contemplava a construção de um clube social e esportivo no bairro Santa Maria, em Vitória.

Figura 11. Materiais de divulgação da campanha de financiamento do novo estádio do Rio Branco em Campo Grande, Cariacica. Década de 1970.



Fonte: Publicação desconhecida (Disponível em blog Manto Capa Preta).

O projeto é divulgado e a arrecadação pública é iniciada. Contudo, logo no início das obras, os planos do clube são frustrados: descobre-se que o terreno contém uma pedra de grandes dimensões, cuja remoção, não prevista no orçamento, consome uma parte substancial dos recursos originalmente destinados à obra. Esses recursos incluíam o montante arrecadado com a venda do estádio Governador Bley, além da venda de títulos, camarotes e cadeiras numeradas sociais (SILVA, 2010, p. 180). Ainda, a

inflação corrente no período contribui para acelerar o processo de deterioração da renda arrecadada (UM SONHO..., 1982, p. 14). Diante das limitações financeiras, o estádio é parcialmente inaugurado em 7 de setembro de 1983, com a promessa de que seria finalizado de forma gradual. Até então, apenas parte da arquibancada, sem cobertura, e o setor geral haviam sido concluídos, além de estruturas essenciais para o funcionamento básico do estádio de futebol.

Figura 12. Estádio Kleber Andrade antes da inauguração parcial. 1983.



Fonte: Jornal A Gazeta, setembro/1983.

Figura 13. Estádio Kleber Andrade três anos após a inauguração. Destaca-se o barranco ao redor da arquibancada, ainda inacabada. 1986.



Fonte: Marco Antonio Cavalcanti. Seção *Imagens de Placar*, Revista Placar, outubro/1986.

Anos mais tarde, após a consolidação do estádio como novo espaço de lazer na Região Metropolitana da Grande Vitória, a área onde ele se localiza é desmembrada do bairro Campo Grande e passa a ser oficialmente denominada bairro Rio Branco²⁷, em

²⁷ Não há registros que indiquem o momento exato em que o nome do bairro foi alterado. Sabe-se apenas que essa mudança ocorreu antes do ano 2000, quando foi oficialmente criada uma associação de moradores vinculada ao bairro Rio Branco.

homenagem ao clube. Apesar dos desafios enfrentados durante a construção, o estádio desempenha um papel significativo no desenvolvimento da região, antes caracterizada como uma zona de transição rural-urbana. Sua presença impulsiona o crescimento da ocupação local, especialmente por residências unifamiliares ou multifamiliares, contribuindo para a expansão e a consolidação urbana do entorno.

Além dos desafios enfrentados durante a execução da obra, o momento de instabilidade vivido pelo futebol capixaba agravou ainda mais a crise do clube. O esvaziamento do poder econômico de clubes localizados fora dos grandes centros do futebol brasileiro, fenômeno que Mascarenhas denomina de “metropolização do futebol” (2014, p. 169), trouxe impactos significativos às praças esportivas situadas na periferia da nova ordem futebolística do país. Esse processo resultou em consequências duradouras para o futebol local, muitas das quais ainda persistem. A evasão de público do futebol local está diretamente ligada ao poder de influência exercido pelas principais praças esportivas brasileiras, especialmente do Rio de Janeiro, intensificado pela ascensão das transmissões televisivas dos confrontos metropolitanos considerados hegemônicos (MASCARENHAS, 2014, p. 195).

Nesse contexto, o clube sofreu uma redução significativa nas arrecadações, queda no número de associados, evasão de jogadores devido aos baixos salários oferecidos e enfrentou uma série de ações trabalhistas movidas contra a instituição (SILVA, 2010, p. 180).

Figura 14. O Estádio Kleber Andrade durante um jogo. 1995.
Além das arquibancadas e a geral, chama a atenção a presença da torcida ocupando os barrancos ao redor do estádio. Nesse período, com o avanço das obras, a construção da arquibancada consolida o clássico formato de ferradura, característico do estádio e previsto no projeto original.



Fonte: Leonardo Romano, 1995.

A situação de crise se estende até a venda do estádio em Cariacica para o Governo do Estado do Espírito Santo, concretizada em 2008. Com isso, o ambicioso projeto idealizado pelo Rio Branco na década de 1970 jamais é concluído, tornando-se apenas uma memória para os frequentadores de arquibancada.

A venda do estádio ocorre em meio aos preparativos para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Embora o Espírito Santo não estivesse entre as cidades-sede, o governo estadual decide investir em uma "arena" destinada ao futebol capixaba, com a expectativa de que o espaço pudesse sediar jogos da Copa das Confederações, em 2013.

Figura 15. Estádio Kleber Andrade em processo de arruinamento após três anos de abandono até o início das obras do novo complexo esportivo. 2010.



Fonte: Chico Guedes/A Gazeta.

O estádio existente é demolido para dar lugar ao Complexo Esportivo Kleber Andrade, anunciado em 2009 como uma arena multiuso voltada para atividades esportivas, educacionais e culturais. O projeto prevê uma capacidade para 22 mil pessoas, com possibilidade de ampliação para 40 mil pessoas. Além de atender ao futebol capixaba, o estádio é planejado para receber eventos esportivos nacionais e internacionais, além de atividades como shows e festivais. O entorno projetado conta com pista de atletismo, quadras poliesportivas e espaços para atividades recreativas, enquanto o interior – em edifício situado no acesso principal do estádio – abriga museus, salas de exposição, entre outros.

Contudo, o novo estádio reproduz a sina de seu antecessor: sucessivos atrasos marcam sua construção, e a reinauguração ocorre apenas em 3 de junho de 2014, mais de dois anos após a previsão inicial, com a entrega de uma obra ainda inacabada, que seria declarada como finalizada apenas em 2020.

O estádio, contudo, não contempla grande parte das atividades previstas no projeto original. Elementos como o centro de convivência social, com quadras e equipamentos esportivos de acesso livre e independente, além de espaços destinados a museus e exposições, não foram implementados (ESTÁDIO..., 2009). A ausência desses setores, que seriam essenciais para a integração do estádio à dinâmica do bairro e da Região Metropolitana, limita seu potencial de inserção urbana. Além disso, o estádio encontra-se em um limbo: é considerado grande e oneroso demais para as atuais

proporções do futebol local, mas reduzido para atrair jogos nacionais e internacionais, frustrando grande parte das expectativas estabelecidas no projeto.

Mesmo com os percalços descritos, a construção da arena simboliza uma transformação do bairro Rio Branco que extrapola os limites do estádio. O empreendimento promove um reordenamento no entorno urbano e atrai novos investimentos imobiliários para a região²⁸. Nos arredores imediatos do estádio, surgem condomínios residenciais fechados, edifícios comerciais e, adicionalmente, é implantado um prédio que abriga setores da administração municipal. Estas obras se distinguem do padrão construtivo tradicional da região e do município de Cariacica, onde há a predominância de edificações residenciais unifamiliares ou multifamiliares e comércio de pequeno e médio porte.

...

Em síntese, a trajetória do futebol na Região Metropolitana da Grande Vitória reflete processos semelhantes aos observados na difusão do esporte em diversas regiões do Brasil. O contato inicial com o futebol ocorre por meio de jovens oriundos da elite local que desempenham um papel fundamental na sua introdução. Contudo, a assimilação, a difusão e o interesse pela prática esportiva não se restringem às elites. Diversas agremiações surgem de forma independente, rompendo barreiras de classe social e configurando o futebol, desde seus primórdios, como um campo de disputa entre classes.

Além disso, o futebol simboliza as transformações no uso da cidade durante o período de transição entre um traçado urbano colonial e o surgimento de espaços públicos destinados à prática esportiva. O lugar do futebol, que exige grandes áreas livres, frequentemente se localiza em regiões de ocupação recente e, após sua instalação, atua como um elemento catalisador do processo de urbanização. Assim, a difusão do futebol, enquanto esporte essencialmente urbano, está profundamente associada ao crescimento e à transformação das cidades.

Esses elementos evidenciam como o lugar do futebol se relaciona com as transformações da cidade, os padrões de ocupação e as regiões de interesse, bem como a posterior implantação e consolidação de infraestrutura urbana. Os campinhos

²⁸ Para maior aprofundamento sobre a expansão urbana de Cariacica associada à construção de empreendimentos imobiliários, ver Barbosa (2013).

mencionados desempenham um papel crucial na transformação do lugar, representando um primeiro indício de ocupação urbana informal, com intervenções como aterros e modificações no sítio físico. Posteriormente, esses espaços são incorporados à cidade formal, configurando um padrão observado na maioria dos casos documentados na Região Metropolitana da Grande Vitória.

Um aspecto marcante da primeira metade do século XX na rede formada em torno do futebol na Região Metropolitana da Grande Vitória é a proliferação de times amadores, que ampliam a capilaridade do esporte na cidade. Alguns desses times desempenham um papel fundamental na criação de clubes que mais tarde integrariam a prática profissionalizada do futebol. Além de sua contribuição para a fundação de clubes profissionais, o futebol amador desse período se consolida como uma força autônoma, com significativo potencial para mobilizar redes de sociabilidade em torno do esporte. Nesse contexto, emerge uma relação de simbiose entre o futebol amador e os primórdios da profissionalização, na qual o primeiro atua como um motor do crescimento e da popularização do futebol profissional, aproximando o público e revelando jogadores que posteriormente alcançariam destaque no cenário profissional.

Paralelamente, a relativa independência do contexto capixaba em relação ao futebol nacional, durante esse período, favorece o fortalecimento do pertencimento com o lugar do futebol. Esse fenômeno reforça os laços comunitários e impulsiona os populares campeonatos locais, tanto amadores quanto profissionais, que configuram uma complexa rede de relações comunitárias. Nesse tecido social, o futebol não apenas reflete, mas também contribui para a construção de identidades e alteridades, tornando-se um elemento central na dinâmica cultural e comunitária local.

Cabe destacar, ainda, o papel do poder público ao longo dessa trajetória. No caso capixaba, embora o primeiro estádio público tenha sido construído apenas no século XXI, é evidente a participação do Estado na viabilização dos estádios apresentados, seja por meio de apoio financeiro, seja pela regulação territorial. A prática do futebol, inicialmente informal em vazios urbanos, gradualmente é integrada à dinâmica da cidade formal, evidenciando a consolidação do esporte como parte integrante do espaço urbano.

Essa síntese da trajetória do lugar do futebol no contexto capixaba fornece um panorama essencial para a compreensão da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, abordada nos segmentos adiante.

3.2 O BAIRRO, A FERROVIA E O CLUBE: SURGIMENTO E TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA FERROVIÁRIA VALE DO RIO DOCE

Historicamente, o surgimento de clubes de futebol se dá em múltiplos contextos, no entanto, identifica-se um fenômeno relevante para a formação de clubes ao redor do mundo: a construção de ferrovias. Mascarenhas (2014) aponta a popularidade do futebol ao redor do mundo como uma expressão da força do império britânico no século XIX. Devido às práticas esportivas dos trabalhadores ingleses, a instalação de ferrovias representa um dos principais vetores de inserção do futebol no Brasil e em outros países.

Com isso, é frequente o surgimento de clubes diretamente associados a um contexto ferroviário, através de iniciativa autônoma dos trabalhadores, por meio de sindicatos ou através da criação de clubes patronais. Como os clubes operários, os clubes ferroviários têm profunda ligação com o mundo do trabalho. Particularmente, no Brasil, estão profundamente ligados ao processo de industrialização e urbanização. Por vezes o futebol foi apropriado como uma eficiente pedagogia de fábrica, por enaltecer o trabalho em equipe, a obediência às regras, especialização nas tarefas, submissão ao cronômetro, entre outras características (MASCARENHAS, 2014, p. 91), além de estimular um sentimento de orgulho do trabalhador em relação às cores e símbolos do clube, profundamente associados aos símbolos e ideais da empresa. Este cenário não se restringe a uma ou outra localidade, trata-se de um padrão de reprodução identificado em diversos lugares no Brasil e no mundo com longa tradição na prática do esporte desde a sua origem. Ernani Buchmann (2004) aponta a existência de mais de uma centena de clubes de origem ferroviária no Brasil. No Espírito Santo, a Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce é considerada o maior símbolo, além de outros clubes extintos, alguns de vida efêmera.

A seguir, aprofunda-se a trajetória da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, desde o processo de formação e consolidação como um dos mais tradicionais e populares clubes do estado até o processo de declínio e crise enfrentado pela agremiação nas últimas décadas. Através dela, pretende-se compreender a transformação da Desportiva Ferroviária em potência local no momento do seu auge para em seguida rediscutir caminhos para um clube em processo de reconstrução.

3.2.1 Condicionantes locais no contexto de formação do clube (1943-1963)

A história da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce está profundamente associada aos trabalhadores ferroviários e à estatal Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), como o próprio nome da agremiação esportiva sugere. O clube é fundado em 1963, no entanto, sua história começa pelo menos vinte anos antes, com a implantação das operações da CVRD em Cariacica, na década de 1940. Criada em 1942, a companhia estatal é responsável pela extração de minério de ferro em Minas Gerais. O interesse pela instalação da Companhia no litoral do Espírito Santo ocorre devido à constituição de um complexo logístico intermodal para o escoamento da produção de minério de ferro. Sua implantação em Cariacica é considerada estratégica, ocupando região que viabiliza a conexão entre a malha ferroviária da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM)²⁹ e a infraestrutura portuária de Vitória e Vila Velha.

Nesse período, o município de Cariacica se destaca como um polo industrial em plena expansão, consolidando-se como o principal centro industrial da futura Região Metropolitana da Grande Vitória (CAMPOS JR, 2012). Até então, a economia do município se voltava principalmente para o mercado interno, com destaque para a produção e fornecimento de café, banana, cana-de-açúcar e seus derivados (BEZERRA, 2009). A ocupação do território era predominantemente rural, com baixa densidade populacional e pouca influência do processo de urbanização em curso na capital do Espírito Santo. O potencial de integração entre os eixos modais ferroviário, rodoviário e portuário é um dos fatores que tornam o município atrativo para a instalação de indústrias e operações logísticas, especialmente na região do bairro Jardim América, localizado no limite entre os municípios de Cariacica, Vitória e Vila Velha.

Com a implantação e expansão das atividades da CVRD e a maior inserção do Espírito Santo no mercado nacional e internacional, ocorre uma mudança significativa no perfil industrial, predominante em Cariacica. Com isso, a produção agrícola e industrial doméstica entra em declínio, enquanto as atividades de logística e exportação de matéria-prima, especialmente o minério de ferro, ganham destaque na economia do município (CAMPOS JR, 2012). Dessa forma, a região do bairro Jardim América assume uma centralidade econômica devido à sua posição privilegiada, formando

²⁹ A construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas é anterior à fundação da Companhia Vale do Rio Doce. Sua locação é iniciada o final do século XIX, com objetivo de escoar a produção cafeeira do Vale do Rio Doce e do Espírito Santo. No entanto, em 1908, o curso é alterado para a região de Itabira, com objetivo de escoar o minério de ferro explorado na região até o complexo portuário de Vitória.

então um dos primeiros polos de urbanização de Cariacica nessa fase econômica do município. A ocupação do bairro, inicialmente, é marcada predominantemente por galpões de armazenamento (SILVA, 2017), além de outras atividades ligadas às operações da CVRD. Além de Jardim América, a expansão das atividades da estatal envolve também outros bairros do entorno, notadamente Itacibá, Itaquari e Porto de Santana.

As transformações econômicas que impactam a região também exercem um papel significativo na modificação de suas características físico-territoriais. Entre as mudanças, destaca-se a alteração do curso d'água do rio Marinho (SILVA, 2017, p. 61) e a supressão de áreas de mangue e vegetação no entorno, com o objetivo de incorporar novas porções de terra para a instalação e ampliação das operações da CVRD. Além disso, a instalação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e da Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi) atua como um elemento propulsor do processo de urbanização da região. Isso se deve à chegada de trabalhadores das companhias e de pessoas em busca de oportunidades de emprego, nas empresas ou em setores de comércio e serviços surgidos em resposta ao crescimento populacional. A ocupação mais intensa se dá a partir do bairro Jardim América, com o loteamento da família Viola na década de 1950 destinado à moradia dos operários da CVRD e Cofavi (ABE, 1999, p. 321).

Nesse contexto, trabalhadores da CVRD passam a se organizar em clubes de futebol como uma forma de ocupar o tempo livre e promover momentos de lazer. Assim, diversas agremiações amadoras surgem a partir da livre associação entre os trabalhadores, refletindo a busca por integração social, comunitária e atividades recreativas, algo ainda incipiente na região em processo recente de ocupação urbana.

A primeira agremiação originada do contexto ferroviário foi a Associação Atlética Vale do Rio Doce, popularmente conhecida como Vale. Fundada em julho de 1943, a associação surgiu da iniciativa de funcionários dos escritórios da Companhia Vale do Rio Doce. Sua sede localizava-se na Ilha de Santa Maria, em Vitória (MARQUES, 2009, p. 31). Embora as operações da CVRD estivessem instaladas em Cariacica, os escritórios da empresa ficavam no Centro de Vitória (SILVA, 1998), o que justifica a localização inicial da agremiação. A estrutura da associação não incluía um campo de futebol próprio, fazendo com que o time realizasse seus jogos e treinos no estádio Governador Bley, que, na época, era administrado pelo Estado (GOMES FILHO, 2002).

Naquela época, o futebol profissional não estava consolidado como uma forma de trabalho, mesmo com a participação da agremiação em campeonatos oficiais. A maior parte do time era composta por trabalhadores da CVRD com afinidade pelo esporte ou interesse em se socializar. No entanto, isso não impediu a inclusão de jogadores não integrados à Companhia como trabalhadores. Um dos mecanismos de atração de talentos consistia, inclusive, no convite acompanhado da promessa de um cargo na estatal (MARQUES, 2009, p. 31).

Na sequência, em 1945, operários do setor de transportes da Companhia Vale do Rio Doce se associam para fundar o Ferroviário Sport Club (MARQUES, 2009, p. 32), o primeiro clube de ferroviários fundado em Cariacica. Com anuência da CVRD, a agremiação ocupa um terreno de posse da estatal para a implantação de um campo de futebol às margens da BR-262, no bairro de Jardim América. Originalmente, a área do campo estava em uma região de manguezal, que é aterrado pelos próprios trabalhadores associados para a sua utilização. Além do campo, a agremiação constrói uma pequena sede social situada no Morro da Companhia, em Itaquari, utilizada para reuniões dos associados e festividades, como bailes e carnavais (NOTAS SUBURBANAS, 1952, p. 5; AS BATUCADAS..., 1957, p. 6).

Figura 16. Em primeiro plano, vista panorâmica do rio Marinho e a Ponte do Camelo. Ao fundo, à esquerda, situa-se o campo do Ferroviário Sport Club e o Morro da Companhia, em abril de 1956.



Fonte: Acervo de José Luiz Pizzol. Disponível em MEFUCA (2017) e SILVA (2017, p. 64).

O Ferroviário transita entre o futebol amador e o profissional, por vezes participa da mais importante competição local, a Taça da Cidade, e, majoritariamente, do secundário Campeonato Suburbano (GRANDE ENCONTRO..., 1954, p. 5). Apesar da origem em comum, desde cedo é construída uma rivalidade entre as agremiações, dentro e fora de campo, com o confronto sendo identificado como clássico ferroviário (DOMINA..., 1957, p. 10). “O fato de os sócios da Vale serem quase todos funcionários de escritório e os do Ferroviário, majoritariamente, operários era um componente que servia para aumentar ainda mais o clima de animosidade” (MARQUES, 2009, p. 33).

Anos mais tarde, outros clubes de trabalhadores ferroviários são fundados: em Itacibá, os operários das oficinas se reúnem para fundar o Esporte Clube Guarany, em novembro de 1951; em Porto de Santana, trabalhadores da Companhia oriundos de Itabira (MG) fundam a Associação Atlética Cauê; também em Itacibá, é fundada a

Associação Esportiva Vale do Rio Doce, apelidada de Valeriodoce ou Valério, em janeiro de 1959. Estes clubes, alguns de vida efêmera, no entanto, não saem do amadorismo, disputando apenas o Campeonato Suburbano, competição voltada às equipes amadoras da região³⁰.

Um elemento em comum entre os clubes, além da origem ferroviária, é a relação construída com a Companhia Vale do Rio Doce. Uma relação contraditória entre relativa autonomia e dependência da estatal. A fundação e a gerência dos clubes ocorrem de maneira independente, no entanto, o apoio financeiro e operacional da empresa é considerado fundamental para a manutenção das atividades das agremiações. Os recursos arrecadados para o sustento dos clubes vinham, primordialmente, da contribuição dos associados, descontada diretamente da folha de pagamento dos trabalhadores pela CVRD e repassada aos clubes. Além disso, a Companhia oferecia um subsídio às equipes de maneira subjetiva, com quantias distribuídas mensalmente. “[...] Não havia um valor fixo. Às vezes, ela dava mais para um, às vezes, mais para outro” (MARQUES, 2009, p. 32).

Assim é constituída a base para uma relação de pertencimento entre os trabalhadores ferroviários e os seus respectivos clubes, mobilizando uma força social em plena ascendência do futebol (SANTOS JR, 2014, p. 101). O Ferroviário, fundado inicialmente por 17 operários, chega a ter 800 no seu quadro de associados. Através do apoio financeiro e operacional, a Companhia endossa a constituição de espaços de lazer pelos trabalhadores, algo comum no Brasil em clubes que têm sua origem marcada pela ligação com trabalhadores ou operários de indústria, ferrovia, entre outros³¹. Nesse período, a relação dos clubes de futebol com a comunidade é incipiente, composta majoritariamente por funcionários da estatal, sobretudo nos clubes amadores.

Contudo, problemas começam a surgir devido ao apoio pulverizado da Companhia, que passa a se incomodar com os frequentes pedidos de ajuda das agremiações e a pressão por auxiliar todas de forma igualitária. A perspectiva utilitarista da empresa começa a questionar a falta de eficiência nos gastos envolvendo os clubes dos trabalhadores,

³⁰ Formalmente, estes clubes não constroem sedes próprias, a localização dos campos ocupados por estas equipes é desconhecida, situadas em seus bairros de origem. Porém, dado relevante é que boa parte dos jogos eram disputados no campo do Ferroviário, o mais estruturado da região naquele período.

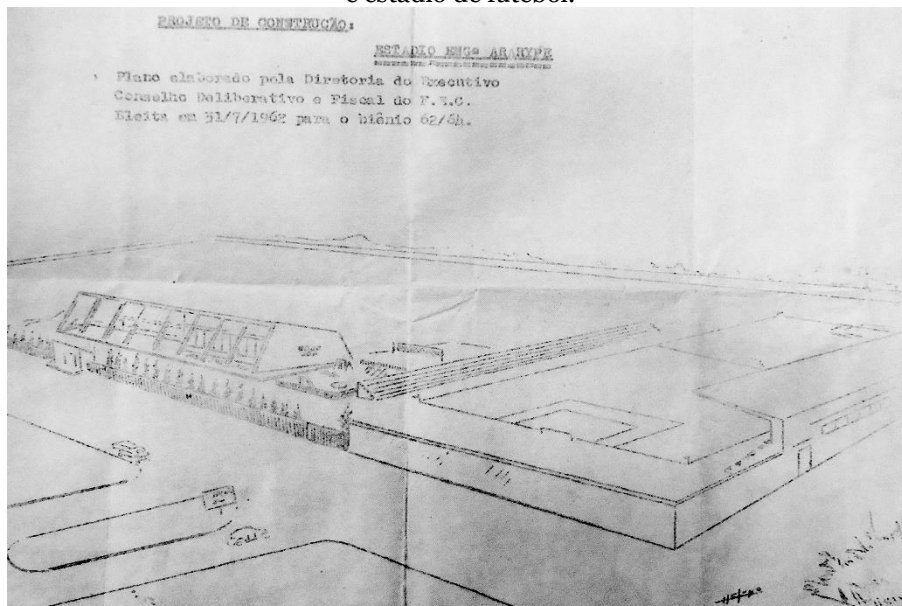
³¹ Além da já mencionada importância das ferrovias no processo de difusão do futebol no Brasil, destaca-se pesquisa pioneira intitulada *Futebol Brasileiro: Instituição Zero*, realizada por Simoni Lahud Guedes, que tem como um dos objetos de investigação a relação dos operários de uma fábrica no subúrbio do Rio de Janeiro com o futebol (GUEDES, 2023 [1977]).

tanto pelo dispêndio financeiro quanto pelo uso de áreas consideradas estratégicas para as operações da CVRD. Essa situação coloca em xeque a sustentabilidade do modelo de apoio difuso até que, em 1959, surge uma proposta de fusão entre os clubes dos trabalhadores em uma única agremiação.

Na tentativa de persuadir os envolvidos, a Companhia Vale do Rio Doce argumenta que a união de esforços em torno de um único clube poderia resultar em uma equipe mais competitiva, atendendo tanto aos interesses dos trabalhadores quanto aos anseios da empresa de transformar o clube em uma ferramenta de propaganda para a CVRD. No entanto, a ideia é inicialmente rejeitada pelos integrantes dos clubes, principalmente devido aos laços afetivos e ao sentimento de pertencimento desenvolvidos em torno de suas respectivas agremiações. Outro fator gerador de tensão em relação à proposta é o apego dos dirigentes às suas posições de poder dentro dos clubes, somado à crescente rivalidade esportiva estabelecida entre eles, sobretudo Vale e Ferroviário.

Na década de 1960, o Ferroviário é obrigado a transferir sua cancha devido a uma solicitação da CVRD pelo terreno ocupado, visando a expansão do parque operacional da estatal em área que englobava o campo de futebol. Com isso, o clube passa a ocupar um terreno na margem oposta da BR-262, situado no bairro Jardim América, também cedido pela CVRD, onde outra área de manguezal é aterrada para a construção da nova sede social e do campo de futebol do clube.

Figura 17. Projeto elaborado pelo Ferroviário Sport Club para a sua sede social e estádio de futebol.



Fonte: Acervo de Luzmar Carvalho (disponível em Marques, 2009, p. 35).

Do projeto proposto pelo Ferroviário Sport Club, apenas a sede social é construída. O estádio, previsto para ser erguido ao lado, não é concretizado. Infere-se que os planos são interrompidos devido ao processo de fusão dos clubes ferroviários, detalhado a seguir.

3.2.2 Surgimento da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce e o processo de consolidação da base social do clube (1963-1990)

Quatro anos mais tarde, a ideia de fusão dos clubes que parecia impossível é concretizada. O argumento determinante para a negociação foi a concordância em torno da possibilidade de concentrar os esforços em apenas uma agremiação, viabilizando força competitiva no cenário do futebol capixaba à equipe maior.

Após um longo período de tensões, em 17 de junho de 1963, no edifício do Sindicato dos Ferroviários, as agremiações chegam a um consenso e fundam a Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, resultante da junção de cinco clubes ferroviários: Associação Atlética Vale do Rio Doce, Ferroviário Sport Club, Esporte Clube Guarany, Associação Atlética Cauê e Associação Esportiva Vale do Rio Doce (ADFVRD, 1963).

A quantidade de dirigentes da nova agremiação reflete o número de associados de cada um dos clubes, sendo que, a cada cem associados, a agremiação obtém o direito de

indicar um membro ao conselho da Desportiva Ferroviária. Dessa forma, o quadro fica distribuído da seguinte maneira: Ferroviário, 14; Vale, 5; Cauê, 3; Guarany, 2; e Valério, 1 (MARQUES, 2009, p. 40). Aos indicados, coube ainda a decisão de votar a favor ou contra a fusão dos clubes, deliberação aprovada em um placar apertado na noite do dia 17 de junho de 1963.

Do espólio dos antigos clubes, a Desportiva Ferroviária herda a sede social e o terreno utilizado pelo Ferroviário Sport Club. Como compensação pela fusão, a Companhia Vale do Rio Doce se compromete a realizar investimento financeiro e fornecer mão de obra à construção de um estádio de futebol para a nova agremiação esportiva.

Nos primeiros anos de atividade, sob os símbolos da Associação Desportiva Ferroviária, os trabalhadores se mobilizam para ocupar a área designada ao clube, estabelecendo as bases da nova cancha. Apesar do aproveitamento da sede social, a locação do gramado é diferente daquela sugerida para implantação no projeto desenvolvido pelo Ferroviário Sport Club. Mais uma vez, os trabalhadores se organizam para a construção do que seria o primeiro estágio do Estádio Engenheiro Alencar de Araripe, condicionada à realização de aterro de uma área de várzea à margem do rio Marinho (SILVA, 2017, p. 81). As primeiras estruturas erguidas são duas arquibancadas e uma cabine de rádio, ambas em estrutura de madeira, enquanto o campo é cercado por placas de zinco³².

Além da adaptação do sítio físico para a ocupação do clube, transformações internas marcam o surgimento da agremiação. Com a fusão dos clubes, é realizada uma reestruturação do time a partir da seleção entre os jogadores das antigas equipes, com o objetivo de escolher os melhores que continuariam na Desportiva Ferroviária. Ainda, são contratados jogadores de destaque de outras agremiações com objetivo de fortalecer a equipe.

Neste período, além da ligação com o clube através do futebol, ainda era comum os jogadores desempenhem outras funções na Companhia Vale do Rio Doce ou no próprio clube, um resquício da relação predominante nas equipes pré-fusão. Destaca-se o caso de José Osmário Simonassi, lateral-direito considerado ídolo da torcida da Desportiva Ferroviária, que chega ao clube em 1964 e permanece durante 12 anos, encerrando a carreira pelo time grená em 1976. No período em que foi estudante da Escola

³² Informação verbal. Entrevista com Fausto Jarbas Lima, concedida em janeiro de 2025.

Agrotécnica de Santa Teresa, Simonassi participa do time amador formado por alunos da instituição e, com isso, destacando-se no meio do futebol. Ao se formar, Simonassi é convidado para jogar na Desportiva Ferroviária. O então jogador aceita, com a condição de garantia de um emprego na Companhia. Assim, Simonassi, além de jogador, desempenha função de técnico agrícola, com responsabilidade de cuidar do gramado da cancha da Desportiva Ferroviária³³. Situações como essa refletem a forma de organização do futebol no Brasil em contextos fora do eixo Rio-São Paulo, onde os clubes apresentavam um estágio de organização e poder distinto e menos consolidado em comparação às duas principais praças esportivas do país.

Figura 18. Foto oficial da equipe bicampeã da Taça da Cidade de Vitória (1964-1965), primeiras competições conquistadas pela Desportiva Ferroviária. Ao fundo, vista parcial das arquibancadas e cabine de rádio.

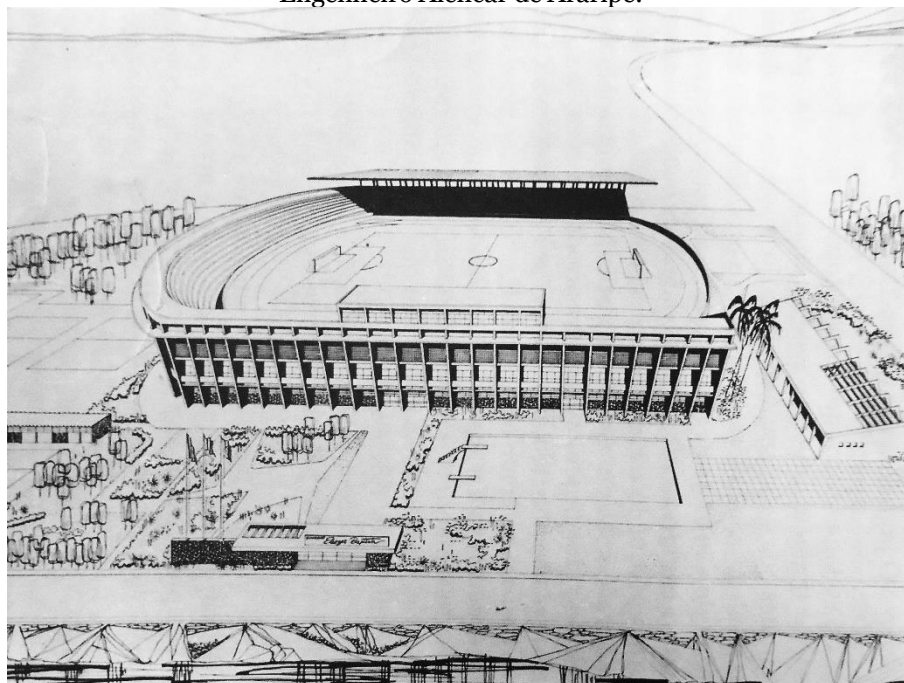


Fonte: Revista da Desportiva Ferroviária (DESPORTIVA..., 1998, p. 7).

Anos depois, em 1967, é inaugurado oficialmente o estádio Engenheiro Alencar de Araripe. O estádio incorpora a área do primeiro campo de futebol construído após a fusão dos clubes, ao fundo da sede do clube. O projeto original prevê a construção de um estádio com estrutura em concreto armado, com arquibancada em formato de ferradura e volumetria marcada pelo ritmo de pilares que conferem unidade ao conjunto. Além das dependências relacionadas ao futebol, o projeto inclui a construção de expansão da área de lazer e setores do clube social sob as arquibancadas.

³³ Informação verbal. Entrevista com José Osmário Simonassi, concedida em janeiro de 2025.

Figura 19. Desenho em perspectiva do projeto elaborado para o estádio Engenheiro Alencar de Araripe.



Fonte: Acervo de Luzmar Carvalho (disponível em Marques, 2009).

A inauguração engloba melhorias na infraestrutura do campo de futebol e do cercamento da cancha, removendo a cerca de zinco, além da construção parcial da arquibancada prevista em projeto, mais especificamente, o trecho construído à direita da sede social.

A Desportiva Ferroviária construiu moderno estádio, em local privilegiado, na bifurcação de dois vizinhos Municípios: Vila Velha e Cariacica. E nas proximidades da Capital, com estrada de asfalto à sua porta e localizado em região de grande densidade popular, justamente habitada pela massa que comparece aos estádios. O gramado do estádio ferroviário é da melhor qualidade e sua iluminação uma das mais eficientes do País, conforme testemunhos de desportistas cariocas e mineiros que, recentemente, visitaram o “Engenheiro Alencar Araripe”. E o estádio, ainda em construção, ganha novas dimensões, caminhando para ser, breve, uma total realidade (SANTOS, 1967, p. 59).

Na primeira década de existência do clube, a construção do estádio continua em etapas: em 1968, é executado trecho oposto à arquibancada inaugurada no ano anterior. Diferente da previsão inicial do projeto, a nova arquibancada construída contém uma unidade escolar, alteração resultante da resistência da Companhia em realizar mais investimentos na infraestrutura do clube. Com isso, a escola é incorporada como forma de viabilizar a construção, sendo administrada pelo Sindicato dos Ferroviários.

Em 1970, são construídas a cobertura da primeira arquibancada e uma arquibancada para o setor popular, atrás de um dos gols, conhecido como Tobogã, uma estrutura em concreto sem cobertura em formato retangular. Estas obras são realizadas de forma

independente em relação ao projeto representado na Figura 19. A forma completa do estádio abandona o modelo em ferradura previsto inicialmente, consolidando-se com as duas arquibancadas em posições opostas e o setor popular com linguagem formal distinta da anteriormente estabelecida.

As sucessivas ampliações do estádio acompanham o crescimento do clube e o fortalecimento de sua torcida durante a primeira década de existência, expressos no aumento na popularidade da Desportiva Ferroviária impulsionada pelas suas inéditas participações em certames nacionais, algo até então incomum para as equipes capixabas.

Além do sucesso esportivo, a ampliação da comunidade grená, para além dos trabalhadores ferroviários, é favorecida por transformações na região de Jardim América, nos municípios de Cariacica e Vila Velha. Na década de 1960, Cariacica recebe um grande contingente de migrantes provenientes de áreas rurais do Espírito Santo, em busca de melhores condições de vida na região metropolitana em decorrência de crise agrícola (CAMPOS JR, 2012). Do processo resulta o adensamento populacional e a expansão da malha urbana do município, anteriormente concentrada em Jardim América. Mudanças no modo de vida da população incluem a incorporação do futebol como uma atividade de lazer característica dos núcleos urbanos (MASCARENHAS, 2014).

Nesse período, a Desportiva Ferroviária se distingue das demais agremiações da Região Metropolitana ao aliar o crescimento do futebol com uma ampla gama de atividades sociais promovidas pelo clube. Além do Colégio Eliezer Batista, sua sede social se consolida como um importante espaço de efervescência cultural em Cariacica, abrigando festas, carnavais e diversas outras atividades de lazer. Em uma relação de simbiose, a sede social não apenas contribui financeiramente para o desenvolvimento do futebol, mas também atrai novos públicos ao convívio associado à Desportiva Ferroviária.

Figura 20. Estádio Engenheiro Araripe e parte da estrutura do clube social em 1983. Sob a arquibancada à direita está situado o colégio Eliezer Batista.



Fonte: Página Estádio Engenheiro Araripe, 2022.

Dessa forma, a base social do clube, antes restrita aos trabalhadores vinculados à Companhia Vale do Rio Doce, expande-se significativamente sem contudo alterar a tradição de nomeação de diretores ligados à estatal, que, por sua vez, prestava apoio institucional com o intuito de fortalecer sua imagem por meio da participação em ações voltadas ao bem-estar social (MARQUES, 2009; SANTOS JR, 2014; FRANCO JR, 2007). A despeito dos trabalhadores ferroviários associados ao clube manterem a contribuição diretamente descontado da folha de pagamento, como ocorria nos clubes anteriores à fusão, permanece a contribuição da estatal com o investimento de outros recursos e na manutenção do estádio Engenheiro Araripe.

3.2.3 Declínio da Desportiva Ferroviária em meio às políticas neoliberais (1990-2010)

A década de 1990 é um período marcado por profundas transformações políticas e econômicas no Brasil, com reverberações no meio do futebol e na Desportiva Ferroviária. Com a difusão de uma doutrina econômica neoliberal e aplicação de suas práticas no contexto brasileiro, a relação da Companhia Vale do Rio Doce com a Desportiva Ferroviária se transforma de maneira abrupta. O investimento da estatal no bem-estar social dos trabalhadores e da comunidade deixa de ser uma tônica como nas décadas anteriores. Com isso, parte significativa das receitas do clube é

comprometida e o apoio da estatal se restringe à realização de manutenção do estádio Engenheiro Araripe, oficialmente, ainda, propriedade da Companhia Vale do Rio Doce.

Como forma de protesto às mudanças em curso, dirigentes da agremiação rompem a tradição do clube de eleger funcionários da CVRD para cargos de direção na agremiação (MARQUES, 2009, p. 191), decisão que contudo não influencia a identificação dos trabalhadores ferroviários com a Desportiva Ferroviária, que, mesmo com o afastamento da CVRD, mantém o clube como seu espaço de sociabilidade, reforçando independência em relação à estatal, apesar dos conflitos de ordem financeira.

Neste período, mesmo com o revés da Companhia, o clube goza de relativa estabilidade, com sucessivas participações em certames nacionais, uma categoria de base estruturada e capaz de revelar bons jogadores, um clube social e outros equipamentos de lazer inseridos no cotidiano local, além de uma base social plenamente consolidada, envolvendo trabalhadores ferroviários e a torcida conquistada ao longo dos anos desde a fundação do clube.

Essa condição permanece até 1997, quando a Companhia Vale do Rio Doce é privatizada. Com ela, ocorre a transferência definitiva do patrimônio para o clube, incluindo toda infraestrutura da sede social e do estádio, além de uma área de 112.000 metros quadrados. Muito antes do documento de posse, o pertencimento da Desportiva em relação ao estádio é constituído ao longo de décadas, desde as obras e inauguração do estádio, através das memórias coletivas associadas ao lugar a partir dos profissionais do clube e dos torcedores. A posse legal do terreno e do estádio é considerada um marco relevante por oficializar o pertencimento do clube relacionado ao Estádio Engenheiro Araripe (MARQUES, 2009), além de dar margem para viabilizar a manutenção do clube, agora sem o apoio da CVRD.

Associadas ao patrimônio, algumas responsabilidades, antes arcadas pela Companhia, são atribuídas à Desportiva Ferroviária: pagamento de taxas de água e luz; tributos municipais, estaduais e federais incidentes sobre o patrimônio e sobre os diversos eventos sociais, culturais e esportivos promovidos pela Associação; além da manutenção do patrimônio (pintura, hidráulica, elétrica, mão de obra e material) (DESPORTIVA..., 1998).

Outro entrave institucional no clube provocado pela privatização foi perda de associados com a dispensa de funcionários promovida pela nova administração da

CVRD, além da quebra da arrecadação por meio da folha de pagamento, provocando mais uma queda sensível nas receitas do clube. Com isso, a diretoria propõe medidas com objetivo de reintegrar sócios, além do lançamento de campanha de novos sócios, em uma tentativa de reestabelecer a arrecadação perdida com a privatização.

Situado em parte da infraestrutura do estádio, o colégio Eliezer Batista também é afetado pelo processo de privatização da estatal. A escola, administrada pelo Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários (SindFer) e financiada pela CVRD através do programa de Serviço Social das Estradas de Ferro (SESEF), tem repasse de verbas completamente interrompido com a privatização. Inicialmente, não há qualquer contrapartida da Companhia, do governo estadual, municipal ou federal para a manutenção da instituição. Neste interim, o colégio sofre ameaça de encerrar as atividades, porém, o SindFer conquista a garantia da manutenção das atividades e o direito de prosseguir na administração do colégio, consolidando, ainda, acordo que proíbe o fechamento da instituição³⁴.

Neste cenário, a crise instaurada no clube ferroviário provoca um gradual aumento das dívidas e dificulta a conquista da autossuficiência da agremiação após a privatização. A comunidade grená, formada principalmente por torcedores e sócios do clube, mantém o apoio ao clube e a sua relevância no futebol capixaba, no entanto, com a ausência de novos patrocínios capazes de suplantam a ausência da CVRD, o enfraquecimento da competitividade no futebol e a deterioração do patrimônio da agremiação são inevitáveis.

Em 1998 é sancionada a Lei Pelé, nº 9.615 que estabelece novas regras à gestão de clubes esportivos, entre elas, a obrigatoriedade da transformação dos clubes em clube-empresa, abandonando o modelo associativo³⁵. Em meio a isso, a Desportiva Ferroviária recebe proposta do grupo Frannel de transformar o clube em uma sociedade, a partir de figura do clube-empresa. A proposta de acordo incluía a promessa de investir no time de futebol da Desportiva Ferroviária e no patrimônio do clube, uma alternativa à perda do apoio da CVRD.

³⁴ O acordo firmado prevê que, caso o Sindicato abrisse mão da prerrogativa de administrar o colégio, o mesmo deveria ser municipalizado.

³⁵ Em pouco tempo a lei sofre alterações e a transformação dos clubes associativos em clube-empresa passa a ser facultativa, mantendo a existência do modelo associativo nos clubes de futebol.

Na diretoria do clube, muitos receberam a proposta com entusiasmo, enquanto outros mantinham certa desconfiança. Um processo de negociação se inicia com intenso lobby por parte dos proponentes para convencer os associados que votariam na Assembleia Geral do clube, responsáveis pela decisão sobre o acordo.

Então, em maio de 1999 é firmado contrato de sociedade entre a Desportiva Ferroviária e o grupo Frannel, resultando na criação da Desportiva Capixaba S/A. No acordo, há a determinação de que 51% das ações seriam do grupo Frannel e 49% da Ferroviária. Ainda, ao grupo Frannel, cabia a responsabilidade de pagar dívidas acumuladas pela Desportiva Ferroviária nos anos anteriores, além da construção de um posto de gasolina, a ser explorado economicamente pelas duas partes da sociedade.

Com a efetivação da fusão, a Desportiva Ferroviária perde a autonomia em relação ao seu patrimônio e sobre a gestão do futebol. Diante disso, o estádio passa a ser administrado pela Desportiva Capixaba S/A e o clube, como participante minoritário da sociedade, não mais tem poder de decisão sobre os rumos da agremiação.

Aquele que é vendido como um bom acordo para sanar o endividamento crônico do clube após a perda do apoio da CVRD se transforma em um grande pesadelo que dura há pelo menos 12 anos, com consequências reverberando até a atualidade. Em uma de suas primeiras ações, o novo grupo responsável pela Desportiva Ferroviária promove transformações com impacto na identidade e na memória grená, ao alterar os tradicionais símbolos do clube: suas cores, escudo, hino e até mesmo o nome, oficializado como Desportiva Capixaba S/A.

O desrespeito a ídolos históricos reforça o projeto de dismantelamento da identidade do clube, simbolizado de forma emblemática pela demissão de Adjalmo Francisco Teixeira, o Seu Adjalma. Conhecido como "Guardião do Jardim", Seu Adjalma é um dos maiores ídolos da Desportiva Ferroviária, título que reflete tanto sua trajetória como goleiro quanto seu longo legado no clube. Atuou na posição até 1967, quando encerrou sua carreira nos gramados. Posteriormente, assumiu a função de administrador do estádio, o Jardim, cargo que ocupou com dedicação por 37 anos. Sua demissão em 2002 pela administração do clube-empresa evidencia a ruptura com o legado e memória da Desportiva Ferroviária, acentuando o distanciamento entre a nova gestão e as tradições cultivadas ao longo das décadas.

Estas ações simbolizam o processo de apagamento da história da Desportiva Ferroviária em curso, provocando profunda desconexão com a comunidade grená, que

construiu coletivamente e atribuiu significado ao longo de várias décadas desde a fundação do clube. Como consequência, por não mais se reconhecerem no clube, grande parte dos torcedores se afastaram durante a era Capixaba S/A, um movimento com reflexos no público presente nos estádios, que cai para uma média de público inferior a 200 pagantes. As tradicionais torcidas organizadas também se retiram em forma de protesto (GUARANDY, 2019, p. 44), demonstrando a insatisfação com os rumos do clube sob nova administração.

O apagamento e a negligência praticados pela nova administração não se restringe à esfera simbólica, incidindo também sobre o patrimônio material do clube e a gestão do futebol. As promessas de investimento na infraestrutura física e na equipe não são efetivadas, resultando no enfraquecimento do clube e na deterioração do patrimônio material, tanto a sede social quanto o estádio de futebol. Entre outras cláusulas do contrato, a construção do posto de gasolina e o pagamento das dívidas do clube não se concretizaram.

A destruição da sede social simboliza o descaso para com o patrimônio material do clube. Durante a era Capixaba S/A, os eventos sociais promovidos na edificação são interrompidos, deixando-a em estado de abandono. A ausência de manutenção e cuidado culminam em sucessivas invasões e roubos no lugar, com a destruição completa do edifício e do acervo de memória da Desportiva, com a perda de significativo acervo de documentos e fotografias, troféus e outros registros das conquistas do clube, entre outros (MARQUES, 2009, p. 245). Ainda, a própria edificação é demolida anos mais tarde, devido ao estágio avançado de arruinamento.

Figura 21. Imagem da sede social da Desportiva Ferroviária em processo de arruinamento. Em primeiro plano, a bandeira da Desportiva Capixaba S/A hasteada.



Fonte: Blog Folha Grená.

Na esfera esportiva a tônica é a mesma. O desempenho da Desportiva Ferroviária nos campeonatos nacionais e locais agravam a crise vivida, culminando em um período de paralisação das participações do clube em competições de futebol profissional, algo inédito desde a fundação da agremiação. Com isso, o estádio passa a ser explorado comercialmente pelo grupo administrador com o aluguel sendo administrado para outras atividades. Uma transformação marcante e representativa deste período é a fragmentação do campo de futebol em campos *society* para aluguel, evidenciando o desinteresse na continuidade do projeto proposto no acordo societário.

A crise agravada pelas sucessivas decisões realizadas durante a era Capixaba S/A contribuem para a ruptura entre o clube e a comunidade grená. Por meio de entrevistas realizadas por Bruno Marques em seu livro *Os trilhos da história: Memórias da Desportiva Ferroviária* (2009) e de dissertação de mestrado (GUARANDY, 2019) é perceptível a profundidade da fragmentação da relação entre clube e torcedores provocada pelo período em que o clube manteve a sociedade com o grupo Frannel & Oliveira.

Ao abandonar os símbolos tradicionais e o nome do clube, o grupo Frannel acelera o processo de desconexão. O clube, que tradicionalmente desempenhava importante função social entre os torcedores e era um organismo vivo no bairro Jardim América e adjacências, agora é apropriado por uma empresa preocupada apenas com a relação de

exploração dos ativos do clube, com o único objetivo de obter lucro através do uso do estádio Engenheiro Araripe.

A primeira tentativa da Desportiva Ferroviária de reaver os direitos do clube com uma ação na justiça frente à administração temerária, que coloca em risco todo o legado da agremiação, ocorre em 2003, com o intuito de desfazer a sociedade. Na ação, o clube alega que o presidente da Desportiva Capixaba S/A, Marcelo Villa-Forte, não cumpre as cláusulas do acordo consolidado, além do aprofundamento do endividamento do clube provocado pela administração. Em março de 2008, a Desportiva Ferroviária vence a ação em primeira instância, no entanto, um recurso perpetrado por Villa-Forte atrasa o desfecho (FERROVIÁRIOS..., 2009, p. 33).

Além da movimentação da Desportiva Ferroviária na justiça, projetos independentes por parte de torcedores surgem com o objetivo de recuperar o clube e seu legado, como o Movimento Desportiva “Viva” em seu objetivo de mediar e prestar apoio na resolução do problema entre o clube Desportiva Ferroviária e o grupo Frannel. A situação do clube se mantém até 2011, quando mais uma decisão judicial favorável à Desportiva Ferroviária desfaz o acordo com o grupo Frannel. Com isso, o clube conquista o direito de retomar o seu nome tradicional, seus símbolos, bem como a recuperação da posse do estádio e administração do clube (GUARANDY, 2019).

Apesar da conquista judicial, com a retomada da autonomia do clube e afastamento do grupo Frannel, os danos severos provocados pelos anos de Capixaba S/A deixam inúmeras sequelas ao clube. Com isso, a partir de 2011, inicia-se um processo de reconstrução, com campanhas direcionadas ao reestabelecimento da relação do clube com a comunidade Grená, que esteve afastada na fase Capixaba S/A, reconhecendo esta como o seu maior patrimônio a ser cultivado.

Apesar das importantes conquistas, na atualidade o clube lida com as consequências deste período. O processo de recuperação é longo, com disputas judiciais que ainda ameaçam o patrimônio do clube, um legado em forma de crise financeira e administrativa deixados ao clube e, principalmente, o desafio da retomada da comunidade responsável por criar e transmitir a tradição do clube e permitir a reconstrução e continuidade do clube como um organismo vivo na cidade após longo período de desconexão com a comunidade e o lugar.

3.2.4 Resistência grená frente à iminente perda do clube e o processo de reconstrução da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce

A recuperação dos símbolos e da autonomia da Desportiva Ferroviária em 2011 representa um grande estímulo para a retomada coletiva do clube. Neste contexto, é lançada a campanha Movimento Sou Grená, a partir da aliança entre as duas maiores torcidas organizadas do clube: Grenamor e Esquadrão Grená. A ação é idealizada com o objetivo de reaproximar a comunidade com o clube após o longo período de dominação da Desportiva Capixaba S/A.

Além da retomada simbólica, o clube promove uma mobilização para a revitalização do patrimônio material, com foco principal no estádio Engenheiro Araripe, buscando mitigar os danos acumulados durante os anos de negligência na era Desportiva Capixaba S/A (NUNES, 2011). Nesse contexto, é organizado um mutirão com a participação voluntária da comunidade grená para realizar uma série de reparos, incluindo a pintura do muro externo. Embora pareça uma intervenção comum, essa ação assume um simbolismo singular: ao longo do muro, diversas representações do escudo da Desportiva Capixaba S/A são apagadas pelos torcedores, que fazem questão de eliminar o símbolo da sociedade que quase levou ao fim do clube do coração.

Figura 22. Mutirão de reforma e manutenção do estádio Engenheiro Araripe, com ato simbólico de remoção do escudo da Desportiva Capixaba S/A.



Fonte: Acervo Thiago Nunes (Blog Folha Grená); Adriano Horta/A Tribuna.

No mesmo ano, com a retomada das atividades do clube em campeonatos oficiais de futebol profissional, ocorre o retorno ao estádio da Desportiva Ferroviária com o escudo, cores e símbolos tradicionais, após a dissolução do acordo com a Desportiva

Capixaba S/A. O retorno é comemorado pela comunidade grená de maneira efusiva, no entanto, ainda que com muito trabalho a ser feito para recuperar plenamente o clube.

Figura 23. Festa no estádio Engenheiro Araripe realizada pela torcida na primeira partida da Desportiva Ferroviária após anos de inatividade.



Fonte: Jornal A Gazeta em Globo Esporte (2011)

Os pareceres favoráveis à Desportiva Ferroviária na justiça não significam o fim do processo ou dos problemas relacionados à antiga gestão. O clube enfrenta um cenário de endividamento maior do que embasou a decisão de constituição da sociedade e parte do patrimônio dilapidado. A sede social, um dos principais espaços de sociabilidade do clube e que desempenhava papel importante na obtenção de receitas, é totalmente perdida, sendo a ruína completamente demolida ainda na gestão Capixaba S/A.

Devido às reverberações do processo judicial, o estádio Engenheiro Araripe quase é levado a leilão em diversas vezes³⁶ e o patrimônio do clube segue em risco devido à sociedade malsucedida. Com isso, em 2012, é realizada uma marcha em defesa do estádio Engenheiro Araripe, convocada por torcedores e com adesão da comunidade local em apoio à manutenção do patrimônio do clube.

³⁶ Ao longo dos anos, ocorreram sucessivas tentativas de venda do estádio em leilão judicial, sendo a mais recente em 2024. Embora a decisão ainda não tenha sido concretizada, o risco permanece iminente enquanto não houver uma resolução definitiva na ação judicial envolvendo a Desportiva Ferroviária e a Desportiva Capixaba S/A.

Figura 24. Marcha em Defesa do Estádio Engenheiro Araripe realizada em 2012, após a primeira tentativa de venda do estádio em leilão judicial.



Fonte: Acervo pessoal Leandro Carlini, 2012.

A perda da documentação e dos registros históricos do clube e da sede social mobilizam uma série de movimentos autônomos da comunidade grená em favor da documentação das memórias do clube, em sua relevante trajetória esportiva e social. Destacam-se algumas: o lançamento do livro ‘Os trilhos da história: Memórias da Desportiva Ferroviária’ por Bruno Marques, em 2009, que constrói a trajetória desportiva da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce desde o processo de formação até 2008; em continuidade ao trabalho de Marques, em 2009 é fundado o blog Tivapédia, de autoria de Leandro Vieira Carlini, com objetivo de divulgar em meio digital a documentação da memória da Desportiva Ferroviária, em atividade até a atualidade; no mesmo ano, Thiago Nunes inicia o blog Folha Grená, em atividade até 2012, com objetivo de documentar o dia a dia do clube para os demais torcedores, com forte crítica à ausência da imprensa local na cobertura acerca de um dos mais importantes clubes do Espírito Santo e do futebol capixaba como um todo. Estes esforços compõem relevante atuação frente à falta de acesso identificada acerca da memória e do cotidiano do clube, mesmo em bases oficiais, e prestam suporte ao objetivo de manter o legado do clube e a construção contínua do processo de identificação da sua comunidade.

A partir das ações elencadas, identifica-se um certo grau de organização e militância de indivíduos e grupos pertencentes à comunidade grená demonstradoras da continuidade do legado do clube mesmo em um cenário local enfraquecido, como o futebol capixaba. Com o processo de metropolização do futebol nacional, clubes situados na periferia desta rede têm suas crises agravadas devido ao enfraquecimento econômico, político e social em detrimento de um crescimento dos seletos clubes pertencentes à elite do futebol.

Como constatado por Bale (2001 [1993]), a militância e o ativismo associados a clubes de futebol em sua maioria estão ligados a eventos pontuais sem força para reverter a ameaça a componentes da identidade do clube, como o estádio. É importante analisar esta força coletiva com maior profundidade com objetivo de compreender como a militância pode ser articulada em modo perene e ampliado de sua escala e abrangência. Neste sentido, é possível reconhecer na comunidade engajada em torno da Desportiva Ferroviária um potencial motor para o desenvolvimento local em conjunto com o clube de futebol. Para isso, é preciso pensar um futebol além da elite concentrada e homogeneizada e impulsionado pela força da liberdade, do pensamento e da autonomia, força capaz de fazer pensar o esporte e seu contexto local em sua condição de valor de patrimônio não comercializável e conduzido por redes globais. É necessário evidenciar as limitações do modelo centralizador imposto pela forma liberalizante predominante no funcionamento do futebol e no mundo, que tem como uma de suas consequências mais sensíveis a produção e o aprofundamento das desigualdades, sobretudo em contextos periféricos.

3.3 POR UMA REPRESENTAÇÃO DO LUGAR DO FUTEBOL A PARTIR COMUNIDADE GRENÁ

Neste item, apresenta-se uma representação descritiva-analítica do lugar do futebol no contexto da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, baseada em narrativas de pessoas pertencentes à comunidade Grená. Nesta perspectiva, é apresentada percepção da própria comunidade Grená acerca da tríade relação clube-comunidade-lugar, identificando por meio do discurso aspectos de formação da identidade clubística, da relação de pertencimento com o lugar, bem como as percepções dos indivíduos e da comunidade acerca das transformações ocorridas no clube, sobretudo nas últimas décadas. Com isso, a partir de diversos relatos, pretende-se analisar os elementos e significados recorrentes no discurso da comunidade grená, de maneira a identificar uma consciência coletiva do lugar do futebol.

Baseando-se em memórias coletivas e individuais acerca do clube, pretende-se aprofundar o conhecimento sobre o lugar do futebol através de vivências que transcendem os registros bibliográficos e documentais, possibilitando uma investigação dos elementos qualitativos e subjetivos que compõem a singularidade do

lugar do futebol. Com isso, propõe-se um olhar que extrapola a representação do estádio como objeto arquitetônico ou palco de eventos, compreendendo o lugar do futebol como elemento estruturante da formação da identidade dos indivíduos pertencentes à comunidade, além de atribuir-lhe um papel ativo, como um sujeito autônomo, dotado de identidade e de agência no seu meio. Os relatos orais baseiam uma análise qualitativa, que busca evidenciar aspectos em comum na experiência individual dos entrevistados, endossando a construção da memória e identidade coletiva no lugar do futebol. Ainda, através das narrativas, é realizada interpretação acerca dos processos e eventos que incidem no lugar e suas reverberações nas vivências individuais e coletivas relacionadas ao clube.

A coleta de dados é realizada através de um roteiro de entrevista semiestruturada, com questões baseadas em subcategorias estabelecidas previamente. A escolha do roteiro semiestruturado se justifica pela necessidade da manutenção de certa flexibilidade e autonomia aos entrevistados em relação aos temas da conversa, possibilitando a incorporação de subcategorias emergentes, às quais os entrevistados atribuem certa relevância. Devido a esta flexibilidade, o conteúdo abordado não apresenta uma estrutura uniforme entre os relatos. Ao longo da conversa, alguns temas previstos em roteiro surgem de forma espontânea por parte do entrevistado, de maneira que os itens são contemplados, mesmo sem um questionamento direto acerca do tema. Ainda, as particularidades da relação de cada um dos entrevistados com o clube refletem no nível de aprofundamento em certos temas ou períodos abordados. Como consequência, as transcrições não refletem uma estrutura linear e passível de comparação direta entre o conteúdo expresso pelos diferentes entrevistados.

Para possibilitar um alinhamento entre os relatos, é realizado processo de decupagem, no qual são extraídos trechos que evidenciam a visão dos entrevistados acerca da Desportiva Ferroviária em suas múltiplas dimensões, norteadas pela relação com o lugar. Com a seleção, procede-se à classificação dos relatos, atribuindo **marcadores temáticos** a cada fragmento de narrativa, estabelecido com base no tema abordado pelo entrevistado. Através dos marcadores temáticos, são identificados os conteúdos significantes abordados pelos diversos participantes, possibilitando a confrontação ou complementação de múltiplas perspectivas acerca de cada um deles. Ainda, com base nessa organização, é extraído um quantitativo que revela a frequência de repetição dos marcadores temáticos nos relatos analisados. A extração da **frequência** tem como

objetivo contribuir com a percepção da relevância do conteúdo para os entrevistados, entendendo que quanto maior a frequência do tema nos relatos, mais este tem um peso na dinâmica da relação do indivíduo com o clube. O material que compõe este processo de decupagem está inserido no Apêndice D (p. 185).

Com base neste material, constrói-se uma narrativa do lugar do futebol a partir dos relatos orais da comunidade grená, organizada segundo os marcadores temáticos identificados no discurso. Dessa forma, emergem as particularidades do contexto analisado, sobretudo os eventos que provocam transformações significativas na Desportiva Ferroviária. A análise dos depoimentos dos participantes permite identificar temáticas relevantes para uma compreensão mais aprofundada do lugar do futebol nesse cenário. Em decorrência disso, a estrutura da análise de conteúdo adota critérios específicos ao contexto estudado, organizados nos seguintes itens: a constituição da comunidade grená; a construção do lugar do futebol no contexto da Desportiva Ferroviária; as reverberações materiais e simbólicas decorrentes do declínio do clube associativo; e, por fim, o papel do clube na vida pública e o potencial associativo da comunidade.

3.3.1 Trabalho de campo e apontamentos metodológicos

Parte do conteúdo desta dissertação pressupõe a participação de pessoas que são ou foram ligadas à Desportiva Ferroviária ao longo da trajetória de suas vidas. Neste sentido, são adotados procedimentos metodológicos objetivando a coleta e a análise de dados relativos ao objeto concreto com base em relatos. Para tal, a pesquisa se desenvolve com base em metodologia qualitativa descritiva, com o objetivo de apreender o objeto de estudo em sua completude (SERRA, 2006, p. 81). O uso de método qualitativo busca elucidar e abarcar fenômenos centrados na interpretação e explicação de dinâmicas presentes nas relações sociais, os quais não se reduzem à operacionalização de variáveis quantitativas, mas envolvem crenças, percepções e opiniões, compreendidos como “produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, [...] sentem e pensam” (MINAYO, DESLANDES, *et al.*, 1994). A combinação de registros orais com os documentos históricos se revela fundamental para uma compreensão aprofundada do objeto de estudo.

Ao incorporar relatos e vivências de pessoas com vínculos afetivos à Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, a pesquisa alcança uma nova dimensão. A abordagem metodológica baseada na tradição oral permite investigar fenômenos do passado sob perspectivas únicas, complementando os registros oficiais e proporcionando uma visão mais rica e complexa. Os registros são fundamentais para aprofundar a compreensão do objeto de estudo, enriquecendo os dados históricos e documentais.

Nesse contexto, torna-se indispensável interpretar o lugar do futebol a partir de relatos que envolvem marcos geográficos, como o Estádio Engenheiro Alencar de Araripe e outros espaços historicamente associados ao clube. A tradição oral não apenas amplia a investigação sobre fenômenos do passado e do presente, mas também agrega uma nova camada de complexidade aos fatos conhecidos e registrados. Além disso, contribui para dar voz às narrativas frequentemente silenciadas ou invisibilizadas, que são parte essencial da coletividade e da identidade do lugar do futebol.

A relevância de relatos orais e memórias individuais e coletivas relacionadas ao lugar do futebol se torna evidente no reconhecimento enquanto espaço tradicionalmente vivido e narrado. Desde as crônicas esportivas até as conversas informais nas mesas de bar, a construção de mitos e identidades ao longo das gerações ocorre, sobretudo, por meio das histórias compartilhadas e componentes do repertório de milhares de pessoas carecentes de registros formais.

Com objetivo de preencher esta lacuna, procedimentos metodológicos são adotados para a coleta de dados, a serem descritos a seguir: aplicação de questionário; entrevistas semiestruturadas; exercício de representação com base em diagrama. Outros elementos relevantes para o desenvolvimento da pesquisa são abordados, como, por exemplo, os primeiros passos no desenvolvimento do trabalho de campo e os desafios encontrados na etapa.

Na sequência, procede-se à organização dos dados coletados e posterior análise com objetivo de identificar padrões, narrativas e tensões presentes nos registros. O percurso a seguir possibilita a produção de conjunto de informações aprofundadas e ilustrativas dos objetos de estudo, por meio da compreensão e explicação do objeto-concreto abordado e posterior análise com base em referencial teórico estabelecido.

3.3.1.1 Trabalho de campo e entrada no grupo

O marco inicial do trabalho de campo ocorre no começo do ano de 2024, a partir de visita ao estádio de futebol em dias de jogos ao longo de todo o Campeonato Capixaba de 2024. Esta fase, de reconhecimento do gramado, permitiu a observação das dinâmicas existentes no estádio durante os eventos, bem como das formas de apropriação dos arredores. O trabalho ocorre de forma solitária, através da técnica de observação participante, sem entrevistas ou conversas informais ligadas à pesquisa. Além do estádio Engenheiro Araripe, foram observados também os estádios Salvador Costa e Kleber, como brevemente relatado na introdução deste capítulo. Uma dificuldade da fase foi a ausência de contato com os indivíduos e grupos ali presentes. Eu era um “corpo estranho” àquele lugar, ainda não estava completamente confortável na minha posição de pesquisadora-observadora e toda zona cinzenta característica dessa posição, ainda sem completo domínio das possibilidades de interação e sem intervenções influentes no meio observado.

Nas semanas de trabalho de campo, os esforços se concentraram nas visitas aos estádios e percepções relacionadas a este meio e, paralelamente, no aprofundamento da pesquisa documental. Este modo de ocupar o estádio me permite constatar um dos elementos marcantes do lugar do futebol aos seus frequentadores, assíduos ou não: a possibilidade de estar só, mas não sozinha. Estar no lugar do futebol é integrar uma coletividade, mesmo involuntariamente. Existem diversas maneiras de se expressar, individual ou coletivamente, de forma ativa ou passiva, caracterizadoras das pessoas neste contexto. Ao analisar estádios de futebol, o antropólogo francês Christian Bromberger aponta que “cada setor, ou até mesmo cada canto do estádio, forma uma espécie de território onde se enraíza um sentimento de pertencimento comum, que se expressa – muito mais do que se dissolve – nessa efervescência coletiva” (BROMBERGER, 2019, p. 109-110).

No contexto do estádio Engenheiro Araripe é curioso observar de que maneira as alteridades se manifestam mesmo sem barreiras físicas ou distinções formais na arquitetura que delimitem ou influenciem comportamentos. Ainda assim, as diversas formas de torcer são espacializadas em zonas ocupadas na arquibancada.

Dado o desafio inicial de inserção e estabelecimento de uma rede de contatos no meio, a alternativa planejada foi de aprofundar as relações a partir do trabalho de campo no estádio Engenheiro Araripe em meio à Copa Espírito Santo 2024, com início previsto

após o fim do Campeonato Capixaba 2024. No entanto, uma decisão interna do clube altera estes planos. Devido ao estado de deterioração do gramado e à necessidade de manutenção sem o desgaste dos jogos, a comissão técnica do time opta por renunciar a sua ‘casa’ e mandar jogos da equipe para o estádio estadual Kleber Andrade. Com isso, a intenção de continuar a observação-participante no Engenheiro Araripe é frustrada. Apesar do revés na pesquisa, a experiência evidencia a força do lugar no contexto do futebol: a mudança de sítio para a competição, apesar da justifica técnica, é encarada pela comunidade de forma negativa, impactando no poder de mobilização do clube e nos resultados esportivos.

Com isso, surge a necessidade de pensar alternativas de aproximação. A primeira ocorre a partir de visita ao estádio mesmo sem a ocorrência de jogos, na tentativa de conversar com pessoas presentes no dia a dia do clube, a partir da qual foi possível obter o número do telefone do então presidente do clube. Dias adiante, algo determinante para o contato inicial foi a participação, em reunião pública realizada no dia 17 de junho de 2024, na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, organizada pela Comissão de Turismo e Desporto. O evento contou com a presença de torcedores, dirigentes, atletas e ex-atletas da Desportiva Ferroviária. Em pauta, o interesse público sobre o estádio Engenheiro Araripe e o risco de sua perda devido a um processo judicial. Este evento aponta o interesse e mobilização social e política frente à possível perda de um bem de interesse coletivo e de relevância histórica no Espírito Santo. Assim, foram estabelecidas conversas informais com personalidades de destaque na história do clube e apresentação inicial da pesquisa. Outro canal de busca relevante foi o meio digital, onde foi possível encontrar pessoas que expressam publicamente em blogs ou redes sociais o interesse e ações relacionadas à Desportiva Ferroviária.

Em etapa anterior à efetiva participação por meio de entrevista, a pesquisa foi apresentada aos potenciais entrevistados, com objetivo de consultar o interesse de participação. Após manifestação de interesse preliminar, é realizado agendamento de entrevista, com duração estimada de duas horas, em local escolhido pelo participante dentro da Região Metropolitana da Grande Vitória. Este processo inclui a apresentação detalhada do projeto de pesquisa e a comunicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao participante da pesquisa, respeitando os direitos e garantias do participante determinados por regulamentação do Comitê de Ética de Pesquisa com

Seres Humanos ³⁷. O consentimento é obtido de forma espontânea e objetiva, promovendo um ambiente de confiança e transparência com os participantes da pesquisa. Foi garantida a escolha do participante em relação ao registro da entrevista, permitindo gravações de voz ou imagem apenas mediante autorização, com a alternativa de registros escritos em caso de recusa.

Independente do meio, percebe-se uma recepção positiva da pesquisa no contexto da Desportiva Ferroviária. Com isso, foi estabelecido contato com pessoas que se mostraram disponíveis a contribuir com entrevistas e disponibilização de materiais relativos ao clube e ao estádio para consulta. Observa-se, tanto a partir da pesquisa bibliográfica e documental quanto dos depoimentos coletados em entrevistas, que a Desportiva Ferroviária enfrenta um problema crônico na documentação de sua história e registro de sua memória. Essa deficiência se evidencia na escassez de material disponível e nos desafios que agravaram esse cenário, aspectos explorados adiante.

3.3.1.2 Descrição da coleta e análise de dados: o uso de questionário e roteiro de entrevista semiestruturada

Os questionários e as entrevistas realizados têm como objetivo principal a identificação de elementos relevantes para a constituição da identidade e do autorreconhecimento do participante enquanto integrante da comunidade grená, vinculando a formação do sujeito com as apropriações individuais e coletivas do lugar do futebol no contexto da Desportiva Ferroviária.

O roteiro de entrevista é elaborado e organizado a partir de subtemas inseridos na tríade clube-comunidade-lugar, elemento base para interpretação do lugar do futebol, conforme apontado pelo referencial teórico desenvolvido. Dada a subjetividade inerente à experiência individual dos entrevistados, opta-se pela utilização de um roteiro de entrevista semiestruturado, possibilitando a adaptação das perguntas de acordo com as características pessoais e interesses expressos pela pessoa entrevistada (GIL, 2021). Neste sentido, a interação e desenvolvimento da entrevista podem influenciar as perguntas a serem feitas, prevendo também a possível inclusão de novos

³⁷ A pesquisa foi devidamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo. O projeto está registrado sob o CAAE 82979924.7.0000.5542. A aprovação assegura que todos os procedimentos relacionados à pesquisa respeitam as normas éticas e científicas estabelecidas, garantindo a proteção e os direitos dos participantes envolvidos.

elementos, desde que inseridos nas temáticas delineadas no roteiro original. Sendo assim, o roteiro semiestruturado confere flexibilidade adequada à função de apoio ao diálogo entre a pesquisadora e o participante da pesquisa, com capacidade de fomentar a conversa e identificar elementos relevantes para a constituição de relações afetivas do participante da pesquisa com a Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce.

Com base nesta premissa, como procedimento metodológico, adota-se a técnica de análise de conteúdo das entrevistas, realizada em três etapas, conforme Bardin (BARDIN, 1977, p. 93). A primeira etapa, denominada pré-análise, consiste na organização e sistematização do material coletado; a segunda etapa, exploração do material, é realizada a partir da codificação e categorização do conteúdo; e, por fim, a terceira etapa, que consiste no tratamento dos resultados e é elaborada por meio de inferência e interpretação do conteúdo. Esse procedimento se adequa à escala e à abrangência do estudo proposto, possibilitando a compreensão da complexidade e dos detalhes das informações obtidas acerca dos indivíduos e sua relação com o meio.

3.3.1.3 Seleção dos entrevistados

A seleção dos participantes da pesquisa seguiu critérios baseados na identificação prévia de indivíduos com vínculo explícito com as atividades cotidianas em relação à Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce. Como vínculo, adota-se uma interpretação abrangente, de forma a incluir pessoas que estiveram ligadas ao clube profissionalmente (trabalhadores), institucionalmente (conselheiros) ou afetivamente (torcedores). Para essa identificação, foram utilizados dados públicos disponíveis em publicações na imprensa, eventos públicos e mídias sociais de acesso livre.

Para contextualizar os relatos sobre o clube, apresenta-se aqui uma breve identificação daqueles que contribuem para construir uma representação da comunidade grená e da Desportiva Ferroviária. Foram conduzidas seis entrevistas, com a participação de nove entrevistados, e cada uma teve duração média de duas horas. As entrevistas foram realizadas presencialmente e com registro de áudio, e as transcrições dessas conversas constituem o material bruto de análise. Esses participantes, com diversas formas de envolvimento e relação com o clube, compartilham suas memórias e reflexões sobre a comunidade grená.

Fausto Jarbas Lima (1946, João Neiva-ES) atuou como atacante na Desportiva Ferroviária no primeiro time formado após a fusão do clube. Durante a sua carreira, atuou profissionalmente por outros clubes profissionais no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Mesmo após a aposentadoria dos gramados, Fausto segue acompanhando a Desportiva Ferroviária e outros clubes pelos quais passou no futebol capixaba.

Eletelba Ferreira da Silva (1943, São João de Meriti-RJ), mais conhecido como Diogo, também integrou o primeiro time pós-fusão, atuando como atacante. Sua passagem pelo clube é breve, mas os laços constituídos na comunidade grená permanecem até a atualidade. Durante a sua carreira, atuou em diversos clubes do futebol brasileiro e teve passagens pelo futebol internacional. Nas últimas décadas, Diogo se dedica à formação de novos jogadores de futebol.

José Osmário Simonassi (1940, São João de Petrópolis-ES), também integrou o primeiro time pós-fusão, atuando como lateral direito. Além de jogador de futebol, Simonassi desempenhou a função de técnico agrônomo no clube, sendo responsável por cuidar do gramado do estádio Engenheiro Araripe ao longo de 7 anos.

Carlos Antônio Fundão Farias, Carlinhos, tem a presença constante da Desportiva Ferroviária na sua trajetória de vida pela influência do pai, Aylton Farias, trabalhador ferroviário que foi diretor no clube Ferroviário e esteve presente no processo de fusão da Desportiva Ferroviária, bem como participou da direção do clube ao longo de 20 anos, até a sua morte precoce ocorrida em 1983. Atualmente, Carlos Farias ocupa o cargo de presidente da associação da Desportiva Ferroviária (2024-2026).

João Carlos Pereira, assim como Carlos Farias, constrói sua ligação com a Desportiva Ferroviária desde a infância a partir da influência familiar e das relações de sociabilidade constituídas nos arredores de Jardim América. Na vida adulta, João Carlos se torna trabalhador da Companhia Vale do Rio Doce, algo que acentua ainda mais a sua relação de proximidade com a Desportiva Ferroviária. Atualmente, João Carlos ocupa o cargo de vice-presidente da associação da Desportiva Ferroviária (2024-2026).

Janete Santos de Sá, deputada estadual, constrói sua ligação com a Desportiva Ferroviária principalmente devido às relações de sociabilidade constituídas nos arredores de Jardim América e na escola da CVRD, contrariando a escolha de clube do próprio pai, que se identificava com o Rio Branco. Na vida adulta, Janete se torna

trabalhadora da CVRD e integra o Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários (SindFer), onde chega a atuar como presidente e desempenha papel na defesa e manutenção do colégio Eliezer Batista em conflitos relacionados ao espólio da CVRD e da Desportiva Ferroviária.

Angelo André Rodrigues Lima, economista aposentado, mais conhecido como André, foi trabalhador da CVRD e atuou como conselheiro no clube antes do processo de constituição da Desportiva Capixaba S/A. Sua ligação com o clube se constitui a partir das relações de sociabilidade constituídas nos arredores de Jardim América e do futebol amador local, que o levaram a conhecer e participar do clube, relação essa que se acentua a partir do momento que André começa a trabalhar na CVRD. Teve atuação relevante, à época injustificada, ao ser o único conselheiro a se opor ao processo de transformação do clube em empresa, em 1999.

Thiago Abikahir Nunes acompanha a Desportiva Ferroviária desde 1990 devido à influência do pai, médico fluminense radicado no Espírito Santo desde o final da década de 1960. Thiago atua de forma independente em prol do clube, como torcedor e colecionador. Entre 2008 e 2014, criou e foi responsável pelo blog Folha Grená, que surgiu com objetivo de suprir a demanda de informações sobre o dia a dia do clube, provocada pela falta de transparência característica do período Desportiva Capixaba S/A e pela deficiência da cobertura da imprensa.

Leandro Vieira Carlini se aproxima da Desportiva Ferroviária de forma independente, através da cobertura televisiva acerca do bom momento do clube nos gramados na década de 1990. Da curiosidade inicial e admiração pelo futebol praticado surge uma paixão da vida, que o mobiliza de diversas formas. Na juventude, Leandro participa da escolinha de futebol da Desportiva Ferroviária. Desde a década de 1990, Leandro coleciona memórias na arquibancada e alimenta um acervo histórico e iconográfico acerca do clube. Em 2009, Leandro cria o blog Tivapédia, que busca divulgar informações históricas do clube em defesa do legado da Desportiva Ferroviária. Além dos blogs, Thiago e Leandro participam voluntariamente de diversos outros projetos e iniciativas que buscam divulgar a história do clube.

3.3.2 Constituição da comunidade grená

Refletir sobre o lugar do futebol implica, necessariamente, compreender a formação da comunidade e da identidade que sustentam um clube. Desde o início, essa construção está intrinsecamente ligada ao meio e ao espírito da época. A comunidade e a identidade que se desenvolvem não são estáticas ou homogêneas; elas se transformam e, frequentemente, se expandem, tanto em abrangência quanto em relevância. Assim, essa construção coletiva, contínua e perene, adquire novas camadas de complexidade, resultando no que chamamos de pertencimento clubístico (DAMO, 2012) – um organismo vivo, em constante transformação e profundamente enraizado na tradição. Pertencer a um clube, integrar uma comunidade e afirmar esta identidade pressupõe certo grau de envolvimento, comprometimento e reconhecimento. Ainda, embora esteja profundamente associada a um evento inscrito no tempo e no espaço, o jogo de futebol, a construção da comunidade e da identidade envolvem também a produção da vida cotidiana, do tempo vivido, extrapolando os limites do campo e das arquibancadas.

Sob essa premissa, esta seção apresenta as particularidades da comunidade e da identidade grená, fundamentadas em relatos orais de pessoas vinculadas à Desportiva Ferroviária. A partir desses depoimentos, busca-se desvelar as diversas dimensões da sociabilidade que envolvem o clube e agregam o sentido de pertencimento grená.

Como relatado, a Desportiva Ferroviária é produto da fusão entre cinco clubes, profissionais e amadores, fundados por trabalhadores da Companhia Vale do Rio Doce. Mesmo com o avançar das gerações, a origem ferroviária provoca reverberações no clube até a contemporaneidade, tratando-se de um dos aspectos basilares da identidade grená. A limitação dos dados e ausência de indivíduos que viveram os clubes durante o período pré-fusão dificultam uma reconstituição precisa da origem, no entanto, relatos de outras gerações dão conta da relevância dos clubes formadores como elemento impulsionador da sociabilidade local:

O Ferroviário, time do meu pai, por exemplo, tinha um campo naquela região³⁸. Os outros clubes também possuíam seus campos e sedes. A comunidade dos bairros próximos vivia em função disso, e o estádio passou a representar muito para eles, pois era a continuidade do que já existia antes³⁹.

³⁸ A entrevista foi realizada em uma das arquibancadas do estádio Engenheiro Araripe. Neste momento, o entrevistado aponta para a estação Pedro Nolasco, situada próxima ao estádio (item B localizado no mapa do Apêndice A).

³⁹ Informação verbal. Entrevista com Carlos Antônio Farias, concedida em novembro de 2024.

Eu conhecia um dos clubes [o Ferroviário], porque o Seu Mateus, que morava na minha rua, era um dos jogadores. Ele era pai de dois dos nossos melhores amigos, e lembro que comemorou muito quando houve a fusão dos times⁴⁰.

Nos relatos de Carlos e Janete, emergem as lembranças acerca do otimismo de parte da comunidade local em relação à fusão dos clubes dos trabalhadores da CVRD. A conquista do estádio é considerada um marco relevante para a continuidade da sociabilidade já constituída em torno dos clubes predecessores. Um elemento que reforça a identificação do clube como *ferroviário*, não somente um clube do bairro, é a massiva presença de trabalhadores da CVRD e seus familiares na ocupação de moradias dos bairros do entorno⁴¹.

De uma primeira geração de integrantes dos clubes com predominância de trabalhadores da CVRD, emergem outras formas de aproximação na sociabilidade do clube, entre elas, a influência familiar. Ao relatar as suas influências, Carlos e João citam suas figuras paternas, que integravam clubes formadores e a Desportiva Ferroviária pós-fusão. “O meu pai tinha bandeira, escudo, tudo da Desportiva. Crescendo nesse ambiente, a gente acaba se aproximando também. Lá em casa, todo mundo virou grená”⁴².

Além da participação ativa na comunidade, a inserção do clube na vida cotidiana da família de Carlos era tão significativa que, em determinadas ocasiões, chegavam a disponibilizar a própria residência para servir de moradia a jogadores recém-chegados, conforme lembra Carlos:

Lá em casa, a gente respirava futebol. Alguns jogadores da Desportiva, quando vinham para cá [jogar no time], alugavam casas na região, e pelo menos dois moraram lá em casa por muito tempo [...], com família e tudo. Meu pai vivia a Desportiva, e minha mãe ajudava no que podia. Nunca atrapalhava, muito pelo contrário, sempre apoiava e dava força⁴³.

O pai de Carlos, Aylton Farias, era o pilar que mobilizava a família em torno da Desportiva Ferroviária. Carlos recorda que, apesar de Aylton trabalhar na CVRD, sua verdadeira paixão era o futebol e, em especial, a Desportiva. Desde a fundação do clube

⁴⁰ Informação verbal. Entrevista com Janete Santos de Sá, concedida em dezembro de 2024.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² Informação verbal. Entrevista com João Carlos Pereira Rocha, concedida em novembro de 2024.

⁴³ Informação verbal. Entrevista com Carlos Antônio Farias, concedida em novembro de 2024.

até sua morte precoce, aos 51 anos, em 1983, Aylton manteve-se ativamente envolvido na direção do clube, exercendo diversas funções ao longo dos anos⁴⁴.

Além dos laços familiares, nas primeiras décadas de atividade do clube, a constante influência da Desportiva Ferroviária no cotidiano de Jardim América e dos bairros adjacentes opera como elemento de atração à comunidade, sobretudo a partir das relações de amizade formadas no bairro. André conta como a sua participação em um time de futebol amador do bairro foi decisiva para a sua aproximação com a Desportiva Ferroviária:

Meus pais moravam aqui em Jardim América. Então, comecei a conviver com o pessoal do bairro. E, queira ou não, o futebol aproxima as pessoas, né? Eu jogava razoavelmente bem para um time amador e fui me integrando. O pessoal que frequentava o clube esportivo [Desportiva Ferroviária] me chamou para conhecer. [...] morando e convivendo em Jardim América, tão próximo do clube, esse contato foi criando um sentimento de pertencimento com a Desportiva⁴⁵.

Anos adiante, embora André venha a trabalhar na Companhia Vale do Rio Doce, sua ligação com a Desportiva Ferroviária já estava consolidada. Ele atribui à influência dos amigos do futebol amador como o principal fator para sua adesão ao clube. Ainda, André aponta que neste meio não era frequente a participação de trabalhadores ferroviários, o que reforça a capilaridade da Desportiva Ferroviária no bairro para além da comunidade de origem do clube. No universo do futebol, a escala de abrangência dos times permite que um indivíduo estabeleça vínculos com diversas equipes em níveis distintos, sem que isso se mostre contraditório (GUEDES, 2020, p. 301).

Alguém pode jogar ou torcer pelo time da sua rua, do seu bairro, da sua cidade, do seu clube, pela seleção do seu estado, de seu país e, até, de seu continente. Dificilmente há contradição entre esses diversos pertencimentos, justamente porque são de níveis diferentes (GUEDES, 2020, p. 301).

No contexto analisado, o futebol amador se configura como um campo próprio de sociabilidade, mantendo, entretanto, uma ligação significativa com o futebol do clube. A experiência relatada por André não é isolada; e ainda, o caminho inverso também ocorre, quando companheiros da comunidade do clube se organizam para formar um time amador. João relembra sua participação na formação de um time amador no

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ Informação verbal. Entrevista com Angelo André Rodrigues Lima, concedida em janeiro de 2025.

bairro Itaquari, idealizado por jovens torcedores grená, que batizaram a equipe de Desportivinha e, além do nome, se apropriaram das cores e dos símbolos do clube⁴⁶.

Além de mobilizar os torcedores, o futebol amador desempenhava um papel importante nos primórdios do clube. Em uma época em que a circulação de informações e de jogadores era limitada, essa modalidade era fundamental para a revelação de novos talentos aos clubes profissionais, como o caso de José Osmário Simonassi, lateral-direito do primeiro time formado pela Desportiva Ferroviária:

Eu era formado como técnico agrícola. Na época, fiz um contrato com a condição de que eles me dessem um emprego na CVRD, e, em troca, eu jogaria na Desportiva. Deu certo, e eu fiquei lá como técnico, ajudando a cuidar do gramado. Trabalhei por muito tempo supervisionando o gramado enquanto ainda jogava. Comecei em 1964 e fiquei na Desportiva até 1972. Trabalhava e jogava⁴⁷.

O relato de Simonassi reflete bem o estágio de desenvolvimento do futebol profissional da Desportiva Ferroviária em seus primeiros anos de atividade, sobretudo no que diz respeito às relações de trabalho. Enquanto a ligação do clube com a Companhia Vale do Rio Doce era considerada um atrativo pela possibilidade de oferta de emprego, a atuação no futebol profissional era encarada como uma atividade secundária, não como um trabalho. No contexto capixaba, eram poucos os jogadores conseguiram se manter integralmente através do trabalho remunerado no futebol naquele período.

...

O crescimento e a popularização do clube possibilitam que pessoas de contextos diversos, além dos trabalhadores ferroviários e do próprio bairro, se aproximem e se identifiquem com a Desportiva Ferroviária. Thiago Nunes relata que sua relação começa pela influência do pai, que se envolveu com o clube ainda na segunda metade da década de 1960. Oriundo de Itaperuna (RJ) e com o objetivo de estudar em Vitória, seu pai passou a residir no bairro Jucutuquara. Mesmo inserido em um reduto rio-branquense, ao assistir a um clássico entre Rio Branco e Desportiva no estádio Governador Bley, ele se identificou imediatamente com as cores da Desportiva Ferroviária. Esse momento marca o início de uma relação de torcedor que, anos depois,

⁴⁶ A formação de times amadores em homenagem a clubes de futebol é um fenômeno relativamente comum. Sem citar nomes, João relembra que existiam outros que homenageiam a Desportiva Ferroviária. Atualmente, um dos times amadores grená que segue em atividade é o Resistiva, localizado no bairro Resistência, em Vitória-ES.

⁴⁷ Informação verbal. Entrevista com José Osmário Simonassi, concedida em janeiro de 2025.

o levaria a se tornar sócio do clube e a transmitir a identidade grená às novas gerações de sua família.

A primeira vez que fui ao Araripe foi em 1991, quando eu tinha 9 anos. Meu pai me levou para ver um jogo entre a Desportiva e o Muniz Freire, que acabou sendo campeão estadual naquele ano. Minha primeira lembrança do estádio foi ele completamente lotado, cheio de torcedores apaixonados pela Desportiva. Depois disso, continuei acompanhando⁴⁸.

Embora não seja uma regra, o depoimento reforça o papel das relações familiares na formação da comunidade em torno dos clubes de futebol. Além disso, demonstra como a influência do clube se expande para além do bairro e do contexto ferroviário. Pode-se afirmar que essa ampliação da rede de torcedores é fortemente impulsionada pelo desempenho esportivo da equipe e as participações em competições nacionais até a década de 1990, que atraem novos públicos tanto nos estádios quanto por meio da repercussão midiática, como relata Leandro:

Eu fui descobrindo [a Desportiva Ferroviária] por conta própria. Eu ouvia muito quando tinha programa de televisão e rádio. Sempre acompanhei a Rádio Espírito Santo, ouço até hoje. Era a principal fonte de informação sobre o futebol capixaba, sempre trazendo as novidades [...]. Então, fui ouvindo os jogos no rádio, vendo matérias, e comecei a me interessar. Passei a assistir os jogos e acabei virando torcedor da Desportiva⁴⁹.

Como ele, muitos outros foram atraídos pela Desportiva Ferroviária, tornando-a o segundo time com maior torcida do Espírito Santo, mesmo sendo 50 anos mais jovem que os tradicionais Rio Branco A. C. e Vitória F. C., com torcedores em diversas localidades do estado.

Você vê, a Desportiva abraça, né? Poxa, eu sou da Serra, tenho um primo em Linhares, uma tia em Cariacica, e todos nós somos grenás, entendeu? Então, mesmo sem a visibilidade nacional que outros clubes têm, a torcida da Desportiva está espalhada por todo o estado. Eu diria que é a torcida mais espalhada do Espírito Santo. [...] Nos anos 90, era normal ver ônibus chegando de São Mateus, Aracruz, Linhares, só para assistir aos jogos. [...] O pessoal vinha para acompanhar, torcer e viver a Desportiva⁵⁰.

...

Embora se trate de um jogo coletivo, a passagem de personagens que se transformam em ídolos contribui para a sedimentação da memória coletiva, atrai pessoas e alimenta o imaginário da comunidade, com seus feitos propagados em tom de epopeia por inúmeras pessoas ao longo de diversas gerações. Diogo, autor do gol que garantiu o

⁴⁸ Informação verbal. Entrevista com Thiago Abikahir Nunes, concedida em janeiro de 2025.

⁴⁹ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

⁵⁰ *Ibidem*.

primeiro título do clube em 1964 e ídolo histórico da Desportiva Ferroviária, relembra momentos em que é abordado no cotidiano por torcedores, que demonstram gratidão e apontam a relevância do seu papel na memória da comunidade grená.

Quando jogávamos no estádio Governador Bley, o pessoal ia a pé até Jucutuquara. Era puro fanatismo, todo mundo ia para ver o jogo e viver aquele momento. Mas eles recebiam algo em troca também, sem dúvida. Você se entrega no jogo em campo, e eles retribuem com o próprio tempo, com a festa e com o apoio. [...] Ele [torcedor] quer manter a gente vivo, [...] a torcida não esquece. Eu vi muitos deles rirem. Na nossa época, fizemos mais eles rirem do que chorarem. Eu sempre falo para os caras: na minha época, nós perdemos tão pouco que fizemos eles rirem mais do que chorarem⁵¹.

Este relato apresenta alguns elementos essenciais ao futebol enquanto fenômeno cultural. Alguns autores comparam a construção ritual do futebol com tradições religiosas, equiparando-o a uma religião laica (FRANCO JR, 2007, p. 318). São perceptíveis algumas similaridades, tais como o caráter ritual do jogo, no qual as regras e os papéis de cada indivíduo na *cerimônia* se revelam claramente; a peregrinação dos torcedores em nome do clube; a adoção e uso de símbolos, uma representação das identidades e alteridades; o estado de comunhão que se estabelece entre a torcida e os jogadores durante as partidas; além da construção de lendas em torno de heróis – muitos deles referenciados como *divindades profanas* – e de eventos relacionados ao clube (BALE, 2001 [1993], p. 67). Neste meio, é canalizada a expressão de sentimentos coletivos enraizados, que perderam na sociedade industrial suas tradicionais vias de manifestação (FRANCO JR, 2007, p. 320). O caráter ritualístico não se restringe apenas ao jogo, mas permeia as práticas cotidianas dos torcedores. Isso se reflete na criação de superstições e na organização do cotidiano em torno de eventos ou outras atividades ligadas ao clube, tanto de forma individual quanto coletiva.

Mas, diferente da religião, a construção do pertencimento e a participação ativa da comunidade no futebol podem provocar reverberações concretas no campo de jogo, contribuindo para impulsionar o time em momentos difíceis, por exemplo. Dos torcedores, não se espera uma postura passiva no estádio; pelo contrário, tanto os profissionais quanto os apaixonados reconhecem a relevância da massa torcedora e seu papel ativo durante as partidas e na manutenção da vida do clube.

Eu gosto de ir ao estádio, de estar ali, vivendo aquela realidade. Quando você passa a frequentar, aquilo se torna o seu lugar, onde você se encontra. Eu sempre dizia: O Araripe é o quintal da minha casa. E, assim, a Desportiva virou o meu clube de coração. [...] O futebol, pra mim, é a mística, a camisa, algo onipresente na minha vida. Quando vejo aqueles meninos jogando, penso:

⁵¹ Informação verbal. Entrevista com Eletelba “Diogo” Ferreira da Silva, concedida em janeiro de 2025.

‘Caramba, eu queria estar ali no meio, brincando de bola, vestindo a camisa grená’. Não tive esse prazer, mas acompanho a Desportiva desde menino. É um pedaço da minha vida. Minha história está entrelaçada com a Desportiva⁵².

A gente cria muitas amizades na arquibancada com pessoas que, fora dali, não teriam nada a ver com a gente. E essas amizades duram a vida toda. Tem gente que se conheceu na arquibancada e virou padrinho de casamento do outro. Já teve até casamento de torcedores que se conheceram ali. É muito legal, muito massa isso. A vida acontece ali. Por que onde mais você encontra todas as classes sociais em igualdade? Ali, todo mundo está no mesmo nível. Todo mundo está torcendo pelo mesmo time, todo mundo xinga junto, comemora junto. Se o time perde, o cara rico, o cara pobre, o preto, o branco, todos saem tristes do mesmo jeito. E isso que eu acho mais interessante. O futebol não é uma ciência exata, mas lá dentro, todo mundo é igual. É o único esporte em que o mais rico pode perder para o mais pobre, se entrar de salto alto. No futebol, tudo pode acontecer. E é por isso que ele é o mais apaixonante. Ele nivela todo mundo quando a bola rola. Na arquibancada, ninguém é melhor que ninguém. Até o jogo acabar, tudo pode acontecer⁵³.

[No estádio] você está mais próximo das pessoas, lado a lado, todos juntos, de pé. Você tem uma liberdade. Você interage mais. A graça do estádio é essa. Na hora do gol do seu time, você abraça alguém que está ao seu lado, você toma um banho de cerveja. Você nunca viu essa pessoa, mas está abraçando ele⁵⁴.

Os torcedores, em toda sua diversidade, se reconhecem no meio, como uma parte relevante do todo, integrando um corpo coletivo com um objetivo comum. Dessa relação de troca, emergem amizades, paixões, amores, responsabilidades, conquistas, frustrações e memórias – a vida, enfim, acontece.

3.3.3 Construção do lugar do futebol no contexto da Desportiva Ferroviária

Um dos produtos da construção coletiva da comunidade é o lugar do futebol. Como amplamente debatido, essa denominação busca ampliar a leitura para além do estádio como um objeto concreto, compreendendo sua constituição dentro de uma rede de significados que vai além da infraestrutura urbana e arquitetônica. No entanto, outros fatores também são fundamentais para a formação do lugar do futebol, entre eles, as condicionantes locais, econômicas e sociais, que influenciam diretamente sua constituição, permanência e transformação ao longo do tempo. Dessa forma, reconhece-se a complexidade desse meio e o protagonismo da comunidade em sua formação e manutenção.

⁵² Informação verbal. Entrevista com Thiago Abikahir Nunes, concedida em janeiro de 2025.

⁵³ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

⁵⁴ Informação verbal. Entrevista com João Carlos Pereira Rocha, concedida em novembro de 2024.

Nesta seção, serão abordadas três questões principais, fundamentadas nos relatos dos membros da comunidade grená: o papel da Companhia Vale do Rio Doce na constituição do patrimônio material da Desportiva Ferroviária; a simbiose que se desenvolve entre o clube, a ferrovia e o bairro ao longo de sua trajetória; e o reconhecimento da identidade enraizada ao lugar no contexto do futebol.

A influência direta da CVRD na constituição da Desportiva Ferroviária deve-se, sobretudo, às promessas de investimento na infraestrutura do clube – um recurso cada vez mais escasso entre os clubes ferroviários pré-fusão. Com a concentração dos investimentos em uma única agremiação, o surgimento da Desportiva também implicou a liberação de áreas estratégicas para o desenvolvimento da CVRD, anteriormente ocupadas por campos de futebol. Para a Companhia, a fusão representava a solução para dois problemas: reduzir o desgaste com os trabalhadores filiados aos antigos clubes, que continuamente demandavam recursos às suas respectivas agremiações, e retomar áreas significativas do parque operacional da estatal. Já para os clubes, a parceria com a CVRD significava assegurar uma relação estável com a Companhia, garantindo a continuidade do apoio da estatal ao clube, além da esperança na ampliação da capacidade competitiva devido à concentração de esforços.

Neste movimento, o primeiro patrimônio material incorporado pela Desportiva Ferroviária é a sede social do antigo Ferroviário Sport Club, recém-inaugurada, juntamente com o terreno circundante. Imediatamente, o clube se organiza para a construção de uma nova cancha, ainda sem o estádio. Além da transformação do espaço, havia inúmeros desafios internos, como a seleção do time que passaria a defender os símbolos da nova agremiação. Fausto, vindo do interior do estado e tendo atuado como atacante na primeira equipe formada pela Desportiva Ferroviária, relembra essa fase:

Quando nós chegamos, o único lugar disponível para alojar o pessoal era esse [a sede social]. Começou a separação entre os que não faziam parte do time novo. A Desportiva foi eliminando aqueles jogadores que não tinham como ser aproveitados, aqueles que não conseguiam jogar no time profissional, os semiprofissionais ou amadores. A diferença entre o nível de um amador e um profissional é muito grande.

Já havia um grupo de pessoas que eram sócias e participavam do clube, então utilizavam aquele espaço com frequência. Nós também aproveitamos muito

as festas lá. Foi uma época muito boa, um período animado, de grande participação e convivência⁵⁵.

Este relato marca o início de uma relação que se amplia ao longo dos anos, envolvendo jogadores e a comunidade grená, mediada pelo contexto do clube e do bairro. A sede social da Desportiva Ferroviária desempenhava um papel mobilizador fundamental, sendo considerada uma centralidade cultural no município de Cariacica. Por meio de seus eventos, reunia pessoas de diversos bairros adjacentes, tanto de Cariacica quanto de Vila Velha, promovendo bailes, festas, carnavais e outras atividades de lazer a toda a comunidade da região. André relata que, durante seu período como membro do conselho da Desportiva, tinha a incumbência de acompanhar diversos eventos, dentre os quais se destacava o famoso forró das terças-feiras. “Era algo impressionante. A gente até se perguntava: 'Um forró na terça-feira, será que isso dá certo?' Mas dava. O lugar ficava lotado”⁵⁶.

A construção do estádio Engenheiro Araripe fortalece o vínculo da comunidade local com o clube. Mesmo diante das profundas transformações ocasionadas pela fusão e dos atritos iniciais entre os antigos clubes, o sentimento predominante é de que a união foi um acontecimento positivo⁵⁷. Há um reconhecimento de que a divisão dos clubes dificultaria o crescimento, enquanto a união se mostrou crucial para a constituição de um clube profissional sólido e de maior alcance. Embora historicamente identificado como clube dos ferroviários, esse momento marca a abertura da Desportiva para uma comunidade mais ampla.

O convívio com o pessoal era especial. O torcedor convidava a gente para aniversários, fazia aqueles forrózinhos dentro de casa. A gente respeitava muito isso. Todo sábado, quando saíamos da concentração, já tinha lugar certo para ir, algum aniversário ou encontro. O pessoal ficava feliz de nos receber, tinha muito carinho envolvido, com a nossa família também. Existia um clima de proximidade⁵⁸.

O nosso relacionamento com o bairro era muito bom. A gente ia aonde queria, e isso se referia ao clube que frequentávamos. Era essa a diferença. E éramos muito bem recebidos. Aonde quer que fôssemos, a gente era recebido, convidado. A gente comia na casa das pessoas. E sempre lembro disso com carinho. Eles acreditavam na gente. Não havia maldade. Era uma relação de respeito, muito respeito⁵⁹.

⁵⁵ Informação verbal. Entrevista com Fausto Jarbas Lima, concedida em janeiro de 2025.

⁵⁶ Informação verbal. Entrevista com Angelo André Rodrigues Lima, concedida em janeiro de 2025.

⁵⁷ Informação verbal. Entrevista com Carlos Antônio Farias, concedida em novembro de 2024.

⁵⁸ Informação verbal. Entrevista com José Osmário Simonassi, concedida em janeiro de 2025.

⁵⁹ Informação verbal. Entrevista com Fausto Jarbas Lima, concedida em janeiro de 2025.

Mesmo com a forte relação entre a Desportiva Ferroviária e a CVRD, o clube mantém a sua autonomia e o protagonismo dos trabalhadores ferroviários nos processos decisórios e na participação dentro do clube. Entre a classe, a tradição de filiação ao clube era forte, mantendo este vínculo durante várias décadas. A principal contribuição da Companhia se dava através do apoio à construção e manutenção do patrimônio do clube, além da facilitação da arrecadação da contribuição dos associados por meio da folha de pagamento. Em contrapartida, esse apoio era relevante à estatal por fomentar uma política de bem-estar social entre os trabalhadores e a comunidade, contribuindo para a imagem pública da CVRD.

O Araripe é interessante por isso. Ele foi construído pelas mãos dos trabalhadores, para os trabalhadores. A CVRD não construiu o estádio simplesmente porque quis ou por generosidade. Os ferroviários, os proletários, tiveram um papel fundamental na construção. A CVRD tinha um grande retorno com isso. Mas muita gente tem essa ideia equivocada de que a Desportiva é apenas um time da CVRD. Não é bem assim⁶⁰.

Além do estádio de futebol e da sede social do clube, a edificação do colégio Eliezer Batista integra o complexo ferroviário, que, embora administrado de forma independente, mantém uma conexão significativa com o clube devido à sua proximidade. A maioria dos estudantes do colégio era composta por filhos de trabalhadores ferroviários, o que, aliado à localização privilegiada no coração da Desportiva Ferroviária, tornava o vínculo quase imediato. O clube fazia parte do cotidiano do colégio, e a curiosidade das crianças se manifestava no recreio, quando elas se reuniam para espiar os treinos do time através de frestas e janelas⁶¹.

Até a década de 1990, nos dias de jogo da Desportiva Ferroviária, a mobilização no bairro fazia com que o evento jamais passasse despercebido. O estádio transformava-se em um núcleo central, atraindo intenso movimento para a região já horas antes da partida.

Em Araçás (Vila Velha), a gente alugava um ônibus que parava na praça, pegava a galera e seguia para o jogo. A gente fazia uma batucada, era aquela coisa do futebol raiz, da experiência coletiva do futebol. Você concentrava com a galera na praça, o cara trazia o surdo, a batucada começava, e todo mundo seguia para o estádio. Cada um dava uma contribuição, chegava lá e descia, encontrando gente de tudo quanto é lugar, todos motivados pelo evento⁶².

⁶⁰ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

⁶¹ Informação verbal. Entrevista com João Carlos Pereira Rocha, concedida em novembro de 2024.

⁶² Informação verbal. Entrevista com Thiago Abikahir Nunes, concedida em janeiro de 2025.

As ruas adjacentes ao estádio convertiam-se em pontos de encontro onde torcedores se reuniam para churrascos e preparações para o jogo. Esse ambiente dinâmico fortalecia os laços comunitários, estimulava o comércio local e revigorava a vida do bairro, enquanto o caráter popular do evento atraía também os moradores dos bairros vizinhos, que se viam incluídos na festa.

Antes era o meu pai que me trazia, nós ficávamos lá no meio, na torcida organizada. Quando crescemos um pouco mais, passamos a vir sozinhos. Antes não podíamos, tinha que atravessar pela linha do trem, que era aberta ali a estação [Pedro Nolasco]. Éramos de Itaquari, toda a molecada do bairro vinha assistir ao jogo da Desportiva no estádio⁶³.

O espetáculo, muitas vezes, está mais na arquibancada. A garotada faz a festa. E o bom é que você chega e participa. Qualquer um que chegar pode se juntar e comemorar, pular, cantar. Não tem esse negócio de 'ah, você não é daqui'. Não existe segregação. Se você chegou, é parte da festa⁶⁴.

Essas características dotavam o lugar do futebol de uma ambiência singular, fortalecendo o senso de pertencimento da comunidade grená e transformando o jogo em um elemento mobilizador da vida urbana.

...

Falar da Desportiva Ferroviária e do estádio Engenheiro Araripe também demanda uma lembrança àquele que é considerado um dos maiores ídolos do clube: Adjalmo Francisco Teixeira, o Seu Adjalma, também conhecido como Guardião do Jardim. Como jogador de futebol, Adjalmo teve uma carreira vitoriosa atuando como goleiro no extinto Santo Antônio Futebol Clube, no auge do referido clube. Marcou sua história no futebol capixaba, sendo integrante do único time capixaba a enfrentar o Santos de Pelé, o Botafogo de Garrincha, e ainda, o primeiro time capixaba a jogar no Maracanã. Como tantos outros jogadores da época, o futebol não era a sua principal atividade. O sustento de Adjalmo vinha do trabalho que desempenhava em uma fábrica de sabão, cumprindo jornada de 8 horas diárias de trabalho braçal por um salário mínimo (MARQUES, 2009, p. 81).

Sua história com a Desportiva Ferroviária se inicia em 1964, quando atua como goleiro até sua aposentadoria dos gramados, em 1966, com a conquista de importantes títulos pela equipe grená.

⁶³ Informação verbal. Entrevista com João Carlos Pereira Rocha, concedida em novembro de 2024.

⁶⁴ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

Apesar do fim de um ciclo, este era apenas o começo da história de Adjalmo na Desportiva Ferroviária. Com a saída dos gramados aos 37 anos, o guardião das redes aceita o convite da diretoria do clube para se tornar administrador do estádio Engenheiro Araripe, função que desempenharia ao longo de 35 anos (MARQUES, 2009, p. 81). Com o tempo e dedicação conferidos ao clube, Adjalmo se transformou em um dos maiores símbolos da Desportiva Ferroviária e do futebol capixaba. Carlos relata a presença constante de Adjalmo no estádio e o profundo conhecimento e cuidado que ele tinha com as instalações do clube:

Ele andava com todas as chaves penduradas na cintura, cuidava e tinha um controle de tudo, cada salinha. Ainda tinha um cuidado com o comportamento dentro do clube, fazia com que as pessoas respeitassem o lugar. Se alguém tentasse entrar sem camisa, ele mandava voltar. Com camisa preta⁶⁵ ou camisa de outro time ele também mandava voltar. Ele mantinha a manutenção do estádio sempre em dia, sempre estava limpo. A CVRD também apoiava, enviava funcionários para ajudá-lo na manutenção⁶⁶.

O cuidado não se restringia à manutenção do estádio, Adjalmo teve papel fundamental na passagem de valores e ensinamentos para várias gerações que viveram o Araripe, como o respeito e zelo com o clube, os profissionais e os símbolos da Desportiva Ferroviária. Leandro, que conviveu com Adjalmo durante o período em que jogou na escolinha do clube, conta as suas lembranças:

“Formar cidadãos era o principal objetivo dele. E não era algo imposto, era natural. Ele era um cara sempre feliz, sempre contente, mas sabia cobrar quando precisava [...]. Ele não precisava falar muito. A gente olhava para ele e entendia. Se a gente fosse metade do que ele era, já seríamos homens de verdade [...]. O Seu Adjalma era profissional para caramba, ético para caramba. Qualquer homenagem que ele receber vai ser pouca, porque ele foi fantástico. Por muito tempo, ele foi o coração do Araripe. O verdadeiro guardião do estádio [...].

O Adjalma era um daqueles raros casos de ídolo tanto dentro quanto fora de campo. Até os torcedores rivais respeitavam ele. Não importava se era Vitória, Rio Branco ou qualquer outro clube. Mas para um cara ser unanimidade, ele tem que merecer muito”⁶⁷.

Com o seu jeito, Adjalmo conquistou o respeito e admiração das pessoas que passaram pela Desportiva Ferroviária. Na torcida grená, seu legado foi reconhecido e eternizado em forma de bandeira, mesmo antes do seu falecimento aos 98 anos, em 2024. Nela, inscrevem-se a imagem do ídolo com a camisa da Desportiva Ferroviária e o poético apelido conquistado, Guardiã do Jardim. Um verdadeiro guardião, em diversos

⁶⁵ A cor preta é associada ao maior time rival da Desportiva Ferroviária, o Rio Branco A. C.

⁶⁶ Informação verbal. Entrevista com Carlos Antônio Farias, concedida em novembro de 2024.

⁶⁷ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

sentidos da palavra, desde a sua atuação como guarda-redes no campo de futebol ao cuidado com a identidade do clube, a comunidade grená e o lugar do futebol.

Figura 25. Bandeira da torcida Grenamor em homenagem a Adjalmo Francisco Teixeira, Seu Adjalma, o Guardião do Jardim.



Fonte: Torcida Grenamor, 2024.

3.3.4 Reverberações materiais e simbólicas do declínio do clube associativo

Nesta seção, serão abordadas quatro questões principais: as condicionantes que provocaram o enfraquecimento do clube associativo da Desportiva Ferroviária; o processo que culminou na mudança para clube-empresa e o abandono dos símbolos tradicionais do clube; as percepções de integrantes da comunidade grená acerca das transformações e perdas provocadas no clube pela Desportiva Capixaba S/A; e, por fim, o declínio da Desportiva Capixaba S/A.

Ao longo da década de 1990, surgem os primeiros sinais de mudanças nas políticas de bem-estar social empregadas pela Companhia Vale do Rio Doce e sua relação com a Desportiva Ferroviária. Gradualmente, o apoio ao clube foi minguando, até o rompimento completo após a privatização da estatal, ocorrida em 1997. Além da ausência do apoio da CVRD na manutenção do estádio, ocorre uma perda massiva de associados com a aposentadoria de trabalhadores ferroviários, outra parte relevante das receitas do clube. Sem outro patrocínio à altura, a sustentabilidade financeira do clube é comprometida, culminando em um processo de endividamento do clube associativo. Além dos custos de manutenção do estádio Engenheiro Araripe, o acúmulo

de processos trabalhistas e outras pendências judiciais agravou a crise instaurada. Naquele período, a sede social e o parque aquático compunham praticamente as únicas fontes de receita do clube, no entanto, ambas estavam gradativamente se tornando inviáveis. André, que atuou como conselheiro do clube nessa fase, recorda:

Para te dar um exemplo das dificuldades financeiras que enfrentamos, [...] o forró era uma das nossas principais fontes de receita. Mas o que acontecia? Como eu te disse, o dinheiro estava entrando, mas, no meio da festa, chegava o oficial de justiça. [...] E ele já vinha com o mandado judicial. Eles sabiam exatamente o que tinha lá dentro: fogão, geladeira, fritadeira, liquidificador. E paravam o forró porque o oficial de justiça queria levar os bens. Vinha com o carro e dizia: *'Tem que levar o freezer número dois.'* Mas o freezer número dois estava cheio de cerveja! Não tinha jeito. A lei tinha que ser cumprida. Isso foi delapidando os equipamentos que sustentavam o clube. A situação foi apertando cada vez mais. Havia muitos contratos de jogadores e funcionários pendentes na justiça, gerando um grande passivo trabalhista – salários atrasados para funcionários, jogadores e até empresas terceirizadas⁶⁸.

É neste contexto que Marcelo Villa-Forte surge com uma proposta de sociedade mediante a transformação da Desportiva Ferroviária em clube-empresa, tendo o grupo Frannel como acionista majoritária. A negociação é conduzida de maneira abrupta, com intenso lobby promovido por Villa-Forte junto aos associados do clube.

A situação de crise contribuiu para que muitos acreditassem que aquele era o caminho para a manutenção da Desportiva Ferroviária, respaldado ainda pela recém-aprovada lei Pelé (nº 9.615/1998) e toda discussão em âmbito nacional envolvendo o modelo de clube-empresa. Entre a imprensa e parte da torcida, a proposta era encarada com otimismo⁶⁹. No entanto, André relata as suas desconfianças acerca do processo já naquele período, sobretudo devido à falta de transparência, “eles vinham com promessas, mas sem nada factual, não havia um plano claro, nada definido”⁷⁰, e uma forte pressão por parte de Villa-Forte para que os associados tomassem uma decisão rápida. Em poucas semanas, a proposta entra em votação na sede social da Desportiva Ferroviária. André se recorda da hostilidade recebida dos companheiros de clube e de trabalho ao se posicionar contra. “Nunca levei uma vaia tão grande na minha vida. E pior, [...] ter que conviver naquele ambiente depois, ver seus colegas de trabalho ali, naquele momento. Não era uma votação anônima. Todos sabiam quem estava ali e

⁶⁸ Informação verbal. Entrevista com Angelo André Rodrigues Lima, concedida em janeiro de 2025.

⁶⁹ Informação verbal. Entrevista com Carlos Antônio Farias, concedida em novembro de 2024.

⁷⁰ Informação verbal. Entrevista com Angelo André Rodrigues Lima, concedida em janeiro de 2025.

como cada um votava”⁷¹. Ao fim, a proposta de fusão é aceita por todos os associados, com exceção do voto contrário de André.

Em pouco tempo, a nova administração inicia um processo de desmantelamento tanto do patrimônio material quanto do imaterial do clube, promovendo a substituição de todos os seus símbolos e alterando seu nome para Desportiva Capixaba S/A. Tais transformações provocam uma ruptura profunda entre a comunidade grená e o clube.

A partir do momento em que houve a dissolução da Desportiva [...], quando a Franel entrou, eu me afastei. Me afastei porque não compactuava com aquilo, para mim estava errado [...]. Você há de convir que é como ver uma família, seja a sua ou a de alguém próximo, ser dissolvida. Houveram atitudes totalmente inapropriadas, daí para frente, eu me desiludi. Mas não foi porque votei contra. Eu me desiludi porque estava vendo um patrimônio indo embora. E acabou acontecendo exatamente isso. Fiquei muito chateado com tudo que tinha acontecido e não me via mais integrado a esse ambiente, entende? Eu ainda estava traumatizado com toda aquela situação⁷².

A exemplo do que ocorre com André, este cenário de instabilidade afastou muitos torcedores da comunidade grená. Além da profunda insatisfação com os rumos do clube, havia uma mágoa pelo abandono da identidade e da comunidade. Ainda, muitos sequer compreendiam a mudança, a escolha por abandonar símbolos tão tradicionais e consolidados no futebol capixaba⁷³.

Foi um trauma, algo que nos feriu profundamente, especialmente para aqueles que sempre foram apaixonados pela Desportiva [...]. Nós fomos vítimas de um golpe. Essa é a palavra: um golpe de vigaristas que tentaram roubar a nossa identidade, nossa história, nosso sentimento, o nome do nosso time, o símbolo máximo. Todos os símbolos. É até ruim só de ver a bandeira, o uniforme, o escudo que não era o nosso. O escudo sempre foi a bola e o ferroviário. O Grená vem porque nossas locomotivas eram Grená. Eu me lembro, meu pai foi foguista da CVRD, e a cor era Grená por conta das locomotivas⁷⁴.

Depois que virou Capixaba S/A, nem tem muito o que falar. Foi um período complicado. Muita gente que era torcedor antigo, que era sócio, se afastou. O time acabou se fechando ainda mais, porque o pessoal desanimou⁷⁵.

Além dos símbolos, o descaso e o apagamento da memória atingem figuras históricas da Desportiva Ferroviária. Em 2002, Adjalmo Teixeira, o Guardião do Jardim, é demitido do clube, provocando surpresa e indignação a todos que acompanhavam o processo de destruição que restava do clube grená. “Quando ele foi tirado dessa função,

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ Informação verbal. Entrevista com Carlos Antônio Farias, concedida em novembro de 2024.

⁷⁴ Informação verbal. Entrevista com Janete Santos de Sá, concedida em dezembro de 2024.

⁷⁵ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

foi uma das maiores sacanagens que já vi acontecer no clube. Ele ainda tinha muita vitalidade, queria continuar, mas simplesmente tiraram ele. Ninguém que estava na Desportiva concordou com essa saída”⁷⁶.

Ele [Adjalma] era um cara que acreditava que a Desportiva Ferroviária seria da Desportiva Ferroviária o resto da vida. Ele foi demitido. Botaram o quadro, botaram a bandeira e adeus viola. Fica aquela mágoa. O cara passou aquele tempo todo ali. Não perdeu porque ele recebeu para trabalhar, mas ele merecia muito mais que isso. Era um cara dedicado. Viveu pela Desportiva⁷⁷.

Entre outras, uma perda irreparável ocasionada no período da Desportiva Capixaba S/A foi o edifício da antiga sede social da Desportiva Ferroviária. Os relatos dão conta da profunda dor gerada à comunidade grená pelo abandono daquela que havia sido palco de tantas memórias individuais e coletivas. Em conjunto, parte substancial do acervo da memória da Desportiva Ferroviária foi perdido, como fotografias, documentos, pôsteres, troféus, entre outros. O processo de arruinamento se deu de forma gradual, até culminar na demolição total em 2010. “Quando nós passávamos pela ponte, víamos a sede sendo cada vez mais depredada. O teto, a estrutura, tudo. [...] É um total desrespeito, você não precisa desrespeitar a memória para construir uma nova sociedade”⁷⁸.

Arrancaram a sede social dali, aquilo ali era um *brinco*. Destruíram os troféus, a história, a nossa história acabou ali. Aquilo ali era algo para ficar eternamente. Os carnavais que aconteciam ali. Era muita festa, como se fosse o coração de Jardim América. Eles chegaram com a cara e a coragem, arrancaram a nossa sede maravilhosa⁷⁹.

Ali estava a nossa história, nos quadros, nas taças. Quando demoliram a sede social, foi como se arrancassem um pedaço da gente. Apesar de ser jogador e empregado do clube, era o próprio cara que colocava o sangue ali. Ele fazia parte do plantel, mesmo não jogando. Aquilo foi um tapa na cara: “Não preciso de vocês, vou seguir sem vocês.” E aí tudo desabou. Ficou do jeito que está⁸⁰.

Com a perda da antiga estrutura social do clube, boa parte das atividades desenvolvidas pelo clube além do futebol foram comprometidas, dificultando o processo de reintegração do clube à comunidade local. A sede social e o colégio Eliezer Batista tinham um papel ativo em agregar pessoas ao clube. Mesmo aquelas que a priori não se interessavam pelo futebol, pelo convívio na vida cotidiana, se afeiçoavam ao clube e muitas vezes passavam a acompanhar.

⁷⁶ *Ibidem*.

⁷⁷ Informação verbal. Entrevista com Eletelba “Diogo” Ferreira da Silva, concedida em janeiro de 2025.

⁷⁸ Informação verbal. Entrevista com Carlos Antônio Farias, concedida em novembro de 2024.

⁷⁹ Informação verbal. Entrevista com Fausto Jarbas Lima, concedida em janeiro de 2025.

⁸⁰ Informação verbal. Entrevista com Eletelba “Diogo” Ferreira da Silva, concedida em janeiro de 2025.

O que fizeram foi um roubo da nossa memória, um roubo da nossa história. Foi uma lesão que só poderá ser curada quando houver a derrota definitiva deles na Justiça. [...] Mexeram com algo que pertence ao coração de muitos. Isso mexe com o emocional, com as histórias das pessoas. A Desportiva não era só futebol. Era muito mais. Era futebol, era escola, era clube⁸¹.

3.3.5 Papel do clube na vida pública e o potencial associativo da comunidade

Nesta seção, serão abordadas quatro questões principais: as percepções de integrantes da comunidade grená acerca do papel do clube na vida pública; os esforços da comunidade pela retomada da Desportiva Ferroviária; o papel das iniciativas autônomas de torcedores em prol do clube e da comunidade; e, por fim, as percepções sobre as disputas políticas e sociais no clube associativo e o grau de abertura do clube à comunidade grená.

Além das diversas atividades culturais e de lazer promovidas na sede social e no estádio da Desportiva Ferroviária, as instalações do clube se inseriam na vida cotidiana da comunidade local através de eventos cívicos, políticos e sociais. No período eleitoral, a sede social era um dos locais de contagem de votos no município de Cariacica, mobilizando grande fluxo de pessoas ao lugar.

Realizamos ali inúmeras atividades cívicas. Apesar de ser uma propriedade do clube, o espaço era aberto ao povo, à participação pública. Ninguém era impedido de entrar. As escolas da região solicitavam o espaço, e ele era liberado para as crianças que moravam em Cobi de Baixo, Cobi de Cima, Santo Torquato. Para esses jovens, a Desportiva era um lugar de lazer, prática esportiva e socialização. O clube de futebol tem essa função social de agregar pessoas. Um estádio, mesmo que privado, tem um caráter público porque ele é um ponto de encontro. Quando você entra ali, aquele espaço passa a ser de todos. O pensamento comum é torcer, cada um para o seu lado, mas compartilhar aquela vivência⁸².

Em datas comemorativas, o clube mobilizava ações sociais voltadas às comunidades do entorno, como a distribuição de brinquedos e guloseimas no Natal. Estes eventos fomentavam uma conexão, sobretudo com as crianças, que desenvolviam um afeto pelo clube. A participação popular nestes eventos era massiva, como lembra Carlos⁸³. Diversos fatores transformavam o estádio Engenheiro Araripe em um local de destaque para eventos de massa no Espírito Santo. Sua robusta estrutura e elevada capacidade de público atraíam grande interesse, somados à localização estratégica na divisa entre

⁸¹ Informação verbal. Entrevista com Janete Santos de Sá, concedida em dezembro de 2024.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ Informação verbal. Entrevista com Carlos Antônio Farias, concedida em novembro de 2024.

Cariacica, Vila Velha e Vitória. Devido ao potencial de mobilização, as principais assembleias do Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários ocorriam nas arquibancadas⁸⁴. Ainda, o estádio foi palco de diversos momentos históricos do Espírito Santo, como a visita de Nelson Mandela, articulada pelo Movimento Negro do Espírito Santo, ocorrida em agosto de 1991, com a presença de 30 mil pessoas nas arquibancadas do Araripe (BEM VINDO..., 2021).

Figura 26. Nelson Mandela no estádio Engenheiro Araripe, em 1991.



Fonte: Projeto do documentário 'Bem vindo, Mandela!'.

A profusão e diversidade de atividades coletivas ligadas direta ou indiretamente à Desportiva Ferroviária potencializavam a sociabilidade em torno do clube e na região ocupada por ele, de forma que ele estava inserido na vida cotidiana de uma ampla gama de pessoas, de distintas maneiras. No entanto, com o processo de enfraquecimento do clube associativo, gradualmente a função social da agremiação e o uso da infraestrutura do clube foram comprometidos. Como consequência, o clube perde parte do seu potencial mobilizador na comunidade e contribui para a mudança das características urbanas da região do estádio, que perde tradicionais estabelecimentos de comércio de rua e o movimento gerado pelos diversos eventos ocorridos no local.

Além dos eventos sociais, durante muito tempo ao longo da sua trajetória, a Desportiva Ferroviária se destaca como um clube formador de novos jogadores de futebol profissional, devido à sólida atuação da categoria de base da agremiação. No entanto, a relevância da escolinha de futebol não se limitava à formação de atletas, também tinha um papel fundamental na educação de jovens e funcionava como um elemento

⁸⁴ Informação verbal. Entrevista com Janete Santos de Sá, concedida em dezembro de 2024.

de aproximação do clube com novas gerações. Havia, ainda, uma tradição de abertura da estrutura do clube social para as crianças da escolinha.

Eu estava lá na época [década de 1990], estava na base e ainda existia o clube social. Pelo menos um final de semana [ao mês], eles abriam [o clube] [...]. Sempre tinha um período em que avisavam: Esse final de semana, vocês da escolinha vão poder participar, brincar na sede social, na piscina, porque o clube vai abrir para vocês. Pra gente, isso fazia toda a diferença, [...] isso valorizava a garotada. Criança da periferia, com dificuldade para pagar a mensalidade, via aquela estrutura toda e ficava na vontade. Às vezes, jogávamos um campeonato lá, suando, e víamos outras crianças aproveitando a piscina, os espaços. Mas o clube fazia questão de abrir para a gente. E isso fica gravado na nossa memória, porque fazia a gente se sentir valorizado, parte do clube. Não era só 'Ah, estou aqui porque pago a escolinha.' Não. A gente sabia que estava ali pelo futebol, pelo clube, não só porque pagava. [...] Sabíamos que estávamos ali pelo esporte. Essa integração fazia diferença⁸⁵.

O relato de Leandro sugere que havia algum nível de integração entre escolinha de futebol e a estrutura social do clube, apesar do cenário de desigualdade exposto. Além desta integração social, um papel relevante da escolinha de futebol era a aproximação ao clube de jovens dos bairros do entorno do estádio Engenheiro Araripe. No entanto, no período Desportiva Capixaba S/A, a estrutura do projeto foi alterada, de forma que a participação de crianças das comunidades do entorno foi comprometida e, durante alguns anos, o projeto foi completamente interrompido com a desativação das escolinhas⁸⁶, extinguindo mais uma das ferramentas de aproximação das pessoas ao clube.

Estes relatos e acontecimentos evidenciam o papel social que um dia a Desportiva Ferroviária desempenhou na região de Jardim América e em Cariacica que, no entanto, foram perdidos devido às transformações estruturais ocorridas no clube. Com isso, um clube originalmente formado e durante muito tempo transformado pela sua comunidade, gradativamente, se fecha àquela que ao longo dos anos foi responsável pela atribuição de significado e identidade ao lugar, a comunidade.

...

Além do clube enquanto entidade, o lugar do futebol é um elemento catalizador de diversas formas de coletividade, cada qual com as suas variáveis, escalas, dinâmicas e objetivos. O próprio surgimento dos clubes formadores da Desportiva Ferroviária evidencia o potencial associativo do lugar do futebol, ao ponto de uma prática amadora vinculada ao lazer dos ferroviários elevar o grau de organização até a

⁸⁵ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

⁸⁶ Informação verbal. Entrevista com Thiago Abikahir Nunes, concedida em janeiro de 2025.

profissionalização, mesmo antes da fusão dos clubes. Entre as diversas formas de organização coletiva no lugar do futebol realizadas à margem da institucionalidade do clube, aqui serão abordados brevemente questões relacionadas às torcidas organizadas e a livre associação de torcedores em prol de uma causa ligada ao clube.

As torcidas organizadas são compostas por grupos de torcedores de um mesmo clube que se aliam em uma estrutura organizativa própria e independente do clube, contam com quadro associativo, sede para ponto de encontro, reuniões e interações sociais, e departamentos especializados com base nas demandas da associação, como organização administrativa, financeira e de comercialização, além de um código de conduta e símbolos próprios. Entre as atribuições assumidas pelas torcidas organizadas, destacam-se o papel de organizar a festa nas arquibancadas – as músicas, os cantos e instrumentos, as faixas e outros elementos estéticos –, viagens para acompanhar jogos do time e a interlocução com a direção do clube com objetivo de expressar demandas da torcida. Ao longo da trajetória da Desportiva Ferroviária, diversas torcidas organizadas foram constituídas – algumas já extintas, enquanto outras permanecem em atividade. A pioneira foi a torcida Charanga Grená⁸⁷, e a de maior longevidade e popularidade até os dias atuais é a Torcida Organizada Grenamor, fundada em 1976.

Durante o período Desportiva Capixaba S/A, as torcidas organizadas, em especial a Grenamor, realizaram importante mobilização com o objetivo de atenuar o descolamento do clube com a mudança dos símbolos. Deste movimento surge uma vitória parcial, que obriga o clube-empresa a retomar o uso da cor grená no lugar da cor vermelha adotada pela Desportiva Capixaba S/A. No entanto, os rumos da entidade fizeram com que figuras históricas ligadas às torcidas organizadas se afastassem, além de um afastamento da própria torcida enquanto corpo coletivo⁸⁸.

A partir de 2008, ocorre uma retomada gradual da arquibancada, que se consolida em 2011, com a decisão judicial que devolve à Desportiva Ferroviária o poder de administração do clube e do patrimônio. Apesar da importante conquista, o clube associativo retorna sem parte substancial da sua estrutura social. Neste contexto,

⁸⁷ Não foram encontrados registros sobre o ano de fundação da Torcida Charanga Grená. Popularizadas no Brasil na década de 1960, as charangas eram organizações torcedoras que levavam música, carnaval e coreografia às praças esportivas.

⁸⁸ Informação verbal. Entrevista com Thiago Abikahir Nunes, concedida em janeiro de 2025.

Leandro relata que percebe uma alteração nas atividades das torcidas organizadas diretamente ligada ao momento de crise vivido pelo clube:

De 2011 para cá, quando o clube deixou de ser clube empresa e voltou a ser Ferroviária, muita gente nova chegou para a torcida, inclusive pessoas que não conheciam a história da Desportiva. As organizadas também se reorganizaram. Elas passaram a puxar torcedores mais jovens e a levar a imagem do clube para a periferia. As torcidas organizadas passaram a ter um papel social, elas visitam escolas, creches, organizam eventos para o Dia das Crianças, levam festa para comunidades carentes. Antes, esse tipo de ação era algo que só o clube fazia. Mas as organizadas entenderam que também têm essa responsabilidade. Não se trata apenas de festa no estádio. Elas ajudam a manter o legado do clube vivo, passando a paixão de geração em geração. É na periferia que o amor pelo clube está⁸⁹.

O risco à memória e identidade do clube também justificam a origem de ações individuais que impactam na coletividade e prestam um serviço à comunidade. Entre elas, destaca-se o surgimento de dois projetos independentes voltados à divulgação e documentação de informações e fatos históricos relacionados à Desportiva Ferroviária. O blog Folha Grená (2008-2014), criado por Thiago Nunes, surge com objetivo de suprir a demanda de informações sobre o dia a dia do clube, provocada pela falta de transparência característica do período Desportiva Capixaba S/A e pela deficiência da cobertura da imprensa:

Eu via um déficit muito grande de informações sobre o clube, e aquilo me incomodava. [...] Foi aí que criei o Folha Grená, um informativo sobre o clube. Ia ao Araripe conversar com o Silvério, que, na época, supervisor da Capixaba S/A. [...] Ficava na orelha dele, pegando informações, e jogava tudo no blog. [...] Eu acompanhava o time de perto. Publicava a escalação, relatava os jogos. Ia a algumas partidas fora da Grande Vitória, depois escrevia matérias e fazia relatos sobre os jogos. Em 2011 e 2012, comecei a viajar muito. Na época, fiz parte da Grenamor, que voltou em 2008. Ela vinha atuando como torcida organizada, mas, no final daquele ano, houve uma reestruturação. O Ancelmo, que foi presidente da Grenamor por muitos anos, também acabou se afastando nesse período da Capixaba S/A⁹⁰.

O blog Tivapédia (2009-presente), criado por Leandro Carlini, tem o principal objetivo de publicar fatos históricos relacionados à Desportiva Ferroviária, dados de partidas, jogadores históricos, questões políticas envolvendo o clube, curiosidades e afins.

Fiquei um bom tempo sem ir ao estádio. Mas quando vi que havia uma possibilidade real de voltar a ser Ferroviária, aquilo me empolgou. Foi nessa época que comecei a fazer o blog e a postar sobre o clube. Eu via que a torcida era carente de informação. Não tinha nada. E a gente perdeu muito troféu por negligência do Villa-Forte. [...] Ao mesmo tempo que isso me entristecia, eu queria mostrar para a torcida que aquilo ali não era a Desportiva. Que a gente tinha uma história, tinha um potencial e podia voltar. Foi aí que conheci um grupo que queria reconstruir a Ferroviária, e aquilo me empolgou de verdade.

⁸⁹ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

⁹⁰ Informação verbal. Entrevista com Thiago Abikahir Nunes, concedida em janeiro de 2025.

Pela primeira vez, eu senti que era uma chance real. [...] Na Tivapédia, eu sempre procuro manter a consciência política acesa. Os casos políticos também precisam ser levados em consideração, porque eles influenciam diretamente no clube. Eu não quero influenciar ninguém a mudar de ideia. Mas quero conscientizar sobre essas relações, fazer com que as pessoas tomem decisões de forma mais consciente⁹¹.

Destes movimentos individuais, um dos produtos foi a construção, em 2015, de um grupo denominado Movimento Identidade Grená (MIG), que, de fora pra dentro, buscava reivindicar mudanças na Desportiva Ferroviária: maior abertura democrática no clube associativo; um projeto de recuperação da história e memória, a construção de um museu com o acervo histórico e uma nova sala de troféus, com a criação de réplicas dos troféus que foram perdidos com a destruição da sede social; um projeto de reativação das categorias de base e diversas ações com objetivo de resgatar a identificação da comunidade grená e reaproximar a torcida à vida do clube.

Estas ações evidenciam o impulsionamento da militância e ativismo torcedor provocado por momentos de crise, ausência institucional ou de ameaça a componentes da identidade do clube (BALE, 2001 [1993]). No entanto, muitas vezes, iniciativas promissoras em benefício do clube são interrompidas por falta de apoio e de abertura institucional, além da ausência de um planejamento a longo prazo dentro do clube, como foi o caso do Movimento Identidade Grená.

⁹¹ Informação verbal. Entrevista com Leandro Vieira Carlini, concedida em novembro de 2024.

4 REFLEXÕES SOBRE A AUTONOMIA DO LUGAR ATRAVÉS DO FUTEBOL

Esse capítulo objetiva discutir a construção da autonomia no lugar do futebol a partir de elementos identificados através do caso concreto da Desportiva Ferroviária, além de elaborar reflexões e diretrizes voltadas à construção da autonomia do lugar do futebol. Para tal, procede-se à descrição e análise de elementos identificados ao longo da pesquisa bibliográfica, documental e dos relatos orais que catalisam ou alienam a autonomia no lugar do futebol a partir da capacidade associativa dos grupos sociais que interagem neste meio, evidenciando possíveis caminhos a serem explorados em prol deste objetivo.

4.1 ELEMENTOS ALIENANTES E DESAFIOS À CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO LUGAR DO FUTEBOL

Além das forças de apropriação, é necessário considerar também as forças de dominação – especialmente as de natureza política e econômica – que se manifestam no lugar do futebol. Essas forças estabelecem um desequilíbrio na relação, pois a correlação desigual de poderes, movida por interesses internos e externos, contribui diretamente para o enfraquecimento do potencial associativo desse espaço. Nesse contexto, práticas comerciais agressivas, a desestruturação de praças esportivas periféricas e a concentração de poder em ligas hegemônicas acabam por enfraquecer gradualmente clubes situados à margem do cenário dominante, especialmente as agremiações de pequeno e médio porte.

Com base nessas premissas, este item tem como objetivo identificar os principais fatores, ao longo da trajetória da comunidade grená e da Desportiva Ferroviária, que contribuem para o enfraquecimento do potencial de construção da autonomia no lugar do futebol. É evidente que, ao longo dos anos, diversos elementos – de origem local, nacional ou global – colaboraram para o declínio do futebol capixaba. No caso da Desportiva Ferroviária, esse efeito foi temporariamente atenuado pelo apoio da Companhia Vale do Rio Doce. Contudo, com a privatização da estatal, o clube se viu desprovido de meios para resistir às forças de dominação do futebol espetacularizado. Assim, este exercício analítico visa identificar essas forças hegemônicas em constante

tensão no lugar do futebol, apontando caminhos para mitigar as desigualdades e fortalecer a autonomia da comunidade nesse meio.

4.1.1 Processo de metropolização do futebol no Brasil e o futebol capixaba

O fenômeno da metropolização do futebol (MASCARENHAS, 2014) resulta em um cenário de concentração e desigualdade que se manifesta em múltiplas dimensões. Historicamente, o futebol brasileiro se consolida sob domínio da região sudeste, sobretudo nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo, que acumulam recursos, atenção e influência. Essa sobrerrepresentação regional, no entanto, apresenta exceção no estado Espírito Santo, que sofre com a marginalização frente ao restante do país no contexto do futebol.

Neste contexto, o modelo de organização dos campeonatos esportivos nacionais e locais contribui para a intensificação das desigualdades no lugar do futebol. A distribuição de renda e investimentos concentra-se quase que exclusivamente nas duas primeiras divisões nacionais, com ênfase na primeira divisão, considerada a elite do futebol nacional, deixando de lado a ampla maioria dos clubes brasileiros, que representam o interior e demais regiões. Esse modelo centralizador reflete um padrão predatório que afeta especialmente os clubes pequenos e médios, que, difundidos ao longo de todo território nacional, se veem submetidos a condições desfavoráveis para competir e se desenvolver.

A disparidade se manifesta também na organização dos calendários. Enquanto a elite enfrenta o problema do excessivo número de jogos, clubes de expressão local ou regional, situados na periferia do futebol, muitas vezes disputam partidas concentradas em apenas alguns meses do ano. Essa assimetria impacta diretamente na capacidade de manutenção das agremiações pequenas e médias, dos inúmeros trabalhadores envolvidos no esporte e enfraquecem a articulação da comunidade local em torno do clube.

Outro aspecto relevante é a influência histórica e atual do futebol carioca sobre o Espírito Santo. Até a década de 1990, existia entre os capixabas o hábito de se envolver com uma agremiação local e frequentar os estádios, mesmo mantendo alguma relação com times de abrangência nacional. Contudo, com o enfraquecimento progressivo do futebol local, esse vínculo se deteriorou, a ponto de, atualmente, aproximadamente

70% da população capixaba não se identificar com qualquer time do estado, enquanto acompanha à distância clubes de fora do Espírito Santo (FUTURA..., 2024). Um elemento que evidencia que não se trata de um distanciamento do futebol como um todo, mas sim dos clubes locais, é a disparidade entre o público presente nos estádios em partidas de futebol local e o público presente em partidas de clubes de outros estados que ocasionalmente jogam no estádio Kleber Andrade, em Cariacica.

Em síntese, a metropolização do futebol evidencia um sistema que privilegia os grandes centros urbanos e a elite esportiva, ao mesmo tempo em que marginaliza clubes de expressão local, pequenos e médios, e diversas regiões do país. Esse processo não só acentua a desigualdade econômica e estrutural, mas também transforma os vínculos locais em torno do futebol, comprometendo a diversidade e capilaridade do lugar do futebol no território nacional.

4.1.2 **Restrição à participação da comunidade e a ascensão do modelo empresarial no clube**

Para analisar o grau de partição da comunidade e o nível de abertura democrática nos processos decisórios do clube, é necessário compreender a realidade concreta do modelo de organização adotado no contexto de investigação. Para tal, como base para a análise, adota-se o modelo proposto por Simões (SIMÕES, 2023, p. 160-185), que descreve e classifica dez tipologias de clube de futebol existentes na atualidade com base no modelo jurídico, estrutura societária e modelo político adotados.

A Desportiva Ferroviária transitou entre duas tipologias ao longo das últimas três décadas. A primeira, vigente desde a fundação do clube até 1999, consiste na tipologia **associação civil “pura” de participação restrita** (SIMÕES, 2023, p. 174), onde a participação no quadro societário do clube pressupõe a compra de um título de sócio, exigindo um investimento financeiro na entrada e o pagamento de mensalidades para a manutenção do vínculo. Neste período, o estatuto do clube colocava restrições à participação de associados que não fossem ferroviários, como o impedimento de concorrer no pleito eleitoral do clube. Ainda, a emissão de títulos era realizada apenas para trabalhadores da Companhia Vale do Rio Doce, sendo assim, a entrada no clube de pessoas de fora do contexto ferroviário estava condicionada à compra de um título

de segunda mão⁹². Esta condição justifica a predominância dos ferroviários no quadro social do clube, bem como a sucessiva eleição de presidentes oriundos da CVRD.

No período Desportiva Capixaba S/A, entre 1999 e 2011, quando é implementado o modelo de clube-empresa, a tipologia adotada pelo clube é alterada para **sociedade empresária com associação civil como menor acionista de participação restrita** (SIMÕES, 2023, p. 182), onde, 51% do controle acionário é exercido pelo grupo Frannel, enquanto a associação civil Desportiva Ferroviária segue em atividade, mas sem o controle sobre o patrimônio do clube e a gestão do futebol. Neste período, o clube associativo mantém o controle sobre parte da estrutura social do clube. Além disso, permanecem as mesmas restrições de acesso e participação impostas no estatuto predecessor do clube.

Em 2011, como resultado de uma ação judicial perpetrada pela Desportiva Ferroviária contra o grupo Frannel, alegando descumprimento do contrato que firma a sociedade Desportiva Capixaba S/A, o clube associativo retoma o controle majoritário do clube. Com isso, o clube retoma a tipologia **associação civil “pura” de participação restrita**, com algumas mudanças no estatuto, coma a retirada de restrições a associados que não fossem ferroviários⁹³. Apesar as ligeira abertura, o quadro social se mantém aquém do que havia sido até a década de 1990. Ao longo dos anos, desde a saída da CVRD do apoio ao clube e principalmente devido ao processo de constituição do clube-empresa, muitos associados antigos abandonaram o seu título, reduzindo o quadro social do clube a uma fração ínfima do que havia sido um dia. Ainda, a deterioração total da infraestrutura social do clube tornou o título menos atrativo a possíveis novos associados ou à reativação do título por parte de antigos associados.

A situação permanece até abril de 2024, quando o clube associativo vota em Assembleia Geral Extraordinária pela aprovação de uma SAF⁹⁴ e adequações no estatuto do clube para viabilização do novo modelo. A proposta de SAF e alterações no estatuto são aprovadas com unanimidade entre os associados votantes. No acordo, prevê-se a constituição da SAF com 90% do controle acionário para a Tiva Investimentos, holding criada para assumir a administração do futebol do clube, e os 10% restantes sob controle do clube associativo. Até fevereiro de 2025, o processo de

⁹² Informação verbal. Entrevista com Thiago Abikahir Nunes, concedida em janeiro de 2025.

⁹³ *Ibidem*.

⁹⁴ A Sociedade Anônima do Futebol é um modelo especial de constituição de empresa voltada ao futebol no Brasil, regulamentado pela Lei nº 14.193/2021.

constituição da SAF ainda não foi finalizado. Com a finalização de implementação do acordo, a Desportiva Ferroviária retorna seu modelo tipológico para **sociedade empresária com associação civil como menor acionista de participação restrita**, agora, amparada em outra legislação acerca da constituição de empresa voltada ao futebol.

Ao longo desta trajetória, independente do modelo jurídico, estrutura societária e modelo político adotados, nas diversas versões de estatuto e tipologia, verifica-se que o nível de abertura democrática nos processos decisórios do clube é muito pequeno, limitado ao quadro social do clube, que, por sua vez, renuncia à participação efetiva em 1999 e 2024, com o clube-empresa e a SAF, respectivamente. Além disso, as informações coletadas em edital de convocação de Assembleia Geral Extraordinária realizado, em junho de 2023, dão a medida do esvaziamento do quadro social da Desportiva Ferroviária. A referida convocação aponta um quantitativo de 101 sócios aptos a participarem politicamente do clube (EDITAL..., Página oficial da Associação Desportiva Ferroviária, 2023).

Além do quadro social limitado, não existem categorias de apoio ao clube de plano de sócio-torcedor que incluem a participação nos processos decisórios do clube. Assim, a participação direta da comunidade grená na política do clube, referindo-se aos não-associados, é inexistente. Com base nisso, constata-se que a participação da comunidade grená em relação à política do clube se dá de forma indireta, a partir da pressão externa ao clube, “baseada em um senso de propriedade que não está respaldado em mecanismos legais constituídos no clube” (SIMÕES, 2023, p. 174).

Esse cenário evidencia a fragilidade na participação da comunidade, que se vê inserida em uma relação predominantemente unilateral com o clube. Os diálogos ocorrem apenas de forma pontual, quando os interesses da instituição e os da comunidade coincidem, sem a participação contínua e efetiva daqueles que, no dia a dia, constroem o clube.

No modelo associativo "puro", embora a participação seja limitada, ainda há uma abertura a certo grau de pressão e influência da comunidade sobre as decisões do clube. Em contraste, o modelo empresarial aprofunda essas restrições, dificultando a participação não só da comunidade em geral, mas também dos membros do clube associativo, consolidando uma gestão fechada e centralizadora.

Essa contradição é visível na maioria dos clubes de futebol no Brasil e em boa parte dos clubes no mundo. Enquanto a comunidade é a base que constrói o sentimento de pertencimento e dá sentido à existência do clube, ela é sistematicamente excluída das decisões e da gestão cotidiana. Em outras palavras, apesar de ser fundamental para moldar a identidade e a história do clube, os torcedores não têm participação ativa na administração, criando um abismo entre quem realmente constrói o clube e quem detém o poder de decisão.

4.1.3 **Atomização, desmobilização, desterritorialização e despolitização da comunidade**

Aliado ao processo de metropolização e de restrição institucional do clube, tem-se o afastamento, proposital por parte dos organizadores do futebol, do público tradicional da classe popular, privilegiando uma classe média consumidora (SIMÕES, 2017). Toledo (2022, p. 432) aponta que, paulatinamente, este movimento vem transformando a maneira de se relacionar com o clube por parte da massa torcedora, provocando uma inibição nas modalidades coletivas e associativas do torcer, através de critérios orientados à racionalização e uniformização, além da

“necessidade de transformar o torcedor em consumidor de um espetáculo, tornando-o, de certo modo, desenraizado de uma vivência mais densa em significados. Vivência essa que, historicamente, possibilitou uma multiplicidade de experiências e manejos simbólicos em torno do futebol como uma expressão cultural importante no Brasil” (TOLEDO, 2022, p. 432).

Como resultado, propaga-se um modelo atomizado de envolvimento com o futebol, onde os torcedores são indivíduos consumidores, distanciando-se da experiência coletiva característica das torcidas, ancorado na saturação de mídia publicitária vinculada ao espetáculo futebol e no maior controle dos corpos. No lugar da participação na festa e na vida do clube, emerge a categoria *socio-torcedor*, que preenche a lacuna da participação por meio da atribuição de um novo papel genérico aos torcedores, baseado no engajamento em programas de “captação de recursos pelos clubes, dentro de uma lógica pautada pelos critérios do máximo consumo” (TOLEDO, 2022, p. 432), com programas de vantagens baseados no potencial de contribuição individual e na capacidade de consumo do torcedor-cliente.

Embora os clubes do Espírito Santo não apliquem de maneira completa este modelo, muito pelo momento de crise no futebol capixaba, parte significativa do declínio do

futebol local é consequência direta da construção de desta cultura torcedora passiva, que, distante dos estádios, favorece os clubes com maior presença midiática, por meio de transmissões de jogos de futebol ao vivo, programas esportivos e mídias sociais. Em parte, isso explica o gradual enfraquecimento dos clubes locais e o afastamento da população capixaba dos estádios de futebol, que passa a acompanhar clubes de outros estados através da mídia, seja televisão ou internet, muitas vezes restringindo a sua participação no meio de futebol ao ambiente virtual e ao ambiente doméstico.

4.2 ELEMENTOS CATALISADORES E POTENCIALIDADES À CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO LUGAR DO FUTEBOL

O lugar do futebol reúne características que o transformam em um campo relevante à cultura de participação ativa na comunidade local. Embora não seja regra, a natureza da relação de torcedores para com o clube de futebol pode fomentar um nível de engajamento além do apoio passivo ao futebol, frequentemente envolvendo trabalho voluntário e a participação ativa na rotina do clube. Exemplos disso são a forte identidade local tradicionalmente construída em torno dos clubes de futebol, com sua base territorial marcante; a socialização inerente ao meio, com potencial de aproximação e associação voluntária de grupos heterogêneos em prol do comum; a participação política na defesa de interesses da comunidade; a mobilização coletiva em momentos em que o clube ou a torcida percebem ameaças a aspectos relevantes à comunidade, entre outros. Em cada contexto, estes elementos se manifestam de forma distinta e com intensidades variadas, frequentemente influenciados por fatores históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais, os quais serão explorados adiante.

Com base nessas premissas, este item tem como objetivo identificar os principais fatores presentes ao longo da trajetória da comunidade grená e da Desportiva Ferroviária que favorecem a construção da autonomia no lugar do futebol. Embora estes fatores se façam presentes em diversos momentos da trajetória da comunidade grená, nota-se que o movimento ainda é incipiente, com capilaridade reduzida, mas com potencial para ampliação e organização, impulsionado pelo autorreconhecimento da comunidade. Trata-se, assim, de um exercício analítico destinado a identificar *fagulhas* existentes, que podem ser potencializadas em prol do fortalecimento da autonomia da comunidade no lugar do futebol.

4.2.1 Potencial de autodeterminação da comunidade

No contexto da Desportiva Ferroviária, o elemento inicial que une a comunidade em prol do clube é a prática do futebol entre os trabalhadores ferroviários da Companhia Vale do Rio Doce. Com o passar dos anos, a tradição ferroviária permanece presente no clube, mas a comunidade se expande para além dos trilhos, incorporando outras camadas da sociedade, especialmente aquelas vinculadas ao contexto territorial em que o clube está inserido e aqueles que se aproximam devido à projeção midiática da agremiação, sobretudo em momentos de sucesso esportivo. Assim, observa-se uma renovação no corpo coletivo, que, ao se integrar com o núcleo originário, compõe a comunidade grená.

O pertencimento clubístico pressupõe um envolvimento sentimental profundo, em que o clube de futebol se transforma em elemento da vida cotidiana, para além do espaço-tempo do jogo (DAMO, 2012, p. 52), mobilizando ações individuais ou coletivas em prol do clube e da comunidade. Damo (DAMO, 2012, p. 56) aponta que o pertencimento clubístico é composto por uma trama de elementos culturais e sociais que moldam o engajamento de um torcedor. A construção coletiva do pertencimento ocorre de maneira gradual ao longo das gerações, estabelecendo uma consciência comum que envolve a comunidade. A própria escolha por um clube não ocorre de forma aleatória, sendo ela balizada em outros meios de sociabilidade, como as relações familiares e de amizade (DAMO, 2012, p. 62). A partir do contato inicial, é construída uma relação de pertencimento com o clube, que é alimentada ao longo da trajetória da vida, com períodos de maior ou menor nível de engajamento, mas nunca com indiferença.

Magnaghi (2005, p. 9), por sua vez, aponta como elemento fundamental para o desenvolvimento do lugar o envolvimento dos sujeitos pertencentes à comunidade no processo de valoração e construção da autonomia do lugar. Neste sentido, o lugar do futebol está inserido em um contexto privilegiado, onde há o autoconhecimento da comunidade em torno do seu papel protagonista no meio, mesmo sem vínculo institucional com o clube. É possível estabelecer uma correlação entre componentes da noção de pertencimento clubístico com os princípios da autodeterminação da comunidade. Em ambos os casos, pressupõe-se um reconhecimento mútuo dos indivíduos acerca dos valores em comum nos quais se baseia a construção do corpo

coletivo. Valores estes que são produto da interação dos indivíduos no meio, em construção contínua na longa duração (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 24).

Este processo de autodeterminação é algo fundamental para se pensar a autonomia do lugar do futebol, partindo da premissa de que a construção e transformação do meio deve ser baseada nos interesses comuns, que, por sua vez, dependem de um profundo autoconhecimento do corpo coletivo. Neste sentido, ao compreender o lugar do futebol como bem comum, emerge a possibilidade de se pensar alternativas ao lugar baseadas nas tradições e práticas existentes, bem como nas aspirações da própria comunidade, como sugerido por Dematteis e Magnaghi (2018) ao proporem renovadas formas de lidar com o desenvolvimento do lugar.

4.2.2 Integração do clube com o bairro e o território

O lugar também desempenha relevante papel na construção da comunidade no contexto do futebol, frequentemente refletindo ideais da população nas concepções de pertencimento (BROMBERGER, 2019, p. 102). Em um estudo acerca do contexto inglês, Bale (2001 [1993], p. 57) aponta que entre as razões para apoiar um clube de futebol, uma das mais frequentes é o ‘orgulho local’, atrás apenas das relações familiares e de amizade.

No contexto da Desportiva Ferroviária, a localização do clube é apontada como um dos elementos que dão força à comunidade grená. Situado na divisa entre os municípios de Cariacica, Vila Velha e Vitória, atribui-se à proximidade com diversas comunidades do entorno uma das motivações para o crescimento do número de adeptos do clube, a ponto de se tornar o segundo mais popular da Região Metropolitana da Grande Vitória, ultrapassando equipes com trajetória mais longa no futebol capixaba.

Este sentimento de pertencimento local envolve também pessoas alheias ao futebol, mas que enxergam nele um meio de reafirmar o pertencimento comunitário (BALE, 2001 [1993], p. 56). O uso diversificado da estrutura física do clube, tanto o estádio de futebol quanto o clube social, pode ser considerado um elemento de ampliação da construção do pertencimento desse estrato da população, que, mesmo sem acompanhar os feitos esportivos da agremiação, se afeiçoa com a comunidade e os símbolos do clube, incorporando-os como elementos integrantes do movimento e da vida comum do bairro.

4.2.3 Surgimento de organizações associativas voluntárias e independentes na comunidade

Uma evidência do nível de engajamento que envolve o lugar do futebol é a constituição de organizações associativas voluntárias e independentes cuja existência está atrelada a um clube, mas muitas vezes em confronto explícito com os dirigentes (TOLEDO, 2022, p. 415). Neste sentido, o clube atua como um elemento catalizador de diversas formas de organização coletiva.

A expressão mais evidente e estruturada consiste nas torcidas organizadas, compostas por grupos de torcedores de um mesmo clube que se aliam em uma estrutura organizativa própria e independente do clube, contam com quadro associativo, sede para ponto de encontro, reuniões e interações sociais, e departamentos especializados com base nas demandas da associação, como organização administrativa, financeira e de comercialização, além de um código de conduta e símbolos próprios. Entre as atribuições assumidas pelas torcidas organizadas, destacam-se o papel de organizar a festa nas arquibancadas – as músicas, os cantos e instrumentos, as faixas e outros elementos estéticos –, organizar viagens para acompanhar jogos do time e a interlocução com a direção do clube com objetivo de expressar demandas da torcida. Sob os símbolos de uma mesma agremiação, é possível que coexistam diversos grupos do tipo, cada qual com sua escala de abrangência, dinâmicas de relação, grau de organização e objetivos relacionados ao clube. Toledo ressalta, ainda, que “dada a complexidade e a variedade de expectativas que animam os subgrupos no interior dessas associações, podem-se constatar projetos diversificados de ação e participação na esfera pública (TOLEDO, 2022, p. 415).

Ainda, outras coletividades com menor rigor institucional também se relacionam no lugar do futebol a partir da relação com clube, como times amadores, grupos de *pelada*, grupos que se unem para acompanhar os jogos, seja no estádio ou em outros lugares, grupos que se formam com intuito de discutir interesses relacionados ao clube, festividades, entre outros. Em geral, estas são mais pulverizadas e com menor escala de abrangência, no entanto, evidenciam o interesse em expandir as relações ligadas ao lugar do futebol em outros âmbitos da vida cotidiana.

4.2.4 Movimento e articulação da comunidade em momentos de crise

John Bale (2001 [1993], p. 86) aponta que momentos de crise, ausência institucional ou de ameaça a componentes relevantes à identidade do clube podem estimular o ativismo local, o impulsionamento da militância e participação política entre os membros da comunidade no contexto do futebol. O autor discorre sobre situações em que o lugar do futebol esteve ameaçado e que a união entre os membros da comunidade através da participação política e defesa dos direitos do clube surte efeitos positivos aos interesses coletivos. Como o Charlton Athletic, de Londres, e o seu tradicional estádio The Valley, que foi abandonado pelo clube por um período de 7 anos (1985-1991), até que a pressão popular fez com que o time retornasse à antiga casa.

Através de táticas de reivindicação como manifestações, petições, reuniões com a diretoria do clube, elaboração de materiais de divulgação das demandas da comunidade e reuniões públicas, foi possível fazer com que os dirigentes do clube concordassem em retornar ao estádio The Valley. A conquista é exaltada até hoje pela torcida e comunidade em torno do clube, com eventos comemorativos e publicações que contam a história e evidenciam o protagonismo da torcida na retomada do antigo estádio.

O que para alguns era apenas um clube de futebol saindo de campo, para muitos era algo além. Para os fãs mais velhos, foi a destruição de algo que percorreu suas vidas como um fio, para os que conheciam o passado do The Valley através de outros, foi o fim de um sonho. A fuga ao luar do Charlton foi uma cruel tragédia humana que não encontrou forma nos números contábeis (EVERITT, 1989 apud BALE, 2001 [1993], p. 88-89, tradução nossa).⁹⁵

Em casos extremos, o descompasso entre os interesses da coletividade e do clube pode ocasionar na construção de clubes dissidentes pela própria comunidade, como maneira de evidenciar sua insatisfação em relação às transgressões do clube ‘mãe’ aos preceitos fundamentais defendidos pelo corpo coletivo que atribui sentido à agremiação. Movimentos do tipo contribuem com a propagação da ideia do “*fan ownership*”, que defende a difusão da prática da gestão democrática dos clubes de futebol com

⁹⁵ Trecho da *fanzone The Voice of The Valley*, revista independente elaborada por torcedores que marcou o início das mobilizações para o retorno do clube ao seu estádio tradicional. A *fanzone* criada no período de mobilização pelo estádio permanece em atividade até os dias de hoje (Disponível em: <<https://www.votvonline.com/>>). Trata-se de um exemplo bem-sucedido de organização motivada por um contexto pontual que manteve sua atuação de forma perene pelos interesses da comunidade e do clube.

protagonismo da comunidade como um mecanismo de contenção do distanciamento dos clubes dos seus torcedores (SIMÕES, 2023, p. 307).

Casos do tipo têm se tornado mais frequentes com as transformações impostas pela modernização e hipermercantilização do futebol⁹⁶, como a fundação do Football Club United of Manchester, clube de torcedores dissidentes do Manchester United Football Club. Mesmo com a ampla difusão da campanha *Not For Sale*⁹⁷ entre a torcida do Manchester United, a venda do clube à família Glazer⁹⁸ foi concretizada em 2005⁹⁹.

4.3 ENSAIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO LUGAR DO FUTEBOL: UTOPIA CONCRETA E CENÁRIOS ESTRATÉGICOS

Após delinear os principais elementos catalisadores e alienantes à construção da autonomia da comunidade no lugar do futebol, é fundamental refletir sobre cenários capazes de equilibrar as forças de dominação e apropriação no meio, opondo-se à forma-metrópole do futebol nacionalizado e globalizado em favor de um modelo baseado em formas policêntricas não-hierárquicas. Neste sentido, propõe-se uma série de reflexões que tensionam a atual estrutura do futebol, baseada em uma rede de desigualdades.

Com base nestas premissas, desenvolve-se diretrizes que se propõem a atenuar a desigualdade de forças e reafirmar o protagonismo da comunidade e do lugar, com exemplos que evidenciam a resistência e a capacidade associativa do lugar do futebol frente às forças de dominação. Os cenários estratégicos em questão se articulam em torno de quatro elementos norteadores: (i) a contestação à forma-metrópole e a demanda por mudanças estruturais no futebol; (ii) a ampliação da consciência política da comunidade no lugar do futebol; (iii) as reflexões acerca do lugar do futebol através

⁹⁶ Neste contexto, a compra de clubes tradicionais por novos proprietários estrangeiros tem sido algo comum na Inglaterra, em especial nos clubes das divisões de elite do futebol (SIMÕES, 2023, p. 307).

⁹⁷ Promovida pela Independent Manchester United Supporters Association (IMUSA), a campanha difundia a ideia de que clubes de futebol são instituições não lucrativas, entendidos como propriedade coletiva da comunidade e dos torcedores, defendendo que práticas comerciais não devem ser o foco do clube (BROWN, 2008, p. 347).

⁹⁸ Irmãos bilionários norte-americanos Joel e Avram Glazer.

⁹⁹ O sucesso na criação do clube dissidente em 2005 não foi na primeira tentativa. Em 1998, com o interesse de compra do Manchester United pela empresa BSSky, os torcedores já estavam articulando esta saída. No entanto, as negociações não progrediram naquela ocasião (BROWN, 2008, p. 347).

do autogoverno e da participação democrática; e, por fim, (iv) a construção de um modelo policêntrico não-hierárquico, constituindo uma rede associativa.

Embora o texto tenha uma estrutura linear, os elementos são concebidos de forma integrada, propondo um *corpus* que busca a construção da autonomia no lugar do futebol. De maneira a explicitar essa integração, propõe-se um diagrama processual-relacional que representa a interação entre os elementos componentes do sistema proposto e as suas características na relação com o meio.

Diagrama 4. Representação processual-relacional dos elementos em articulação para a construção da autonomia no lugar do futebol.



Fonte: elaborado pela autora (2025).

O diagrama proposto não impõe uma ordem rígida, mas sim um direcionamento em que a tríade – *consciência política*, *autogoverno/participação* e *rede associativa* – deve se manter em consonância. Sua dinâmica exige um sistema equilibrado, que se retroalimenta e assegura autonomia e continuidade à ação. Além disso, por ser um sistema aberto, está sujeito a influências internas ou externas que podem impulsionar ou limitar seu equilíbrio e autonomia, ao mesmo tempo em que irradia os efeitos potencializados pelo ciclo para além do próprio meio circundante. Nota-se que o elemento que se refere às *mudanças estruturais no futebol* não está representado no diagrama, isso se justifica pela percepção de que os moldes da atual estrutura se apresentam como um entrave à construção da autonomia do lugar do futebol, tema que será explorado adiante.

4.3.1 Contestando a forma-metrópole: a demanda por mudanças estruturais no futebol

Magnaghi (1989, p. 115 *apud* MAGNAGHI, 2010, p. 24) descreve a forma-metrópole contemporânea como uma estrutura urbana resultante de regras estritamente voltadas ao crescimento econômico, altamente dispendiosa, sem limites de expansão, baseada em relações desequilibradas e fortemente hierárquicas. Como produto deste modelo, tem-se a homogeneização do território ocupado, com a perda da sua dimensão estética e o reducionismo das formas de vivenciar o cotidiano no lugar (MAGNAGHI, 1989, p. 115 *apud* MAGNAGHI, 2010, p. 24).

O território, considerado um “*organismo vivo de alta complexidade*” (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 25) em contínua transformação, é produto da combinação de elementos culturais e naturais e composto por lugares – dotados de identidade, história e personalidade – construídos na longa duração. Com a ascensão da forma-metrópole, há uma transformação radical na lógica de produção do território, onde as relações sociais do cotidiano são suplantadas por relações de troca, a noção de lugar se reduz à localidade, e as zonas econômicas sobrepõem outras formas de ordenamento territorial, antes baseadas em elementos históricos ou naturais (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 25).

Com isso, a partir da expansão da forma-metrópole, estabelecem-se no território relações alheias ao meio, aos seus aspectos naturais e culturais e às suas características identitárias (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 25), anteriormente responsáveis pela produção do território. O processo de expansão e eliminação da diversidade não se resume a um efeito colateral, mas um pressuposto para a plena realização da forma-metrópole (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 29), que opera para além dos limites territoriais geográficos, sobrepondo-os com uma rede global hierarquizada que nega o cerne do lugar, elimina diferenças, identidades e complexidades, reduzindo o território à sua dimensão econômica e à condição de recurso a ser explorado.

Esta lógica, impulsionada pelo avanço tecnológico e pela capilaridade dos meios de comunicação e transporte, produz dependência e fragilidade no longo prazo, resultando no empobrecimento e subordinação de territórios periféricos como demanda à continuidade da forma-metrópole, reforçando continuamente as distinções hierárquicas impostas. Na dimensão do cotidiano e do comum, constata-se o processo de apagamento e desenraizamento do lugar, das comunidades, dos símbolos, do *genius*

loci, da cultura e expressão local, modos de vida e dos modelos socioculturais (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 32).

Na primeira metade da década de 1990, em um exercício de predição, John Bale (2001 [1993]) elenca possíveis transformações no desenvolvimento do futebol por influência do processo de metropolização do sistema-mundo a partir de tendências em curso à época (BALE, 2001 [1993], p. 176-188). Boa parte das previsões elencadas se concretizam na atualidade. Entre elas, o autor aponta para a existência de mega clubes promotores do espetáculo para audiências continentais, atribuindo a eles a construção de uma nova paisagem do futebol, marcada pela centralidade das relações de negócio, na busca pelo auge da performance técnica e no estabelecimento de padrões de comportamento e um *padrão de consumo* aos espectadores (BALE, 2001 [1993], p. 179).

O engajamento da comunidade com o clube não necessariamente é convertido em relações de consumo (ANDREWS, 2004, p. 4), neste sentido, em detrimento do pertencimento e identificação da comunidade envolvida no futebol, o modelo metropolitano objetiva atrair novos indivíduos consumidores do espetáculo em escala global. Deste processo, emergem novas categorias espectadoras do futebol, onde o comprometimento na relação com o clube é substituído por laços efêmeros (GIULIANOTTI, 2002, p. 40), motivados por circunstâncias do espetáculo, e cada vez menos pela construção da identidade na longa duração. Em suma, no futebol, como no território operado sob a lógica da forma-metrópole (MAGNAGHI, 2010 [2000]), *lugar e comunidade* são sobrepostos por *espaço e capital* (HARVEY, 1989, p. 14).

Apesar disso, Bale sugere que o futebol periférico tende a continuar a operar sob a lógica do lugar, onde a construção do pertencimento local supera a lógica de expansão dos mega clubes (BALE, 2001 [1993], p. 179). No entanto, o que se percebe na contemporaneidade é um paulatino enfraquecimento de clubes locais sob a influência das redes nacional e global do futebol. “A adesão de clubes metropolitanos por parte de habitantes de centros urbanos de médio e pequeno porte são facetas e indícios desse processo” (MASCARENHAS, 2014, p. 178).

Exceções pontuais existem e são relevantes para confrontar a regra; no entanto, mesmo nas melhores circunstâncias, não concretizam um projeto viável no longo prazo com reverberações para além da comunidade. Nesse sentido, é necessário elaborar estratégias para a construção de uma rede baseada no fortalecimento das localidades,

suplantando o embate desigual com as redes nacionais e global, de modo a deslocar o horizonte do lugar para a difusão de um modelo de base local, em franca oposição à desigualdade do desenvolvimento capitalista (HARVEY, 1989, p. 16).

Ademais, a contínua degradação promovida pela forma-metrópole em função da acumulação no curto prazo (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 208) não se sustenta no longo prazo. Com isso, sugere-se uma transformação radical na atual lógica da produção do futebol e do território, baseada na demanda pela reconstituição da identidade local e fortalecimento do lugar em oposição aos processos nacionais e globais (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 208). Repensar essa estrutura é uma condição primordial para o reestabelecimento da força do lugar. Isso envolve tensionar os atuais modelos de organização do futebol, onde prevalece a difusão hierárquica de cima pra baixo, que prioriza clubes hegemônicos e os grandes confrontos (MASCARENHAS, 2014, p. 174) em detrimento de clubes e localidades à margem.

4.3.2 Por uma perspectiva ao lugar do futebol sob a ótica do desenvolvimento local autodeterminado

Ao problematizar o desenvolvimento territorial baseado na estrutura hierárquica promovida pela expansão da forma-metrópole, Magnaghi (2010 [2000]) elabora profundo referencial teórico e prático que almeja uma mudança radical nas metodologias de desenvolvimento e gestão do território. Através da noção de desenvolvimento local autodeterminado, o autor propõe estratégias que buscam promover a consciência do lugar e instrumentalizá-la como ferramenta emancipadora da comunidade local, direcionando esforços coletivos em favor do bem comum e da construção de uma relação de equilíbrio e fortalecimento mútuo entre o meio antrópico, meio construído e meio ambiente.

Para Magnaghi, os principais requisitos para a aplicação continuada desses conceitos são a promoção da autonomia da comunidade local e do autoconhecimento do lugar, em oposição ao ordenamento baseado estritamente em critérios econômicos e na aplicação de regras genéricas nos mais diversos assentamentos humanos. Trata-se de uma inversão na lógica dominante de produção do território, através da potencialização das individualidades e características do meio substanciada por fortes laços sociais, com objetivo de constituir uma terceira força além do Estado e do

mercado (2010 [2000], p. 84). As diretrizes do modelo são desenvolvidas a partir de cinco dimensões da sustentabilidade: política, social, econômica, ambiental e territorial.

As propostas de Magnaghi baseiam-se no desenvolvimento territorial dos assentamentos humanos de forma integral, envolvendo abordagens multidisciplinares, multissetoriais e multiescalares. Apesar disso, as principais premissas que delineiam a construção da consciência do lugar estão em consonância com elementos constituintes do lugar do futebol, ainda que, por vezes, de forma inconsciente, e podem contribuir para reflexões sobre a ampliação do protagonismo da comunidade nesse contexto. Com isso, propõe-se aqui um exercício de reflexão e apropriação de conceitos fundamentais ao desenvolvimento local autodeterminado, considerando as características e particularidades do lugar do futebol.

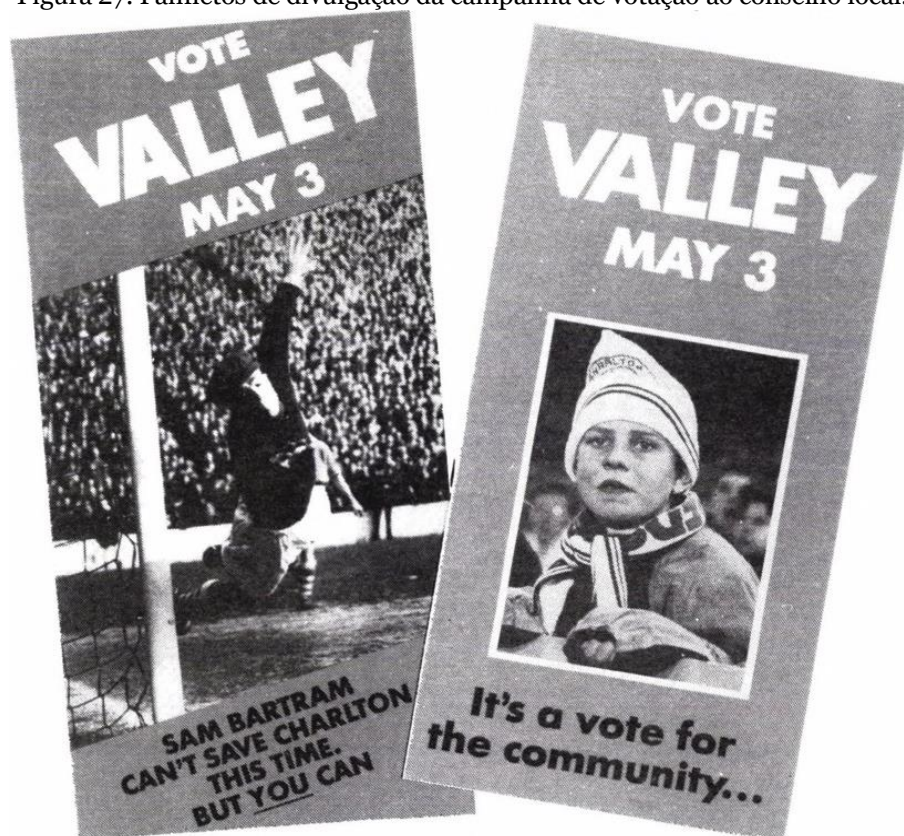
Entre as características do lugar do futebol em convergência com os preceitos do desenvolvimento local autodeterminado, destacam-se a construção da identidade coletiva, do sentimento de pertencimento, a forte vinculação territorial e o caráter heterogêneo e diverso da comunidade. Com isso, entende-se que o lugar do futebol tem potencial como campo privilegiado para a elaboração de propostas baseadas no fortalecimento da comunidade e da autonomia do lugar.

Magnaghi (2010 [2000]) aponta que reconhecer a identidade territorial é um pressuposto fundamental ao processo de reterritorialização, o que inclui interpretar os processos que moldam o território na longa duração a fim de identificar as permanências materiais e os sedimentos cognitivos (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 75). O reconhecimento desses processos desvela as características individuais e de personalidade do lugar, resultantes das permanências e invariâncias. Em conjunto com o crescimento da consciência identitária da comunidade, potencializado pelo autoconhecimento do lugar, emerge a capacidade de autodeterminação, que fundamenta o potencial de participação ativa da comunidade no processo de reterritorialização (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 77).

A reconstrução, quando necessária, e o fortalecimento de vínculos locais passam por esse processo de valoração do lugar, no qual, a partir do reconhecimento da comunidade e de sua vinculação com o território, viabiliza-se a promoção da organização coletiva e da participação comunitária (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 80). Casos concretos envolvendo o lugar do futebol endossam essa premissa e demonstram

que a autodeterminação do lugar compõe parte substantiva do pertencimento clubístico. Como evidenciado no exemplo do Charlton Athletic, de Londres, e seu tradicional estádio, The Valley, a potencial perda do estádio transforma-se em um elemento catalisador da ação autônoma e coletiva (BALE, 2001 [1993], p. 88). Além de protestos, panfletos e outras formas de manifestação pública, constitui-se um movimento político-partidário que é eleito com votação expressiva no conselho local em defesa dos interesses da comunidade do clube, mesmo diante da forte oposição de partidos tradicionais. Apesar da falta de experiência política ou de vinculação ideológica pregressa, os torcedores assumiram que a ação política institucional representava um caminho para a reivindicação e participação no processo decisório (EVERITT, 1990, p. 7).

Figura 27. Panfletos de divulgação da campanha de votação ao conselho local.



Fonte: Revista *When Saturday Comes*, edição de julho de 1990.

A decisão pela participação institucional é fruto de um embate contra o próprio clube e antigos membros do conselho local em defesa de demandas da comunidade. Isso evidencia como nem sempre os interesses do clube refletem a comunidade responsável por construí-lo, bem como expõe limitações do modelo de participação representativa, que mesmo sob pretexto de defender interesses da comunidade, ignora reivindicações locais, subordinando o lugar a interesses exógenos (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 80).

Neste sentido, a sustentabilidade política e social proposta por Magnaghi engloba reconhecer a capacidade da própria comunidade de se posicionar e atuar frente a conflitos que no modelo atual espoliam valores e interesses do lugar (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 82). Isso demanda uma cultura de governança que seja capaz de lidar com as complexidades do lugar e defender os interesses de vozes de grupos minorizados, promovendo a oposição a modelos hierárquicos hegemônicos a partir da ação de baixo para cima com base no princípio da equidade (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 83).

Em suma, a partir da consciência do lugar, promove-se a consciência política e os interesses coletivos, onde os sujeitos do lugar atuam como sujeitos políticos ativos, capazes de transformar a estrutura política, o processo decisório e a produção social do território, baseada na estabilidade dinâmica do meio. Assim, a transformação do modelo de desenvolvimento do lugar se fundamenta na construção dos interesses coletivos em detrimento da busca por crescimento econômico irrestrito (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 90). Para que isso se concretize, é necessário implementar a efetiva participação dos sujeitos nas decisões que envolvem os interesses coletivos, configurando uma redistribuição de poderes e estabelecendo outras formas de relação das esferas de poder com o lugar (KOFFER, 2024, p. 46).

Estabelecendo um diálogo entre essas premissas e o lugar do futebol, torna-se necessário analisar a estrutura dos clubes de futebol a partir de seu nível de abertura democrática. A estrutura utilizada em cada clube de futebol é profundamente influenciada por processos históricos em diversas escalas, muitas vezes impostas ou incentivadas por legislações e regulamentações específicas de cada país (SIMÕES, 2023, p. 162). Mesmo em localidades onde não há restrições específicas a determinadas estruturas, é comum que haja a predominância de algum modelo, com exceções pontuais.

É possível afirmar que clubes organizados segundo o modelo jurídico associativo, com abertura à participação popular, determinada pelo grau de acesso garantido pelas regras estatutárias, apresentam um caminho viável para a plena democratização do lugar do futebol, em contraste com clubes organizados a partir de estruturas de menor ou nenhuma abertura democrática. No entanto, é fundamental avaliar, a partir de casos concretos, se a participação por meio do direito ao voto configura uma efetiva inserção no processo de planejamento e decisões do clube ou se está restrito a um

consenso passivo e à concordância tácita com planos pré-concebidos por outros agentes (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 106).

Com base nessas premissas, embora a comunidade tenha um papel protagonista e com relativa independência na construção do lugar do futebol, entende-se que a garantia da participação plena e a potencialização da capacidade de transformação da comunidade no lugar do futebol envolve, necessariamente, a discussão e reforma de estruturas de poder, gestão e controle dos clubes de futebol, mesmo em contextos de relativa participação democrática. Busca-se então refletir na realidade concreta uma máxima amplamente propagada no contexto do futebol: o clube é da torcida. Essa afirmação vai além de um sentido de posse; nela, há o reconhecimento implícito da simbiose estabelecida na relação clube-comunidade-lugar. Em resumo, é necessário empoderar a comunidade que vive e continuamente molda o lugar do futebol no cotidiano (TOESCA, 1998, p. 19).

Para tal, a estrutura política e social do clube deve refletir as características heterogêneas da comunidade e as complexas redes de sociabilidade estabelecidas no lugar do futebol. No lugar de *tomadores de decisão*, emerge a figura do *mediador*, responsável por delinear estratégias que garantam a efetiva participação e o engajamento da comunidade no processo, além de contribuir com conhecimento técnico e científico aos participantes para subsidiar uma tomada de decisão individual e coletiva embasada e consciente (GLAIME, 2010).

Pressupõe-se também a abertura de espaços de consulta, negociações, tomada de decisões e representantes intermediários quando necessários. Essa estrutura política e social deve ser construída de maneira contínua, com base em projetos, objetivos, políticas e etapas claramente definidas (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 284; GLAIME, 2010), bem como a avaliação constante do grau de participação no cotidiano, da qualidade das ações implementadas e de possíveis entraves à continuidade do *fórum deliberativo* (GLAIME, 2010). Além das ações diretamente relacionadas ao clube, este modelo objetiva fortalecer também uma rede de solidariedade local, ampliando as reverberações do lugar do futebol na comunidade e na vida cotidiana do bairro e da cidade.

...

A construção do lugar do futebol não se dá de maneira isolada, a reafirmação da identidade a partir da distinção do outro constitui uma das mais importantes facetas

deste meio. Invariavelmente, os mais diversos *lugares do futebol* estão interligados a uma mesma trama que envolve o futebol – local, nacional e global – onde os clubes se inserem e operam sob a mesma lógica, e muitas vezes têm seu cotidiano influenciado pelos mesmos processos, com impactos de múltiplas escalas ou grau de abrangência.

Trata-se de uma constatação relevante para as discussões aqui desenvolvidas: mesmo com o reconhecimento da alteridade, é necessário avançar na construção de uma articulação capaz de promover interesses comuns às comunidades, como estratégia de enfrentamento às forças hegemônicas. Com isso, mais do que fortalecer o lugar do futebol de forma isolada, é necessário ampliar a discussão sobre a constituição de redes associativas baseadas na proximidade e no fortalecimento mútuo dos *lugares do futebol*.

O desenvolvimento de uma rede policêntrica não-hierárquica contribui para o fortalecimento de lugares individuais e coloca em movimento relações multipolares (MAGNAGHI, 2010 [2000], p. 140). Em nome do equilíbrio dessa *constelação*, é necessário que as conexões sejam estabelecidas entre contextos que mantenham uma correlação de forças equivalente, o que evita que a rede se converta em uma relação hierárquica desigual e contribui para a elaboração de consensos nos temas de interesse mútuo.

Além da dimensão da força, outro critério relevante é a proximidade geográfica entre os contextos associados (MAGNAGHI, 2005), que resulta no fortalecimento de uma região frente às forças de dominação oriundas de agentes externos, como, por exemplo, através da formação de ligas esportivas e a delegação de representantes da coletividade em negociações, além da ampliação da rede de solidariedade e serviços à comunidade que envolve o lugar do futebol. Esse fortalecimento de redes locais, ainda, propõe uma alternativa ao modelo metropolizado do futebol, que prioriza grandes confrontos e o futebol praticado em lugares com maior representatividade econômica e política (MASCARENHAS, 2014). Trata-se de um retorno do futebol ao lugar, a partir do fortalecimento do evento coletivo e da mobilização da comunidade local.

Isso não impede que outras conexões sejam estabelecidas, sobretudo para o compartilhamento de experiências entre as distintas experiências de aplicação de modelos participativos e alianças entre clubes e torcidas, algo já difundido no meio do futebol. Em resumo, propõe-se uma inversão na lógica propagada pela expansão da forma-metrópole, uma outra globalização, baseada em redes autônomas locais,

policêntricas e não-hierárquicas, em defesa ao bem comum frente às forças de dominação que incidem sobre o território (TURCO, 2014; MAGNAGHI, 2010 [2000]).

...

À luz das discussões desenvolvidas, reconhece-se que a implementação de tais propostas envolve um processo mais amplo de pesquisa-ação, a partir da construção de métodos e procedimentos e, sobretudo, com o envolvimento direto e ativo da comunidade ao longo de todo o percurso. Ressalva-se, ainda, que é necessário compreender o papel de condicionantes locais – históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais – que catalisam ou alienam a construção da autonomia no lugar.

Trata-se de um processo complexo, que demanda uma mudança radical em estruturas que, em sua maioria, são profundamente hierárquicas e avessas à participação comunitária. Essa condição evidencia uma das maiores contradições que envolvem o lugar do futebol: o esporte mais popular do mundo é instrumentalizado como mecanismo de exclusão, exploração e propagação de desigualdades.

Apesar disso, insurgências locais existem e precisam ser potencializadas através do reconhecimento de elementos que contribuem para a reafirmação da coletividade no lugar do futebol, construindo meios de transformação, seja completa ou parcial, a serem difundidos e ampliados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo analisar o lugar do futebol como elemento potencializador do desenvolvimento local autodeterminado, explorando os elementos que o compõem nas diversas dimensões escalares, desde o contexto local às influências nacionais e globais. A partir do estudo de caso da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, buscou-se compreender como é constituído o lugar do futebol em associação à construção do pertencimento clubístico, o que envolve a formação de uma identidade coletiva em torno do clube e formas particulares de apropriação do lugar. Ainda, buscou-se evidenciar as interações deste meio com outros atores, internos ou externos, e as tensões socioeconômicas, políticas e culturais que reverberam no lugar do futebol e contribuem para a formação do espaço urbano de maneira abrangente.

Com base nos procedimentos metodológicos adotados, a pesquisa propôs referencial teórico-conceitual para construir a noção de lugar do futebol, apresenta estudo de caso baseado nestas premissas, com abordagem descritivo-analítica acerca do objeto concreto, bem como tensiona o contexto analisado com outras realidades concretas e com objetivo de identificar denominadores comuns que reforçam o processo de autodeterminação do lugar do futebol.

Desta forma, buscou-se responder à seguinte questão: de que maneira o lugar do futebol se configura como campo de disputa e resistência frente às forças homogeneizadoras do futebol-mercadoria metropolizado, e como a sua autonomia pode ser potencializada com base na capacidade de autodeterminação e construção da autonomia vinculadas ao pertencimento clubístico, sobretudo em contextos periféricos.

A elaboração da noção de lugar do futebol é produto da constatação de que a prática do futebol tem representada no estádio a sua centralidade física, no entanto, sua abrangência vai além. A partir do referencial teórico-conceitual, é demonstrado o papel de mobilização urbana desempenhado pelo evento-futebol e, mais que isso, a construção da vida cotidiana do futebol na vida das pessoas que integram esta comunidade. As relações no contexto do futebol são profundamente territorializada e, com isso, parte substancial do sentido atribuído ao pertencimento clubístico está associado a processos de territorialização, realizado a partir da ação antrópica dos sujeitos no meio. Com isso, a construção do lugar do futebol é considerada um

elemento-chave para a compreensão do *fenômeno futebol* e seu papel na vida urbana, com impactos que extrapolam o meio esportivo.

Com base nessas premissas, é realizada descrição e análise do processo de implementação e difusão do futebol no contexto brasileiro, onde são identificadas três fases principais. A primeira, no final do século XIX e início do XX, é marcada por sua chegada simultânea, porém descentralizada, ao território brasileiro. Inicialmente elitizado, o esporte logo se populariza, impulsionado pelo crescimento urbano e pela adesão da classe trabalhadora ao futebol como atividade de lazer. A segunda fase corresponde à nacionalização do futebol, com a criação de competições que integravam o território e sua apropriação como ferramenta política, especialmente durante o regime ditatorial, e o investimento estatal na difusão dos estádios de massa. Esse período resulta na metropolização do futebol, concentrando-o em grandes centros econômicos e marginalizando cidades de pequeno e médio porte. Por fim, a terceira fase, desde os anos 1990 e intensificada pelos megaeventos, promove um processo de reelitização do futebol, refletido na transformação dos estádios em espaços de consumo, com a substituição dos torcedores tradicionais por uma classe média consumidora, bem como a intensificação do processo de metropolização iniciado em fase anterior.

A influência desses processos em escala nacional reverbera no futebol capixaba de diversas maneiras. A difusão do futebol no Espírito Santo é marcada pelo papel protagonista da elite local, mas a sua popularização ocorre de maneira rápida. A primeira metade do século XX representa o auge da popularidade do futebol local, com amplo apoio da população às competições profissionais e amadoras promovidas na Região Metropolitana da Grande Vitória. No entanto, os efeitos da metropolização do futebol brasileiro resultam no enfraquecimento gradual do futebol capixaba e na ampliação da adesão da população local a equipes de outras praças esportivas, em especial o Rio de Janeiro.

Neste sentido, a Desportiva Ferroviária se insere em um campo de disputas multiescalares, no qual é evidenciado o papel do futebol em dinâmicas socioeconômicas, políticas e culturais da Região Metropolitana da Grande Vitória. A partir da análise documental, bibliográfica e das entrevistas conduzidas, foi possível evidenciar que a trajetória da Desportiva reflete as transformações ocorridas no

território, especialmente no que diz respeito à relação entre o clube e a Companhia Vale do Rio Doce.

A criação do clube está profundamente vinculada à comunidade dos trabalhadores ferroviários, que consolidam o clube como instrumento de sociabilidade e identidade, ao mesmo tempo que demonstram o papel da CVRD nos processos de transformação urbana no desenvolvimento regional. Apesar dessa origem, o clube se populariza no território capixaba, transformando-se no segundo mais popular do estado e agregando uma comunidade substancial além do contexto ferroviário. No entanto, a privatização da CVRD marca um ponto de inflexão, alterando significativamente o potencial competitivo e a gestão do clube, além de impactar o seu vínculo com a comunidade. Esse processo revela as fragilidades do futebol capixaba e o papel do apoio da CVRD em atenuar disparidades entre a equipe capixaba, inserida em um contexto futebolístico fragilizado, e a rede nacional de clubes de futebol. Com a saída da estatal, são expostas as dificuldades enfrentadas pelos clubes de futebol em contextos periféricos, bem como o simbolismo do declínio do clube associativo e da ascensão da adesão a modelos empresariais, que contribuem para o distanciamento entre clube e comunidade.

As entrevistas trazem à tona distintas perspectivas acerca da importância da Desportiva Ferroviária para a comunidade grená, evidenciando a construção do pertencimento clubístico através da memória, da identidade, da apropriação do lugar e de vivências diversas. O processo de crise contínua enfrentado pelo clube provoca transformações também na comunidade grená, com o afastamento de parte substancial da torcida e o engajamento em processos de retomada e reconstrução do clube. Apesar do enfraquecimento do clube, o caso da Desportiva Ferroviária reafirma o papel do lugar do futebol como espaço de resistência e identidade coletiva.

Dessa forma, o contexto analisado exemplifica a complexidade das relações entre futebol, território e os processos de desenvolvimento. Neste sentido, o lugar do futebol se apresenta como campo de disputa, onde as interações entre agentes públicos, privados e comunitários revelam diferentes concepções sobre o papel do futebol na construção da cidade e de suas identidades. Essa reflexão amplia o entendimento sobre os desafios enfrentados pelos clubes de futebol situados em contextos periféricos, contribuindo para o debate sobre modelos alternativos de organização do futebol que objetivam a eliminação ou atenuação de desigualdades.

A partir disso, assumindo o papel do futebol enquanto fenômeno urbano e social, a pesquisa evidencia a relevância de discuti-lo enquanto campo de disputa e instrumento para a construção da autonomia do lugar. Com isso, são identificados elementos alienantes e catalisadores da construção da autonomia em coexistência. O processo de metropolização do futebol brasileiro resulta em um enfraquecimento do futebol local e da força do lugar do futebol. Paralelamente, a ascensão do modelo empresarial nos clubes de futebol reforça entraves à participação da comunidade, promovendo um distanciamento entre o clube enquanto instituição e a construção do lugar do futebol protagonizada pela comunidade. Esse contexto se reflete em processos de atomização, desmobilização e desterritorialização das bases sociais que historicamente atribuem significado ao clube, contribuindo para o enfraquecimento do lugar do futebol como espaço de organização coletiva.

Entretanto, a pesquisa aponta também caminhos e potencialidades à construção da autonomia do lugar do futebol a partir de elementos existentes na atualidade, mesmo com os entraves enunciados. O fortalecimento de iniciativas comunitárias, o papel do clube no bairro para além das atividades do futebol, bem como a emergência de organizações associativas independentes demonstram um potencial de construção da organização coletiva a partir do lugar do futebol, em oposição às dinâmicas de exclusão, mercantilização e desterritorialização do futebol. Constata-se que, em momentos de crise, a mobilização da comunidade se transforma em um importante agente de militância, reconhecendo a relevância do lugar do futebol como espaço de identidade coletiva e pertencimento, resistindo às pressões externas incidentes sobre o contexto local.

Neste sentido, apesar dos entraves, são identificados caminhos à construção da autonomia no lugar do futebol, em uma contestação direta à lógica imposta pela expansão da forma-metrópole que domina o cenário esportivo. Para tal, são demandadas mudanças estruturais que favoreçam um modelo mais inclusivo, igualitário e que reconheça a relevância da construção do futebol em sua vinculação com o lugar. Com base nessa perspectiva, uma alternativa que se anuncia consiste em repensar o lugar do futebol como vetor de propagação do desenvolvimento local autodeterminado, reconhecendo sua potência enquanto agente catalizador da participação comunitária e do processo de reterritorialização, ancorado na construção coletiva da consciência do lugar. Trata-se de um processo complexo e que demanda

maiores reflexões, no entanto, as experiências analisadas demonstram que a construção da autonomia no lugar do futebol é uma possibilidade concreta, um possível horizonte estratégico a ser continuamente reivindicado e construído. Para que isso se concretize, é necessário identificar e impulsionar os fatores que reafirmam a coletividade no lugar do futebol, elaborando alternativas viáveis às transformações – completas ou parciais – que possam ser expandidas e consolidadas ao longo do tempo.

Os achados do estudo fundamentam o lugar do futebol como elemento relevante à construção do território, espacializando a disputa simbólica e material entre diversas forças, de dominação e apropriação. No entanto, apesar das contribuições desta pesquisa, algumas limitações devem ser consideradas. O estudo se baseia em referências do campo da geografia dos esportes para a construção da noção de lugar do futebol e da capacidade associativa vinculada ao pertencimento clubístico, no entanto, outras abordagens podem ser exploradas para aprofundamento da análise das relações de apropriação e dominação que incidem sobre o lugar do futebol, sobretudo em contextos periféricos.

Ainda, a pesquisa restrita a um recorte específico limita a generalização dos achados para outros contextos, ainda que similares. A abordagem qualitativa proporciona uma visão detalhada a partir das percepções dos entrevistados, mas restringe a possibilidade de quantificação de tendências e a comparação com outras realidades. Ademais, dificuldades no acesso a documentos históricos e registros acerca do clube limitaram uma análise mais aprofundada da relação entre a Desportiva Ferroviária e a Companhia Vale do Rio Doce, bem como dos elementos potencializadores da crise enfrentada pelo clube desde a virada do século até os dias atuais.

Pesquisas baseadas em um estudo de caso apresentam desafios para a extrapolação dos resultados, uma vez que as dinâmicas observadas podem estar fortemente ligadas às especificidades do clube e da comunidade. Fatores contextuais locais e estruturais no futebol brasileiro também influenciam os achados, demonstrando a necessidade de investigações futuras que confrontem o caso da Desportiva Ferroviária e outras realidades do futebol nacional.

Neste sentido, as proposições apresentadas indicam possíveis caminhos para a busca da autonomia no lugar do futebol, no entanto, faz-se necessário o aprofundamento das análises em busca de similaridades e divergências entre os contextos analisados, mapeando possíveis entraves ou elementos potencializadores que possam ser

considerados na formulação de estratégias voltadas ao fortalecimento da autonomia no lugar do futebol.

A partir do exposto, evidenciam-se pelo menos dois caminhos de investigação. O primeiro envolve o aprofundamento da pesquisa-ação no contexto da Desportiva Ferroviária. A pesquisa realizada demonstra a relevância de ampliar as discussões no âmbito da comunidade grená, aprofundando a análise para identificar outras nuances do pertencimento clubístico no contexto estudado. Nesse sentido, destaca-se a importância de incluir uma maior diversidade geracional, de gênero e de grau de envolvimento com o clube entre os participantes, a fim de capturar diferentes formas de atuação no lugar do futebol e compreender as transformações associadas a cada um desses grupos sociais. Para isso, sugere-se a realização de uma investigação que combine abordagens quantitativas e qualitativas, com maior participação e autonomia da comunidade, permitindo a identificação de outras nuances, anseios e perspectivas. Esse processo contribuiria para a elaboração de proposições mais detalhadas e para o delineamento de ações práticas voltadas ao fortalecimento do lugar do futebol na realidade analisada, bem como o avanço na elaboração de projetos de intervenção junto aos atores locais com base nos preceitos do desenvolvimento local autossustentável.

O segundo caminho parte da compreensão de que a experiência da Desportiva Ferroviária revela aspectos de uma trama mais ampla que integra o lugar do futebol em escalas distintas – local, nacional e global. As forças de dominação e apropriação que atuam sobre o lugar se manifestam de formas particulares em cada contexto, variando no equilíbrio entre essas relações. Dessa forma, torna-se necessário expandir as investigações para compreender com maior precisão a natureza dessas interações, possibilitando a identificação de padrões de manifestação no território que se reproduzem em diferentes realidades. Esse aprofundamento contribuiria para uma leitura mais abrangente dos desafios e potencialidades do lugar do futebol enquanto espaço de identidade, pertencimento e resistência, bem como na construção de um corpus teórico-conceitual-metodológico objetivando a ampliação da construção de redes locais baseadas na autonomia do lugar do futebol.

Em síntese, os dois caminhos expostos, embora possuam abordagens distintas, convergem para a ampliação de uma base conceitual e analítica que pode ser apropriada tanto para o fortalecimento de ações autônomas por parte da comunidade

quanto para a formulação de políticas públicas e ações institucionais voltadas à promoção da autonomia no lugar do futebol.

A análise do lugar de futebol como campo de disputa multiescalar aponta um caminho relevante para compreender as relações constituídas no espaço urbano, os processos de construção de identidades e disputas territoriais. Muito além de um jogo, o futebol é um fenômeno social poderoso, simbolizado até mesmo em seu nome primordial: *futebol de associação*.

Neste sentido, mais do que conclusões, esse trabalho busca estabelecer um pontapé inicial à luta pela reconquista da capacidade associativa e da potencialização da construção coletiva do lugar do futebol, devolvendo-o àqueles que o constroem e se dedicam ao longo da vida, de maneira abnegada, em nome do amor ao clube do coração e à comunidade. Retoma-se aqui uma fala de Leandro Carlini em entrevista, que reflete uma das principais características do futebol e sua capacidade de cativar multidões e emoções:

O futebol não é uma ciência exata, lá dentro, todo mundo é igual. É o único esporte em que o mais rico pode perder para o mais pobre, se entrar de salto alto. No futebol, tudo pode acontecer. E é por isso que ele é o mais apaixonante. Ele nivela todo mundo quando a bola rola. Na arquibancada, ninguém é melhor que ninguém. Até o jogo acabar, tudo pode acontecer.

Com isso, reforça-se, o jogo não acabou, e se existe um lugar onde a construção coletiva tem potencial de se sobrepor às forças hegemônicas, é o lugar do futebol.

6 REFERÊNCIAS

- ABE, André T. **Grande Vitória, ES: crescimento e metropolização**. Orientador: Brenno Cyrino Nogueira. 1999. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura de Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo. 1999.
- ADFVRD. **Ata de fundação da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce**. Vitória: [s.n.]. 1963. p. 5.
- AGNEW, John A. **Place and Politics: The Geographical Mediation of State and Society**. London and New York: Routledge, 1987.
- ANDREWS, David L. (Ed.). **Manchester United: a thematic study**. London: Routledge, 2004. 304 p.
- ARANTES, Pedro F. **Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma**. Orientador: Reginaldo Luiz Nunes Ronconi. 2010. Tese (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura de Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 308. 2010a.
- ARANTES, Pedro F. Forma, valor e renda na arquitetura contemporânea. **ARS**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 85-108, 2010b.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BALE, John. **Sports, space and the city**. New Jersey: The Blackburn Press, 2001 [1993]. 211 p.
- BARBOSA, Livia B. **A produção do espaço urbano e as áreas de transição rural-urbana: o caso do Município de Cariacica**. Orientador: Carlos Teixeira de Campos Jr. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATUCADAS salvaram o nosso carnaval, As. **Folha Capixaba**, Vitória, n. 1064, 9 de março de 1957.
- BEM Vindo, Mandela! **Mapa cultural do Espírito Santo**, 2021. Disponível em: <https://mapa.cultura.es.gov.br/projeto/559#info>. Acesso em: 12 de janeiro de 2025.
- BEZERRA, Omyr L. **Cariacica: resumo histórico**. 2ª. ed. Cariacica: IPEDOC, 2009.
- BORGIO, Ivan. **Recordações do futebol de Vitória: visões impressionistas do futebol e suas circunstâncias na Vitória dos anos 50/60**. 3ª. ed. Vitória: CulturalES, 2015.
- BROMBERGER, Christian. **Futebol, a brincadeira mais séria do mundo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019. 176 p.

BROWN, Adam. 'Our club, our rules': fan communities at FC United of Manchester. **Soccer & Society**, 9, n. 3, 2008. 346–358.

BUCHMANN, Ernani. **Quando o futebol andava de trem**: memórias dos times ferroviários brasileiros. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004. 205 p.

CAMPOS JR, Carlos Teixeira de. Reestruturação produtiva na Região Metropolitana da Grande Vitória: Manifestações socioespaciais em Cariacica. **Geografares**, Vitória, n. 13, 2012. 284–311.

CARLINI, Leandro V. **Tivapédia**, 2024. Disponível em: <https://ferroviariaes.blogspot.com/>. Acesso em: 2024 de janeiro de 14.

CASTRO, Demian Garcia. **"O Maraca é nosso!"**: da "monumentalidade das massas" ao "padrão-FIFA" - neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã. Orientador: Gilmar Mascarenhas de Jesus. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 259. 2016.

CBF. Cadastro Nacional de Estádios de Futebol, 18 de janeiro de 2016. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201601/20160122182359_o.pdf. Acesso em: 15 de junho de 2023.

COMISSÃO de Melhoramentos da Victoria. **Diário da Manhã**: Órgão do Partido Constructor, Vitória, n. 2438, 23 de setembro de 1930. 13.

CRESSWELL, Tim. **Place**: A short introduction. Oxford: Blackwell Publishing Lld, 2008.

DAMO, Arlei S. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. **História: Questões & Debates**, Curitiba, 57, n. 2, julho a dezembro de 2012. 45-72.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011 [1952].

DEMATTEIS, Giuseppe; MAGNAGHI, Alberto. Patrimonio territoriale e corallità produttiva. Nuove frontieri per i sistemi economici locale., n. 6, p. 12-25, 2018.

DESportiva time de glórias. **Revista da Desportiva Ferroviária**: 3ª Edição Comemorativa, Cariacica, 3, n. 1, 1998.

DOMINA as atenções desportivas da ilha o Terceiro Início. **Folha Capixaba**, Vitória, n. 1093, 21 de setembro de 1957.

EVERITT, Richard. Political football. **When Saturday Comes**, Londres, n. 41, julho de 1990.

FERREIRA, Fernando D. C. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras**: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã. Orientador: Gilmar Mascarenhas de Jesus. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 439. 2017.

FERREIRA, Fernando D. C. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: GIGLIO, Sérgio S.; PRONI, Marcelo W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020. Cap. 28, p. 508-523.

FERRO, Sérgio. O fetichismo na arquitetura. In: FERRO, S. **Arquitetura e trabalho livre**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FIFA. **Estádios de futebol**: Recomendações e requisitos técnicos. Fédération Internationale de Football Association. Zurique, Suíça, p. 219. 2011.

FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 433 p.

FRANCO JR., Hilário. **Dando tratos à bola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FUTURA Inteligência: 70% dos capixabas não torcem para times de futebol do estado. **Folha Vitória**, Vitória, 13 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.folhavitoria.com.br/folha-business/70-dos-capixabas-nao-torcem-para-times-de-futebol-do-estado-diz-futura/>.

GAFFNEY, Christopher T. **Temples of the earthbound gods**: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. 1ª. ed. Austin: University of Texas Press, 2008.

GAFFNEY, Christopher T. Arenas de Conflito: os processos conflituosos durante a preparação para a Copa do Mundo no Brasil. In: SANTOS JR., Orlando A. D.; GAFFNEY, Christopher T.; RIBEIRO, Luiz C. D. Q. **Brasil**: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016. Rio de Janeiro: E-papers, 2015. p. 185-202.

GAFFNEY, Christopher T.; MASCARENHAS, Gilmar. The soccer stadium as a disciplinary space. **Revista Esporte e Sociedade**, v. 1, n. 1, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3ª. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019. 256 p.

GIAIME, Berti. **Processi partecipativi nelle politiche rurali**: la prospettiva della democrazia deliberativa nella dimensione teorica e nelle metodologie operative. Pisa: Laboratorio di studi rurali SISMONDI, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GIULIANOTTI, Richard. Supporters, followers, fans, and flaneurs: a taxonomy of spectator identities in football. **Journal of Sport and Social Issues**, 26, n. 1, 2002. 25-46.

GOMES FILHO, Oscar. **Rio Branco Atlético Clube**: vitórias e conquistas. Vitória: [s.n.], 2002.

GRANDE encontro no campo do Ferroviário. **Folha Capixaba**, Vitória, n. 979, 6 de novembro de 1954.

GUARANDY, Leandro N. **Pertencimento Grená: um estudo sobre os vínculos comunicacionais dos torcedores da Desportiva Ferroviária no Espírito Santo.** Orientador: Victor Israel Gentili. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 97. 2019.

GUEDES, Simoni L. **O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro.** Niterói: EDUFF, 1998.

GUEDES, Simoni L. Esporte, Lazer e Sociabilidade. In: MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luiz F. D. **Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia.** São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 431-456.

GUEDES, Simoni L. Sentidos, significados e rede de relações em torno do futebol. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt **O futebol nas ciências humanas no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 291-308.

GUEDES, Simoni L. **O futebol brasileiro: Instituição Zero.** São Paulo: Ludopédio, 2023 [1977].

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, 29, jan de 2003. 11-24.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2010a.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, 9, n. 17, 2010b. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17>.

HARVEY, David. From managerialism to entrepreneurialism: the transformation in urban governance in late capitalism. **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, 71, n. 1, 1989. 3-17.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005. 252 p.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294 p.

KOFFER, Amanda L. C. **A força mobilizadora do minômio sujeito-lugar na patrimonialização proativa.** Orientadora: Renata Hermann de Almeida. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 162. 2024.

MAGNAGHI, Alberto. Il ritorno dei luoghi nel progetto. In: MAGNAGHI, A. **La rappresentazione identitaria del territorio.** Firenze: Alinea Editrice, 2005. p. 06-17.

MAGNAGHI, Alberto. **Il progetto locale**: verso la coscienza di luogo. 2^a. ed. Torino: Bollati Boringhieri, 2010 [2000]. 344 p.

MARQUES, Bruno. **Os trilhos da história**: Memórias da Desportiva Ferroviária. 1^a. ed. Vitória: GM Editora, 2009.

MARQUES, Bruno. 'Ano do resgate' termina e Desportiva projeta o 'ano das vitórias'. **Globo Esporte**, Vitória, 31 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://ge.globo.com/es/futebol/times/desportiva-ferroviaria/noticia/2011/12/ano-do-resgate-termina-e-desportiva-projeta-o-ano-das-vitorias.html>. Acesso em: 14 janeiro 2024.

MARQUES, Bruno. Vitória-ES 100 anos: meninos de 'sangue azul' criam futebol capixaba. **Globo Esporte**, Vitória, 1 de outubro de 2012. Disponível em: <https://ge.globo.com/es/noticia/2012/10/vitoria-es-100-anos-meninos-de-sangue-azul-criam-futebol-capixaba.html>.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: A disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Revista Cidades**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2012a.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. **Visões do Brasil**: estudos culturais em geografia. Salvador: EDUFBA, 2012b. Cap. 4, p. 67-85.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo Futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 256 p.

MASCARENHAS, Gilmar. "Não vai ter arena": Futebol e direito à cidade. **ADvir**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p. 24-38, 2014b.

MASCARENHAS, Gilmar. Pacificação e exclusão: o estádio de futebol na produção da cidade-espetáculo. **XVI Enanpur**, Belo Horizonte, 2015.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M.; GURVITCH, G.; LÉVY-BRUHL, H. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 535.

MINAYO, Maria Cecília D. S. *et al.* **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Cláudia E. A. *et al.* Esporte na cidade: novos espaços, novos objetos. uma nova paisagem em Vitória (1896-1940). In: GOMES, Ivan M. **O esporte na cidade**: capítulos de sua história em Vitória. Vitória: EDUFES, 2014. p. 77-116.

NOTAS suburbanas. **Folha do Povo**: O vespertino do Espírito Santo, Vitória, n. 138, 26 de julho de 1952.

NUNES, Thiago A. Mais fotos do mutirão #SouGrená. **Folha Grená**, 2011. Disponível em: <https://folhagrena.blogspot.com/2011/07/blog-post.html>. Acesso em: 14 de Janeiro de 2024.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; WERTHER, Holzer; OLIVEIRA, Livia de **Qual o espaço do lugar?:** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

OLIVEIRA, Nelma G. D. **O poder dos jogos e os jogos de poder:** interesses em campo na produção da cidade para o espetáculo esportivo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Anpur, 2015. 284 p.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, Eduardo. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; WERTHER, Holzer; OLIVEIRA, Livia D. **Qual o espaço do lugar?:** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANTOS JR, Nei J. Um “clube da fábrica” e um “clube de fábrica”: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1910). **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 12, n. 2, 2014. 100-117. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/issue/view/339>.

SANTOS, Darly. Novos estádios dão vida ao futebol capixaba. **Vida Capixaba**, Vitória, Julho de 1967.

SANTOS, Luiz E. N. D.; TAVARES, João C. A produção do espaço urbano e o cotidiano: reflexões para o município de São Luís, MA. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, 18, 2011.

SAQUET, Marco Aurélio. O território: A abordagem territorial e suas implicações nas dinâmicas de desenvolvimento. **Informe GEPEC**, 23, 2019. 25–39.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos:** Geografia e Fenomenologi. São Paulo: Contexto, 2023.

SERRA, Geraldo. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo:** guia prático para o trabalho de pesquisadores de pós-graduação. 1. ed. São Paulo: Edusp: Mandarim, 2006. 256 p.

SILVA, Álvaro J. D. S. **Clubes de Futebol - Vitória.** 1ª. ed. Vitória: Prefeitura Municipal, Secretaria de Esportes, v. Esporte Memória 3, 1998. 38 p.

SILVA, Álvaro J. D. S. Os estádios do Rio Branco. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, Vitória, n. 64, 2010. 159-182.

SILVA, Douglas B. D. **Um Estudo de caso da migração baiana na RMGV:** o fluxo migratório entre o distrito de Pimente (Mascote-BA) e o bairro Jesus de Nazareth (Vitória-ES) a partir da década de 1980. Orientadora: Aurélia Hermínia Castiglioni. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 127. 2016.

SILVA, Juliano M. **Aspectos de paisagem, memória e esquecimento de um rio urbano:** lembranças do Rio Marinho. Orientadora: Eneida Maria Souza Mendonça. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 140. 2017.

SIMÕES, Irlan S. **Clientes versus rebeldes:** novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017. 336 p.

SIMÕES, Irlan S. **A produção do clube:** poder, negócio e comunidade no futebol. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2023. 544 p.

TOESCA. Le forme di una cultura municipalista moderna. **Eupolis**, 19, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol.** São Paulo: Ludopédio, 2022.

TORCIDA 'compra briga' da Desportiva Ferroviária pelo Engenheiro Araripe. **Globo Esporte**, Vitória, 11 de julho de 2012. Disponível em: <https://ge.globo.com/es/futebol/capixaba-serie-b/noticia/2012/07/torcida-compra-briga-da-desportiva-ferroviaria-pelo-engenheiro-araripe.html>.

TURCO, Angelo. **Paesaggio, luogo, ambiente:** La configuratività territoriale come bene comune. Milano: Unicopli, 2014.

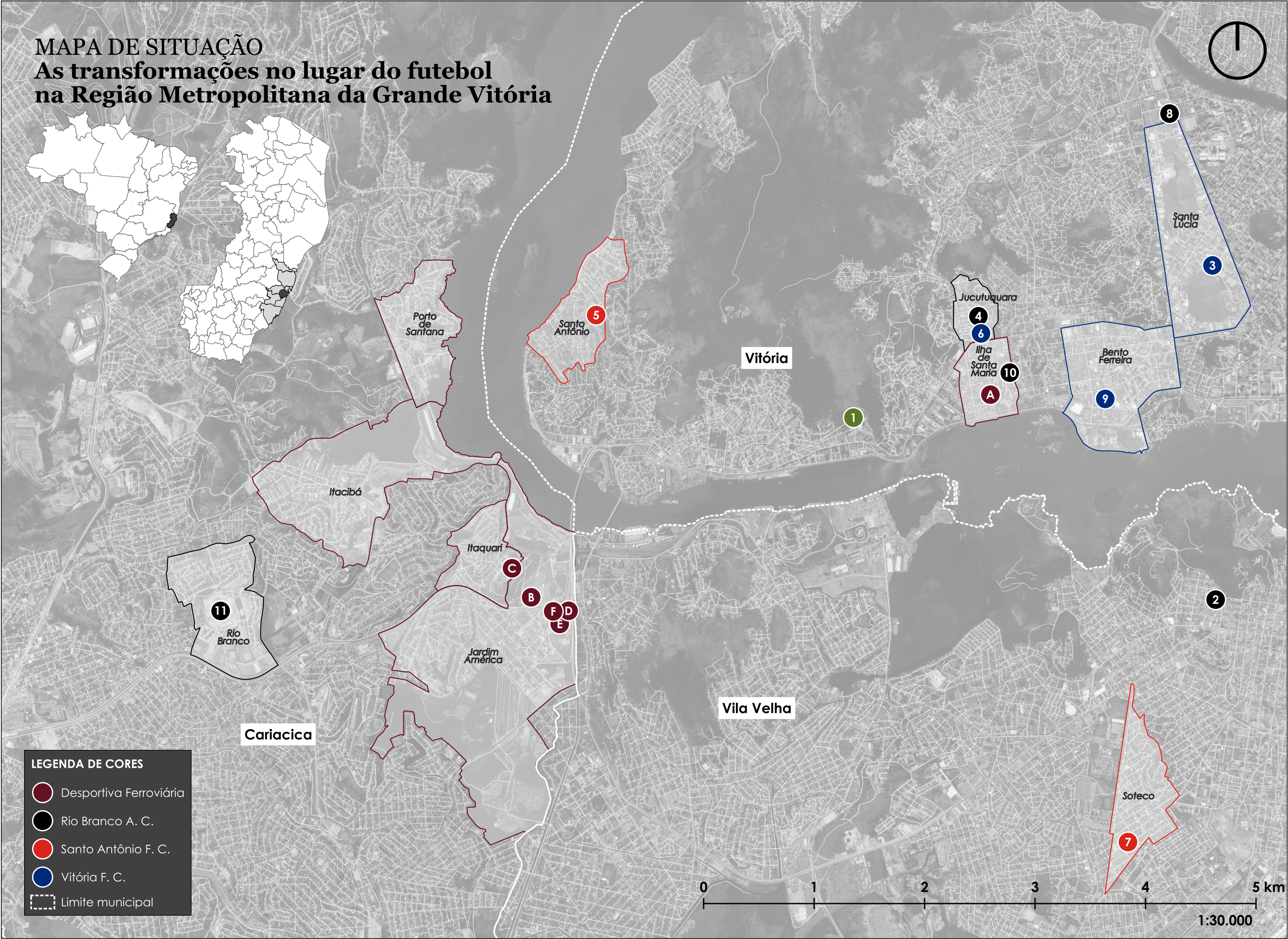
UM sonho quase concretizado. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 65, fevereiro de 1982.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otília B. F.; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia **A cidade do pensamento único:** desmanchando consensos. 2ª. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000. Cap. 2, p. 192.

WIDDOP, Paul; COLLINS, Mike. Social network analysis: towards an approach for football studies. [S.l.]: [s.n.], 2018. p. 348-363.

WILLIAMS, John. Justice for the 96? Hillsborough, Politics and English Football. In: HOPKINS, Matt; TREADWELL, James **Football Hooliganism, Fan Behaviour and Crime.** Hampshire: Palgrave Macmillan, 2014. p. 273-295.

APÊNDICE A: MAPA DE SITUAÇÃO



- LEGENDA
1. Gymnasio Espírito-santense, escola secundarista onde a prática do futebol é registrada pela primeira vez, em 1906.

2. Antes da ocupação do terreno da antiga “salina”, o Rio Branco passa um período de peregrinação até se assentar no Campo Salles, em 1916, em Bom Retiro, Vila Velh. Na época, este distanciamento de Vitória é apontado como um problema, por provocar um distanciamento da comunidade do clube.

3. Primeira cancha utilizada pelo Victoria Foot-ball Club, no bairro Santa Lúcia. Até 1918 foi considerado o principal campo da cidade.

4. Campo das "Salinas", onde em 1918 seria implantado o Estádio de Zinco, do Rio Branco. Anos mais tarde, em 1934, é construído o estádio Governador Bley.

5. Primeira cancha do Santo Antônio Futebol Clube, fundado em 1919.

6. Local da sondagem realizada para construção do estádio do Victoria. O planejamento do estádio não foi concretizado.

7. Estádio Rubens Gomes, do Santo Antônio F.C., inaugurado em 1958. A construção do estádio foi, de maneira determinante, responsável pelo enfraquecimento e desaparecimento de um dos mais tradicionais clubes da Região Metropolitana da Grande Vitória. O alto custo da obra, somado ao afastamento progressivo da comunidade pela distância da cancha, resultou no declínio do Santo Antônio F.C.

8. Terreno da Bomba, onde haviam planos para construção de um novo estádio do Rio Branco antes da compra do terreno em Campo Grande.

9. Estádio Salvador Venâncio da Costa, do Vitória Futebol Clube, inaugurado em 1967, no bairro Bento Ferreira.

10. Sede social do Rio Branco Atlético Clube, atualmente demolida.

11. Estádio Kleber Andrade.

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa foi devidamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo. O projeto está registrado sob o CAAE 82979924.7.0000.5542. A aprovação assegura que todos os procedimentos relacionados à pesquisa respeitam as normas éticas e científicas estabelecidas, garantindo a proteção e os direitos dos participantes envolvidos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa chamada **“O lugar do futebol como elemento mediador do projeto local: Reflexões a partir da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce”**. O elemento motivador desta pesquisa consiste na compreensão de que o clube de futebol representa um importante papel na vida coletiva da cidade. Neste sentido, é de suma importância a elaboração de estudos que buscam compreender melhor o significado das atividades que envolvem as pessoas que possuem alguma relação afetiva com o clube e com outras pessoas através do clube. Assim, a pesquisa tem como objetivo geral demonstrar a relevância do lugar do futebol como elemento estruturante da identidade local. Ademais, busca-se elaborar reflexões acerca de possíveis práticas voltadas ao lugar do futebol, orientadas à promoção de um processo de reterritorialização por meio do clube e sua comunidade.

Sua participação nesta pesquisa consiste na realização de entrevista com roteiro semiestruturado e resposta a questionário. Na entrevista serão abordados temas relacionados à sua relação afetiva e memórias de vida envolvendo a Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce em três subtemas: relações com o clube, relações com a comunidade e relações com o lugar. Além da entrevista, você responderá questionário com os seus dados pessoais e algumas perguntas objetivas relacionadas à Desportiva Ferroviária. A entrevista terá duração estimada de **1 hora**, e será realizada em local de sua preferência, desde que situado na Região Metropolitana da Grande Vitória, respeitando a sua disponibilidade e limitações.

Se você autorizar, o encontro poderá ter registro de imagem ou voz. As gravações serão utilizadas **exclusivamente** para transcrição das informações realizada pela pesquisadora, sem divulgação da sua voz ou imagem. Caso seja a sua vontade manter a sua identidade em sigilo, a pesquisadora garantirá este direito com a ocultação de identidade, mantendo-se a confidencialidade e a privacidade das informações. Os dados coletados na sua entrevista serão utilizados exclusivamente para o desenvolvimento da pesquisa ou publicações acadêmicas decorrentes da mesma.

Para participar desta pesquisa você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso ocorra algum gasto imprevisto decorrente da sua participação na pesquisa, você será ressarcido pela pesquisadora responsável. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que

Rubrica da Pesquisadora Responsável: _____

Rubrica do(a) Participante da Pesquisa: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

desejar e estará livre para aceitar ou recusar-se a participar da pesquisa. **Poderá também retirar seu consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.** Por ser voluntária, a recusa em participar da pesquisa não acarretará em qualquer ônus ou irá modificar a forma de tratamento por parte da pesquisadora.

Esta pesquisa não oferece risco à sua integridade física decorrente da sua participação. Adverte-se, no entanto, os eventuais riscos de ordem emocional decorrentes da realização da entrevista, tais como: situação de estresse emocional, timidez ou constrangimento ao recorrer a lembranças de acontecimentos passados. Neste caso, a Pesquisadora se compromete a adotar formas de minimizar qualquer ocorrência do tipo: você poderá ter acesso às perguntas antes da tomada da entrevista; poderá solicitar a remarcação da coleta; poderá solicitar a interrupção de gravação da entrevista a qualquer momento ou caso observe alteração de humor ou de saúde; poderá solicitar formas alternativas de registro de dados caso prefira não ser gravado(a), como, por exemplo, realizar a coleta de dados apenas em registro escrito/anotações. Caso haja danos resultantes da sua participação da pesquisa, materiais ou imateriais, você terá resguardado o direito a assistência e a buscar indenização, conforme previsto na Resolução CNS nº 510/16.

Como benefício aos participantes da pesquisa, prevê-se o empoderamento e fortalecimento da comunidade local no contexto da Desportiva Ferroviária, uma vez que as informações sistematizadas por meio de entrevistas podem ser instrumento útil em processo onde os atores locais sejam protagonistas em tomadas de decisão, e que possam ter as opiniões expressas ouvidas. Ainda, a pesquisa pode elucidar informações importantes antes não evidenciadas aos participantes, permitindo assim, escolhas envolvendo o lugar do futebol elaboradas de forma mais informadas e autodeterminadas. Além disso valorização de um aspecto fundamental na vida de muitas pessoas, a vida coletiva em torno do futebol, contribui para uma elevação na autoestima e maior consciência do próprio papel de protagonismo neste meio. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir com registro e análise da prática coletiva no contexto do lugar do futebol através das formas de organização da comunidade de torcedores e trabalhadores ligada à Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce. Ainda, a pesquisa propõe a elaboração de material técnico científico com objetivo de estimular o autoconhecimento da comunidade, apreendido como ferramenta impulsionadora do desenvolvimento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Rubrica da Pesquisadora Responsável: _____

Rubrica do(a) Participante da Pesquisa: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

local autodeterminado, no contexto da Desportiva Ferroviária, uma equipe profissional de longa tradição no futebol capixaba.

Sua entrevista e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será divulgado sem a sua permissão. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável, na sala do Laboratório Patrimônio & Desenvolvimento (Patri_Lab), situado no prédio CEMUNI III, no Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (Campus Goiabeiras), por um período de 5 anos a partir do encerramento desta pesquisa, e outra via será fornecida a você. As gravações também serão arquivadas em mídia digital nos computadores do Patri_Lab, mantendo o mesmo prazo de armazenamento.

Acerca dos procedimentos de gravações de imagem ou voz, a pesquisadora responsável reitera que estas serão utilizadas **exclusivamente** para transcrição das informações realizada pela pesquisadora, sem divulgação da sua voz ou imagem. Ademais, os dados coletados na sua entrevista serão utilizados exclusivamente para o desenvolvimento da pesquisa ou publicações acadêmicas decorrentes da mesma. Considerando o seu direito enquanto participante, você autoriza a gravação da entrevista? Selecione entre as opções abaixo descritas a que melhor reflete a sua vontade:

- (☐) **Sim**, eu autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz para fins acadêmicos;
- (☐) **Sim**, eu autorizo a gravação, mas **não** a divulgação de minha imagem e/ou voz;
- (☐) **Não**, não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Rubrica da Pesquisadora Responsável: _____

Rubrica do(a) Participante da Pesquisa: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Em caso de dúvida ou maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a Pesquisadora Responsável Joyce Zaninho por meio do telefone: (27) 98124-7336, ou pelo e-mail: joycezaninho@gmail.com.

Em caso de denúncias e/ou intercorrências na pesquisa, você poderá contatar o Comitê de Ética e Pesquisa da UFES por meio do telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, através do endereço: Av. Fernando Ferrari, 514; Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Eu, _____ abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar da pesquisa: **“O lugar do futebol como elemento mediador do projeto local: Reflexões a partir da Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce”**, declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pela Pesquisadora Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação na pesquisa acima descrita.

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa: _____

Local e data: _____

A **pesquisadora responsável declara** que esta pesquisa foi avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFES e que todos os procedimentos a serem realizados estão de acordo e obedecendo aos princípios éticos, conforme Resolução CNS nº 510/16, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras para as pesquisas envolvendo seres humanos no campo de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais realizadas no país.

Pesquisadora Responsável: Joyce Zaninho

Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____

Local e data: _____

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO E ROTEIRO DE ENTREVISTA

QUESTIONÁRIO DE DADOS PESSOAIS

DADOS PESSOAIS DO PARTICIPANTE DA PESQUISA	
Nome:	
Idade:	Gênero:
Estado civil:	Profissão/ocupação:
Local de nascimento:	Bairro de residência:
E-mail:	Telefone/Celular:
DADOS PESSOAIS ENVOLVENDO A DESPORTIVA FERROVIÁRIA	
Tem filhos? Se sim, quantos filhos? Qual a idade deles? Eles também são torcedores da Desportiva Ferroviária?	
Possui outros familiares que também são torcedores da Desportiva Ferroviária? Se sim, qual o grau de parentesco?	
Tem ou já teve alguma relação profissional ou institucional com a Desportiva Ferroviária? Se sim, qual?	
Participa ou já participou de alguma torcida organizada da Desportiva Ferroviária? Se sim, qual?	

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O roteiro de perguntas semiestruturadas é elaborado de acordo com referencial teórico da pesquisa e organizado a partir de subtemas propostos a partir da tríade clube-comunidade-lugar. As perguntas têm como objetivo auxiliar o diálogo entre a pesquisadora e o participante da pesquisa, fomentar a conversa e identificar elementos relevantes para a constituição de relações afetivas do participante da pesquisa com a Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce. As questões em anexo foram criadas para guiar a pesquisadora ao longo da conversa, não necessariamente todas serão realizadas. Ainda, as perguntas poderão ser adaptadas de acordo com as características pessoais e interesses expressos pela pessoa entrevistada (GIL, 2021). A própria interação e desenvolvimento da entrevista poderá influenciar as perguntas a serem feitas. Além disso, as questões podem ser adaptadas para torna-las mais didáticas e compreensíveis pelos participantes da pesquisa.

SUBTEMA 1: O ESPAÇO DO CLUBE

- A. Como você começou a torcer pela Desportiva Ferroviária? Alguém ou algo te influenciou?
- B. Que papel a Desportiva Ferroviária ocupa na sua vida hoje? Esta relação mudou ao longo do tempo? Se sim, como ela se modificou?
- C. Você gostaria de opinar ou participar das decisões institucionais do clube?
- D. Você acha que os torcedores têm influência nas decisões institucionais do clube?
- E. Você acha que os torcedores deveriam opinar ou participar das decisões institucionais do clube?
- F. Como você se sentiu quando a Desportiva Ferroviária virou clube empresa em 1999?
- G. Como ficou a sua relação com a Desportiva Ferroviária quando o clube foi substituído pela Desportiva Capixaba?
- H. Como você se sentiu quando a Desportiva Ferroviária voltou em 2011?
- I. O que você acha do processo de transformação do clube em SAF? Acha que vai melhorar a situação do clube?
- J. Conhece a relação da Desportiva Ferroviária com a antiga Companhia Vale do Rio Doce?
- K. Você trabalhou ou tem amigos ou familiares que trabalharam na antiga CVRD? Eles também têm ou tinham relação com a Desportiva Ferroviária?
- L. Você estudou ou conhece alguém que estudou na Escola Eliezer Batista, que fica abaixo da arquibancada do Estádio Engenheiro Araripe? Eles também têm ou tinham relação com a Desportiva Ferroviária?
- M. Conhece os clubes formadores da Desportiva Ferroviária antes dela existir? Possui alguma memória sua ou de conhecidos relacionada a eles?

SUBTEMA 2: O ESPAÇO DA COMUNIDADE

- A. Você se sente parte de uma comunidade ao torcer pela Desportiva Ferroviária? Como?

- B. Você tem relações de amizade que começaram por causa da Desportiva Ferroviária? Gostaria de compartilhar alguma memória relacionada?
- C. Você tem relações sociais envolvendo a Desportiva Ferroviária que vão além do ato de torcer no futebol?
- D. Você tem amigos torcedores de times rivais no futebol capixaba? Como é a relação de vocês em relação ao futebol?
- E. Como você se sente em relação às torcidas organizadas?
- F. Como você acha que a comunidade em torno da Desportiva Ferroviária pode contribuir para transformações no lugar?

SUBTEMA 3: O ESPAÇO DO LUGAR

- A. Atualmente você frequenta o Estádio Engenheiro Araripe? Como você se sente lá?
- B. Antigamente você frequentava o Estádio Engenheiro Araripe? Como você se sentia lá?
- C. Como você se sente quando a Desportiva Ferroviária manda jogos no Estádio Kleber Andrade ou em outros estádios?
- D. O que você mais gosta no Estádio Engenheiro Araripe? Qual o motivo?
- E. Você gostaria de compartilhar memórias relacionadas ao Estádio Engenheiro Araripe? Alguma delas não envolve o futebol?
- F. Quais outros lugares você frequenta por causa das suas relações sociais envolvendo a Desportiva Ferroviária? Pode descrevê-lo? Gostaria de compartilhar alguma memória relacionada a este(s) lugar(es)?
- G. Você frequenta outros lugares no bairro Jardim América?
- H. Você frequentava o clube social e outros equipamentos da Desportiva Ferroviária antes da desativação e demolição de ambos? Gostaria de compartilhar memórias relacionadas a eles?
- I. Você se lembra do período de construção do Estádio Engenheiro Araripe?

OUTRAS QUESTÕES

- A. Você torce para outro(s) clube(s) além da Desportiva Ferroviária? Se sim, como é a sua relação com este(s) clube(s)? Diria que é mais ou menos presente do que a sua relação com a Desportiva Ferroviária?
- B. Como é o seu deslocamento até o Estádio Engenheiro Araripe em dias de jogos?
- C. Pode descrever como é (era) um dia de jogo da Desportiva Ferroviária quando você vai (ia) ao estádio? Você chega quanto tempo antes? O que faz antes e depois do jogo?
- D. Qual a sua memória mais saudosa relacionada à Desportiva Ferroviária? Gostaria de compartilhar?
- E. Existe algum outro relato ou memória relacionado à Desportiva Ferroviária que você gostaria de compartilhar?
- F. Como você se sente em relação ao futebol capixaba atualmente?
- G. Você sente saudade de algo relacionado à Desportiva Ferroviária?
- H. Qual o seu maior ídolo que passou pela Desportiva Ferroviária? Gostaria de compartilhar alguma memória relacionada ao período em que ele esteve no clube?

APÊNDICE D: QUADROS DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES, CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA, CATEGORIAS DE ANÁLISE E FREQUÊNCIA

Os trechos das entrevistas utilizados para a elaboração deste trabalho foram transcritos e incorporados neste apêndice. Algumas adaptações foram realizadas na redação com objetivo de manter a fluidez do relato, sem alteração ao conteúdo e sentido expresso pelo entrevistado. As gravações completas estão sob posse da pesquisadora responsável, o acesso por terceiros está condicionado à autorização expressa por parte dos entrevistados.

LISTA DE ENTREVISTAS REALIZADAS

CARLINI, Leandro Vieira. Entrevista II. [Entrevista cedida a] Joyce Zaninho. Serra, novembro de 2024. 1 arquivo .mp3 (145 min).

FARIAS, Carlos Antônio Fundão; ROCHA, João Carlos Pereira. Entrevista I. [Entrevista cedida a] Joyce Zaninho. Cariacica, novembro de 2024. 1 arquivo .mp3 (98 min).

LIMA, Angelo André Rodrigues. Entrevista IV. [Entrevista cedida a] Joyce Zaninho. Cariacica, janeiro de 2025. 1 arquivo .mp3 (111 min).

LIMA, Fausto Jarbas; SILVA, Eletelba “Diogo” Ferreira da; SIMONASSI, José Osmário. Entrevista VI. [Entrevista cedida a] Joyce Zaninho. Vila Velha, janeiro de 2025. 1 arquivo .mp3 (131 min).

NUNES, Thiago Abikahir. Entrevista IV. [Entrevista cedida a] Joyce Zaninho. Vitória, janeiro de 2025. 1 arquivo .mp3 (163 min).

SÁ, Janete Santos de. Entrevista III. [Entrevista cedida a] Joyce Zaninho. Vitória, dezembro de 2024. 1 arquivo .mp3 (61 min).

TABELA DE QUADROS

Quadro 1. Transcrição do recorte analisado das entrevistas	186
Quadro 2. Quadro de categorias de análise e frequência do conteúdo.....	218

QUADRO 1. TRANSCRIÇÃO DO RECORTE ANALISADO DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
Angelo André, economista aposentado, 72 anos.	
[00:01:12] Na realidade, me tornei sócio da Desportiva por ser ferroviário. Trabalhava ali do outro lado da rua, então havia essa proximidade. Quando cheguei para trabalhar na Vale, em 1974, inicialmente não tinha vontade de me associar. Mas, morando e convivendo em Jardim América, tão próximo do clube, esse contato foi criando um sentimento de pertencimento com a Desportiva. Acabei me tornando sócio, um sócio especial grená, que tinha um posicionamento diferenciado, com cadeiras reservadas no estádio.	Simbiose entre clube e bairro Sociabilidade a partir do clube e do futebol Relação com a CVRD
[00:02:20] Não é que eu não quisesse participar, não era isso. O problema é que minha vida estava cheia de coisas naquele momento. Eu estava chegando, fazia universidade no Rio, mas tive um problema de saúde e vim tratar. Meus pais moravam aqui em Jardim América. Então, comecei a conviver com o pessoal do bairro. E, queira ou não, o futebol aproxima as pessoas, né? Eu jogava razoavelmente bem para um time amador e fui me integrando. O pessoal que frequentava o clube esportivo me chamou para conhecer. E aí, em 23 de abril de 1975, entrei na Vale. [00:03:10] Daí as coisas ficaram muito mais fáceis, porque o valor da mensalidade era descontado diretamente na folha de pagamento.	Futebol amador Simbiose entre clube e bairro Sociabilidade a partir do clube e do futebol
[00:03:10] [Proximidade da família com a Desportiva] Isso só veio acontecer depois, quando comecei a namorar a filha de um ferroviário. Antes disso, minha família não tinha essa relação com o clube. Eles frequentavam, sim, mas, além dos amigos do bairro, não havia parentes próximos envolvidos com a Desportiva.	Simbiose entre clube e bairro Sociabilidade a partir do clube e do futebol
[00:05:15] Fui membro do conselho. Como conselheiro, tínhamos algumas prerrogativas, mas também responsabilidades. Uma delas era acompanhar eventos como o famoso forró das terças-feiras. Era algo impressionante. Começou lá na sede e depois passou para cá [ao lado do Araripe, onde ficou situada a sede social durante o período Capixaba S/A]. A gente até se perguntava: 'Um forró na terça-feira, será que isso dá certo?' Mas dava. O lugar ficava lotado.	Sede Social da Desportiva Ferroviária Sociabilidade a partir do clube e do futebol
[00:07:42] [Então a sua, você diria que a sua influência principal são os amigos do futebol amador, né? Que te trouxeram?] É, foi a partir do futebol amador. Eu já tinha uma certa simpatia pela Desportiva, mas era algo mais distante. Inclusive, cheguei a frequentar, com alguns amigos de lá, a torcida do Rio Branco, junto com um grupo de pessoas daqui que torciam para o Rio Branco. Mas foi quando entrei na CVRD que eu realmente despertei para o significado de ser sócio da Desportiva. Foi nesse momento que a identificação com o clube se fortaleceu. [00:08:26] E aí sim, com o grupo de Jardim América que torcia para a Desportiva, nos concentramos aqui.	Futebol amador Relação com a CVRD Sociabilidade a partir do clube e do futebol

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
[00:08:26] [E esses companheiros de Jardim América, a maioria deles também eram trabalhadores da Vale? Ou tinham pessoas também do bairro?] Não, não, não. Tinha pessoas do bairro. Eu acho que poucos, na verdade poucos, eram funcionários da Vale. [Então a maioria era do bairro, né?] Do bairro, do bairro. Tinha alguns funcionários da Vale, mas a maior parte era do bairro mesmo.	Simbiose entre clube e bairro Sociabilidade a partir do clube e do futebol
[00:09:19] A partir do momento em que houve a dissolução da Desportiva, mãe, quer dizer, quando a Franel entrou, eu me afastei. Me afastei porque não compactuava com aquilo, para mim estava errado. Infelizmente, anos depois, ficou evidente que eu tinha razão.	Perda da identidade grená Declínio do clube associativo Desenraizamento do clube
[00:15:34] Quando a CVRD começou a se distanciar do clube, tudo aqui ainda era fruto do que ela construiu. Tudo, tá? Mas, como qualquer coisa na vida, era preciso manutenção. A parte elétrica, a hidráulica, o campo, tudo isso era responsabilidade da Vale. Aí, com o início do processo de privatização, a CVRD começou a reduzir suas atividades no clube. Aos poucos, foi deixando de fazer certas manutenções e, nesse movimento, acabou preparando o clube para a transição que viria a acontecer. [00:17:50] Outra coisa que contribuiu para essa redução foi a diminuição do número de funcionários da Vale. Isso teve um impacto direto no clube.	Relação com a CVRD Declínio do clube associativo
[00:18:47] [Pode relatar um pouco mais sobre sua participação sendo contrário ao acordo do Clube Empresa?] Isso aconteceu, necessariamente, na reunião final. Mas existem alguns fatos que antecederam essa decisão e que vale a pena destacar. Tudo começou com a retirada da Vale. A partir desse momento, as receitas da Desportiva foram diminuindo progressivamente. [00:19:52] Além da falta de apoio da Vale, o número de funcionários da empresa também foi reduzindo, muitos estavam se aposentando. Com isso, a arrecadação da mensalidade do sócio especial Grená – ou sócio Grená – foi secando. A queda foi significativa, e o clube ficou sem receita. Por melhor que fosse o planejamento estratégico de propaganda, não havia captação. A Desportiva ficou marcada como o clube dos ferroviários, e muita gente de fora pensava: "Deixa os ferroviários resolverem isso". Diferente do Rio Branco e do Vitória, por exemplo. O Rio Branco, inclusive, vendeu parte do estádio para o governo, negociou o estádio antigo com a Escola Técnica. Eles tinham esse ativo mobilizado e escolheram utilizá-lo. A Desportiva, por outro lado, preferiu não seguir esse caminho. E foi nesse contexto que apareceu esse empresário [Marcelo Villa-Forte]. Um cara bom de fala. Foi conversando com os conselheiros.	Declínio da relação com a CVRD Desportiva Capixaba S/A
[00:21:20] Bom, para te dar um exemplo das dificuldades financeiras que enfrentamos, tivemos que tirar o forró de lá e colocar aqui atrás. O forró era uma das nossas principais fontes de receita. Mas o que acontecia? Como eu te disse, o dinheiro estava vindo, mas, no meio da festa, chegava o oficial de justiça. Aí chamavam o representante da noite, que era o responsável. E ele já vinha com o mandado judicial. Eles sabiam exatamente o que tinha lá dentro: fogão, geladeira, fritadeira, liquidificador. E paravam o forró porque o oficial de justiça queria levar os bens. Vinha com o carro e dizia: 'Tem que levar o freezer número dois.' Mas o freezer número dois estava cheio de cerveja! Não tinha jeito. A lei tinha que ser cumprida.	Declínio do clube associativo Sociabilidade a partir do clube e do futebol

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

[00:22:32] Isso foi delapidando os equipamentos que sustentavam o clube. A situação foi apertando cada vez mais. Havia muitos contratos de jogadores e funcionários pendentes na justiça, gerando um grande passivo trabalhista – salários atrasados para funcionários, jogadores e até empresas terceirizadas.

Declínio do clube associativo

Desportiva Capixaba S/A

Aí veio o sufoco. E então, com todo respeito, apareceu o que chamaram de Jesus Cristo da Desportiva. Bateu na porta. 'Quem é, Jesus Cristo? Deixa ele entrar, pelo amor de Deus!' E assim começou todo esse debate... [...].

[00:26:58] [Em que momento você começou a perceber que esse acordo não era tão interessante para a Desportiva como tentavam fazer parecer?] Exatamente a ausência de dados. Dados concretos. Eles vinham com promessas, mas sem nada factual. Não havia um plano claro, nada definido. "Ah, isso vai acontecer assim." Mas cadê o contrato? Eu trabalhava na área de contratos. E cadê o contrato? "Ah, não, estamos fazendo uns ajustes, tá com o advogado." Cadê o contrato? Isso foi me deixando insatisfeito e cada vez mais desconfiado do projeto. Faltavam dados, faltava transparência. Aí vieram dizer: "Ah, mas você quer ser o bonitinho do negócio?". [00:28:08] "Não, não é isso. Eu só quero que vocês apresentem o contrato. Onde está o contrato que diz isso?".

Tensões na formação do clube-empresa

[00:31:19] [Com o avançar das conversas] ficaram estabelecidas essas condicionantes: eles ficariam com 51% livres, e nós, com os 49%, arcando com todas as mazelas da administração. Mas aí tem o espetáculo final. Aí vem a última cena da novela. Isso foi amplamente divulgado. Como te falei, a imprensa noticiou bastante, local e nacional, porque, se eu não estou enganado, seria o segundo caso no Brasil de um Clube Empresa.

Desportiva Capixaba S/A

[00:34:14] Aí vem a fatídica sessão, na sede da Desportiva, em que foram convocados todos os sócios aptos a votar. [00:36:57] A votação começou em ordem alfabética. Por causa do meu nome, eu seria um dos primeiros a votar. Acho que um ou dois votaram antes de mim. Quando levantei a mão e disse não, nossa senhora! Nunca levei uma vaia tão grande na minha vida. E pior: ainda como funcionário da Vale, ter que conviver naquele ambiente depois... Ver seus colegas de trabalho ali, naquele momento... Não era uma votação anônima, não. Todos sabiam quem estava ali e como cada um votava. Aí começaram: "Ah, ele quis aparecer. Ele é sempre assim." Mas a verdade é que eu sempre tive opinião. Graças a Deus, sempre tive. Tá entendendo? [00:38:01] Então, não era qualquer um que me levava na conversa, como se diz na gíria.

Desportiva Capixaba S/A

Tensões na formação do clube-empresa

[00:39:04] Você há de convir que é como ver uma família, seja a sua ou a de alguém próximo, ser dissolvida. Houveram atitudes totalmente inapropriadas, tá entendendo? Você via que algumas pessoas estavam tirando proveito de algo que foi construído com tanto esforço. Olha só a estrutura que foi feita aqui, essa arquibancada. Você vê? Nunca caiu, nunca teve um desabamento. Claro, precisa de reparos, como qualquer construção. [40:05] Bom, daí para frente, eu me desiludi. Mas não foi porque votei contra. Eu me desiludi porque estava vendo um patrimônio indo embora. E acabou acontecendo exatamente isso.

Perda material e imaterial do patrimônio do clube

Perda da identidade grená

Declínio do clube associativo

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
[41:05] Olha, quem mais tem uma área dessas? Isso aqui vale ouro. Estamos a um quilômetro do centro do poder estadual, perto do governador. É a última área do município de Cariacica, a primeira de Vila Velha e a primeira de Vitória. Isso aqui é um diamante que precisa ser bem lapidado, bem aproveitado. Ninguém tem um espaço como esse. E além de todo esse valor econômico, esse é um estádio histórico. Trazer isso de volta para o futebol é resgatar a própria história.	Locus privilegiado Perda material e imaterial do patrimônio do clube
[00:53:47] Fiquei muito chateado com tudo que tinha acontecido e não me via mais integrado a esse ambiente, entende? Eu ainda estava traumatizado com toda aquela situação. Além disso, na época, eu morava em Cariacica, mas em 2002 me mudei para Itapuã. Ou seja, houve também um distanciamento geográfico, físico, né? Quando você está por perto, é fácil dizer: 'Ah, vou dar uma passada no estádio, assistir a um treino, ver os garotos, ouvir as reclamações'. Mas, depois da mudança, isso parou de vez. Agora, estou voltando, entre aspas, né? E isso aconteceu a partir desse convite, do convite do Carlinhos.	Perda da identidade grená
[00:54:52] A partir do momento da decisão judicial, não sei... A decisão judicial é para ser cumprida. Pode até ser questionada, mas tem que ser cumprida. Fiquei muito satisfeito. Muito satisfeito porque vi que, pelo menos, a justiça fez justiça àquilo que vinha lá de trás. Então, sim, fiquei muito satisfeito.	Reapropriação do clube
[00:56:59] Ah, no meu modo de ver, existe, sim, uma afinidade com o próximo. Como te falei, como conselheiro, a gente viajava, se integrava, conhecia outros lugares. Isso, de certa forma, criou uma conexão. E quando você vê que tudo aquilo que foi construído começa a ser demolido, é muito ruim. Dá uma sensação de perda, de algo que foi desfeito.	Perda da identidade grená
[1:18:13] Antes, em dia de jogo da Desportiva, era comum ver um monte de gente vindo de lá para cá. Hoje, não vejo mais isso. Aqui em Jardim América. Essa instabilidade administrativa afastou as pessoas, completamente. Isso realmente deixou a desejar. Não sei que tipo de política será necessária para reverter essa situação.	Simbiose entre clube e bairro
[01:19:36] O ideal seria revitalizar aquele espaço, principalmente para fazer uma escolinha de futebol ou, pelo menos, um convênio com a prefeitura, que já ocupa a área. Um acordo formal, com renovações automáticas ou não, para garantir que o espaço seja usado de maneira legal. Porque, assim, você captaria crianças, incentivaria o esporte e daria um novo propósito para o local. A própria área esportiva ali já tinha uma sede. Gente, olha o tamanho daquele terreno! Vai daqui até lá embaixo. Isso é um crime. A sede é um dos pontos mais críticos. Mais um crime da Franel. Eles sucatearam, pilharam e depois abandonaram. No fim, demoliram tudo. Grande parte do acervo de troféus da Desportiva foi perdida. Como é que se faz um negócio desses? Qual o motivo para uma administração, sei lá, um administrador, tomar uma decisão dessas? Você quer matar a história da Desportiva? Foi isso que quiseram fazer?	Perda material e imaterial do patrimônio do clube Função social do clube Reapropriação do clube
[01:34:27] Tudo acontecia lá: a secretaria do clube era lá, o salão de baile era lá. Todos os eventos sociais eram realizados ali. Casamentos, festas, e muitas outras atividades. Sem contar os eventos musicais, que traziam os melhores conjuntos da época, como Renato e seus Blue Caps, que eram famosos nos anos 70. Naquele tempo, chamavam de conjunto, hoje chamam de banda. Além disso, havia os capixabas que frequentavam a seresta, que também acontecia lá. Depois, a seresta	Sede Social da Desportiva Ferroviária

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

foi transferida para cá, onde já acontecia às terças-feiras, mas, além disso, aqui também tinha o baile de sexta ou sábado. Era um lugar que realmente movimentava a região.

[01:36:19] Mas então, isso aqui era algo grandioso. É uma área que precisa de mais atenção. Socialmente, está degradada. Não acho, tenho certeza. Grande parte das lojas que existiam ali não existem mais. Por exemplo, tinha um bar chamado Bar 24 Horas, que ficava ali no topo. Não sei se ainda existe. [01:37:11] Na pracinha, havia vendedores ambulantes, incluindo um que vendia sopa. Ele chegava normalmente por volta das nove horas da noite, pegando o pessoal saindo do baile. O sopão era famoso, ressuscitava até defunto! A perda da sede contribuiu para transformar a região em um lugar mais inseguro. A saída do colégio daqui também teve impacto. Não sei se ainda funciona à noite. Aqui era movimentado o tempo todo. O sindicato dos ferroviários usava muito o estádio para assembleias, grandes assembleias. [01:38:11] Hoje, o sindicato não tem mais força para reunir tanta gente aqui. Mas, naquela época, isso aqui era um espaço politicamente ativo e bem frequentado.

Clube como lugar da vida pública

Abertura do clube à comunidade

Função social do clube

[01:38:55] Eu vinha com o meu primo da Avenida América. A família dele tinha uma padaria ali chamada Padaria Orquídea. A gente ficava do lado de lá, na outra arquibancada. O estádio lotado, cheio de gente. Passavam pipoqueiros, vendedores de picolé, mate, um monte de guloseimas. Aí passou um menino ali e eu disse: Ei, cunhado, vem cá, estou querendo comprar uma pipoca com você. Sabe quem era? O irmão da minha mulher. Tanto tempo depois, eu comecei a namorar com ela. [01:40:01] Aí, um dia, vi ele entrando e chamei: Vem cá, Jorge. Falei: Jorge, foi você que um dia estava vendendo pipoca no estádio e eu passei e chamei de cunhado? Ele respondeu: Eu não estou lembrando de você, não. Mas acho que foi. Olha a coincidência!

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Futebol e os vínculos familiares

[01:43:16] Uma pessoa dócil, mas, quando se tratava do clube, nenhum presidente mandava aqui. Só ele. Se alguém precisava de algo, a resposta era sempre a mesma: Procura o Adjalma. Ia chegar um caminhão? Procura o Adjalma. Ele também foi goleiro do Santo Antônio e da própria Desportiva. Foi atleta, tinha essa dupla relação com o clube. [1:44:20] Com todo o respeito a quem está aqui hoje, nós não temos uma figura tão histórica e representativa como o senhor Adjalma. Ele vivia 24 horas aqui dentro. Então, se algo precisava ser resolvido, era com ele. Ele sabia de tudo. E era muito respeitado.

Figuras-símbolo da Desportiva Ferroviária

Carlos e João

[00:03:48] Peregrinação em torno da Desportiva Ferroviária, exemplo da Jacarativa. Torcedores da Serra que caracterizaram uma kombi com os símbolos da Desportiva Ferroviária e a usavam para ir ao estádio Engenheiro Araripe, onde faziam festa antes do jogo.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Amplitude da rede de torcedores

[00:04:47] O Ferroviário, time do meu pai, por exemplo, tinha um campo naquela região. Os outros clubes também possuíam seus campos e sedes. A comunidade dos bairros próximos vivia em função disso, e o estádio passou a representar muito para eles, pois era a continuidade do que já existia antes.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

[5:48] Com a construção do Araripe, a comunidade da região cria um vínculo com o estádio. Apesar das transformações profundas

Estádio Engenheiro Araripe

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

ocasionadas pela fusão dos clubes, o sentimento é que foi um bom acontecimento, mesmo com os atritos iniciais dos antigos clubes. [7:37] Há um consenso de que os clubes divididos dificultariam o crescimento, e que a união foi fundamental para a constituição de um clube profissional e com maior alcance. Apesar de ser caracterizado como clube dos ferroviários, a Desportiva abre as portas para uma comunidade muito mais ampla.

[8:26] A sede social da Desportiva Ferroviária tinha um potencial mobilizador muito importante, era considerada uma centralidade cultural no município de Cariacica. Com seus eventos, recebia pessoas de diversos bairros adjacentes, tanto de Cariacica quanto Vila Velha. Ocorriam bailes, festas, carnavais., entre outras atividades de lazer.

Sede Social da Desportiva Ferroviária

[9:16] A maior parte dos estudantes do colégio Eliezer Batista era composta por filhos de trabalhadores ferroviários. Aliando isso com a localização no coração da Desportiva Ferroviária, o vínculo é quase inevitável. [10:55] O clube fazia parte do dia a dia do colégio, a curiosidade e interesse das crianças pelo clube se manifestava na hora do recreio, ao qual gostavam de assistir os treinos a partir de algumas frestas e janelas. [11:45] “Porque era a escola de ferroviários e o clube de ferroviários”.

Colégio Eliezer Batista

[13:28] O papel da sede social não se restringia à comunidade dos ferroviários, tinha certa abertura à comunidade do entorno. [14:19] Além das festividades e atividades culturais, a sede social tinha um papel importante no cenário político local, sendo um dos locais de reunião para contagem dos votos das eleições.

Sede Social da Desportiva Ferroviária

[00:15:03] Realização de concursos no estádio. Muita gente trabalhava aqui, na escola, na sede, na Desportiva.

Sede Social da Desportiva Ferroviária

[00:15:59] Durante muito tempo esta tríade foi responsável por ampliar o movimento local, a ligação com o bairro Jardim América sempre foi muito marcante.

Estádio Engenheiro Araripe

[17:33] A perda da ligação com o lugar do Rio Branco “Se for pensar, isso foi algo que o Rio Branco perdeu, né? Quer dizer, a nossa raiz está plantada aqui e continua aqui. E espero que continue para sempre”.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

[00:17:33] Os entrevistados evidenciam o papel da família no processo de aproximação da Desportiva Ferroviária. “O meu pai tinha bandeira, escudo, tudo da Desportiva. Crescendo nesse ambiente, a gente acaba se aproximando também. Lá em casa, todo mundo virou grená”.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Futebol e os vínculos familiares

[00:18:28] A Desportiva Ferroviária também atua como impulsionador da construção de outras formas de sociabilidade ligadas ao clube, sobretudo com o surgimento de torcidas organizadas e times amadores. João cita o time amador “Desportivinha”, criado por jovens torcedores. [19:09] Nós ficávamos lá no meio, na torcida organizada. Quando crescemos um pouco mais, passamos a vir sozinhos. Antes não podíamos, tinha que atravessar pela linha do trem, que era aberta ali a estação. Éramos de Itaquari, toda a molecada do bairro vinha assistir o jogo da Desportiva no estádio.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

[19:49] Tanto o estádio quanto a sede social eram pontos de encontro da juventude local. Ainda havia o parque aquático.

Sede Social da Desportiva Ferroviária

Estádio Engenheiro Araripe

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

[20:46] O convívio do time com o bairro era próximo. Carlos conta que lembra que os jogadores do Ferroviário com frequência almoçavam na sua casa, quando tinha 5 anos de idade. Além deste convívio, era comum hospedar jogadores no período de adaptação deles no clube. “Matheus morou muito tempo lá em casa, aí nasceu o filho deles [...], aí morou lá em casa até se habituar. [Otávio domingos] também morou lá, com a esposa até alugar uma casa. Meu pai respirava a Desportiva e minha mãe apoiava.” O pai de Carlos trabalhou na equipe jurídica da CVRD. E ele era muito ligado ao futebol.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Lá em casa, a gente respirava futebol. Alguns jogadores da Desportiva, quando vinham para cá, alugavam casas na região, e pelo menos dois moraram lá em casa, no Jardim América. O Matheus, um zagueiro, se instalou com a esposa e, depois, trouxe o cunhado. Moraram lá por muito tempo, e o filho deles chegou a nascer enquanto ainda estavam conosco. Depois veio o Otávio Domingues, que também ficou hospedado lá com a esposa até conseguirem alugar uma casa. Meu pai vivia a Desportiva, e minha mãe ajudava no que podia. Nunca atrapalhava, muito pelo contrário, sempre apoiava e dava força.

[24:04] O papel social da Desportiva era muito forte.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

[24:55] Conta que acompanhou com entusiasmo a construção do estádio em Jardim América, que todos os dias ia ver o andamento da obra. [ele e o pai]

Estádio Engenheiro Araripe

[27:25] A Desportiva Ferroviária também teve um importante papel na vida social. Cita que foi o lugar onde conheceu a esposa e boa parte dos amigos que levou para a vida. Essas questões trazem um sentimento de afeto em relação ao clube, com um apego muito grande pelo lugar e pela região. “Hoje eu não moro mais aqui, mas eu falo que isso aqui não sai da gente, não sai de dentro da gente. Quando não estou aqui, eu quero vir pra cá. Porque quando eu chego aqui parece que eu estou em casa”.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

[29:28] Com a ausência do clube social, do parque aquático e por todo processo pelo qual o clube passou, houve uma ruptura na comunidade grená. Mesmo no processo de reconstrução, as relações são distintas, o que fica é a lembrança do passado. [30:37] A Desportiva Ferroviária tinha uma atuação além do futebol, a escola e a sede social tinham um papel ativo em agregar pessoas ao clube. Mesmo pessoas que não se interessavam pelo futebol acabavam conhecendo e passavam a gostar e acompanhar, criando também um afeto pela Desportiva.

Sede Social da Desportiva Ferroviária

[32:19] O colégio Eliezer Batista era um ambiente grená. Há casos de crianças filhas de torcedores rivais que, pela proximidade e pelo carinho do entorno com a Desportiva, passavam a torcer pelo clube.

Colégio Eliezer Batista

[33:09] O clube também se envolvia com ações sociais em datas comemorativas, presenteando crianças com brinquedos e guloseimas no natal. Estas atitudes geravam uma conexão e muitas destas crianças desenvolvem um afeto pela Desportiva que levam pra vida. “No natal entupia de gente ali porque distribuía um pacotão de bala e um presente. Normalmente era roupa, a gente nem ligava muito não, mas os pais da gente gostavam. Gostava é de ganhar uma bola dente de leite, um pacotão de bala. O olho brilhava. Então todo mundo

Sede Social da Desportiva Ferroviária

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
vinha. Isso aproximava as pessoas. Não tinha como você não ter amor pelo clube. Vinculava ao clube”.	
[33:47] A torcida da Desportiva cresceu muito nos bairros do entorno, até hoje existem muitos torcedores, mas estão afastados.	Simbiose entre clube e bairro
[34:40] Carlos e João enxergam que hoje a reestruturação da Desportiva Ferroviária passa pela valorização do esporte. Muito da capacidade mobilizadora da Desportiva Ferroviária foi perdida devido às graves crises e suas consequências. Já não existe a sede social e muitos outros elementos que aproximavam as pessoas do estádio. Eles entendem que existe um papel fundamental na escolinha de futebol, na criação de projetos sociais para envolver a comunidade no clube e abrir o espaço do clube para a comunidade. É necessário resgatar antigos torcedores que estão afastados, mas também cativar as novas gerações. Assim se constitui uma relação mútua de fortalecimento, onde o clube cumpre a sua função social.	Reapropriação do clube
[39:55] O futebol-negócio é algo muito importante nos dias atuais, no entanto, a comunidade também é, e se trata de um elemento fundamental para o crescimento do clube, como um fermento.	Função social do clube
[41:20] Eu achei a mudança desnecessária. Você não precisa mexer em algo que está consolidado. Pra que abrir mão disso? Poderia muito bem fazer [a sociedade], mas sem alterar, né?	Perda da identidade grená
[43:15] A ausência da contribuição da CVRD e a necessidade do clube se manter de forma autônoma criaram este cenário. A proposta do clube-empresa parecia que seria a solução. A gente olhando de fora, sem conhecer todo o processo, como torcedor... Parecia que seria a solução.	Relação com a CVRD
	Declínio do clube associativo
	Perda da identidade grená
[44:58] “Quando nós passávamos pela ponte víamos a sede sendo cada vez mais depredada. O teto, a estrutura, tudo. No fim, todos os troféus foram roubado, quebrados, perdidos. É um total desrespeito, você não precisa desrespeitar a memória, quebrar os troféus, né?”. [1:04:24] Não só os troféus, tudo foi perdido com a sede, documentos, fotos, pôsteres, tudo”.	Perda material e imaterial do patrimônio do clube
[48:35] A Desportiva sempre foi um clube formador nas categorias de base.	Futebol de base e a construção da comunidade
	Abertura do clube à comunidade
[50:58] Sobre o projeto judicial: o capital inserido no acordo não foi integralizado pelo Marcelo Villa-Forte. “Como ele não integralizou o capital que deveria, a associação entrou na justiça para rever o contrato. Ficou constatado que ele só integralizou 10% do acordo. [51:48] Com isso, houve a retomada na justiça. Em 2014 é realizado um processo de dissolução, quando houve a sentença. Então, a composição de 52% para ele e 49% para a Desportiva é alterada para a proporção de 10% e 90%, respectivamente.	Reapropriação do clube
[57:35] O parque aquático perdido devido a uma dívida com fundo de garantia, é leiloadado sem uma tentativa de negociação por parte da Desportiva Ferroviária.	Perda material e imaterial do patrimônio do clube
[59:45] Foi uma opção complicada, por que você abre mão do fator casa, você abre mão de algo que te favorece e vai jogar em um local,	Estádio Engenheiro Araripe

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
em um estádio que a sua torcida não está habituada a ir. [1:03:37] Perde a relação.	
[1:02:45] [No estádio] você está mais próximo das pessoas, lado a lado, todos juntos, de pé. Você tem uma liberdade. Você interage mais. A graça do estádio é essa. Na hora do gol do seu time, você abraça alguém que está ao seu lado, você toma um banho de cerveja. Você nunca viu essa pessoa, mas está abraçando ele.	Estádio Engenheiro Araripe
[1:05:12] Uma maneira de tentar recuperar a memória é através de pessoas que têm material em casa, lembranças da trajetória do clube.	Reapropriação do clube Perda material e imaterial do patrimônio do clube Abertura do clube à comunidade
[1:05:58] [1:34:54] Carlos e João falam sobre a relação do futebol capixaba com times de outras praças esportivas. Já naquele tempo era comum as pessoas torcerem para times do Rio de Janeiro. Mas isso não afastava as pessoas do estádio, elas também apoiavam o futebol local.	Relações de poder e hierarquia no futebol
[1:14:51] Adjalma se tornou administrador do estádio, alguém que conhecia tudo do Araripe. Ele andava com todas as chaves penduradas na cintura, cuidava e tinha um controle de tudo, cada salinha. Ainda tinha um cuidado com o comportamento dentro do clube, fazia com que as pessoas respeitassem o lugar. Se alguém tentasse entrar sem camisa, ele mandava voltar. Com camisa preta ou camisa de outro time ele também mandava voltar. Ele mantinha a manutenção do estádio sempre em dia, sempre estava limpo. A CVRD também apoiava, enviava funcionários para ajudar na manutenção.	Figuras-símbolo da Desportiva Ferroviária Constituição da identidade grená
[01:17:59] [João] Quando eu entrei na CVRD, a primeira coisa que fiz foi virar sócio da Desportiva Ferroviária. Antes eu era dependente do meu pai, mas a partir de certa idade não era permitido, aos 21 anos.	Relação com a CVRD Futebol e classe trabalhadora
[1:20:45] Os jovens estão saindo cada vez mais cedo para ir pro exterior. Antes, o futebol tinha uma força no lugar. Hoje, a força do lugar se perde devido à influência externa. [1:21:36] Antigamente o futebol era mais equilibrado. Não tinha muita diferença, mesmo em clubes de porte médio. [1:22:26] A Desportiva tinha uma estrutura que se destacava no Brasil inteiro, acima da média entre os clubes de médio porte. Jogadores daqui se deparavam com cenários mais precários, mesmo em clubes de maior projeção.	Relações de poder e hierarquia no futebol
[1:25:37] “As dificuldades atuais da Desportiva acabam afastando muita gente. Muitos chegam e vão embora ao perceber a situação. Nós seguimos aqui pelo amor e gratidão à Desportiva. Deste vínculo familiar que foi fortalecido, da paixão e pela história dos nossos pais. Assim que a gente se mantém. A gente enfrenta tudo aqui, mas estamos sempre aqui. No nosso entorno, muita gente vai e vem diante da dificuldade. Esse amor faz com que a gente ainda resista, queira devolver um pouco ao clube daquilo que ele nos deu. Por isso é tão importante continuar.”	Perda da identidade grená
Diogo, Fausto e Simonassi	
[12:53] Eu era formado como técnico agrícola. Na época, fiz um contrato com a condição de que eles me dessem um emprego na CVRD, e, em troca, eu jogaria na Desportiva. Deu certo, e eu fiquei lá como técnico, ajudando a cuidar do gramado. Trabalhei por muito	Relações de trabalho no futebol Relação com a CVRD Futebol amador

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
tempo supervisionando o gramado enquanto ainda jogava. Comecei em 1964 e fiquei na Desportiva até 1972. Trabalhava e jogava. [Interessante, ser jogador não era visto como um trabalho].	
"[15:05] Pombal era o alojamento onde os jogadores ficavam até se estabelecerem no clube. Quando os jogadores chegavam para fazer teste, era ali que eles ficavam. Era uma construção de um andar, ao lado da sede social.	Futebol profissional Relações de trabalho no futebol Sede Social da Desportiva Ferroviária
[17:40] [Antes do Pombal] Quando nós chegamos, o único lugar disponível para alojar o pessoal era esse [a sede social]. [20:59] Começou a separação entre os que não faziam parte do time novo. A Desportiva foi eliminando aqueles jogadores que não tinham como ser aproveitados [dos clubes pré-fusão], aqueles que não conseguiam jogar no time profissional, os semiprofissionais ou amadores. A diferença entre o nível de um amador e um profissional é muito grande."	
[16:02] Logo que nós chegamos, começaram a construir o estádio. Aquela maravilha de estrutura metálica.	Estádio Engenheiro Araripe
[16:58] Na época da inauguração do estádio, Diogo é vendido para o América-RJ. [21:44] Fui-me embora para o Rio de Janeiro. Quando fui ainda não tinha nem o campo.	Futebol profissional Relações de poder e hierarquia no futebol
[20:59] Na sede social ali em Jardim América aconteciam os carnavais, fomos a muitos carnavais lá. Era muito bom o negócio.	Sede Social da Desportiva Ferroviária
[23:11] A Desportiva buscava jogadores nos outros times do Espírito Santo, exemplo de Fausto.	Futebol profissional Relações de poder e hierarquia no futebol
[23:11] Com a Desportiva Ferroviária, a Companhia Vale do Rio Doce conseguiu eliminar todos os times menores.	Relação com a CVRD
[24:05] [pré-fusão] A CVRD, para incentivar os empregados, abria uma área, um campo para manter os elementos na fila. [...] Onde hoje é a estação Pedro Nolasco, era o campo do Ferroviário. Todo cercado de latão.	Relação com a CVRD Ocupação e afirmação do lugar do futebol
[25:48] Mas ele não era da CVRD, era um time de trabalhadores. As pessoas da CVRD eram ignorantes, ignoravam o futebol. Não tinha ninguém que sabia nada, eles só tinham muito dinheiro.	Futebol e classe trabalhadora Relação com a CVRD
[29:07] Pessoas ineptas no comando do clube. "Os caras não souberam administrar, simples. Não tinham noção de administração. Perderam a sede social. Arrancaram a sede social dali, que era um brinco. Destruíram os troféus, a história, a nossa história acabou ali. Aquilo ali era algo para ficar eternamente. [30:21] Os carnavais que aconteciam ali. Era muita festa, como se fosse o coração de Jardim América. Hoje estão tentando tomar o estádio. Eles chegaram com a cara e a coragem, arrancaram a nossa sede maravilhosa."	Declínio do clube associativo Sede Social da Desportiva Ferroviária Perda da identidade grená
[31:26] Diogo atribui à vaidade o enfraquecimento do futebol capixaba. [33:06] Destaca a necessidade de profissionais qualificados. [34:35] [36:11] O problema do futebol capixaba: 'Como é que mata um time que é o melhor time do estado? Vê o Rio Branco, onde está? Lugar nenhum. Isso aconteceu por causa do orgulho, que não deixa outra pessoa de fora da opinião nas coisas deles. Eles acham que sabem tudo. Então, vamos continuar caminhando assim por muito tempo'.	Declínio do clube associativo Restrição à participação política no clube

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
[37:44] O prefeito só apertou a minha mão porque disseram que eu joguei bola em tal ano, fiz isso e aquilo. A mesma coisa aconteceu comigo, com o Simonassi e o Fausto. Ele não nos conhece, não se importa com a gente. O que ele quer é a fotografia que vai sair no jornal. Eu sou parte daquilo lá, sou parte da Desportiva.	Interesses políticos e econômicos no futebol Descaso e apagamento da memória e história
[38:23] [Sobre a participação no clube] Limitações, clube fechado, influência de interesses. [46:51] Melancolia sobre a ausência de possibilidade de participação, a falta de cuidado com o clube.	Restrição à participação política no clube Interesses políticos e econômicos no futebol Declínio do clube associativo
[41:29] Havia uma senhora sentada atrás da gente. Ela disse: "Esses anos todos eu estou aqui, cresci aqui em Jardim América. Eu queria uma camisa da Desportiva." Na hora, eu tirei a minha camisa e o Fulano disse: "Não, Diogo, não faz isso não." E eu perguntei: "Por que não? Eu tenho várias camisas em casa. Ela não quer uma camisa da Desportiva?" E dei a ela, porque isso é um gesto do futebol que conquista as pessoas naquele momento. [43:41] Falta afeto no futebol atual. Falta alguém que acenda a chama nas pessoas, mas é difícil encontrar isso, e as pessoas são resistentes. Isso é algo que vemos desaparecendo do futebol. A chama parece estar apagando. São gestos como esse que cativam as pessoas. [45:16] Querendo ou não, futebol é o maior esporte do mundo. Mas o que falta é companheirismo e humildade. [49:40] Diogo compara a construção da memória no contexto da escola de samba Grande Rio.	Sociabilidade a partir do clube e do futebol Afeto, memória individual e coletiva Desenraizamento do clube
[1:06:53] [1:07:43] Ele [Adjalma] era um cara que acreditava que a Desportiva Ferroviária seria da Desportiva Ferroviária o resto da vida. Ele foi demitido. Botaram o quadro, botaram a bandeira e adeus viola. Fica aquela mágoa. O cara passou aquele tempo todo ali. Não perdeu porque ele recebeu para trabalhar, mas ele merecia muito mais que isso. Era um cara dedicado. Viveu pela Desportiva.	Figuras-símbolo da Desportiva Ferroviária Constituição da identidade grená
[1:27:09] Então, eles têm que aproveitar, mas não aproveitam. E a gente está disposto a se doar, né? Pra ajudar o clube. Mas daqui a pouco vai morrendo todo mundo, e aí?	Restrição à participação política no clube
[1:34:32] [1:35:17] Hoje em dia o jogador fica na dele, porque ele não tem raízes no time. Na nossa época, todos nós tínhamos. Nós éramos uma Desportiva. Hoje em dia não existe isso. O cara vem para jogar quatro, cinco meses e vai embora. Pega o dinheiro e vai embora, jogando bem ou mal. Então, acabou aquela afinidade. É isso que está acontecendo.	Desenraizamento do clube Relações de poder e hierarquia no futebol
[1:35:17] No meu tempo, o campo [estádio Engenheiro Araripe] ainda não existia. Quando jogávamos, o pessoal ia a pé até Jucutuquara, no estádio Governador Bley. Era puro fanatismo, todo mundo ia para ver o jogo e viver aquele momento. Mas eles recebiam algo em troca também, sem dúvida. Você se entrega no jogo em campo, e eles retribuem com o próprio tempo, com a festa e com o apoio.	Afeto, memória individual e coletiva
[1:38:19] Quando o campeonato termina, eles levam tudo embora. Para eles, era como se tivessem vindo só para passear. Ganharam o dinheiro, ficaram na praia e depois foram embora. Mas faltava algo importante: criar amor primeiro, criar vínculo. Assim como num namoro, você não começa já apaixonado; você se apaixona pelo convívio. Era isso que eles tinham que fazer. E, sinceramente, é disso que sinto falta também.	Desenraizamento do clube

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
[1:36:46] A primeira coisa que deveria ser feita na Desportiva é trazer de volta a torcida. Reaproximar as novas gerações — filhos, netos — do clube. Se um pai diz para a filha: "Vamos ver a Desportiva jogar", ela vai com ele, porque é uma tarde diferente, uma experiência que não se esquece mais. Eu levo meu filho, ele leva o dele, e assim vai se criando aquele vínculo, como era antes.	Reapropriação do clube Futebol e os vínculos familiares
[1:39:13] O convívio com o pessoal era especial. O torcedor convidava a gente para aniversários, fazia aqueles forrózinhos dentro de casa. A gente respeitava muito isso. Todo sábado, quando saíamos da concentração, já tinha lugar certo para ir, algum aniversário ou encontro. O pessoal ficava feliz de nos receber, tinha muito carinho envolvido, com a família também. Hoje em dia, eu não sei mais... nem sei quem são os jogadores.	Interação entre jogadores e comunidade Afeto, memória individual e coletiva
[1:39:13] [1:40:22] Um detalhe que eu senti muita falta foi a ausência de procura pelos sócios. Eles simplesmente desligaram geral. Achavam que tinham ganhado muito com a mudança de gestão. Quando a Vale cortou o apoio e parou de pagar, o lado social precisava tomar uma posição e tentar reconectar essa turma. Mas não escreveram nem uma carta para restabelecer o contato com os sócios, não fizeram nada. Perderam todos os sócios. E aí a Desportiva ficou sem nada.	Desenraizamento do clube Declínio do clube associativo
[1:42:09] Então, na hora de levantar voo [com a saída da CVRD], eles não sabiam voar porque gastaram tudo errado, né? Você tem que atrair o cara que está na piscina, que faz parte da vida do clube. Como é que eu vou para lá se não tem isso? Perderam os sócios porque não havia administração. Ao invés de pensar "eu não preciso de você", deveriam ter mantido o vínculo. A dívida naquela época nem era do jeito que é hoje. Não precisava vender estádio, colégio, nada disso. Tinha estrutura para pagar água, luz, tudo. A parte social estava forte, com muitas mulheres e famílias associadas. Dava para manter o básico. Então, para que deixar o clube chegar a esse ponto?	Desenraizamento do clube Declínio do clube associativo
[1:42:59] Porque ali estava a nossa história, principalmente na parte social: os quadros, as taças. A gente não ganhou muita coisa, mas tudo tinha valor. E venderam no ferro-velho. Quando demoliram a sede social, foi como se arrancassem um pedaço da gente. Apesar de ser jogador e empregado do clube, era o próprio cara que colocava o sangue ali. Ele fazia parte do plantel, mesmo não jogando. Aquilo foi um tapa na cara: "Não preciso de vocês, vou seguir sem vocês." E aí tudo desabou. Ficou do jeito que está.	Sede Social da Desportiva Ferroviária Perda material e imaterial do patrimônio do clube Desenraizamento do clube
[1:43:51] Os diretores não davam ouvidos à gestão anterior, não perguntavam, não conversavam. Os manés que dirigiam não se importavam com a história do clube [Capixaba S/A]. Agora, quando o diretor mais antigo vê a gente, quer vir abraçar. Mas a gente não vai. Não tem mais abraço para isso. Eles afundaram e quebraram tudo [Aqueles que assinaram a sociedade].	Perda material e imaterial do patrimônio do clube Desenraizamento do clube
[1:46:14] [Sobre receber carinho na rua até hoje] Ele [o torcedor] quer manter a gente vivo, mas sabemos que aquilo ali era apenas um trabalho. Porém, a torcida não esquece. Eu vi muitos deles rirem. Na nossa época, fizemos mais eles rirem do que chorarem. Eu sempre falo para os caras: na minha época, nós perdemos tão pouco que fizemos eles rirem mais do que chorarem.	Afeto, memória individual e coletiva
[1:50:56] O nosso relacionamento com o bairro era muito bom. A gente ia onde queria, e isso se referia ao clube que frequentávamos.	Interação entre jogadores e comunidade

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
Era essa a diferença. E éramos muito bem recebidos, sim. Antigamente, onde quer que chegássemos, a gente era recebido, convidado. A gente comia na casa das pessoas. E sempre lembro disso com carinho. Eles acreditavam na gente. Não havia maldade. Era uma relação de respeito, muito respeito.	Afeto, memória individual e coletiva
Janete de Sá	
[00:01:08] [Sobre a relação dos filhos com a Desportiva] Eles torcem, mas já não são como eu era, alguém que ia ao estádio e acompanhava de perto. Não têm essa mesma relação porque a Desportiva foi perdendo força desde 1997, com a privatização da CVRD. Quando a CVRD retirou seu apoio, pouco depois a Desportiva virou Desportiva Capixaba, e isso abalou muito a gente, que era torcedor da Desportiva.	Futebol e os vínculos familiares
	Desenraizamento do clube
	Afastamento da comunidade grená
	Declínio do clube associativo
[00:02:11] [Capixaba S/A] Isso abalou muito a gente, a torcida, porque trocar o nome era como trocar a identidade daquilo em que acreditamos desde criança. A partir do momento em que a Franel se envolve com a Desportiva, tudo muda. Sempre vi a Franel como uma algoz, nunca me enganou. Ela não queria apenas a Desportiva, queria também o colégio Eliezer Batista.	Afastamento da comunidade grená
	Perda material e imaterial do patrimônio do clube
	Perda da identidade grená
[00:03:01] [00:04:02] De 1997 a 1999, a Desportiva foi engatinhando, já sem os recursos da CVRD, que havia sido privatizada. O clube perdeu a manutenção que a CVRD sempre forneceu para o estádio, incluindo instalações elétricas e o pagamento do fornecimento de água. Sem esse suporte, ficou muito difícil para a Desportiva bancar sozinha toda essa estrutura, que era muito grande e custosa. O clube não estava acostumado a arcar com essa carga financeira.	Declínio do clube associativo
	Tensões na formação do clube-empresa
Foram dois anos de sofrimento até que decidiram tomar essa atitude, mas, desde o início, já percebíamos que era uma furada. Sabíamos que aquele caminho levaria ao fracasso, mas também não tínhamos muitas alternativas para oferecer. O clube, por conta própria, enfrentaria um momento extremamente complicado, e foi exatamente isso que aconteceu.	Declínio do clube-empresa
	Afastamento da comunidade grená
[00:04:58] Foi um trauma, algo que nos feriu profundamente, especialmente para aqueles que sempre foram apaixonados pela Desportiva. Nós somos Desportiva Ferroviária, não Desportiva Capixaba. A palavra "Ferroviária" tem um peso enorme para nós, porque carrega a história da ferrovia, a trajetória dos ferroviários. Eu também sou ferroviária, e essa identidade faz parte da nossa vivência e do significado do clube para todos nós.	Perda da identidade grená
	Futebol e classe trabalhadora
	Ocupação e afirmação do lugar do futebol
[00:05:50] Eu só sabia de um dos clubes, porque o Seu Mateus, que morava na minha rua, era um dos jogadores. Ele era pai de dois dos nossos melhores amigos, e lembro que comemorou muito quando houve a fusão dos times. Também me recordo da construção do estádio. Quando ele foi finalizado, minha turma foi a primeira a estudar no Eliezer Batista, localizado embaixo das arquibancadas. Saímos das argolas e fomos para lá. Então, minha relação com a Desportiva é de paixão e sentimento, porque foram as arquibancadas do clube que abrigaram a escola onde eu e meus irmãos estudamos, o Colégio Eliezer Batista.	Afeto, memória individual e coletiva
	Constituição da identidade grená
Estádio Engenheiro Araripe	

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
[00:06:47] Eu me lembro do estádio ainda em construção e de vários eventos que participaram daquele espaço. Desfiles de 7 de setembro eram realizados ali, assim como outras comemorações de datas festivas no Espírito Santo e no país. O estádio tem muita história.	Clube como lugar da vida pública Locus privilegiado
[00:07:38] [00:08:34] Lotamos aquele ginásio para arrecadar toneladas de alimentos para o programa Fome Zero. Foi lá que vi Nelson Mandela. Lembro também de quando os Secos & Molhados vieram ao Espírito Santo – foi a única vez, e eu estava no estádio para assistir. A Desportiva contribuiu não só com o futebol, mas com o esporte em geral, oferecendo suas quadras para jogos de vôlei e handebol, além de servir à educação e à cultura. Os carnavais aconteciam na sede do clube. Minha primeira formatura, no Liceu Oliveira Castro, foi lá, dançando na sede da Desportiva. Quando eu tinha dez anos, a sede era nova, recém-construída pelo Ferroviário, um dos clubes formadores. Ela permaneceu assim até ser destruída pela Freltel. Foi um crime.	Estádio Engenheiro Araripe Clube como lugar da vida pública Locus privilegiado Sede Social da Desportiva Ferroviária Afeto, memória individual e coletiva
[00:09:23] [00:10:16] Minha festa de casamento foi no clube da Desportiva. Minha história está ali. Sou de Itaquari, e as comunidades da região sempre tiveram uma relação muito forte com a Desportiva. O clube não era apenas futebol – tinha um papel central na vida social e cultural de Jardim América, Itaquari, Cobi e outras áreas. Os carnavais de Cariacica e Vila Velha aconteciam na Desportiva. Em Vitória, as festas eram no Clube Vitória, no Náutico ou no Álvares. Já em Vila Velha e Cariacica, era na Desportiva. Muita gente vinha de Porto de Santana, Campo Grande, Jardim América, Itacibá e, claro, Itaquari, que enchia o clube no Carnaval. O clube tem uma história profundamente conectada com a comunidade.	Futebol e os vínculos familiares Sociabilidade a partir do clube e do futebol Simbiose entre clube e bairro Abertura do clube à comunidade
[00:11:16] A história, a sala dos troféus, sumiu tudo. Os títulos, as conquistas, tudo se perdeu. Foi algo muito triste para a torcida, como se a história estivesse indo para o ralo. Isso causou dor, muita dor. Meu cunhado, por exemplo, nunca perdoou. Ele foi voto vencido, o único que votou contra a fusão, e isso nos abalou muito. Agora, é preciso refazer, encerrar esse processo de vez, porque ele sempre volta como um fantasma, com novas tentativas de leiloar o campo.	Perda material e imaterial do patrimônio do clube Tensões na formação do clube-empresa Esforços pela reapropriação do clube Reapropriação do clube
[00:12:18] [00:13:39] Os idealizadores da Capixaba S/A demonstraram uma perseverança para o golpe. Eles aplicaram um golpe e fazem de tudo para que ele se concretize. Infelizmente, ainda encontram respaldo em espaços de poder, contando com bons advogados no judiciário, o que lhes permite manter esse processo por tantos anos. Mas já deveriam ter sido derrotados. O prejuízo que causaram ao clube e à sociedade é flagrante e inestimável. Precisamos dessa reparação. A Desportiva só poderá retomar seu caminho com força quando essa reparação for concluída e essa fraude for derrotada na Justiça. Mas, enquanto eles resistem, a Desportiva enfrenta dificuldades para dar o salto necessário e se consolidar como um clube forte, atuante no futebol e na vida pública. Ainda existimos, mas lutamos contra enormes obstáculos. No entanto, quem é Desportiva não desiste.	Esforços pela reapropriação do clube Reapropriação do clube Desportiva Capixaba S/A Desenraizamento do clube
[00:14:37] O que fizeram foi um roubo da nossa memória, um roubo da nossa história. Foi uma lesão que só poderá ser curada quando houver a derrota definitiva deles na Justiça. Essa cambada sumiu do Espírito Santo. Eu falo assim porque abomino gente que se acha	Esforços pela reapropriação do clube Reapropriação do clube

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
esperta demais, que acha que pode enganar todo mundo. E mexeram com algo que, embora seja um clube, pertence ao coração de muitos. Isso mexe com o emocional, com as histórias das pessoas. A Desportiva não era só futebol. Era muito mais. Era futebol, era escola, era clube. O Colégio Eliezer Batista tinha essa identidade com a Desportiva. Apesar de ter uma escritura própria, o vínculo era forte.	Afeto, memória individual e coletiva
	Pertencimento grená
[00:17:40] A maioria dos ferroviários se identificava com o clube porque os bairros no entorno da Desportiva eram habitados por trabalhadores da CVRD. Jardim América tinha muitos moradores da CVRD. Itaquari começou com a CVRD. Sotema, Alto Lage, Boa Vista, Expedito – todos tinham muitos empregados da CVRD.	Futebol e classe trabalhadora
	Simbiose entre clube e bairro
	Relação com a CVRD
[00:18:42] [00:19:31] Meu pai era torcedor do Rio Branco, mas nunca impôs isso para nós. Ele nunca nos criou para seguir exatamente o que ele gostava. Nós três, as filhas dele, viramos Desportiva por influência do meio, pelo que a Desportiva significava e pela proximidade que tínhamos com o clube. Só meu irmão seguiu o caminho do Rio Branco como ele, mas nós três éramos Desportiva. Ele nos levava ao estádio desde pequenas. Compramos quatro cadeiras Grená e ocupávamos todas, enquanto ele ficava junto, calado, tendo que torcer.	Alteridades
	Simbiose entre clube e bairro
	Estádio Engenheiro Araripe
[00:20:31] [00:21:18] Torcíamos porque várias pessoas dali jogavam na Desportiva. Para você ter uma ideia, o Giovanni Silva, na época, morava em Jardim América. Ele era amigo do meu irmão e costumava aparecer de penetra nos aniversários lá em casa. No início da carreira dele na Desportiva, ele já frequentava o nosso círculo. Isso mostra como era a proximidade. A gente sabia os nomes dos jogadores, conhecia eles pessoalmente. Não era só conhecer de ver jogar, era conviver com eles.	Simbiose entre clube e bairro
	Interação entre jogadores e comunidade
	Afeto, memória individual e coletiva
[00:22:05] [00:22:53] [Havia uma massiva presença de ferroviários na região] Minha rua era toda de ferroviários. Como não haveria influência? A presença da CVRD e da Desportiva tinha um impacto muito grande na nossa vida.	Simbiose entre clube e bairro
	Futebol e classe trabalhadora
	Relação com a CVRD
[00:23:02] [Adjalma] O guardião do jardim. Ele era isso. Exatamente isso. Tinha uma relação de proteção, de zelo pelo estádio, pelo clube. Tudo passava pelo seu Adjalma. Ele cuidava da Desportiva como um grande pai, um paizão que abraçava o clube e zelava por ele. Ele era um patrimônio vivo da Desportiva.	Figuras-símbolo da Desportiva Ferroviária
	Constituição da identidade grená
	Ocupação e afirmação do lugar do futebol
[00:24:15] [Franel/grupo Villa-Forte] Eles queriam acabar com a Desportiva. Quando trocaram o nome, o objetivo era destruir a identidade do clube. Vieram para lesar, para apagar a história e abrir caminho para vender o patrimônio. Foi uma questão de ganância, algo muito estranho e esquisito. Para concretizar isso, precisavam apagar a memória da Desportiva. E foi isso que fizeram.	Perda material e imaterial do patrimônio do clube
	Perda da identidade grená
	Desenraizamento do clube
[00:24:59] [Como você se sentiu em 2011, quando a Desportiva reconquistou seu símbolo?] Foi uma felicidade enorme. A retomada da identidade, um resgate da história. Mas eu vi a destruição acontecer antes de 2011, e foi muito rápida. Vi a sede da Desportiva, onde passei todos os meus carnavais, sendo deixada à mercê da depredação. Eles quebraram os telhados, roubaram as janelas, deixaram deteriorar de propósito.	Esforços pela reapropriação do clube
	Perda material e imaterial do patrimônio do clube

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
[00:25:53] [00:26:58] [00:28:00] Eles tentaram tomar a escola de mim na época, porque eu era presidente. Entraram na justiça para tentar tomar a escola, e o juiz me chamou para ver as dependências e propor um acordo. Disse que a Franel tinha direito a parte da escola e perguntou se eu aceitaria dividir. Respondi: "Doutor, eu tenho uma escritura pública." Mostrei o documento e continuei: "Se sua decisão for contra isso, eu vou cumprir, porque respeito a justiça, mas vou denunciar o senhor. Porque no dia em que alguém com escritura pública perder para a iniciativa privada, principalmente uma escola pública para crianças pobres, então não há mais justiça no país." Eu disse que não faria acordo algum. Se ele quisesse decidir contra, que o fizesse por escrito, mas eu denunciaria. Ele recuou, não teve coragem de seguir com a decisão. Eu era jovem, mas determinada e corajosa. Não aceitava ver um colégio gratuito ser entregue a quem só queria explorar o ensino privado.	Disputa política e social do clube Interesses políticos e econômicos no futebol Colégio Eliezer Batista
[00:29:48] Eles fizeram a escritura para o colégio Eliezer Batista e a do estádio. Mas no caso do estádio, negociaram sem poder mexer na parte do sindicato, pois essa escritura estava em nosso nome. Eles fizeram essa besteira e deu no que deu. Também não posso só acusá-los, porque estavam em uma situação muito difícil. Tentaram salvar o clube, mas caíram em um golpe de vigaristas.	Colégio Eliezer Batista Tensões na formação do clube-empresa Declínio do clube associativo
[00:31:33] Eu moro próximo à praia e vejo muita gente jovem andando no calçadão de Itaparica e Itapuã com a camisa da Desportiva. Meu Deus, que coisa extraordinária! A Desportiva não saiu de dentro da gente. Apesar de tudo, ela continua viva na memória do povo. Vejo muitas pessoas usando a camisa, e quando alguém usa uma camisa da Desportiva, é porque comprou, porque quer vestir. Em Cobi de Baixo, em São Torquato, tudo era Desportiva.	Afeto, memória individual e coletiva Pertencimento grená
[00:32:30] O lado de cá, quem olha da BR-262 para o estádio, era da Desportiva. O lado direito do estádio era da Desportiva, e o lado esquerdo, da torcida adversária. Como o time que mais nos atrasava era o Rio Branco, aquele lado ficava todo preto e branco. Já o nosso lado ficava todo Grená e branco. Era a coisa mais linda. Entupido. A galeria, que era aquela parte de baixo, tinha um bar ali. Nos fundos, tinha bar dos dois lados. Nossa, ficava socado de gente. Meu irmão, novinho, vendia pipoca. Ele gostava de ter o dinheirinho dele, então pegava a pipoca com a pipoqueira e saía vendendo ali perto do alambrado.	Afeto, memória individual e coletiva Alteridades Constituição da identidade grená
[00:37:39] [00:38:40] Em 99, entra a Franel. Foi exatamente nessa ruptura que eu decidi que não queria mais ir. Porque eu não era Desportiva Capixaba. Mudaram a cor, o uniforme. Aquilo não era a nossa Desportiva. Colocaram um verde junto com o Grená. Eu não vou. Eu não aceito. Algumas pessoas não deixaram de frequentar, mas eu sempre fui Desportiva Ferroviária. Aquela Desportiva que estava ali não era a nossa. Houve uma rejeição muito grande, muita gente não aceitou. Como permitiram mudar o nome? Mudaram até o hino. Não era o nosso clube, era outro time.	Desenraizamento do clube Perda da identidade grená
[00:39:39] [00:40:39] A intenção deles não era explorar comercialmente, era destruir mesmo. Eles queriam vender o patrimônio. Já tinham dívidas e queriam penhorar o que fosse possível. Abriram os olhos para penhorar a Desportiva porque estavam perdendo outras coisas aqui no Espírito Santo. Hoje, tentam colocar diversas dívidas no nome da Desportiva. Eu espero que a justiça seja feita. Quando a justiça enxerga a verdade, ela vê que a	Declínio do clube associativo Perda da identidade grená Esforços pela reapropriação do clube

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

verdade está com a Desportiva Ferroviária, com a diretoria, com a gente. Nós fomos vítimas de um golpe. Essa é a palavra: um golpe de vigaristas que tentaram roubar a nossa identidade, nossa história, nosso sentimento, o nome do nosso time, o símbolo máximo. Todos os símbolos. É até ruim só de ver a bandeira, o uniforme, o escudo que não era o nosso. O escudo sempre foi a bola e o ferroviário. O Grená vem porque nossas locomotivas eram Grená. Eu me lembro, meu pai foi foguista da CVRD, e a cor era Grená por conta das locomotivas.

[00:44:39] [00:45:39] A CVRD dava um suporte enorme para a folha de pagamento e uma série de outras coisas. Meu pai era sócio Grená, tinha quatro cadeiras Grená compradas, uma para cada filho. Tudo isso alimentava a Desportiva. Havia os sócios Grená. A CVRD construiu o estádio. Era importante oferecer lazer aos trabalhadores, pois o trabalho na CVRD era exaustivo. Como estatal, a CVRD investia no social. O Colégio Eliezer Batista, por exemplo, chegou a ter 2.500 alunos.

Relação com a CVRD

Futebol e classe trabalhadora

Relação com a CVRD

[00:46:42] [00:47:35] A CVRD investiu muito no social enquanto foi estatal. A grande mudança aconteceu com a privatização, quando se perdeu essa característica de investir nas pessoas, de colocar o ser humano acima da máquina. Mas, ao mesmo tempo, nós pagávamos por isso. O retorno era ter um clube com estrutura, quadras boas, um campo de qualidade e um time competitivo. Para nós, comprar um título Grená era um investimento, algo valioso. Ter cadeiras Grená era chique, mesmo para quem vinha de uma origem humilde. Meu pai, apesar de ser um homem simples, fazia questão de preservar esse espaço para nós.

Relação com a CVRD

Futebol e classe trabalhadora

Interesses políticos e econômicos no futebol

[00:48:35] Ninguém tira de mim as imagens que tenho de Mandela dentro daquele estádio. Ninguém apaga as lembranças dos Secos e Molhados se apresentando lá. Não apenas Ney Matogrosso, mas o grupo todo. Ninguém vai tirar as imagens do movimento que organizei quando era empregada da CVRD, em prol do Fome Zero. Os momentos importantes das Assembleias dos Ferroviários eram no estádio. Era lá que cabia aquela quantidade de gente. Olha como a relação com o movimento dos trabalhadores era forte. Lula, quando ainda era sindicalista, esteve ali conosco, participando de assembleias. Quando as assembleias eram maiores, mais robustas, era no estádio da Desportiva que nos reuníamos. Botávamos os trabalhadores nas arquibancadas e falávamos.

Afeto, memória individual e coletiva

Clube como lugar da vida pública

Função social do clube

[00:52:11] [00:53:14] Embora a Desportiva seja um espaço pertencente a um clube, ela sempre teve um papel cívico e público. Realizamos ali inúmeras atividades cívicas. Apesar de ser uma propriedade privada do clube, o espaço era aberto ao povo, à participação pública. Ninguém era impedido de entrar. As escolas da região solicitavam o espaço, e ele era liberado para as crianças que moravam em Cobi de Baixo, Cobi de Cima, Santo Torquato. Para esses jovens, a Desportiva era um lugar de lazer, prática esportiva e socialização. O Colégio Eliezer Batista, por exemplo, era voltado para filhos de ferroviários, mas também atendia estudantes da comunidade, sempre que havia vagas. O clube de futebol tem essa função social de agregar pessoas. Um estádio, mesmo que privado, tem um caráter público porque ele é um ponto de encontro. Quando você entra ali, aquele espaço passa a ser de todos. O pensamento comum é torcer, cada um para o seu lado, mas compartilhar aquela vivência.

Clube como lugar da vida pública

Função social do clube

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Simbiose entre clube e bairro

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

[00:54:02] [00:55:04] Antigamente, o estádio trazia um movimento importante para a região, um fluxo que sem ele não existiria. A área tem galpões, mas, ao redor do estádio, havia edificações muito boas. A região próxima ao estádio era considerada nobre por muito tempo. Foi se precarizando com o tempo, especialmente à medida que se aproximava do Rio Marinho. Eu sou de Itaquari, um bairro de classe média, majoritariamente ferroviário. O ferroviário teve uma ascensão social, pois a CVRD pagava bem, e os filhos dos ferroviários tinham acesso à escola gratuita. Para quem optasse por uma escola privada, a CVRD reembolsava 80% do valor. Tudo isso ajudou essas famílias a progredirem economicamente. Com o tempo, muitos ferroviários foram se mudando para Vila Velha.

Declínio do clube associativo

Locus privilegiado

Leandro Carlini

[00:04:35] Então, assim, eu fui descobrindo por conta própria. Eu ouvia muito quando tinha programa de televisão e rádio. Sempre acompanhei a Rádio Espírito Santo, ouço até hoje. Era a principal fonte de informação sobre o futebol capixaba, sempre trazendo as novidades. Hoje é mais fácil, porque tem as redes sociais. Mas, antes, era só pelo rádio e pelos programas de TV, que duravam 5, 10 minutos no máximo. [00:05:18] Então, fui ouvindo os jogos no rádio, vendo matérias, e comecei a me interessar. Passei a assistir os jogos e acabei virando torcedor da Desportiva.

Construção do pertencimento clubístico

[00:05:18] Minha irmã também é torcedora, mas não daquele jeito fanático, né? Mas, se o time perde, ela fica triste. Simpatiza bastante. Ela é mais velha, mas eu que acabei trazendo ela para torcer pela Desportiva. Minha mãe também torce. Mas eu tenho uma tia em Cariacica que é muito grená. Muito, muito mesmo. [00:06:00] Antes, nem eu sabia que ela torcia, nem ela sabia que eu torcia. A gente descobriu isso só no final dos anos 90. Falei: 'Ó, você é grená!'. E ela: 'Sou, eu vou direto!'. Ela sempre ia ao estádio, mas a gente nunca tinha se encontrado lá. Ela ficava sempre do outro lado.

Futebol e os vínculos familiares

[00:06:39] Você vê, a Desportiva abraça, né? Poxa, eu sou da Serra, tenho um primo em Linhares, uma tia em Cariacica, e todos nós somos grenás, entendeu? Então, mesmo sem a visibilidade nacional que outros clubes têm, a torcida da Desportiva está espalhada por todo o estado. Eu diria que é a torcida mais espalhada do Espírito Santo. É a mais espalhada e a mais ativa também. Nos anos 90, era normal ver ônibus chegando de São Mateus, Aracruz, Linhares, só para assistir aos jogos. Na Série B de 98, quando o estádio lotava, vinham muitos ônibus de Linhares, Colatina, São Mateus, Aracruz. O pessoal vinha para acompanhar, torcer e viver a Desportiva.

Amplitude da rede de torcedores

[00:07:18] O capixaba gosta de futebol. A gente viu isso com o Serra na Série C, com o estádio lotado. E não era só torcedor do Serra. O time se tornou profissional nos anos 90, então não tinha como já ter uma torcida tão grande de um dia para o outro, mas foi conquistando espaço. A torcida abraça. Tem gente que gosta de futebol, independente do time. Eu mesmo já fui ver jogos da Copa do Brasil, partidas do Vila Velhense, do Vitória, porque gosto do esporte. O capixaba gosta. Se tiver atrativo, ele vai lotar o estádio. Isso é natural.

Desafios do futebol local

[00:16:39] Para não perder o foco do que eu faço, que é contar a história do clube, eu evito me envolver demais politicamente. Se eu começar a entrar muito nesse campo, acabo desviando do meu

Autonomia torcedora: iniciativas em prol do clube e da comunidade

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

propósito principal, que é registrar e preservar a história da Desportiva. Quero manter a isenção. Às vezes, as pessoas dizem: 'Ah, ele só cobra, mas não quer participar.' Mas eu participo da minha forma.

Descaso e apagamento da memória e história

[00:24:39] Porque o futebol se tornou um negócio muito elitizado. Sempre foi algo do povo, né? As pessoas iam ao estádio para extravasar, esquecer os problemas, se divertir. Hoje, não é mais assim. Agora, você precisa escolher: 'Vou nesse jogo, não posso ir naquele.' Não dá para ir em todos. O futebol deixou de ser acessível como era antes.

Relações de poder e hierarquia no futebol

[00:34:34] O legal é que as torcidas organizadas passaram a ter um papel social. Eu acho isso muito bacana, porque elas visitam escolas, creches, organizam eventos para o Dia das Crianças, levam festa para comunidades carentes. Antes, esse tipo de ação era algo que só o clube fazia. Agora, as organizadas entenderam que também têm essa responsabilidade. Não se trata apenas de festa no estádio. Elas ajudam a manter o legado do clube vivo, passando a paixão de geração em geração. [00:35:16] Acho que o mais interessante foi essa capacidade de reinvenção, assumindo um papel social além da arquibancada. [Essa mudança ocorre] de 2011 para cá, quando o clube deixou de ser clube empresa e voltou a ser Ferroviária. Muita gente nova chegou para a torcida, inclusive pessoas que não conheciam a história da Desportiva. As organizadas também se reorganizaram. Elas passaram a puxar torcedores mais jovens e a levar a imagem do clube para a periferia. Porque é na periferia que o amor pelo clube está. [00:36:01] Então, você precisa mostrar para as crianças que existe futebol aqui, que elas podem torcer para um time de fora, mas, se forem a um jogo da Desportiva, a experiência vai marcar. A gente sempre diz: quem cola a cara no alambrado nunca mais esquece. É algo muito diferente, uma energia que não tem explicação lógica. Você precisa viver para entender o que significa ir ao estádio. A partir de 2011, as torcidas começaram a perceber que não era só arquibancada, não era só pista. Elas tinham um compromisso social também. Elas não estavam levando apenas o nome do clube, mas a imagem da própria organizada.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Autonomia torcedora: iniciativas em prol do clube e da comunidade

Clube como lugar da vida pública

[00:36:40] A gente voltou a ser Ferroviária, mas foi na luta. Brigando, fazendo protesto na rua pelo estádio. Teve até aquela música, protestando lá na Estação Pedro Nolasco. Isso foi em 2012. Ali, eu percebi que as torcidas estavam entendendo que tinham um papel além da arquibancada. Um papel social e também político. Não era só ir ao estádio e torcer. Então, 2012 foi o gatilho para essa mudança. Em 2011, já tinha começado um movimento nesse sentido, mas em 2012 ficou claro que as organizadas tinham assumido esse compromisso.

Clube como lugar da vida pública

Reapropriação do clube

[00:43:55] Ah, hoje, assim, ocupa aquele negócio, aquela paixão, que, que, a gente tem de, de, acompanhar, né, de querer mostrar pras pessoas, o potencial que esse clube tem, o que ele já foi, o que ele pode ser, que a gente, eu brinco assim, a gente é um avião, só tá faltando piloto, pra fazer decolar, não é tão fácil assim, né, mas, mas é, mas na, na, na prática, não é tão fácil, mas tudo bem. [00:44:37] E, assim, nos anos 90, tudo começou como uma paixão. Aquele desejo de acompanhar o clube, de participar, de jogar, né? Sempre tem aquele sonho de vestir a camisa do time que a gente torce. Mas, com o tempo, essa paixão foi além do papel de torcedor. Passou a ser também o

Construção do pertencimento clubístico

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

desejo de ver o clube crescer, de querer contribuir para o seu fortalecimento.

[00:45:59] Foi um período em que eu até me afastei. Fiquei um tempo sem ir ao estádio. Eu conhecia a família do Villa-Forte, ele era primo de um vizinho meu que morava em frente à minha casa. Então, eu ouvia muita coisa sobre ele, coisas que o torcedor comum não sabia. Eu sabia de muita coisa dos bastidores também. E aquilo me desiludiu, porque eu não conseguia separar as duas coisas. Fiquei um bom tempo sem ir ao estádio. Mas quando vi que havia uma possibilidade real de voltar a ser Ferroviária, aquilo me empolgou. Foi nessa época que comecei a fazer o blog e a postar sobre o clube. Eu via que a torcida era carente de informação. Não tinha nada. E a gente perdeu muito troféu por negligência do Villa-Forte. Deixaram invadir a sede, quebrar, roubar, vender troféus... sucatearam tudo. Ao mesmo tempo que isso me entristecia, eu queria mostrar para a torcida que aquilo ali não era a Desportiva. Que a gente tinha uma história, tinha um potencial e podia voltar. Foi aí que conheci um grupo que queria reconstruir a Ferroviária, e aquilo me empolgou de verdade. Pela primeira vez, eu senti que era uma chance real. Já tinham existido tentativas antes, mas nunca dessa magnitude. Dessa vez, não era só paixão, era planejamento. E a partir de 2011, virou um vício. Eu sempre falo: torcer para a Desportiva é um vício sem cura. O clube escolhe a gente, a gente não escolhe o clube. Depois disso, comecei a fazer o blog, escrever livro, e desde então acompanho tudo de perto.

Perda da identidade grená

Desportiva Capixaba S/A

Esforços pela reapropriação do clube

[00:50:00] [Retomada da Desportiva Ferroviária] Alguns já estavam lá, outros chegaram depois e abraçaram a ideia também. Porque a gente cansa, né? Cansa de ver um clube que já teve uma fase boa sendo arruinado desse jeito, por falta de liderança, por falta de uma torcida mais ativa. Isso fez diferença. Dos anos 2000 para cá, a torcida perdeu um pouco essa presença nas decisões políticas. E o Marcelo Villa-Forte também contribuiu para esse afastamento.

Restrição à participação política no clube

[00:57:11] Depois que virou Capixaba S/A, nem tem muito o que falar. Foi um período complicado. Muita gente que era torcedor antigo, que era sócio, se afastou. O time acabou se fechando ainda mais, porque o pessoal desanimou. Mudaram o nome do clube, mudaram o escudo, mudaram até o hino. E o pior: colocaram um hino ridículo, que parecia uma marchinha do Vital. Horrível, horrível. Então, foi um período muito ruim.

Perda da identidade grená

Restrição à participação política no clube

[01:01:49] Se o clube vai conseguir sobreviver, ainda é uma incerteza. Tem essa briga pelo estádio, então não dá para investir em infraestrutura e patrimônio com segurança. Porque, se você investe e, de repente, a justiça decide algo inesperado, todo o esforço pode ser perdido. Mas a base é necessária. Eu vejo que a nossa chance de voltar a crescer está na formação de jogadores. Se não for assim, fica complicado. O empresário capixaba, por exemplo, dificilmente vai investir pesado na Desportiva. Porque ele quer um clube dele, algo que ele possa controlar. E a Desportiva já tem a sua história.

Reapropriação do clube

Futebol de base e a construção da comunidade

[01:06:31] Investindo na base, você consegue alcançar a periferia, consegue formar novos talentos. Quando havia escolinha, muitos meninos da periferia viam ali a sua grande chance na vida. A Desportiva tinha essa preocupação. Ela não formava apenas jogadores, formava cidadãos também. No período em que estive lá, vi isso de perto. Os treinadores não se preocupavam só com o futebol, eles conversavam com a gente sobre como se portar dentro e fora de campo. Porque é aquele negócio: não era apenas um time de futebol,

Futebol de base e a construção da comunidade

Constituição da identidade grená

Afeto, memória individual e coletiva

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

você estava formando cidadãos ali. Eles sempre falavam: A gente pode até não formar um atleta, mas o cidadão a gente vai formar. Isso é algo que eu sempre guardei comigo. Lembro bem de um treino em que nos disseram isso: Nem todo mundo que está aqui vai ser jogador, mas vocês vão sair daqui homens.

[01:08:43] Voltando a investir na base, a gente consegue, ao mesmo tempo, fortalecer o lado social do clube. A Desportiva pode voltar a ser um time com uma função social, e não apenas um time onde as pessoas vão ao estádio só quando tem jogo. Quando um clube se preocupa com a base, ele automaticamente desenvolve uma preocupação social também. É um processo natural.

Função social do clube

Futebol de base e a construção da comunidade

[01:09:35] Jardim América mesmo... A gente comentou que, sem o Araripe ali, o que seria? Provavelmente um conglomerado de oficinas, caminhões, algo do tipo. Ou seja, um espaço muito menos ligado ao social do bairro. Porque o futebol agrega tudo. As pessoas chegam mais cedo, conversam, movimentam o comércio ao redor do estádio. Tem o comércio de fora, tem o comércio dentro do estádio. Além disso, aconteciam muitos encontros de torcedores, churrascos, partidas entre amigos. Isso fazia com que as famílias se conhecessem, fortalecia os laços da comunidade e ainda movimentava a economia do bairro. [01:10:42] E, somado a isso, tem o papel político das torcidas, que entenderam que não é só futebol. O estádio, por si só, já traz esse impacto. Ele atrai as pessoas, movimenta o bairro, porque o futebol é popular, então naturalmente aproxima a população do entorno. E isso só traz benefícios — sociais, políticos, econômicos. É algo que a Desportiva perdeu por um tempo, mas agora está recuperando. A compreensão de que o clube não é apenas uma associação esportiva, mas que carrega uma responsabilidade muito maior, com histórias, com identidade, com a comunidade. O Araripe, nesse sentido, traz uma ambiência única para o bairro. Ele não é só um estádio, ele faz parte da vida de Jardim América.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Função social do clube

Simbiose entre clube e bairro

[01:11:36] A Desportiva está num lugar estratégico. Bem localizada e, ao mesmo tempo, alcançando uma grande parte da periferia. Você tem Cobilândia, Cobi de Baixo, Jardim América, São Torquato... É um espaço do povo. E parece que foi escolhido a dedo. Porque a Desportiva sempre foi um clube que sabe fazer amigos, um clube do proletariado. Ali, você encontra várias camadas sociais. Sempre foi um clube aberto, que aceitou negros, mulheres. O time feminino da Desportiva, por exemplo, foi um dos primeiros do Espírito Santo e ficou mais de 60 jogos sem perder. Só jogavam as melhores. Além do futebol, o clube já teve vôlei, futsal e até remo. Isso mostra que a Desportiva nunca foi apenas futebol. É social, é econômico, é tudo.

Simbiose entre clube e bairro

Afeto, memória individual e coletiva

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

[01:14:01] O Araripe é interessante por isso. Ele foi construído pelas mãos dos trabalhadores, para os trabalhadores. A CVRD não construiu o estádio simplesmente porque quis ou por generosidade. Não foi assim. Os ferroviários, os proletários, tiveram um papel fundamental na construção. A CVRD tinha um grande retorno com isso. Mas muita gente tem essa ideia equivocada de que a Desportiva é apenas um time da CVRD. Não é bem assim."

Futebol e classe trabalhadora

Ocupação e afirmação do lugar do futebol

[01:24:06] O espetáculo, muitas vezes, está mais na arquibancada. A garotada faz a festa. E o bom é que você chega e participa. A torcida tem essa mentalidade social. Qualquer um que chegar pode se juntar e comemorar, pular, cantar. Não tem esse negócio de 'ah, você não é daqui'. Não existe segregação. Se você chegou, é parte da festa.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Afeto, memória individual e coletiva

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

[01:40:17] [Outros eventos mobilizados pela relação com a Desportiva] Os aniversários das torcidas organizadas, os churrascos, as peladas que o pessoal marca entre as torcidas. E é assim: quando tem assembleia, algum evento ligado à Desportiva ou qualquer outra coisa relacionada ao clube, a gente sempre aparece. Se for algo que envolva a Desportiva, a gente vai. Evento, reunião, qualquer coisa. Tudo.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Afeto, memória individual e coletiva

[01:41:09] Eu estava lá na época, estava na base e ainda existia o clube social. Pelo menos um final de semana, eles abriam [o clube] para a base. A gente, que era da escolinha, não tinha só os treinos, né? Tinha esse lado social também. E isso era algo real, um exemplo concreto de inclusão social. Sempre tinha um período em que avisavam: Esse final de semana, vocês da escolinha vão poder participar, brincar na sede social, na piscina, porque o clube vai abrir para vocês. Pra gente, isso fazia toda a diferença. Muitos meninos da periferia não tinham condição de pagar entrada e a mensalidade ao mesmo tempo, então não conseguiam ser sócios. Mas o clube abria espaço para a gente. Tinha sauna, quadra, tudo liberado. E isso valorizava a garotada. Criança da periferia, com dificuldade para pagar a mensalidade, via aquela estrutura toda e ficava na vontade. Às vezes, jogávamos um campeonato lá, suando, e víamos outras crianças aproveitando a piscina, os espaços. Acontecia muito isso: a gente treinando e, do outro lado, os filhos dos funcionários da CVRD, que eram sócios, brincando. Mas o clube fazia questão de abrir para a base. E isso fica gravado na nossa memória, porque fazia a gente se sentir valorizado, parte do clube. Não era só 'Ah, estou aqui porque pago a escolinha.' Não. A gente sabia que estava ali pelo futebol, pelo clube, não só porque pagava. Nem todo mundo conseguia ir para os campeonatos, mas sabíamos que estávamos ali pelo esporte. Essa integração fazia diferença. A gente tinha um ônibus que levava o pessoal para passar o final de semana lá, para aproveitar a churrasqueira, a piscina. Era algo que movimentava o clube de verdade. Infelizmente, a gente perdeu isso.

Sede Social da Desportiva Ferroviária

Futebol de base e a construção da comunidade

[02:07:45] Então, o futebol mostra isso também. A gente cria muitas amizades na arquibancada com pessoas que, fora dali, não teriam nada a ver com a gente. E essas amizades duram a vida toda. Tem gente que se conheceu na arquibancada e virou padrinho de casamento do outro. Já teve até casamento de torcedores que se conheceram ali. É muito legal, muito massa isso. A vida acontece ali. Por que onde mais você encontra todas as classes sociais em igualdade? Ali, todo mundo está no mesmo nível. Todo mundo está torcendo pelo mesmo time, todo mundo xinga junto, comemora junto. Se o time perde, o cara rico, o cara pobre, o preto, o branco, todos saem tristes do mesmo jeito. E isso que eu acho mais interessante. O futebol não é uma ciência exata, mas lá dentro, todo mundo é igual. É o único esporte em que o mais rico pode perder para o mais pobre, se entrar de salto alto. No futebol, tudo pode acontecer. E é por isso que ele é o mais apaixonante. Ele nivela todo mundo quando a bola rola. Na arquibancada, ninguém é melhor que ninguém. Até o jogo acabar, tudo pode acontecer.

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Afeto, memória individual e coletiva

[02:10:32] E como é que você não vai brigar politicamente se não entender isso, né? Se não entender que futebol é política. Tem que se conscientizar: futebol é política, sim. Futebol é social, sim. Futebol é cultura. [02:11:59] Como é que não é política? Sem a CVRD estatal, quem compra não investe mais no esporte daqui. Quer dizer, quando a Vale era estatal, ainda existia uma relação com a função social da

Disputa política e social do clube

Declínio da relação com a CVRD

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

empresa, com todas as suas contradições. Mas depois da privatização, isso acabou. Com o passar dos anos, a empresa foi investindo cada vez menos. Nos anos 90 mesmo, o investimento já era quase inexistente.

[02:12:47] Mas o futebol capixaba começou a decair porque passaram a misturar política da forma errada. Usaram o futebol como trampolim para cargos eletivos. Na verdade, o próprio sistema reconhece que existe política no futebol. Um cargo dentro do clube é um cargo de poder. A pessoa usa a influência do clube para atuar em outras áreas, e a gente vê isso acontecendo o tempo todo. Esse é o ponto principal: tem que entender que futebol não é só onze contra onze em campo. Tem tudo em volta disso. Até chegar o dia do jogo, há um contexto gigantesco por trás, e o torcedor, muitas vezes, esquece disso. Ele não percebe o quanto esses fatores influenciam no time.

Desafios do futebol local

[02:13:34] Por isso, na Tivapédia, eu sempre procuro manter essa consciência acesa. Os casos políticos também precisam ser levados em consideração, porque eles influenciam diretamente no clube. Eu não quero influenciar ninguém a mudar de ideia. Mas quero conscientizar sobre essas relações, fazer com que as pessoas tomem decisões de forma mais consciente. Tem que entender que tudo tem uma causa e um efeito. Política influencia, sim. Não é o presidente do Brasil que vai acabar com um clube, mas as decisões políticas afetam o futebol. Só que tem torcedor que não quer aceitar isso. Eu mostro o ponto de vista. E, às vezes, a pessoa para e diz: Pô, nunca tinha pensado nisso. No fim das contas, o futebol influencia tudo. Mas o mais interessante do futebol é isso: você não precisa entender de nada, mas, ao mesmo tempo, acaba entendendo tudo. Porque estar no estádio, vivendo o jogo, também é um ato político.

Disputa política e social do clube

[02:19:14] [Sobre o Adjalma] Formar cidadãos era o principal objetivo dele. E não era algo imposto, era natural. Ele era um cara sempre feliz, sempre contente, mas sabia cobrar quando precisava. Ele não deixava a gente entrar com camisa ou calção de outro time que não fosse da Desportiva. Dizia: Aqui é Desportiva, então tem que usar o uniforme da Desportiva. Também não deixava bagunça. Se o time profissional estava treinando e a gente entrava gritando no estádio, ele logo chamava atenção: Eles estão trabalhando. Calma, sem bagunça. Depois vocês vão lá, conversam com os jogadores, brincam. Dentro e fora de campo, ele foi sensacional. Um cara que trabalhava no pesado durante o dia e ainda jogava à noite. A gente só vê o lado glamouroso, que ele era um goleiraço, pegava muito. Mas pouca gente sabe que ele passava o dia pegando peso e, à noite, ainda entrava em campo e jogava bem. Imagina se ele tivesse tido dedicação exclusiva? Mas o mais incrível era a pessoa que ele era. Eu tive poucos contatos diretos, poucas conversas longas, mas sempre vi o exemplo que ele dava. Ele não precisava falar muito. A gente olhava para ele e entendia. Se a gente fosse metade do que ele era, já seríamos homens de verdade. Nunca ouvi ninguém falar mal dele. Nunca. Porque não tinha o que falar. Ele merecia todo o reconhecimento do mundo, e mais. O Adjalma era profissional para caramba, ético para caramba. Qualquer homenagem que ele receber vai ser pouca, porque ele foi fantástico. Por muito tempo, ele foi o coração do Araripe. O verdadeiro guardião do estádio. Se tinha alguém que merecia conhecer cada chave do estádio, era ele. Sabia onde ficava cada porta. E cuidava de tudo. Não aceitava sujeira no chão. Se visse algo jogado, mandava catar. Se ninguém pegasse, ele mesmo pegava.

Figuras-símbolo da Desportiva Ferroviária

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
[02:19:14] Quando ele foi tirado dessa função, foi uma das maiores sacanagens que já vi acontecer no clube. Ele ainda tinha muita vitalidade, queria continuar, mas simplesmente tiraram ele. Ninguém que estava na Desportiva concordou com essa saída. Foi um erro de quem tirou, não dele. Sempre foi um cara íntegro, ético, referência. Um verdadeiro mito. O Adjalma era um daqueles raros casos de ídolo tanto dentro quanto fora de campo. Até os torcedores rivais respeitavam ele. Não importava se era Vitória, Rio Branco ou qualquer outro clube. Mas para um cara ser unanimidade, ele tem que merecer muito. E ele mereceu.	Relações de trabalho no futebol Afeto, memória individual e coletiva
Thiago Nunes	
[00:05:49] Antes, existia essa tradição de o pai levar o filho, o avô levar o neto ao estádio. Tinha também a questão dos sócios, que tinham desconto em folha de pagamento, o que fortalecia a relação da comunidade com a Desportiva. Era uma coisa que passava de geração em geração. Pai, filho, neto... Foram várias gerações acompanhando o clube assim.	Sociabilidade a partir do clube e do futebol Afeto, memória individual e coletiva Futebol e os vínculos familiares
[00:10:41] Eu gosto de ir ao estádio, de estar ali, vivendo aquela realidade. Quando você passa a frequentar, aquilo se torna o seu lugar, onde você se encontra. Eu sempre dizia: O Araripe é o quintal da minha casa. Vou lá, acompanho tudo, vejo os treinos... E, assim, a Desportiva virou o meu clube de coração.	Estádio Engenheiro Araripe Afeto, memória individual e coletiva
[00:12:47] [Participação institucional no clube] Totalmente voluntário. E, na verdade, muitas vezes até deficitário, porque cheguei a ajudar o clube do meu próprio bolso. Naquele momento, eu via como uma fase de retomada, um período muito difícil, e senti que precisava ajudar. Às vezes, até financeiramente, colaborando para suprir necessidades básicas. Ajudei em várias frentes, em coisas que estavam carentes, precárias, porque o clube precisava se reerguer. E ele voltou. Voltou até em grande estilo, infelizmente não como poderia ter sido a longo prazo, mas foi um recomeço.	Disputa política e social do clube
[00:14:47] Naquela época, virar clube empresa era uma realidade. Assim como hoje se fala das SAFs, naquela época transformar-se em S/A era visto como um caminho natural para o futebol. Mas não da maneira como aconteceu. O problema foi a forma como tudo foi conduzido—de maneira equivocada e muito abrupta.	Desportiva Capixaba S/A Declínio do clube associativo Perda da identidade grená
[00:16:39] Quando a estatal se tornou Vale, o patrimônio foi entregue à Desportiva, e eu entendia que era necessário dar sequência àquilo. Mas, sem o apoio da empresa, do investimento de uma multinacional, o clube não tinha condições de se manter.	Declínio da relação com a CVRD
E foi aí que apareceu alguém com uma promessa. Na verdade, um aventureiro. Posso falar abertamente, sem problema nenhum. O Marcelo Villa-Forte veio com a Franel, uma empresa de combustíveis, e no contrato foi colocado que ele iria construir um posto de gasolina na frente do estádio. Tudo girava em torno dessa transformação. A Franel já tinha um clube na Bahia [Juazeirense]. Eles tinham um patrocínio e também funcionavam como clube empresa.	Declínio do clube associativo Desportiva Capixaba S/A
[00:17:32] Ficou uma situação estranha, porque, na prática, continuaram existindo dois clubes. A Desportiva se tornou um clube empresa, e foi aí que começou toda a derrocada, não só com a	Desportiva Capixaba S/A Perda da identidade grená

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
dilapidação do patrimônio, mas também com a perda da identidade do clube.	Perda material e imaterial do patrimônio do clube
[00:18:23] Eu acompanhei tudo muito de perto, porque saía notícia todo dia nos jornais, na Gazeta, na Tribuna e tal. Quando mudaram a cor da camisa, ficou um vermelho diferente, mais avermelhado. E aí a Tribuna parou de chamar a Desportiva de time Grená. Começaram a escrever: O time Rubro treinou à tarde. Tinha isso. Não sei se dá para resgatar o histórico da época, mas no jornal impresso era assim: 'O time Rubro de Jardim América treinou hoje à tarde' e tal. E eu ficava indignado: 'Porra, time Rubro?' Quando saiu a camisa da Finta, eu cheguei a comprar uma. Infelizmente, tive essa camisa. Mas eu já não conseguia usá-la muito... Acabei dando. [00:19:58] [Comparações do novo símbolo do time com outras equipes] Eu ficava puto com aquilo. Não era nem por uma questão de comparação com times do Rio de Janeiro, mas pelo fato de termos perdido a nossa identidade. A camisa se transformou completamente. E aí, o que aconteceu?	Perda da identidade grená
[00:20:46] Havia um Conselho de Notáveis na Desportiva, formado por grenás históricos. Entre eles, o seu Galileu Viana, ex-presidente do clube. Foi ele quem denunciou o descumprimento do contrato, acredito que a partir de 2003. E aí começou todo aquele imbróglio na Justiça. Foi então que veio a obrigatoriedade de mudar a camisa da Desportiva de volta.	Disputa política e social do clube Esforços pela reapropriação do clube
[00:21:36] A gente jogou com aquela camisa que perdeu a identidade. E não foi só a camisa. A maneira como conduziram o futebol do clube também afastou os torcedores. Muita gente começou a protestar, a se distanciar. Foi uma época cheia de problemas dentro do clube. E nesse momento já dava para perceber o movimento de insatisfação. Muitos torcedores, assim como eu, começaram a não se identificar mais com o clube e simplesmente deixaram de acompanhar.	Perda da identidade grená Declínio do clube associativo Afastamento da comunidade grená
[00:22:30] A primeira vez que fui ao Araripe foi em 1991, quando eu tinha 9 anos. Meu pai me levou para ver um jogo entre a Desportiva e o Muniz Freire, que acabou sendo campeão estadual naquele ano. Minha primeira lembrança do estádio foi ele completamente lotado, cheio de torcedores apaixonados pela Desportiva. Depois disso, continuei acompanhando. Em 1992 e 1993, no Campeonato Nacional, vi grandes jogadores passarem por aqui. O Andrade, o Washington, que jogou no Fluminense, e outros grandes nomes do futebol nacional estiveram no Araripe.	Construção do pertencimento clubístico
[00:23:19] O torcedor da Desportiva se acostumou com a rotina do Campeonato Nacional, com a projeção do clube. De repente, tudo isso desmoronou. Ver o time perder sua identidade afastou muitos torcedores. A privatização da Vale também teve um impacto forte. Muita gente que frequentava o clube na empolgação da antiga estatal parou de ir. O Clube Social perdeu muitos sócios. A Desportiva chegou a ter 18 mil associados. Mas, em poucos anos, esse número despencou. Foi reduzindo, reduzindo... Hoje, se formos ver, acho que nem 100 sócios restaram."	Declínio do clube associativo Declínio da relação com a CVRD Afastamento da comunidade grená
[00:24:18] Na eleição de 2011, o Clube Social ainda existia. Mas, infelizmente, a sede social foi perdida na Justiça. Ali funcionava o parque aquático, os forrós... Era uma forma de oxigenar o clube, trazendo sócios que, mesmo entrando apenas pelo Clube Social, poderiam acabar se aproximando também do futebol. Na eleição de 2010 para 2011, ainda com o Clube Social, lembro que havia 379	Perda material e imaterial do patrimônio do clube

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

sócios aptos a votar. Depois que o Clube Social foi perdido, restaram apenas os apaixonados pelo time. Hoje, quem é sócio da Desportiva é porque realmente ama o clube. Porque, por exemplo, eu pago 60 reais por mês — um valor irrisório — mas não tenho nada em troca. O Clube Social não existe mais. Pode entrar no estádio? Pode. Posso mostrar a carteirinha e entrar? Sim. Mas, muitas vezes, nem tem competição para assistir. A Desportiva vem fazendo campanhas pífias. E não é só isso. Até existe um calendário, uma sequência de jogos, mas... Se a Desportiva não retomar a hegemonia no cenário estadual, dificilmente conseguirá se reerguer. É preciso ter uma sequência, uma continuidade. Sem calendário nacional, o clube perde investidores, perde visibilidade. E, sem isso, fica ainda mais difícil voltar a ser competitivo.

[00:27:04] A Desportiva precisa voltar a ter hegemonia no futebol capixaba. Tem que vencer o Estadual ou a Copa Espírito Santo. Não dá para continuar nessa de morrer na praia todo ano. Se isso não mudar, os investidores não vão voltar. Sem calendário, fica impossível crescer. Hoje, o time joga dois meses — de março a abril já pode estar eliminado do Estadual. Depois, tem a Copa Espírito Santo no meio do ano. Se for mal nela, em agosto já não tem mais futebol. Ou seja, o clube passa boa parte do ano sem calendário esportivo. E sem calendário, não tem como atrair investimentos nem manter um time competitivo.

Relações de poder e hierarquia no futebol

[00:27:52] Quando soube que o campo do Araripe foi dividido em campos society, pensei: Poxa, cara, é o fim. Na verdade, eu vinha acompanhando a fase da Capixaba sem muito otimismo. Mas, no fundo, ainda imaginava que seria para melhorar, para dar um upgrade, como se diz hoje. Só que, ao longo do tempo, o que vi foi apenas descaso.

Perda material e imaterial do patrimônio do clube

Declínio do clube-empresa

[00:28:46] Tinha algo errado no futebol. Estavam trazendo muitos refugos de outros clubes. Até desse time da Bahia... Acho que era o Juazeirense. Vieram jogadores de lá e de outros times, mas sempre refugos. Chegavam muitos jogadores mercenários, que vinham só para se valorizar. O empresário trazia, e, quando viam, já estavam em outro clube. Ou então eram jogadores em fim de carreira, sem perspectiva de futuro.

Desportiva Capixaba S/A

Declínio do clube-empresa

Desenraizamento do clube

[00:31:15] Entre 2002 e 2007, parei de ir ao estádio. Foi a minha maneira de demonstrar que não via mais futuro naquilo. E aí, quando soube da divisão do campo, pensei: Agora acabou mesmo. Agora aquilo ali vai ser vendido, vai virar qualquer outra coisa.

Afastamento da comunidade grená

Declínio do clube-empresa

[00:34:01] Em 2008, comecei a escrever um blog sobre a Desportiva. Via um déficit muito grande de informações sobre o clube, e aquilo me incomodava. Meu blog não era um blog histórico. Quem criou um blog com esse foco foi o Leandro Carline, com o Ferroviária, muito baseado no livro e em outras grandes fontes de informação. Mas eu fui o pioneiro a criar um blog sobre a Desportiva, com um olhar mais jornalístico. Foi aí que criei o Folha Grená, um informativo sobre o clube. Ia ao Araripe conversar com o Silvério, que era ex-agrônomo da Desportiva e, na época, supervisor da Capixaba. Como morava e trabalhava em Cariacica, às vezes aproveitava o horário de almoço para ir lá trocar uma ideia com ele. Ficava na orelha dele, pegando informações, e jogava tudo no blog. Montei o blog de uma forma que misturava camisetas históricas, fotos, algumas postagens sobre a história do clube e, principalmente, opiniões pessoais. Basicamente, era a minha visão sobre a Desportiva. Respeitava todo mundo, mas

Autonomia torcedora: iniciativas em prol do clube e da comunidade

Afastamento da comunidade grená

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

tinha minha liberdade de fazer críticas quando achava necessário. Era um blog sobre meu clube do coração, mas sem vínculo oficial com a Desportiva. Era um espaço meu, onde eu escrevia com total liberdade. Eu acompanhava o time de perto. Publicava a escalação, relatava os jogos, inclusive os do interior. Ia a algumas partidas fora da Grande Vitória, depois escrevia matérias e fazia relatos sobre os jogos. Em 2011 e 2012, comecei a viajar muito. Na época, fiz parte da Grenamor, a torcida organizada da Desportiva. A Grenamor voltou em 2008, mas sua origem é bem mais antiga—desde 1976. Ela vinha atuando como torcida organizada, mas, no final daquele ano, houve uma reestruturação. O Ancelmo, que foi presidente da Grenamor por muitos anos, também acabou se afastando nesse período da Capixaba.

[00:38:43] Em 2011, houve a última tentativa do Marcelo Villa-Forte de conseguir algo financeiramente com a Desportiva. A ideia por trás do projeto era limpar o patrimônio do clube. Participei de uma reunião junto com o Robson Santana, que era o presidente na época (já falecido), e o Wilson de Jesus, que era vice-presidente. Fomos a um encontro onde o Marcelo estava reunido, no colégio Eliezer Batista, com o então prefeito de Cariacica, Helder Salomão. O objetivo da reunião era apresentar o projeto Cidade Jardim. Fomos para essa reunião sem convite. Entramos, sentamos e participamos. O Wilson, que conhecia melhor os documentos do que o Robson — que eu, curiosamente, chamava de Robinho — interrompeu a reunião assim que o prefeito e o Marcelo terminaram de falar. Ele entrou com a decisão judicial e questionou: E agora, como é que fica? Porque a Ferroviária volta a ter 51%. Como isso vai se resolver? Isso travou a conversa ali. Mas depois ainda houve algumas reuniões no clube, na sede social. Alguns sócios achavam que o projeto era importante. Infelizmente, alguns apoiavam. Tinha até um ex-presidente — nem vou citar o nome — que disse: Isso aí [o patrimônio do clube] é uma herança maldita, tem que passar isso para frente.

Declínio do clube-empresa

Reapropriação do clube

[00:40:43] Não havia mais paixão ou identificação com o clube. E tem um detalhe muito importante nisso: Para muitos, principalmente ex-jogadores, essa identificação não existe da mesma forma que existe para nós, torcedores.

Afastamento da comunidade grená

Desenraizamento do clube

[00:46:29] A falta de identidade também passa por outro fator: o capixaba não tem esse bairrismo com o futebol local. É um conjunto de coisas. A imprensa, por exemplo, não colabora em nada. Em vez de apoiar, só joga o futebol capixaba para baixo. E isso piorou nos últimos anos. Hoje, nem Globo Esporte local na televisão existe mais. Antigamente tinha. Por trás do glamour do futebol, existe o futebol vivido na flor da pele. E é isso que falta aqui. A imprensa local não abraça os times capixabas. Não apoia. Quando apoia, é por interesse. O capixaba tem essa mentalidade de que tudo de fora é melhor. Tem muito disso. Mas os clubes também erram. Não oferecem um futebol de qualidade, um espetáculo que realmente atraia o torcedor.

Desafios do futebol local

Desenraizamento do clube

[00:50:19] O futebol aqui também enfrenta outro problema. O que se faz hoje para tirar o capixaba da praia, do churrasco de fim de semana, de uma viagem curta? Nada. O cara prefere pagar uma excursão, sair daqui para ver um jogo do time do Rio no Maracanã e voltar. Sai no sábado e volta no domingo. Ou até mesmo sai e volta no próprio domingo. Enquanto isso, os estádios daqui ficam vazios.

Relações de poder e hierarquia no futebol

Desafios do futebol local

[00:55:20] A Desportiva sempre foi um celeiro de jovens talentos. Mas, nos últimos anos, quem tem conseguido captar mais jovens não

Futebol de base e a construção da comunidade

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

é mais a Desportiva. Agora, quem domina essa área é o Porto Vitória. O Porto criou um projeto sólido para as categorias de base e tem obtido muito sucesso. Enquanto isso, a Desportiva naufragou. Ficou estagnada, patinou. Desativou suas escolinhas por muitos anos—e é justamente ali que começa tudo. É na escolinha que você percebe quando um garoto tem talento, que começa a lapidar um jogador. E não é só para formar grandes craques, por exemplo.

Declínio do clube associativo

[01:01:29] Eu sempre bati na tecla de que o clube precisava se abrir, sair dessa pecha de clube de ferroviário. A identificação com os ferroviários praticamente não existia mais. Ainda havia alguns ligados ao SindFer e alguns ferroviários históricos, mas era muito pouco. Algo que vinha de pai para filho, avô, sobrinho, tio... Mas, na prática, já não sustentava mais o clube. A Desportiva precisava de oxigenação. Essa era uma das minhas brigas lá dentro. O regimento precisava mudar. Tinha que acabar essa história de só ferroviário pode participar. Isso, felizmente, acabou. Hoje qualquer um pode montar uma chapa e concorrer. Outra questão era a associação de novos sócios. As pessoas precisavam entender que era necessário se associar. Essa também foi uma das minhas lutas.

Restrição à participação política no clube

[01:02:23] Tanto que, quando briguei muito por isso lá dentro, acabei tendo alguns problemas políticos. Alguns achavam que eu queria ser presidente. Em 2015, montamos um grupo chamado Movimento Identidade Grená (MIG). Fazíamos reuniões todos os sábados para escrever um projeto. O projeto foi elaborado, mas, infelizmente, não foi levado adiante nem pela Unimed, nem pela diretoria da Desportiva na época. Era um plano abrangente, que incluía diversas ações, entre elas uma parceria com a Vale do Rio Doce—ou Vale Histórica—para recriar um museu da Desportiva. Hoje, não existe um museu. Não existe nem uma sala de troféus. Nosso projeto previa a recriação desse espaço e a recuperação de troféus que foram roubados do clube. Durante a época da sede social, houve um assalto em que muitos troféus foram levados. Chegaram a me contar que um dos troféus da Desportiva, da década de 70, estava sendo usado no Campeonato Amador de Cariacica. Minha tia-avó morava em Jardim América, perto do Colégio Passionista. O filho dela, meu primo, trabalhou muitos anos na Vale. Ele contou que descia várias vezes ali pelo estádio e via gente pulando o muro para roubar os troféus da antiga sede, que ficava atrás da geralzinha.

Perda material e imaterial do patrimônio do clube

Autonomia torcedora: iniciativas em prol do clube e da comunidade

Reapropriação do clube

[01:05:07] A gente queria fazer um projeto que reativasse isso. Foi minha briga na época: abrir o clube para novos sócios. Principalmente para aqueles que eram apaixonados pela Desportiva. Era preciso criar uma modalidade que permitisse que essas pessoas contribuíssem, pagando uma mensalidade — mesmo que mínima — e participassem ativamente do quadro social do clube. Não só financeiramente, mas também politicamente. Porque a identidade da Desportiva estava se perdendo.

Autonomia torcedora: iniciativas em prol do clube e da comunidade

Disputa política e social do clube

Reapropriação do clube

[01:06:59] Desde 2011 até hoje, vejo a Desportiva em um processo constante de reconstrução. Mas uma reconstrução cheia de rupturas. Não existe um trabalho sequencial. Por exemplo, o projeto Sou Grená — a hashtag #SouGrená — surgiu em 2011 e se perdeu no próprio ano de 2011. Não teve continuidade. Depois, em 2012, duas pessoas trabalharam voluntariamente no marketing do clube até 2013, 2014... E depois disso, nada mais. Tudo muito interrompido. Por quê? Porque depende da boa vontade. [01:08:02] Isso também é um grande problema. É um erro. Porque você tenta criar empatia com o torcedor, mas de um jeito errado. Parece que o projeto pertence a

Reapropriação do clube

Autonomia torcedora: iniciativas em prol do clube e da comunidade

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

quem criou, como se fosse algo pessoal, e não ao clube. O clube não gerencia, não assume aquilo como parte da sua estrutura. E isso é muito errado. Esse é o grande problema: os trabalhos não são sequenciais. Eles começam, mas não conseguem seguir um caminho ou chegar a um fim.

[01:10:08] Acredito que a SAF é uma realidade do futebol. Não tem muito para onde correr. Mas, se não for feita com transparência, se não houver clareza e explicação para o torcedor, será só mais um tiro no pé. É fundamental que o torcedor seja envolvido nesse processo. [01:11:05] A Desportiva, além de enfrentar esses entraves jurídicos, esse problema eterno que ainda não se resolveu por completo com a Franel e a Capixaba, precisa tratar tudo com muita transparência. É fundamental que se saiba exatamente o que está sendo feito. Porque não adianta ter recursos para o futebol e empregá-los de forma errada. Por exemplo, não adianta ter um orçamento de 3 milhões e gastá-lo de maneira equivocada. O problema não é só a falta de dinheiro, mas sim a forma como ele é administrado. Se você coloca alguém sem responsabilidade para gerir o futebol, o dinheiro será desperdiçado.

Reapropriação do clube

Disputa política e social do clube

[01:29:34] Então, o estádio se azequenuo devido ao sucateamento. E isso era inevitável, porque, sem renda para manter um patrimônio daquele porte, ele acaba deteriorando. Começam a surgir rachaduras, problemas estruturais, vazamentos, infiltrações, e por aí vai. A sorte da Desportiva é que a construção do estádio é extremamente robusta, feita na época áurea da CVRD, com ferro, concreto de alta qualidade, tudo do bom e do melhor. É um estádio que resiste bravamente ao tempo, mesmo com todas as crises. Mas, como eu disse, sem um trabalho sequencial e sem a Desportiva reconquistar sua hegemonia, fica difícil recuperar o que se tinha antes. Em 1998, por exemplo, a rua da Desportiva era cheia de bares abertos, com torcedores reunidos antes dos jogos, movimentando o comércio local. Isso acabou. A crise da Desportiva e o declínio daquela praça esportiva afetaram diretamente o bairro de Jardim América. Hoje, o bairro também está muito abandonado, e isso tem relação direta com a decadência do clube e do estádio. Antigamente, ficar na frente do Araripe era outra coisa.

Estádio Engenheiro Araripe

Simbiose entre clube e bairro

Declínio do clube associativo

Desenraizamento do clube

[01:12:57] Acho que, principalmente no futebol, as coisas estão sendo feitas de maneira muito equivocada, com pouca transparência. Além disso, o torcedor já não interage mais com o clube como antes, essa ligação se perdeu. Mas estamos falando de um clube com 60 anos de história — 61, quase 62 —, que tem um público, uma torcida. Mesmo que adormecida, essa torcida existe, são pessoas apaixonadas pelo clube. E o futebol mexe com paixões, mesmo que abaladas. Então, o que precisa ser feito? O clube precisa se abrir para o torcedor, mas não só quando precisa dele. Porque esse é o problema: só chamam o torcedor quando lhes convém. Aí fazem campanha, mas quando o time vai mal no estadual, não dão satisfação, não há diálogo, os erros não são assimilados.

Restrição à participação política no clube

Desenraizamento do clube

Reapropriação do clube

[01:17:20] O Rio Branco não é de Cariacica. O Rio Branco é de Vitória, de Jucutuquara. Vendeu o Estádio Governador Bley para a escola técnica, comprou aquele terreno, mas nunca terminou o estádio. Depois vendeu para o governo e hoje joga em um estádio que não é dele. Além disso, é um clube sem sede. A Desportiva, bem ou mal, sempre esteve ali dentro de Jardim América, assim como o Vitória

Alteridades

Ocupação e afirmação do lugar do futebol

Constituição da identidade grená

TRANSCRIÇÃO DO RELATO	MARCADOR TEMÁTICO
sempre esteve em Bento Ferreira. É o que eu falo para todo mundo: se sair dali, vai perder sua identidade. E isso também seria um erro.	
[01:19:20] Então, você vê, o Araripe, um estádio com uma posição geográfica fantástica, está exatamente no encontro entre Vila Velha, Vitória e Cariacica. É um estádio excelente para se assistir futebol.	Estádio Engenheiro Araripe Locus privilegiado
[01:31:25] Entre 2011 e 2013, a gente ficava ali e, às vezes, passava um ônibus, e o motorista perguntava: 'Vem cá, tem jogo aí hoje? Quem está jogando?'. Via aquela movimentação e ficava curioso. Muita gente passa pelo estádio e nem sabe se ainda está funcionando. Já me perguntaram várias vezes: 'Ali ainda está aberto? A Desportiva ainda existe?'. Se você sair perguntando por aí, muita gente não sabe responder. Esse é o cenário atual. A frente do estádio ficava uma muvuca, gente com bandeira, movimento, e ainda assim tinha gente que passava e perguntava. Faltava informação, parecia que o próprio bairro tinha desassimilado a Desportiva. Algo que antes fazia parte do cotidiano foi se perdendo.	Desenraizamento do clube Estádio Engenheiro Araripe Simbiose entre clube e bairro
[01:32:57] Existe uma célula viva de torcedores da Desportiva em São Torquato. A gente começou a se concentrar por lá, e, de repente, aparecia alguém com uma camisa antiga, de noventa e poucos, perguntando: 'Pô, tem jogo hoje lá? Vou tentar um ingresso'. Mas o cara não sabia. Não fazia ideia de que tinha jogo.	Desenraizamento do clube Reapropriação do clube
[01:33:44] Em Araçás, a gente alugava um ônibus que parava na praça, pegava a galera e seguia para o jogo. A gente fazia uma batucada, era aquela coisa do futebol raiz, da experiência coletiva do futebol. Você concentrava com a galera na praça, o cara trazia o surdo, a batucada começava, e todo mundo seguia para o estádio. Cada um dava uma contribuição, chegava lá e descia, encontrando gente de tudo quanto é lugar, todos motivados pelo evento. Mas eles não entenderam que, sem uma sequência, não vão mais captar esse público.	Sociabilidade a partir do clube e do futebol Reapropriação do clube
[01:35:31] Então, para Cariacica, um município com muitas áreas pobres e pouca infraestrutura, a Desportiva tem um peso enorme, pois é o único clube profissional da cidade com uma história no futebol brasileiro. Mas o município não abraça esse clube da maneira que deveria. Como é que é isso? Poderia haver uma iniciativa junto à Secretaria de Esportes para identificar as carências do clube e buscar soluções. Assim, além de se fortalecer, a Desportiva também poderia prestar um serviço à comunidade.	Desafios do futebol local Função social do clube
[01:41:12] Na categoria de base, é fundamental que o garoto entenda o contexto de estar vestindo aquela camisa, o peso que ela carrega. Ele precisa ter orgulho de usá-la. Vejo muitos garotos no ônibus, indo ou voltando da escolinha, com a bolsa da Desportiva, a camisa da escolinha. Mas, muitas vezes, eles não entendem o que aquele clube representa. Para alguns, pode ser apenas um lugar onde jogam futebol, sem conhecer a história por trás da camisa que vestem.	Futebol de base e a construção da comunidade Constituição da identidade grená Desenraizamento do clube
[01:47:10] Alguns amigos criaram um time no bairro deles, chamado Resistência, inspirado na Desportiva. Batizaram o time de Resistiva, um clube amador que carrega essa identidade. Eles usam camisas grenás, sempre baseadas nos modelos da Desportiva, mas com o escudo próprio. O próprio pessoal do bairro Resistência fez isso, criando um clube amador totalmente inspirado na Desportiva.	Futebol amador Constituição da identidade grená Autonomia torcedora: iniciativas em prol do clube e da comunidade

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

[01:56:31] Então, tem uma coisa, quando aquela camisa grená entra em campo, aquilo mexe com a gente, não tem jeito. Em 2011, quando a Desportiva voltou, ela entrou em campo e a gente abriu a bandeira. Eu tenho uma bandeira da Desportiva de 4 metros. Então, a gente abriu no estádio e, cara, eu me emocionei, eu chorei, porque ali estava a minha infância, toda aquela memória voltando. Minha expectativa era, hoje, ver a Desportiva minimamente disputando uma Série C de respeito, brigando sempre para subir para a B. Para mim, isso já seria o suficiente. Não precisava mais nada. Eu queria ver a Desportiva ali, entre a C e a B, indo e voltando, lutando sempre. Poder trazer meu filho ao estádio e dizer: 'Olha lá, filho, essa é a Desportiva'.

Constituição da identidade grená

Afeto, memória individual e coletiva

Reapropriação do clube

[02:01:32] Minha relação hoje com a Desportiva é diferente. Não é mais aquela paixão cega, mas também não é um desprezo. Eu acompanho, vejo notícias, entro nas redes sociais, converso com amigos sobre o clube. Tenho um amigo que é conselheiro lá, então, de vez em quando, mando mensagem perguntando algo, comentando sobre um jogo-treino, participava de grupos. Mas, aos poucos, fui me afastando. Comecei a perceber que o time não tinha mais identificação com a camisa, que estava aquém das tradições da Desportiva. Além disso, via muitas coisas erradas nos bastidores, no comando do futebol, na gestão do estádio. E, para não me aborrecer demais, acabei me afastando. Acho que é um processo natural. Não só eu, mas muitos amigos também diminuíram a frequência no estádio.

Desenraizamento do clube

Interação entre jogadores e comunidade

[02:06:06] Ah, sim, tenho boas lembranças. Vi muitos momentos vitoriosos da Desportiva, títulos, grandes jogos. Mas algumas das minhas melhores lembranças são mais afetivas, como quando meu pai me levava ao estádio. Ele ainda é vivo, mas já não vai mais, prefere ficar em casa. Quando eu era pequeno, ele me levava para ver os jogos, e isso marcou muito. Também lembro de um amigo de infância, a primeira vez que ele quis ir ao estádio comigo. Eu convidei: 'Vamos ver um jogo?'. Fomos assistir Desportiva e Botafogo de Ribeirão Preto, em 1997. Eu tinha 15 anos, ele 17. Ele ficou encantado, nunca tinha ido a um estádio. O jogo foi 2x2, e teve um golaço do Tico Mineiro, que deu um corte seco no marcador e bateu de fora da área, no ângulo. Esse meu amigo depois foi para os Estados Unidos, e desde a pandemia não tive mais notícias dele. Mas essa lembrança ficou.

Afeto, memória individual e coletiva

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

Tenho boas recordações também de botar a camisa e dizer 'hoje eu vou ao jogo da Desportiva'. Em 2007, eu ia muito. Estava em Cariacica montando minha empresa e, sempre que podia, aproveitava para ver os jogos. Se tinha jogo às 11h no Araripe, eu ia sozinho. Também viajei muito para o interior com amigos para acompanhar o time. Era muito bom. Tinha a excursão, conhecia outros estádios, toda aquela movimentação. Era cansativo, claro. Viajar para Águia Branca, por exemplo, tomava o dia inteiro, ida e volta. E já aconteceu de perdermos o jogo, e a viagem de volta parecer ainda mais longa, porque o que você mais queria era chegar em casa e esquecer. Mas, no fim, o que fica é a sensação de pertencer a um lugar onde me sinto bem, inserido naquela realidade. A Desportiva é o meu clube. É o futebol que eu gosto.

Afeto, memória individual e coletiva

Sociabilidade a partir do clube e do futebol

[02:09:39] Mas eu não encaro o futebol como um negócio. Pra mim, é uma paixão. Não vejo como um comércio, um grande evento. O futebol, pra mim, é a mística, a camisa, algo onipresente na minha vida. Quando vejo aqueles meninos jogando, penso: 'Caramba, eu queria estar ali no meio, brincando de bola, vestindo a camisa grená'.

Afeto, memória individual e coletiva

Pertencimento grená

TRANSCRIÇÃO DO RELATO**MARCADOR TEMÁTICO**

Não tive esse prazer, mas acompanho a Desportiva desde menino. É um pedaço da minha vida. Minha história está entrelaçada com a Desportiva.

QUADRO 2. QUADRO DE CATEGORIAS DE ANÁLISE E FREQUÊNCIA DO CONTEÚDO

CLASSIFICAÇÃO DIAGRAMÁTICA	MARCADOR DIAGRAMÁTICO	MARCADOR TEMÁTICO	ABSOLUTA (RELATIVA) ¹⁰⁰
[Bloco temático principal] <i>Constituição da comunidade grená</i>			
Lugar e territorialidades	Sociabilidade	Sociabilidade a partir do clube e do futebol	6 (30)
	Sociabilidade	Futebol e os vínculos familiares	6 (7)
	Sociabilidade; (i)migração de jogadores	Futebol amador	4 (4)
	Identidade / Alteridade	Pertencimento grená	2 (3)
	Peregrinação; Associativismo	Amplitude da rede de torcedores	2 (2)
Ritual, performance e identidade	Trabalho e classe	Futebol e classe trabalhadora	6 (8)
	Memória individual e coletiva	Afeto, memória individual e coletiva	5 (24)
	Identidade / Alteridade	Constituição da identidade grená	5 (10)
	Sagrado / Profano	Figuras-símbolo da Desportiva Ferroviária	5 (5)
[Bloco temático principal] <i>Construção do lugar do futebol (sítio físico)</i>			
Lugar e territorialidades	<i>Genius loci</i>	Simbiose entre clube e bairro	5 (17)
	Arquitetura; Espaço público	Estádio Engenheiro Araripe	4 (15)
	<i>Genius loci</i>	Ocupação e afirmação do lugar do futebol	4 (5)
	Identidade / Alteridade	Alteridades	3 (4)
	Sociabilidade	Interação entre jogadores e comunidade	3 (4)
	Arquitetura; Espaço público	Colégio Eliezer Batista	2 (4)
Território político e econômico	Negócios locais, nacionais ou globais; Trabalho e classe	Relação com a CVRD	6 (13)
	Negócios locais, nacionais ou globais; Federações do esporte	Interesses políticos e econômicos no futebol	2 (5)
Ritual, performance e identidade	Identidade / Alteridade	Construção do pertencimento clubístico	2 (3)
	Trabalho e classe	Relações de trabalho no futebol	2 (3)
Matriz nacional e global	Trabalho e classe	Futebol profissional	1 (3)

¹⁰⁰ A frequência relativa diz respeito à quantidade de entrevistas em que o tema aparece, enquanto a frequência absoluta diz respeito à quantidade de vezes em que o tema é abordado no recorte das entrevistas analisado.

CLASSIFICAÇÃO DIAGRAMÁTICA	MARCADOR DIAGRAMÁTICO	MARCADOR TEMÁTICO	ABSOLUTA (RELATIVA)
[Bloco temático principal] <i>Reverberações materiais e simbólicas do declínio do clube associativo</i>			
Território político e econômico	Desterritorialização	Perda da identidade grená	6 (19)
	Desterritorialização	Declínio do clube associativo	5 (22)
	Desterritorialização	Perda material e imaterial do patrimônio do clube	5 (17)
	Empresarização	Desportiva Capixaba S/A	4 (10)
	Negócios locais, nacionais ou globais; Desterritorialização	Declínio da relação com a CVRD	3 (4)
	Desterritorialização	Afastamento da comunidade grená	2 (8)
	Empresarização	Declínio do clube-empresa	2 (5)
	Empresarização	Tensões na formação do clube-empresa	2 (5)
	Desterritorialização	Descaso e apagamento da memória e história	2 (2)
Matriz nacional e global	Desterritorialização	Desenraizamento do clube	4 (21)
	Negócios locais, nacionais ou globais; Federações do esporte	Relações de poder e hierarquia no futebol	4 (11)
	Negócios locais, nacionais ou globais; Federações do esporte	Desafios do futebol local	2 (5)
[Bloco temático principal] <i>Papel do clube na vida pública e o potencial associativo da comunidade</i>			
Lugar e territorialidades	Identidade / Alteridade; Participação cívica	Reapropriação do clube	6 (20)
	Arquitetura; Espaço público	Sede Social da Desportiva Ferroviária	5 (14)
	Espaço público; Participação cívica	Função social do clube	5 (8)
	Espaço público; Participação cívica; Associativismo	Disputa política e social do clube	4 (8)
	Sociabilidade; Identidade / Alteridade	Futebol de base e a construção da comunidade	4 (8)
	Espaço público; Participação cívica; Associativismo	Clube como lugar da vida pública	3 (7)
	Espaço público; Participação cívica; Associativismo	Esforços pela reapropriação do clube	3 (7)
	Espaço público; Participação cívica; Associativismo	Restrição à participação política no clube	3 (7)
	<i>Genius loci</i> ; Infraestrutura; Paisagem	Locus privilegiado	3 (5)
	Espaço público; Participação cívica; Associativismo	Abertura do clube à comunidade	3 (4)
	Espaço público; Participação cívica; Associativismo	Autonomia torcedora: iniciativas em prol do clube e da comunidade	2 (7)